

Disfarces de amor: Um estudo Sobre Relacionamentos Amorosos e Vulnerabilidade Narcísica

Resumo

A partir do conceito psicanalítico de narcisismo e da reflexão sobre os relacionamentos amorosos, considerou-se a existência de relacionamentos em que o outro cumpre a função de *objecto protésico* no sentido da completação do *Self*, seja para uma visão mais valorizada de si, seja do sentimento de coesão e estabilidade do *Self*, tratando-se de relações parasitárias, ligadas pela falta.

Este trabalho visou a conceptualização de três tipos de relacionamento amoroso que se constituem em função da reparação da *vulnerabilidade narcísica* do *Self* - submisso-idealizador, eufórico-idealizante, evitante-desnarcisante. Para confirmar este postulado, construiu-se um Inventário de Tipos de Relacionamento Amoroso (ITRA). Os resultados das análises estatísticas demonstram as qualidades psicométricas do ITRA. A correlação deste com a *Escala de Necessidades de Objectos do Self* (SONI) e o *Questionário de Vinculação Amorosa* (QVA) permitiu confirmar que os tipos de relacionamento amoroso sugeridos revelam falhas ao nível do *Self*, determinando a procura de um objecto amoroso enquanto *objecto do Self*. Constatou-se ainda que estes tipos de relacionamento amoroso declaram-se como padrões de vinculação inseguros permitindo afirmar que há estilos de vinculação que se formam com sustentação na *vulnerabilidade narcísica* do *Self*.

Este estudo demonstra também a existência de dois tipos de narcisismo um mais benigno e um mais maligno.

Disguises of Love: A Study of Romantic Relationships and Narcissistic Vulnerability

Abstract

From the psychoanalytic concept of narcissism and reflection on love relationships, we considered the existence of relationships in which the other only serves as a prosthetic object towards the completion of the *Self*, looking for a more value view of itself, or a sense of cohesion and stability of the *Self*. In this sense, they are parasitic relationships, linked by the lack.

This work aimed the conceptualization of three types of love relationships which are due to the repair of *Self* narcissistic vulnerability – submissive-idealizer, euphoric-idealizing, avoidant-devalue. To confirm this postulate, we built an Love Relations Type Inventory (ITRA). The results of statistical analysis demonstrate the psychometric qualities of ITRA. The correlation with Selfobjects Needs Inventory (SONI) and Loving Attachment Questionnaire (QVA) confirmed that the types of loving relationship that we consider reveal gaps in the *Self* that determine the demand search of the object of love as an *Selfobject*. We also find that this types of relationships revealed as patterns of insecure attachment, leading to confirm that are patterns of attachment based on *Self narcissistic vulnerability*.

This study also demonstrates the existence of two types of narcissism: a more benign and a malignant one.

“Men are disturbed not by things, but by the view witch they take of them.”

Epictetus, sec. I (*cit.* Wishman, 1997)

Introdução

O tema do narcisismo tem sido considerado como um dos mais importantes na teoria psicanalítica, mas também aquele que tem suscitado maiores controvérsias, originando um vasto leque de conceptualizações teóricas muito divergentes. Já Freud se dedicara intensivamente a este tema, embora com muitos avanços e recuos por vezes acarretando alguma confusão na explanação das suas ideias.

Assim, como eixo orientador da revisão da literatura psicanalítica sobre o narcisismo, cursámos o percurso evolutivo das conceptualizações acerca deste tema, desde os pensamentos de Freud, com uma visão psicoeconómica de distribuição da *libido* e inserido no contexto da *teoria pulsional*, seguindo o desenvolvimento do pensamento com os autores que abraçam esta linha teórica, percorrendo algumas teorizações sobre o narcisismo como independente das pulsões, chegando à visão mais funcional, até ao enquadramento deste numa perspectiva relacional. A ordenação desta revisão teórica apenas seguiu um critério de facilitação da compreensão e desenvolvimento das ideias fundamentais deste trabalho.

Deste modo, na continuidade das ideias de Freud, expomos os autores da escola Kleiniana que oferecem uma clarificação da ligação entre narcisismo e *pulsão de morte*, originando uma concepção de narcisismo patológico denunciado pela *omnipotência do Self* e a *negação da dependência*, convertendo-se numa perspectiva do narcisismo, cada vez mais complexa, na medida em que este passa a ser relacionado com as *dificuldades na separação* e com a força dos *impulsos destrutivos e invejosos*.

Estes postulados seguem contrariados por perspectivas que surgem como originais e que assumem o narcisismo como independente das pulsões, relacionando-o com a manutenção da auto-estima, abrindo o caminho à concepção do narcisismo enquanto *deficit* e não inserido num *modelo conflitual*, enquadrando-o na teoria das *relações de objecto*. Neste sentido passa-se a uma óptica do narcisismo enquanto resultado de uma deficiência sentida nas

relações com o meio cuidador de modo que o conflito a existir será interpessoal, com o meio, e não intrapsíquico.

Assim, surge uma distinção clara entre narcisismo doentio e sadio, defendendo-se a existência de graus de perturbação narcísica os quais se pautam pelo nível de deficiência, estrutura e vulnerabilidade na representação do *Self*, passando o narcisismo a ser visto como uma dimensão psicopatológica que acompanha todas as entidades nosológicas, sendo maior a perturbação quanto maior for a fragilidade da coesão do *Self* e o colorido afectivo negativo da sua representação.

Nesta linha, ao longo da revisão da literatura, procuramos evidenciar que as fragilidades, que se formam ao nível do desenvolvimento das estruturas do *Self*, originando uma *vulnerabilidade narcísica*, são oriundas das relações estabelecidas precocemente com o meio cuidador e tendem a perpetuar-se determinando modelos de funcionamento mental e relacional com investidas no sentido da minimização dessas falhas. Em síntese, consideramos que as falhas vivenciadas ao nível da relação precoce, no que respeita ao sentimento de sintonização afectiva, disponibilidade contentora e continuidade do afecto do cuidador, conduzem a formação de percepções sobre o *Self*, o objecto e as relações, motivando a formação de um *Self* mais ou menos coeso, incompleto ou diminuído, consonante com a gravidade das falhas sentidas.

Defendemos que estas percepções uma vez interiorizadas tendem a perpetuar-se na vida adulta, alicerçando padrões de relacionamento amoroso que visam sobretudo uma modificação destas percepções internas, as quais raramente se alteram por essa via, seja por grandes culpabilidades originadas na possibilidade de abandonar/contrariar o *objecto interno* e as relações internalizadas, seja por terrificantes sentimentos de vazio interno e perda de identidade do *Self* que esses processos de autonomização acarretam.

Com base nestes postulados, interrogámo-nos sobre a hipótese de conceptualizarmos a existência de tipos de relacionamento amoroso, que têm como finalidade o colmatar das falhas sentidas ao nível do desenvolvimento de estruturas do *Self*, estabelecendo-se em ordem à completação, com menor

interesse pelo outro, percorrendo um *continuum* em direcção à não objectalidade.

Os instrumentos que têm servido para os estudo dos relacionamentos amorosos e do Amor baseiam-se sobretudo na teoria da vinculação, sugerindo-nos uma visão muito restrita e que não nos possibilitaria a defesa da existência de modelos de relação baseada na vulnerabilidade narcísica. Então, com este objectivo de conceptualização de tipos de relacionamento amoroso que se fundamentam na vulnerabilidade narcísica, elaborámos um instrumento - Inventário de Tipos de Relacionamento Amoroso (ITRA) - de modo a auxiliar-nos na comprovação da nossa teoria de que existem fragilidades ao nível do narcisismo que se perpetuam ao longo do processo de desenvolvimento do indivíduo e que impelem ao estabelecimento de relacionamentos amorosos patológicos que não se medeiam pelo amor ao próprio nem ao outro, mas que são relações ablativas, patogénicas e que se encerram em ciclos de desilusões sucessivas no que respeita à expectativa de encontro com o amor.

No sentido de avaliar se as modalidades relacionais que propomos se enquadram dentro das vulnerabilidades do *Self* motivando uma ligação a objectos que funcionem enquanto *objectos do Self*, isto é, que estão lá no lugar da sua funcionalidade, para desempenhar funções que faltam ao *Self* porque não se desenvolveram, aplicámos o Inventário de Necessidades de Objectos do Self – *Selfobject Needs Inventory* (SONI) de Erez, Mikulincer & Shaver (2005), que avalia a necessidade de *objectos do Self* e o evitamento dessas necessidades, baseado nas conceptualizações de Heinz Kohut.

Ainda no sentido de entendermos se os tipos de relacionamento amoroso que propusemos permitiriam uma ligação com os estilos de vinculação inseguros, ao mesmo tempo que poderíamos acrescentar uma visão mais completa aos padrões de vinculação, encarando-os não apenas como repetições de vinculações estabelecidas na infância, mas como tentativas de restauração das privações do *Self*, aplicámos o Questionário de Vinculação Amorosa QVA de Matos, Barbosa & Costa (2001).

Expostas as linhas gerais deste trabalho, passamos a uma breve descrição da organização das suas diferentes partes e capítulos.

A primeira parte do trabalho é composta por três capítulos. No capítulo 1 apresentamos a evolução conceptual do Narcisismo desde as ideias de Freud até às teorizações mais contemporâneas, revelando os avanços da teoria psicanalítica que implicaram a mudança de visão da pulsão para o afecto apontando para um enquadramento do narcisismo no campo da intersubjectividade. Assim, apresentamos ideias de autores fundamentais que apontam para o conhecimento de que quando o amor não encontrou um lugar em fases em que era importante para a criação de uma segurança interna, sentimento de valor próprio e para a capacidade de pensar, emana uma dependência exagerada face à apreciação exterior, fazendo dela um prolongamento do pensamento, e quanto maiores as falhas maior a necessidade do outro no desempenho de funções mais básicas no desenvolvimento do *Self*. Quanto mais precoce a ausência de amor, mais distorções se formam na visão que o próprio tem de si, do objecto e das relações com os outros, distorções essas que, por vezes, se perpetuam pela vida adulta e condicionam negativamente todo o mundo relacional, com o próprio e com os outros.

No capítulo 2 abordamos as conceptualizações psicanalíticas sobre o Amor e a sua relação com o narcisismo e a vulnerabilidade narcísica. Abordaremos pareceres que demonstram que, ainda que o Amor seja uma dimensão importante da vida de qualquer um e a falta dele responsável por todo um mal-estar cada vez mais habitual, muitas pessoas insistem em relações sucessivas que se inscrevem em ciclos repetitivos de insatisfações com o próprio, o outro e a relação promovendo um adoecer psíquico. Embora sendo este prévio, vai-se revelando cada vez mais, conduzindo a um viver sem alegria e às custas de insuflar a estima a partir de benesses externas que não são mais do que pequenos curativos de uma ferida narcísica profunda que lesa todo o

funcionamento. Fica assim impedida a criação de relações saudáveis facilitadoras do desenvolvimento do *Self* e um crescimento afectivo-emocional.

O capítulo 3 é dedicado à apresentação de alguns estudos que têm procurado caracterizar o amor e os relacionamentos amorosos, a maioria destes realizados com instrumentos construídos com base nas teorias da vinculação agora aplicadas ao amor adulto. Defendendo-se a existência das limitações desses instrumentos para o estudo em questão, e considerando-se que estes estudos apresentam uma lacuna ao não considerarem a importância da *vulnerabilidade narcísica* na formação de vínculos no adulto, apresentamos uma proposta de definição de três tipos de relacionamento amoroso - *submisso-idealizador*, *eufórico-idealizante*, *evitante-desnarcisante* que se constituíram como modalidades de relacionamentos que se estabelecem em face das fragilidades narcísicas do *Self*. São relações que se edificam de forma a possibilitar ao indivíduo uma vivência ilusória do seu *Self* como mais resistente quando em lugar de destaque relativamente aos outros, conferindo a ilusão de uma existência superiormente interessante que lhe insufla a estima e confere uma possibilidade ainda que frágil de estabilidade do *Self*. Ou em casos mais graves através de um tal evitamento das relações - sustentado pela criação de um mundo interno protésico que fica no lugar de objectos internos que não são dignos de confiança, sendo mesmo traumáticos - possibilitando assim uma ilusão de autonomia, tendendo ao desenvolvimento da sensação de aguentar-se só.

A segunda parte deste trabalho apresenta o estudo de conceptualização e avaliação dos tipos de relacionamento amoroso que se sustentam na vulnerabilidade narcísica, e surge composto por quatro capítulos.

No capítulo 4 apresentamos de forma detalhada os objectivos da investigação empírica e as hipóteses que estão inerentes e que vão conduzir os

passos da investigação sobre os tipos de relacionamento amoroso que se estabelecem para minimização da vulnerabilidade narcísica.

No capítulo 5 descrevemos os procedimentos metodológicos, a caracterização da amostra do estudo, e a descrição dos instrumentos utilizados na investigação QVA - Questionário de Vinculação Amorosa e SONI - *Selfobjects Need Inventory* e ITRA - Inventário de Tipos de Relacionamento Amoroso . Apresentamos os procedimentos de construção do Inventário de Tipos de Relacionamento Amoroso (ITRA) e os procedimentos de tradução do *Selfobjects Need Inventory* (SONI). Neste capítulo é ainda relatada a aplicação experimental. Seguindo-se a descrição sobre os procedimentos de recolha dos dados e a sua análise.

No capítulo 6 apresentamos e analisamos os resultados do estudo com a amostra de 266 indivíduos, procurando a validação do instrumento ITRA, através da análise factorial e análise da consistência interna de cada escala relativa a cada tipo de relacionamento amoroso, e ao mesmo tempo a verificação da hipótese de existência de funcionamentos amorosos que tendem à reparação da *vulnerabilidade narcísica*, analisando-se ainda a correlação entre os instrumentos ITRA, QVA e SONI.

No capítulo 7 é apresentada a discussão geral dos resultados, tendo em conta as qualidades psicométricas do ITRA, e, ao mesmo tempo, a discussão sobre os tipos de relacionamento amoroso propostos.

Por fim serão apresentadas as principais conclusões que nos surgem com a realização deste trabalho.

PARTE I – Narcisismo e Relações Amorosas

Esta parte do trabalho é composta por três capítulos. No primeiro capítulo é feita uma abordagem à evolução do conceito de narcisismo na teoria psicanalítica, desde as concepções de Freud, até às teorias mais actuais. No segundo, abordamos as concepções psicanalíticas sobre o amor e a conexão com o narcisismo e a vulnerabilidade narcísica. No terceiro capítulo apresentamos os principais estudos de avaliação do relacionamento amoroso e desenvolvemos a nossa teoria de existência de três tipos de relacionamento amoroso que se formam em face da *vulnerabilidade narcísica*.

Capítulo 1. Evolução do conceito de Narcisismo na teoria Psicanalítica.

Neste capítulo procuramos descrever a evolução do pensamento de Freud no que respeita ao tema do narcisismo, analisando os avanços e recuos que se encontram ao longo da sua obra sobre esta temática, e as posteriores formulações que mais contribuíram para o desenvolvimento e clarificação do conceito.

1. 1 - Narcisismo na obra de Freud.

1.1.1 - Narcisismo: uma introdução.

O termo narcisismo começou por ser utilizado de modo pejorativo dizendo respeito à preocupação excessiva com o próprio, sendo com o texto de Freud de 1914 que este passa a ser relacionado com a patologia (esquizofrenia, perversão, homossexualidade e hipocondria), com a regulação da auto-estima, com o amor, com o desenvolvimento normal e com o *Ideal* do *Eu* (Kernberg, 1991 b), Grinberg, 1991).

De acordo com Baranger (1991) o conceito de narcisismo tornou-se o mais obscuro e problemático de toda a teoria psicanalítica, acrescentando Grinberg

(1991) que este se tornou mesmo confuso e controverso. A confusão, de acordo com Rothstein (1979) terá a ver com o facto da pesquisa ser realizada num contexto de várias perspectivas e tendo por base diferentes referenciais teóricos.

No entanto, de acordo com Baranger & cols. (1980), este conceito conjuntamente com o de identificação conduziram a reestruturações profundas na teoria psicanalítica.

Segundo Jones, Freud terá utilizado o termo pela primeira vez no trabalho sobre *Leonardo* e mais tarde para explicar a *megalomania* do Presidente *Schreber*. Em 1909 na Sociedade Psicanalítica de Viena terá dito que o narcisismo corresponderia a um estágio de desenvolvimento intermediário necessário na passagem do *auto-erotismo* para o *alo-erotismo* (Etchegoyen, 1991).

Guillem, Loren & Orozco (1991) consideram que, no mesmo ano, aquando da apresentação do trabalho do caso do *Pequeno Hans*, Freud já deixava implícita a ideia de existência de uma fase intermediária entre o *auto-erotismo* e a relação de objecto e que seria um ponto de fixação dos homossexuais masculinos. O esquema proposto é idêntico ao que surge nos *Três ensaios* e no trabalho sobre *Leonardo*: haveria uma fase de pequena duração em que a *pulsão* sexual se fixa de modo intenso sobre a mulher, havendo identificação à mulher, e finalmente uma procura de adolescentes que façam lembrar eles próprios e que os amem como a sua mãe os amou.

Quer nos “*Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*” quer na “*Memória de Infância de Leonardo*” ambos de 1910, Freud demonstra já alguma preocupação com o narcisismo, ou mais especificamente, com a *escolha de objecto narcísica*.

Segal & Bell (1991) referem que Strachey considera que Freud utilizou o termo narcisismo para oferecer uma alternativa ao conceito de “*protesto masculino*” de Adler e ao termo “*libido não sexual*” de Jung.

Freud terá deliberadamente designado o texto de *introdução*, pois sabia que muitas ideias acerca do conceito deveriam ser desenvolvidas, sendo que ainda hoje estão em discussão, uma vez que esta obra básica do corpo teórico

psicanalítico está repleta de ambiguidades e obscuridades, em parte porque Freud insistiu no ponto de vista económico.

Segal & Bell (1991) consideram que o texto é de difícil leitura porque contém uma mistura de dois modelos da vida mental: o da teoria da *libido* ao mesmo tempo que tem implícito a teoria das relações de objecto internas.

Kernberg (1991 b), defende que nesta obra surgem não só mudanças importantes no pensamento de Freud como também são introduzidas algumas das ideias mais importantes do seu pensar. Este texto representa um contributo importante para a compreensão da estrutura e funcionamento mental com a introdução do conceito de *Ideal do Eu*, ocorrendo avanços significativos do pensamento de Freud em direcção ao modelo tripartido da mente, constituindo um estímulo para a estudo das relações de objecto e para a distinção entre *Self* e *não Self* (Eisnitz, 1969).

Como refere Grinberg (1991) surgem nesta obra noções importantes como o da *escolha de objecto de amor*, a ideia de existência de uma *agência auto-observadora*, sobre a *regulação da auto-estima*; embora acompanhados de certas contradições e afirmações que são discutíveis e que estão envolvidas numa teoria de distribuição da quantidade de *libido* e distantes de uma explicação que englobe as relações de objecto. É também nesta obra apresentado um esquema do que mais tarde se tornará no conceito de *Superego* (Kernberg, 1991 b, Segal & Bell, 1991).

Freud terá ido buscar o termo narcisismo a Paul Nacke que, em 1899, o utilizou de forma descritiva, para se referir a uma pessoa que trata o seu corpo como qualquer um trata um objecto sexual encontrando auto-satisfação, e a Havelock Ellis, que um ano mais cedo se referira a esta perversão relacionando-a com a atitude da figura mítica – *Narcísus* (Pulver, 1986).

1.1.2 - Narcisismo e auto-erotismo

Em 1910, numa nota de rodapé nos “*Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*”, Freud, desenvolve as ideias de Sadger e refere-se ao narcisismo como um aspecto do desenvolvimento libidinal dos invertidos:

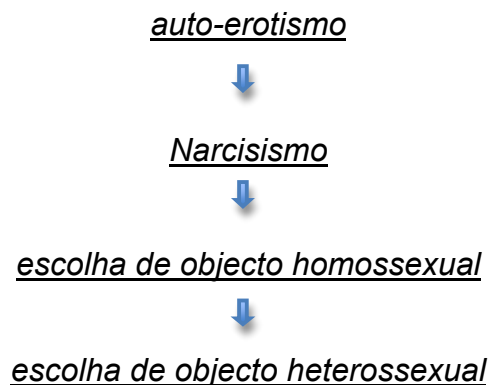
“A vigência da escolha narcísica de objecto e a retenção da importância erótica da zona anal figuram como as suas características mais essenciais.” (E. B. p. 138)

O próximo passo no sentido do desenvolvimento do conceito é realizado por Rank, que em 1911, publica um artigo psicanalítico dedicado ao conceito, considerando que este está relacionado com o investimento no *Eu* mas, pela primeira vez, fazendo ligação com fenómenos psíquicos como a vaidade e auto-admiração, embora dizendo respeito apenas às mulheres (S.Pulver, 1986). Sendo interessante que Rank se refere ao carácter defensivo desta auto-admiração, a qual resultaria de uma falha no sentimento de apreciação e admiração por parte dos homens, o que as levava a investirem em si próprias. Segundo Dessuant (1992), Rank ter-se-á referido ao narcisismo como fazendo parte do desenvolvimento normal, porém reportando o seu aparecimento à puberdade.

Em 1911, com a análise do *Caso clínico do presidente Schreber*, Freud utiliza o termo narcisismo para se referir a uma linha de desenvolvimento única que ocorre entre o *auto-erotismo* e o *amor ao objecto*:

“Pesquisas recentes dirigiram a nossa atenção para um estágio de desenvolvimento da libido, entre o auto-erotismo e o amor objectal. Este estágio recebeu o nome de narcisismo.” (E. B. p.68)

Aqui Freud descreve um desenvolvimento que se constitui em quatro fases:



(Baranger & cols, 1980, Guillem, Loren & Orozco, 1991, Trechera, 1996).

Este estado seria necessário para que se desse a unificação das *pulsões* sexuais parciais:

“ (...) *Chega uma ocasião, no desenvolvimento do indivíduo, em que ele reúne os seus instintos sexuais (que até aqui haviam estado empenhados em actividades auto-eróticas), a fim de conseguir um objecto amoroso* (E. B. p. 68).

Assim, nesta fase o *auto-erotismo* é claramente diferenciado do narcisismo. O mesmo quadro é descrito em *Totem e Tabu* (1912).

No entanto, como referem Guillem, Loren & Orozco (1991), nos trabalhos posteriores, o *auto-erotismo* vai perdendo, no pensamento de Freud, o valor de fase libidinal que antecede ao narcisismo sendo possível que a sequência: *auto-erotismo – narcisismo – relação de objecto*, seja substituída pelos estados: *oral – anal – fálico – genital*.

Nesta altura Freud considera que no estágio de narcisismo o *Eu* é o objecto de investimento, considerado um estágio normal do desenvolvimento que só se torna patológico se o indivíduo aí se fixar durante um período longo, sendo certo que Freud nunca definiu a duração desta fase.

Alguns autores como Green (1993) consideram que esta fase será apenas intra-uterina, Jacobson (1964) considera que esta fase ocorre quando não estão formadas quaisquer estruturas psíquicas, dizendo respeito a uma descarga de energia sobre vários órgãos. Assim, não existe de facto um consenso no que respeita à duração do narcisismo enquanto fase de desenvolvimento.

Para além deste aspecto, Freud verifica que atitudes narcísicas podem prejudicar a intervenção analítica, sendo que nesses casos o narcisismo não deverá ser visto como uma perversão mas sim como “*complemento libidinal do egoísmo do instinto de auto preservação*” (E.B.p.81).

1.1.3 - Narcisismo primário e secundário

Em *Totem e Tabu* (1912-1913), Freud associa o narcisismo à onipotência, descrevendo em linhas gerais o conceito de narcisismo que depois desenvolve em 1914 (Mancia, 1990).

Freud considera três fases na evolução das concepções humanas do universo: *animista, religiosa e científica*, e neste trabalho Freud vai comparar o narcisismo com a fase animista em que o homem atribui a si a onipotência das ideias (Guillem, Loren & Orozco, 1991; Chausseguet-Smirgel, 1992). A fase religiosa, em que o poder é atribuído aos deuses, é comparada à fase objectal em que a criança projecta o seu narcisismo sobre os pais.

É também nesta altura que Freud se refere ao *narcisismo originário* da criança, como sendo necessário e decisivo para o desenvolvimento do seu carácter.

Foi o seu interesse pela esquizofrenia que o conduziu ao estudo do narcisismo, distinguindo a retirada de investimento dos objectos do mundo real que acontece na esquizofrenia em relação ao que se passa nas neuroses, em que essa retirada se faz em função dos objectos da fantasia, o que não acontece no caso do esquizofrénico.

De salientar que já em 1908, Abraham havia sugerido que a diferença entre a Demência precoce e a Histeria dizia respeito ao facto de, no caso da primeira, ter sido retirado o investimento libidinal sobre os objectos, sendo que a característica psicosexual desta perturbação dizia respeito ao retorno a uma fase de *auto-erotismo*, sendo os sintomas uma forma de actividade sexual *auto-erótica* (Abraham, 1908, Etchegoyen, 1991).

Etchegoyen (*idem*) considera que este trabalho de Abraham contém muitos dos aspectos referidos por Freud na obra de introdução ao narcisismo, e que este, bem como o trabalho de Ferenczi, apresentado um ano mais tarde referindo-se também à Demência precoce como retirada da *libido* do mundo dos objectos, constituem-se como influências definitivas no trabalho de Freud.

Os estudos sobre esquizofrenia conduziram Freud ao estudo do narcisismo e à ideia de recuperação do narcisismo infantil, uma vez que os esquizofrénicos revelam duas características fundamentais: a *megalomania* e a *retirada do investimento no mundo externo*; sendo que a megalomania seria um resultado directo desta retirada da *libido* do investimento dos objectos do mundo externo e voltada ao *Eu*, tendo como consequência a falta de interesse e o enaltecimento do *Eu*, como num estágio de *narcisismo primário*.

Assim, toda a *libido seria narcísica (libido do Eu)* desde o início para depois passar a investir nos objectos, transformando-se em *libido objectal*, mas podendo sempre aí regressar:

“ Assim, formamos a ideia de que há uma catexia libidinal original do ego, parte da qual é posteriormente transmitida aos objectos, mas que fundamentalmente persiste e está relacionada com as catexias objectais, assim como o corpo de uma ameba está relacionado com os pseudópodes que produz.” (E.B. p. 83).

Deste modo, a diferenciação entre estas duas formas de energia dá-se com o investimento nos objectos. Assim, tal como a ameba pode enviar os seus pseudópodes aos objectos e retrai-los, também a *libido* pode investir os objectos

e voltar a retrair-se. Conclui então, que a *libido* objectal retirada dos objectos e voltada sobre o *Eu* constituía o *narcisismo patológico*, que surge então como um *fenómeno secundário*.

Nesta sequência Freud postula a existência de um *narcisismo primário*, definido como o *investimento libidinal do Eu* e que ocorre anteriormente ao investimento nos objectos externos.

“A libido afastada do mundo externo é dirigida para o ego e dá margem a uma atitude que pode ser denominada de narcisismo. Mas a própria megalomania não constitui uma criação nova; pelo contrário, é, como sabemos, ampliação e manifestação mais clara de uma condição que já existia previamente.” (E.B. p. 84)

Esta ideia é corroborada pela onipotência do pensamento infantil em que a criança acredita no poder mágico dos seus desejos e dos seus actos mentais e pelo pensamento mágico dos povos primitivos que sobrevalorizam os seus desejos e actos mentais, como formulas infalíveis de controlar o mundo circundante.

Deste modo, o narcisismo é relacionado com defesas muito primitivas, como a sobrevalorização do poder dos desejos e do pensamento onipotente (Fabião, 2007).

Freud interroga-se sobre a relação entre *auto-erotismo* e *narcisismo* e considerando que não existe um *ego* desde o início, defende que *“...é necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo – uma nova acção psíquica a fim de provocar o narcisismo”* (E.B. p. 84).

Supomos, de acordo com Grinberg (1991), que esse algo seja o *ego rudimentar*, o qual necessita desde o início de um objecto para se poder desenvolver.

Inicialmente Freud sugere a existência de dois tipos de *libido* - a *libido objectal* e a *libido do Eu* - a visão da *libido* num sentido *monista* sendo regulada

pelo princípio físico da constância da energia (Mancia, 1990). A *libido objectal* dirigida aos objectos tornar-se-á narcísica ao regressar ao *Eu*.

Utilizando a metáfora da ameba e seus pseudópodes sugere que uma aumenta à custa da diminuição da outra, dando o exemplo da condição de paixão em que, em sua opinião ao contrário do que acontece na infância ou na paranóia, a *libido* objectal atinge o pico mais elevado do desenvolvimento dado que a pessoa apaixonada investe o máximo no objecto de amor em detrimento do investimento no *Eu*. O objecto amado é hiperinvestido enquanto há uma desvalorização do *Eu*, surgindo aqui a perspectiva económica em que considera que quanto mais aumenta uma, mais a outra se esvazia.

Assim, resumidamente, nesta fase Freud considera o *narcisismo primário* (em que o *ego* enquanto imagem unificada do corpo é o objecto de investimento libidinal) como um estado intermediário entre o *auto-erotismo* (em que a *pulsão sexual* estaria fragmentada em várias *pulsões parciais*, correspondendo às várias zonas erógenas) e a relação com o objecto, com o início do *princípio da realidade*.

No início existiria um investimento primário do *Eu*, sendo que, ao longo do desenvolvimento parte da *energia libidinal* seria dirigida aos objectos de forma semelhante a uma ameba com os seus pseudópodos.

O *narcisismo secundário* corresponde a uma retirada da *libido* sobre os objectos e retornada ao *Ego*. Posteriormente estas ideias sofrerão algumas alterações, discutidas adiante.

1.1.4 - Condições normais de manifestação do narcisismo.

Freud, ainda neste artigo, refere-se ao narcisismo não só como característico da doença como seja a esquizofrenia, perversão e homossexualidade, mas também como enquadrado em situações “normais” como na doença física, hipocondria e ainda no sono e na vida amorosa do homem e da mulher.

Seguindo a sugestão de Ferenczi que considerara que a doença orgânica afecta a distribuição da *libido*, sendo que na doença física há uma retirada do mundo externo em que a pessoa fica centrada no seu sofrimento, deixando de investir os objectos de amor: "... enquanto sofre, não ama" (E.B. p. 89). O doente acaba por renunciar aos seus objectos de amor, uma vez que fica centrado na dor que perturba a sua relação afectiva com os objectos.

Freud conclui assim que o melhor será amar para não adoecer, e teremos tendência para adoecer se, devido a frustrações, estamos incapacitados para amar.

Considera que, também, na hipocondria havia uma retirada da *libido* face aos objectos externos, tornada narcísica, centrando o interesse num órgão, com a diferença em relação à doença orgânica uma vez que neste caso o órgão não está afectado por doença.

Freud vai referir-se ainda ao facto de algo similar acontecer no sono em que há uma retirada do mundo externo sendo a *libido* dirigida ao próprio, em que surge uma mudança profunda ocorrendo um retorno do *Eu* a um estado de satisfação alucinatória dos desejos, e a *libido*, ao *narcisismo primário*.

A regressão durante o sono permite o restabelecimento do *narcisismo primário* e assemelha-se ao estado de beatitude do feto no útero (Dessuant, 1992).

1.1. 5 - Dois tipos de escolha de objectos de amor

Uma outra forma de Freud analisar o narcisismo será através do estudo de como os seres humanos se colocam face á sua vida erótica e amorosa, sendo que a sua contribuição foi importante para a compreensão da normalidade e patologia nas relações amorosas (Kernberg, 1991 b).

Freud considera a existência de dois tipos de escolha de objecto amoroso, uma que designa de *anaclítica*, *dependente*, e que tem a ver com o objecto de relação precoce, a mulher que alimenta ou o homem que protege e uma escolha mais *narcísica* que está relacionada com a procura de um objecto à sua

semelhança: *do que é, do que foi, do que gostaria de ser, ou de alguém que fez parte de si*. Acrescenta Freud, que a escolha *anaclítica* seria mais típica dos homens que no estado de paixão sobrevalorizavam sexualmente o objecto de amor, resultado da transferência do estado de narcisismo original da criança para o objecto sexual. Por outro lado, as mulheres fariam escolhas de objecto mais narcísicas, pois manifestam maior desejo em ser amadas mais do que em amar, representando o reflexo do amor por si próprias. No entanto, para Freud, os dois tipos de escolha estão abertos para cada indivíduo.

Estas ideias são contrariadas por diversos autores pois não faz sentido esta distinção entre os sexos, Greenberg (1991) refere-se ao facto de quer os homens quer as mulheres poderem fazer escolhas amorosas em ordem a satisfazer o seu narcisismo assim como, uma mulher pode amar um homem em relação ao qual transfere todo o seu narcisismo. Ainda em relação a este aspecto, Kernberg (1991 b) menciona que a mulher que ama um homem que a ama, está a fazer uma escolha anaclítica dado que o homem por ela escolhido serve as suas necessidades narcísicas (alimenta) e por outro lado protege-a, de tal modo que a sua escolha complementa o seu narcisismo. Do mesmo modo que um homem que anacliticamente escolhe uma mulher que sobrevaloriza sexualmente está a projectar a sua sobrevalorização sexual sobre ela.

Freud refere:

“Um indivíduo que ama priva-se, por assim dizer, de uma parte do seu narcisismo, que só pode ser substituída pelo amor de outra pessoa por ele”.
(E.B. p. 105)

Aqui Freud sustenta que o amor do objecto é importante para o narcisismo do indivíduo, revelando o aspecto importante do narcisismo na regulação da auto-estima, uma vez que considera que esta só pode ser restabelecida através da troca de amor entre os amantes.

Generalizando, Freud vai referir que o amor parental, com as suas características de sobrevalorização, suspensão do princípio da realidade em favor da criança e expectativas de realização dos desejos parentais, não será mais que o renascer do narcisismo dos pais (Moore, 1975).

1.1.6 - Função estruturante do narcisismo

É na obra de 1914 que surge, pela primeira vez, a referência ao *Ideal do Eu* (que será designado de *Supereu*, em 1923) como instância relacionada com o narcisismo. De facto, este é importante no estudo do narcisismo, quer por ser desencadeante de depressões narcísicas ou de inferioridade (Coimbra de Matos, 2001), quer por se constituir como fonte de satisfações narcísicas (Fabião, 2007).

Assim, Freud interroga-se sobre o destino da onipotência infantil, uma vez que a criança não pode continuar a acreditar na sua perfeição. Em parte por causa dos seus julgamentos bem como pelas chamadas de atenção vindas de outros, tentando recuperar essa onipotência através do investimento libidinal no *Ideal do Eu*, o qual será o substituto do narcisismo perdido na infância em que ele era o seu *próprio ideal*.

Contudo uma vez que nem todos os impulsos são reprimidos, alguns são sublimados, surge em Freud a necessidade de distinguir idealização envolvida no processo de formação do *Ideal do Eu*, de sublimação, já que o primeiro está relacionado com o objecto e não com a *pulsão*, como é o caso da sublimação.

Freud postula a existência de um agente psíquico que designa de *consciência* encarregado de efectuar a avaliação da relação entre as exigências do *Ideal do Eu* e as conquistas do *Eu*, o que vai interferir na regulação da auto-estima, isto é, esta agência psíquica tende a avaliar a distância entre o *Eu* actual e o *Ideal do Eu*, procurando assegurar que se mantém a gratificação narcísica por parte do *Ideal do Eu*. A idealização relacionada com a formação do *Ideal do Eu* e as exigências de perfeição estão ligadas aos ataques ao *Eu* e às

autocríticas que são derivados dos aspectos proibitivos e punitivos do *Supereu* (Kernberg, 1991 b).

Assim, ao longo da evolução narcísica, surge uma instância (*Ideal do Eu*) que possibilita que o indivíduo mantenha o seu *amor-próprio*, amando-se como era amado na infância, no tempo do seu *narcisismo primário*.

Em relação à auto-estima, Freud considera que esta depende inteiramente da *libido narcísica*, a qual entra em conflito com a *libido objectal*, pois o investimento no objecto de amor conduz a uma diminuição do narcisismo do próprio, que segundo Freud, só pode ser compensado com a reciprocidade do amor. Em sua opinião a auto-estima é primária, advém do narcisismo infantil, outra advém da onipotência corroborada com a experiência e uma terceira parte resulta do investimento nos objectos.

Segundo a ideia de Freud a auto-estima diminui quando há um investimento nos objectos e aumenta quando o investimento é no próprio *Eu*, porém o que verificamos na prática clínica não corrobora esta afirmação uma vez que as pessoas com auto-estima mais elevada são mais capazes de investir nos outros e pessoas com baixa auto-estima investem menos em si próprios e nos outros (Joffe & Sandler, 1967; Pulver, 1986). A capacidade para amar também aumenta a auto-estima e enriquece o *ego*.

O amor por norma aumenta a auto-estima, mas quando o que é projectado no objecto de amor é um *Ideal do Eu* baseado em aspectos primitivos, ocorre uma tal desvalorização do próprio face ao objecto amado que conduz a uma diminuição da auto-estima. Assim, quando a vulnerabilidade narcísica é grande, os esforços gastos na projecção do *Ideal do Eu* primitivo conduzem a uma depleção da estima do próprio.

Kernberg (1991 b) considera que a auto-estima varia consoante o sentimento que a pessoa tem da apreciação ou rejeição por parte dos outros, bem como da avaliação realizada pelo *Ideal do Eu* no que diz respeito às aspirações e objectivos e aquilo que se conseguiu concretizar e atingir. Por outro lado, a auto-estima também está dependente da pressão que o *superego* exerce sobre o *ego*, quanto mais exigente o *superego* mais baixa será a auto-estima.

1.1.7 – Formulações de Freud sobre o Narcisismo após o texto de 1914.

Na obra *Instintos e Suas Vicissitudes* (1915), Freud vai reforçar a ideia de relação entre os instintos e o *Eu*. Os instintos encontram-se inicialmente contidos no *Eu*, que está em posição de os satisfazer através do *auto-erotismo*, sendo esta a sua condição narcísica.

Aqui surge a primeira contradição do pensamento de Freud acerca do narcisismo. Se anteriormente este era considerado uma fase que se seguia ao *auto-erotismo*, aqui este último passa a ser considerado um modo de satisfação da fase denominada de narcisismo:

“Ficamos habituados a denominar a fase inicial de desenvolvimento do ego, durante a qual seus instintos sexuais encontram satisfação auto-erótica, de narcisismo.” (E.B. p. 137).

Assim, narcisismo e *auto-erotismo* perdem a sua especificidade enquanto estádios de desenvolvimento libidinal (Guillem, Loren & Orozco, 1991). Deste modo, a parte instintiva libidinal *auto-erótica* define a parte do *Eu-prazer*, enquanto a parte *não auto-erótica*, estará presente na passagem final do *Eu-realidade* no adulto.

Numa nota de rodapé no mesmo artigo, Freud refere-se ao facto de os instintos sexuais que desde início requerem um objecto bem como as necessidades dos instintos do *Eu* que não são capazes de satisfação *auto-erótica*, perturbarem o estado de narcisismo primordial, que não seria capaz de se desenvolver sem a presença de um objecto que impeça que as necessidades se tornem maiores e que possibilite a sua satisfação. Se os objectos constituem fonte de satisfação, o *Eu* toma-os para si e introjecta as partes boas projectando o que é fonte de desprazer. Deste modo, o exterior coincide com o que era indiferente passando a ser doloroso, enquanto que o *Eu* está ligado ao prazer. Assim, quando este estado de narcisismo primordial é perturbado pela presença

do objecto surge o sentimento de ódio. Portanto, agora Freud refere-se à *pulsão agressiva*.

Assim, ao longo do desenvolvimento da vida mental, a *libido narcísica* contida no *Eu-prazer*, torna-se *libido objectal*, contrapondo o amor e o ódio, uma vez que os objectos acarretam uma certa dor (Mancia, 1990).

Freud considera que o ódio é anterior ao amor, dado que resulta do repúdio ao mundo externo por parte do narcisismo primitivo do *Eu*. O amor será sempre, na sua origem, narcisista estando ligado à satisfação *auto-erótica* e, assim sendo, sempre ambivalente (Bing, McLaughlin & Marburg, 1959).

Neste artigo, Freud vai referir-se também à relação entre o narcisismo e a passividade, sustentando que a antítese entre amar e ser amado corresponde precisamente à transformação da actividade em passividade. Talvez apontando aqui para uma relação entre a necessidade de ser amado como uma postura mais passiva.

É também neste artigo que Freud revela a ideia de um núcleo narcísico no sadismo (Baranger & cols, 1980; Fabião, 2007), quando refere:

“Se levarmos em conta a fase do sadismo preliminar e narcisista que construímos, estaremos aproximando-nos de uma compreensão mais geral – a saber, que as vicissitudes instintuais, que consistem no facto de o instinto retornar em direcção ao próprio ego do sujeito e sofrer reversão da actividade para a passividade, se acham na dependência da organização narcisista do ego e trazem o cunho dessa fase.” (E. B. p. 137)

Em *Luto e Melancolia* (1917), Freud vai relacionar o estado depressivo com o narcisismo, uma condição que na situação de perda do objecto, conduz à melancolia (Mancia, 1990).

Considera que o processo melancólico tem por base a predominância a escolha objectal do tipo narcísico, em que haveria uma substituição da catexia erótica pela identificação narcísica com o objecto de modo que, a melancolia seria caracterizado por uma regressão do investimento objectal para a *fase oral*

narcísica da libido (narcisismo primário), típico das *afecções narcísicas*. Assim, a *libido* que estaria a investir o objecto agora perdido, não fica livre para investir outros objectos, mas regressa ao *Eu* que se identifica com o objecto perdido.

Esta descrição do que Freud apelida de *identificação narcísica* parece corresponder a uma das formas de *identificação projectiva intrapsíquica* (Heimann citado por Mancia, 1990).

Assim, o seu estudo sobre o luto confirma a ideia que quando um obstáculo interfere, o investimento libidinal pode regressar ao narcisismo (Moore, 1975).

No texto de 1920 *Para Além do Princípio do Prazer*, Freud vai considerar desadequada a distinção entre *instintos do Eu* e *instintos sexuais*, a *libido narcísica* deverá englobar as *pulsões de auto-conservação*, sendo constituinte de *Eros*.

A partir de vários trabalhos de natureza biológica, Freud encontra suporte para a sua teoria dualista dos instintos: *instintos de vida* e *instintos de morte*. O *Eu* continua a ser o reservatório de *libido*, mas já não é considerado num sentido *monista* como no texto *Introdução ao Narcisismo*. Agora existem a *libido objectal* (*instinto sexual – objectal destinado à conservação da espécie*) e a *libido do Eu* (*instinto do Eu, narcísico, destinado à auto-conservação*) (Mancia, 1990).

Será na obra *O Eu e o Id* (1923) que Freud fará uma ligação entre o narcisismo e instinto de morte, dado que considera que para fazer frente às exigências do Ideal do *Eu*, é necessário que o *Eu* tenha acumulado alguma *libido*. Agora ao ser introduzido o conceito de *Id*, surge uma nova modificação, afirmada numa nota de rodapé:

“Agora que fizemos distinção entre o *Eu* e o *Id*, temos de identificar este último como o grande reservatório de *libido*...” (E.B, p. 43)

Deste modo, surge uma amplificação da teoria do narcisismo. O *Eu* deixa de ser o reservatório de *libido*, sendo o *Id* o depositário dessa energia. Assim, no início da vida, não existe distinção entre o *Eu* e o *Id*, contendo este último toda a energia, a qual pode depois investir os objectos, e esta regressada ao *Eu*

ocasiona o *narcisismo secundário*. O narcisismo do *Eu* já não é um *narcisismo primário*, será *secundário* e resultado da retirada do investimento *libidinal* sobre os objectos.

Daqui resulta também uma alteração na concepção do *narcisismo primário*, deixa de ser considerado um momento do desenvolvimento para passar a ser um *estado inicial da vida* que se encontra permanentemente na economia do inconsciente, antes mesmo da existência do *Eu* enquanto unidade. Portanto, trata-se de um estado anobjectal, em que o *Eu* e o *Id* não se encontram diferenciados (Dessuant, 1992).

Deste modo, por vezes Freud considerara o *Id* como reservatório de *libido*, sendo que as cargas libidinais não chegam ao *Eu* senão secundariamente, enquanto outras vezes considera que partem do *Eu* e alcançam os objectos só de modo indirecto (Baranger & cols, 1980).

Contudo, como referem Baranger & cols (1980), a partir de 1923 até ao fim da sua obra, Freud vai voltar ao primeiro conceito de narcisismo, relacionando-o com o *Eu* e não com o *Id*, isto por questões de esquema referencial teórico e por causa da evolução da teoria das *pulsões*, pois as *pulsões do Eu* já não são distintas da *libido*, e opõem-se fundamentalmente a outro grupo de *pulsões*, a saber, as *pulsões de morte* que vêm perturbar toda a ordem, estando presentes desde o início da vida.

Como verificamos, as ideias de Freud sobre o narcisismo contêm contradições inconsistências e falhas que se têm mantido ao longo de décadas (Pulver, 1970; Stolorow, 1975 a; Teicholz, 1978). Não obstante, de acordo com Rothstein (1979), os escritos de Freud revelam muitos aspectos ainda hoje considerados importantes, uma vez que já na altura Freud estava ciente da ligação entre narcisismo e as experiências de frustração, a percepção dos limites da realidade e a sua relação com a perda do objecto, real ou imaginada.

1.2 - Concepções sobre o Narcisismo depois da obra de Freud. Principais contribuições.

As compreensões sobre o narcisismo que surgem após as ideias de Freud estão relacionadas com as diferentes correntes de pensamento que foram surgindo, levando a que se tornasse num dos conceitos mais confusos do campo teórico psicanalítico (Rothstein, 1979; Pulver, 1986). As mudanças surgidas ao nível de determinados conceitos psicanalíticos conduziram a alterações nas teorizações sobre o narcisismo.

Para Kernberg (2004), a dificuldade relativamente à clarificação do conceito de narcisismo prende-se com o facto de haver dois níveis paralelos e complementares de definição, um que tem a ver com a definição em termos metapsicológicos, sendo definido como o investimento libidinal do *Self*, e um outro que tem a ver com o narcisismo enquanto síndrome clínica que caracteriza pacientes com deficiente regulação da auto-estima.

1.2.1 - *Perspectiva do narcisismo em relação com as pulsões.*

Freud ao propor a segunda teoria das *pulsões*, na qual considera a preponderância da agressividade na génese dos conflitos psíquicos, não fez revisão do conceito de narcisismo, embora em muitos dos seus escritos posteriores a 1920 se encontrem referências à relação entre narcisismo e agressividade.

São os autores da escola *Kleiniana* os pioneiros nesta temática (Espaza & Manzano, 2008) uma vez que desenvolvem o conceito de narcisismo partindo da concepção de *instinto de morte* definido por Freud, em que as *pulsões destrutivas* estariam relacionadas com a manifestação de *omnipotência* do *Self* e com a *negação da dependência*, estando portanto relacionadas com o narcisismo patológico (Mancia, 1990).

Embora Klein não se tenha debruçado muito sobre o tema do narcisismo, os avanços por ela introduzidas em termos das relações de objecto, permitem

uma melhor compreensão do mundo interno e conseqüentemente possibilitam mudanças na sua concepção (Mollon, 2006).

Para a autora, as *pulsões* libidinais e agressivas têm um papel fundamental nas relações de objecto, os objectos são criados pelas *pulsões* e independentes dos objectos reais, assim, o *imago parental* seria resultado da distorção da imagem dos pais por acção das *pulsões agressivas*, sendo estes sede de projecções de imagens de objecto inatas, originando uma imagem muito diferente do real.

As *pulsões*, segundo a autora, possuem imagens inatas do mundo real pelo que, o bebé possui um conhecimento inato inconsciente da existência da mãe, o qual servirá de base para a relação primitiva da criança com a sua mãe (Greenberg & Mitchell, 2003).

Klein considera que existe desde o início um *ego rudimentar*, que alterna entre estados de coesão relativa e estados de desintegração ou não integração, mas que estabelece intensas relações com os objectos. Este *Eu* estabelecia relações com os objectos na realidade e na fantasia. Deste modo, a autora contesta a existência de um *narcisismo primário*, pois considera que desde a nascença o bebé estabelece intensas relações com os objectos, ainda que inicialmente *parciais* (mamilo, seio e pénis), renegando a existência de estados *anobjectais*, uma vez que a criança estabelece com estes *objectos parciais* reais, na fase *esquizoparanóide*, ligações mediadas por identificações *projectivas* e *introjectivas*, utilizando mecanismos de negação, projecção e clivagem, que visam a protecção do *Self* e dos objectos idealizados face a objectos ameaçadores, estes resultantes de projecções da agressividade da criança.

A dinâmica mental para Klein, de acordo com Amaral Dias (2010), seria o resultado da gestão entre estes afectos (bons e maus) internalizados ou colocados fora pelo mecanismo projectivo, ou vindos de fora, que permitiriam a evolução do aparelho mental.

Amaral Dias (*idem*) refere que a criança psicanalítica de Klein é uma criança constituída por uma relação entre partes clivadas, desconhecidas uma

da outra, do Eu e do objecto. A tarefa básica da posição *esquizo-paranóide* será a de construir um objecto *suficientemente bom* de forma a possibilitar uma integração posterior, isto é, a construção de um objecto integrado percebido como um todo.

Será pois, na *posição depressiva*, com os *objectos totais* “bom” e “mau” integrados, com conseqüente integração dos afectos de amor e ódio, que a criança tenderá a estabelecer uma relação de *reparação*, fundada na culpabilidade depressiva e no medo da perda, em face aos ataques destrutivos da fase anterior. A capacidade para lidar com esta culpa será fortalecedora do *ego*.

Contudo, se o ódio for demasiado forte e diminuída a confiança nas capacidades reparadoras, não é sustentável a relação com os *objectos totais*, sendo urgente um retorno ao mundo cindido da *posição esquizo-paranóide* (Mitchell, 2002).

Segundo Grinberg (2000), os escritos de Klein contêm implícito uma ideia de *culpa persecutória*, anterior à *culpa depressiva*, uma mais relacionada com a *posição esquizo-paranóide*, cujo *Eu rudimentar* é incapaz de a integrar e como tal, projecta-a, tornando-se persecutória, sendo na fase depressiva, com um *Eu* mais maduro que esta pode ser colocada ao serviço da reparação uma vez que pode, agora, ser suportada.

Estas são, para Klein, modalidades para lidar com a realidade interna e externa e por isso as designou de *posições* de forma que estão sempre presentes no desenvolvimento.

Assim, a autora, acentuando os aspectos libidinais do narcisismo, refere-se a este como um fenómeno secundário, baseado numa relação com o objecto interno bom ou objecto ideal.

Constata que a *libido* narcísica descrita por Freud não estaria relacionada com um investimento no próprio *ego*, mas tratar-se-ia de um investimento em objectos internos, deste modo a distinção entre *libido* objectal e narcísica proposta por Freud deveria, segundo Klein, ser substituída por uma visão entre

relações com *objectos internos* v.s. *objectos externos* (Greenberg & Mitchel, 2003).

Deste modo, nas *relações narcísicas* existiria segundo Klein uma retirada das relações com o meio externo, em favor de uma identificação com o objecto interno idealizado e com as suas qualidades constituindo-se como uma *defesa contra a inveja*, originando o que Rosenfeld designou de *simbiose defensiva* (Rosenfeld, 1971; Coderch, 2006).

Nesta linha, Heimann (1952 *cit.* Manzano & Espaza, 2008), considera que a retirada narcísica em direcção ao objecto interno seria resultado da raiva e ódio face ao objecto externo, exigindo um reforço compensador do seu investimento libidinal.

No artigo de 1946, *Notes on Some Schizoid Mechanisms*, Klein considera, de modo semelhante a Freud, que o narcisismo e a psicose estão relacionados com fases de desenvolvimento que antecedem relações maduras com os objectos mas, contrariamente a este, defende que não são estados de ausência de relação com o objecto mas sim estádios em que há relações com *objectos primitivos* (Segal & Bell, 1991).

Segal (1983) considera que está implícito nos trabalhos de Klein uma relação estreita entre o narcisismo e a inveja, acentuando que narcisismo e inveja são duas faces da mesma moeda. Em que o narcisismo seria uma defesa face à inveja.

Embora Klein não se tenha debruçado muito sobre a relação entre inveja e o narcisismo, na sua obra *Inveja e Gratidão* de 1957, refere-se a esta como uma manifestação dos impulsos mais destrutivos, o que chamou a atenção de autores posteriores, nomeadamente de Rosenfeld que elaborou das mais detalhadas descrições das características psico-estruturais das personalidades narcísicas bem como os desenvolvimentos da transferência no decurso da análise (Kernberg, 2004).

É este autor que reintroduz, no seio da escola Kleiniana, o conceito de *narcisismo primário*, mas longe do conceito clássico, dado que para ele não se trata de um estado *anobjectal*, será mais comparável ao *sentimento oceânico*,

ao *narcisismo sem limites* descrito por Abraham, ou ao *amor primário* referido por Balint.

É Rosenfeld (1964) quem desenvolve o tema do narcisismo em torno da agressividade e da *pulsão de morte*. Compara as relações de objecto narcísicas com as da *posição esquizo-paranóide* (Guillem, Loren & Orozco, 1991). Considera que as relações de objecto narcísicas representariam a incorporação de partes do objecto experienciado como onnipotente e a conseqüente negação da separação entre *Self* e objecto evitando a inveja e a raiva, a desvalorização do objecto serviria como uma defesa contra o emergir destes sentimentos. A percepção da separação levaria à tomada de consciência sobre a necessidade de dependência face ao objecto e as frustrações inevitáveis pela constatação das qualidades de aspectos bons deste, o que constituiria uma ameaça ao *Self* onnipotente. De salientar que é necessária uma certa separação entre *Self* e objecto de forma a surgir o sentimento de privação, de falta, o que conduz à inveja.

Deste modo, desencadeia-se no narcísico um aparente desligamento e a indiferença face aos objectos externos, revelando uma atitude arrogante e uma imagem de si idealizada, negando de forma onnipotente toda a realidade que a coloque em causa (Rosenfeld, 1965).

Para o autor, a manutenção de uma relação objectal onnipotente e narcísica estaria relacionada com a força dos impulsos destrutivos e invejosos.

Deste modo, com Rosenfeld, dá-se uma mudança na visão do narcisismo, o qual se torna mais complexo (Mancia, 1990), para além de uma defesa contra a inveja, passa a ser encarado como uma *defesa contra a separação* resultante da expressão de partes onnipotentes do *Self* que têm a sua origem na primeira infância.

Passa agora, a relacionar-se o narcisismo com a agressão, a destrutividade e com o *instinto de morte* (Mancia, 1990, Fabião, 2007).

Se outros autores vinham considerando o narcisismo como um investimento *libidinal* do *Self*, o autor considera necessária uma distinção entre aspectos *libidinais* e *agressivos* no narcisismo. Os primeiros, ao serviço do

instinto de vida, caracterizar-se-iam pela sobrevalorização do *Self* baseada nas *identificações projectivas e introjectivas onnipotentes* com os objectos bons e as suas qualidades, de tal forma que o narcísico se sentiria como estando na posse e controle de tudo o que é bom pertencente ao mundo externo. Os aspectos destrutivos manifestavam-se da mesma forma por uma idealização do *Self*, mas agora este estaria identificado às partes más do objecto, estando relacionado com o instinto de morte, dirigindo toda a agressão face a qualquer parte do *Self libidinal* que experimente necessidade e desejo de dependência face ao objecto (Rosenfeld, 1965; Mancia, 1990; Fabião, 2007; Espaza & Manzano, 2008).

Rosenfeld distingue *narcisismo destrutivo* e *raiva narcísica* descrita por Kohut, referindo que essa tem a ver com situações de humilhação e incompreensão, melhorando quando o paciente se sente compreendido, no caso do *narcisismo destrutivo*, existe um ataque maciço face a quaisquer sentimentos de ligação os quais são vivenciados como fragilidade do próprio *Self*.

O autor considera que a descrição que Green faz do *narcisismo negativo* que visa a destruição das relações objectais através de um ataque à *função objectalizante*, em direcção ao zero, estaria próximo das suas descrições acerca do *narcisismo destrutivo*, em que há um ataque a qualquer manifestação de ligação *libidinal* aos objectos.

Segundo Rosenfeld, este *narcisismo destrutivo* estaria muitas vezes de tal forma organizado constituindo-se como uma espécie de «*quadrilha/gang narcisista*» que afectaria as partes mais saudáveis do *Self* e quando aliado a uma estrutura ou organização psicótica criariam uma ideia delirante de completa ausência de dor dentro do objecto onnipotente, estando impedida qualquer relação de objecto (Rosenfeld, 1991; Fabião, 2007). De salientar que Freud (1926, *cit.* Laplanche e Pontalis, 1971) referira o facto de o narcisismo se constituir como um ponto de fixação que inibe e impede qualquer desenvolvimento mental.

Na sua obra de 1987, Rosenfeld faz uma distinção entre os *narcísicos de pele fina*, hipersensíveis, reagindo a qualquer situação que torne visível a sua

fragilidade, por seu turno, os *de pele grossa*, seriam insensíveis a sentimentos profundos, revelando-se como muito invejosos.

De salientar que o autor não considera de grande importância a influência dos pais na origem dos distúrbios narcísicos. Segundo Mollon (2006), Rosenfeld parece formular a existência de um sistema psíquico fechado.

Nesta linha de ligação do narcisismo às *pulsões*, André Green (2002) faz uma distinção entre *narcisismo positivo* que tem como objectivo a unicidade, que alimenta o *Self* através de um certo investimento em objectos, visando a manutenção da auto-estima, a defesa da auto-imagem, a auto-idealização e a grandiosidade conseguida à custa da desvalorização dos objectos e um *narcisismo negativo*, ligado às *pulsões destrutivas*, em que há uma desvalorização grande do *Self* do próprio, não merecedor de qualquer valor, e cuja finalidade é a morte psíquica. Deste modo, o *narcisismo de vida* seria uma forma de vida, muitas vezes parasitária, noutras auto-suficiente, mas com um empobrecimento do *Eu*, que está limitado a relações que ilusoriamente suportam o *Self*, mas sem grande envolvimento com objectos reais. O *narcisismo de morte* é uma cultura do vazio, da auto-depreciação constante, com qualidade masoquista, conduzindo ao desaparecimento do próprio *Self*. Neste caso, há um desinvestimento constante do próprio *Self*, que se dirige à inexistência, à anestesia, ao que Green (1980) designou de *branco*, que vem a considerar como uma perda sofrida ao nível do narcisismo, apenas revelada na transferência, cujas queixas se centram em torno do sentimento de impotência, fracasso nas relações amorosas, denotando-se a presença de um *Ideal do Eu* exigente.

Estes casos resultariam do sentimento de catástrofe originário numa tristeza profunda materna, acarretando o desinvestimento brusco do filho, implicando uma mudança brutal *no imago materna*, conduzindo à formação de um *núcleo frio* que deixa marcas profundas nos investimentos eróticos futuros. A retirada do investimento materno determina uma fragilidade interna na criança que condicionará futuras relações, impossibilitando o estabelecimento de ligações objectais duráveis, acarretando constantes decepções em relação ao

Eu e ao outro, quer por dificuldade em encontrar alguém desejável, quer por não se considerar objecto capaz de despertar o desejo. Deste modo, ficam comprometidas as relações amorosas dado que, pela *compulsão à repetição*, serão procurados objectos que sejam passíveis de decepcionar, repetindo-se a defesa antiga, ficando estes sempre no limite do *Eu*, nem completamente dentro, nem totalmente fora, uma vez que o centro está ocupado por uma mãe morta, envolta numa *depressão branca* que consome todo o investimento, lesando os investimentos no próprio.

Esta falta de investimentos no próprio aumentam a ferida narcísica, futura chaga no adulto que se considera não digno de amor, comprovando-o na sua vida amorosa posterior. Ora refugia-se, ora faz uma dissociação corpo/mente, separando sentimento e ternura, encontrando soluções fictícias numa vida sexual profusa e dispersa, múltipla e fugaz, num encontro incessante com objectos parciais que satisfazem apenas a nível erógeno, resultando num descontentamento permanente que bloqueia o amor.

Segundo o autor trata-se de uma situação em que há uma perda do *Eu*, em que todo o investimento se encontra a tentar animar a mãe morta, procurando trazê-la à vida.

Também Bollas (1992) seguindo as ideias de Green, sobre o *narcisismo positivo e negativo*, refere-se ao *antinarcísico* como aquele que se opõe ao seu destino, que se nega a utilizar os objectos em favor da elaboração do seu *Self verdadeiro* e que opta por um *Self negativo*, revelando um ódio por todas as suas qualidades uma vez que estas o impedem de manter uma ligação de dependência face ao objecto materno.

O autor considera que se trata de um ataque em relação às representações do *Self*, da existência de uma parte da personalidade que destrói todas as representações positivas, denotando-se uma certa semelhança com o que havia dito Rosenfeld sobre a *gangue narcísica*.

Symington (2006) considera um erro designar-se *antinarcisismo* uma vez que no narcisismo há a ligação entre a idealização e a desvalorização as quais funcionam conjuntamente.

1.2.2 - Formulações sobre o narcisismo enquanto independente das *pulsões*.

Na tentativa de conceber o narcisismo afastado das *pulsões*, Grunberger, da escola francesa apresenta, desde Freud, as concepções dotadas de maior originalidade.

Para Gunberger (1971), o feto encontra-se num estado de elação e bem-estar, de autonomia e onnipotência, de onde é retirado abruptamente resultando numa primeira ferida narcísica. A este estado de *narcisismo primário* deseja todo o ser humano regressar, sendo a *compulsão à repetição* uma tradução desse desejo de reencontro com um estado fetal de perfeição, “*fonte de todas as variantes de narcisismo*”, de forma a reparar a ferida original. (Grunberger, 1971; Mancina, 1990; Dessuant, 1992).

Na passagem deste estado de elação para o confronto com os estímulos que afectam a sua estabilidade, está aberto o caminho para a maturação do *Eu*, sendo, no entanto, necessário o auxílio do objecto na manutenção do equilíbrio narcísico. Deste modo, é imprescindível que veja reflectido no olhar materno a confirmação da sua unicidade, do seu valor e da estima que a mãe tem por ele, o que possibilita que se vá adaptando ao novo mundo e que mantenha, em certa medida, o seu sentimento de integridade narcísica e o seu valor. Grunberger vem, assim, chamar a atenção para a importância da relação com o objecto primário no estabelecimento do equilíbrio narcísico, e na gestão dos estímulos que provocam instabilidade.

A reconquista (ainda que parcial) deste estado de bem-estar original dependerá do compromisso entre as *pulsões* e o narcisismo (Guillem, Loren & Orozco, 1991).

O autor considera que o balanceamento entre *libido objectal* e *narcísica* deverá ser visto numa perspectiva de relação dialéctica entre componente instintiva e componente narcísica. Assim, o facto do sujeito se amar mais ou menos não terá a ver com a quantidade de *libido* objectal de que dispõe, mas

sim da relação entre o seu narcisismo e a sua *libido* pulsional. O narcisismo utiliza a *libido*, mas não se confunde com ela, e é o movimento narcisante e valorizante do *Eu* que carrega libidinalmente os objectos e a si próprio, os seus actos, os seus desejos, as suas satisfações pulsionais, sendo designado de *investimento narcísico*.

Deste modo Grunberger propõe a clivagem entre narcisismo e factor *pulsional*, sendo estes interdependentes, propondo assim uma linha de desenvolvimento autónoma para o narcisismo (tal como fará Kohut). As *pulsões* opõem-se ao narcisismo uma vez que estas tendem a investir os objectos, e o narcisismo tende à fusão pré-natal com o objecto primário.

O autor sustenta que em cada fase de desenvolvimento deverá ocorrer uma integração das *pulsões* e um investimento narcísico (onde o objecto desempenha um papel importante), de forma a se conseguir uma síntese entre *pulsões* e narcisismo. O fracasso no restabelecimento narcísico constituir-se-á como uma nova ferida, representada inconscientemente como castração (Dessuant, 1992).

Grunberger afirma que existe um equilíbrio entre a *libido narcísica* e a *libido objectal*, quanto mais o indivíduo investir em si próprio mais *libido* terá disponível para investir na relação com os outros. Contesta, assim, a perspectiva económica de Freud e, também, a ideia de que na esquizofrenia haveria um investimento sobre o *Eu*, referindo-se ao empobrecimento da *libido narcísica* nestes casos, baseando-se nas conclusões de Federn, que considerava que nestes casos existia um desinvestimento narcísico maciço das fronteiras do *Ego* (Grunberger, 1971; Dessuant, 1992).

Assim, surge uma alteração à teoria da *libido*, em que a *libido* que era tida como sempre narcísica, surge agora como uma energia assexuada, e o narcisismo correspondendo a um estado de amor puro. Secundariamente, a *libido* narcísica, que pode ser dirigida ao objecto ou ao próprio, receberá elementos agressivos ou sexuais, que transformam o narcisismo em *auto-*

erotismo ou em perversão narcísica e o investimento objectal em amor (Guillem, Loren & Orozco, 1991).

Grunberger critica Freud, pois considera que quanto mais o sujeito investir em si próprio mais *libido* objectal terá à disposição, e considera que o narcisismo não deverá ser estudado dentro do quadro pulsional, mas entra em relação com a *pulsão*.

Abre assim caminho para as ideias de Kohut, considerando a importância do investimento narcísico de forma a possibilitar o desenvolvimento do narcisismo, enquanto linha independente do mundo pulsional.

Numa ligação muito próxima com a obra de Grunberger, Chasseguet-Smirgel, dedicou-se ao estudo da ligação entre narcisismo e perversão. Para esta autora, o narcisismo é uma doença da idealidade, em que os pacientes evitam a realidade causadora de frustração e tentam a todo o custo realizar ideais narcísicos infantis. Deste modo, a perversão é uma estratégia de manutenção das ilusões narcísicas, que permite apagar as diferenças entre *Self* e *não-Self* (Chasseguet-Smirgel, 1992).

Assim, a distância entre *Eu* e *Ideal do Eu* (visto como herdeiro do narcisismo infantil) deverá ser encurtada de forma a não causar danos na auto-estima.

Na América do Norte, o narcisismo encontrou um destino diferente, nomeadamente em relação às ideias de M. Klein (Mancia, 1990).

Uma das importantes contribuições para as compreensões sobre o narcisismo reside na concepção de Hartmann que, em 1950, altera a visão que Freud havia proposto do narcisismo enquanto investimento libidinal do *Eu*, passando o narcisismo a ser redefinido como “...o investimento libidinal, não do ego, mas do *Self*” (Hartmann, 1950, p. 85) ocorrendo uma elaboração do conceito de *Self* como sendo uma parte da estrutura do *Eu*, e dizendo respeito às representações inconscientes, pré-conscientes e conscientes do *Self* corporal e mental (Teicholz, 1978; Stolorow & Lachmann, 1983; Ornstein, 1991; Livingstone, 1996).

Apesar de Hartmann manter a visão *psicoeconómica* de distribuição da *libido*, ele faz um avanço considerável em relação às ideias de Freud, fixando uma importante posição do *Self* nas concepções psicanalíticas e possibilitando a integração do narcisismo dentro da teoria estrutural (Joffe & Sandler, 1967; Ornstein, 1991), propondo uma definição de narcisismo que seria a mais aceite, e que se refere ao investimento libidinal da representação do *Self* (Kernberg, 1984; Teicholz, 1978).

Em sequência destas formulações, Jacobson (1964) embora ainda presa a conceitos instintivos, vai referir-se ao narcisismo enquanto *investimento libidinal da representação do Self* relacionando-o com afectos, valores, auto-estima e auto-desvalorização, considerando que a auto-estima revela a maior ou menor harmonia existente entre a representação do *Self* e o conceito de *Self* desejado, não apenas um resultado da tensão entre *Ego* e *Superego*. Desta forma, como refere Eduardo Val (1982) a distinção feita entre auto-estima enquanto estado afectivo-cognitivo e enquanto processo, possibilitou um melhor entendimento das suas formas patológicas.

Para Jacobson, qualquer distúrbio no investimento libidinal ou agressivo das representações do *Self* terá como consequência alterações na auto-estima.

Após esta noção de narcisismo enquanto investimento libidinal da representação do *Self*, Jacobson vai considerar a abolição da noção de *narcisismo primário* pois, se não existe diferenciação entre *Self* e objecto, não fará sentido falar de investimento libidinal da representação do *Self*.

A partir desta ligação do narcisismo à representação do *Self*, outros esforços correctivos foram feitos, nomeadamente por Joffe e Sandler que apresentaram em 1967 uma visão sobre os distúrbios do narcisismo implicando uma ligação deste aos *estados afectivos* e não às *pulsões*, não deixando espaço para a perspectiva económica a qual se demonstrara pouco eficaz aquando da aplicação à prática clínica, na medida em que não era evidente que um maior investimento no *Self* implicasse um desinvestimento nos objectos (Joffe & Sandler, 1967; Pulver, 1986; Ornstein, 1991).

Sabemos que quanto maior o bem-estar próprio, melhor será o relacionamento com os outros. A antítese entre *libido do Eu* e *libido objectal*, proposta por Freud (1914), não fazia sentido.

Deste modo, a ideia era focalizar nos *estados afectivos* e não nas *descargas libidinais*, apontando a necessidade de analisar o narcisismo tendo em conta os afectos dolorosos subjacentes, atendendo a que comportamentos como a super-compensação pela fantasia, a identificação com figuras onipotentes e idealizadas, formas exageradas de escolha objectal narcísicas, pseudo-sexualidade e outras, representariam esforços para lidar com esses estados de dor, correspondendo a defesas que poderiam assumir formas mais ou menos patológicas, e que, ao falharem podem conduzir a uma reacção depressiva (Joffe & Sandler, 1967; Ornstein, 1991).

Para Joffe e Sandler (*idem*), o narcisismo seria caracterizado por um *estado de bem-estar ideal* definido por um funcionamento integrado e harmonioso das estruturas mentais e biológicas, devendo ser analisado na sua relação com as representações do *Self*, ou seja com a auto-estima (Joffe & Sandler, 1967; Pulver, 1986).

Deste modo, os autores estavam numa outra linha de desenvolvimento do narcisismo dado que não consideravam os comportamentos narcísicos como *defesas contra conflitos pulsionais*, vinculando-os aos *estados emocionais*, apresentando como exemplo alguns comportamentos exibicionistas manifestados pelas crianças que estariam relacionados com a manutenção de um certo tipo de relação de objecto visando o ganho de admiração de forma a afastar os sentimentos de menor valor, inadequação e culpa. Assim, chamam a atenção para a ligação ao objecto de forma a obter um ganho narcísico, como forma de gratificação da necessidade de apreciação ou elogio.

Annie Reich (1953,1986) procura realizar uma integração entre a perspectiva económica de Freud e as concepções estruturais de Jacobson. Enfatiza a componente afectiva no narcisismo prestando especial atenção aos modos de regulação da auto-estima referindo-se ao facto de determinados padrões de funcionamento narcísico terem como objectivo a reparação de uma

imagem desvalorizada de si, e de como em certos casos a ligação ao objecto se faria de acordo com uma necessidade de enaltecimento do próprio, estando portanto relacionado com a regulação da auto-estima.

Considera o narcisismo como um fenómeno normal do desenvolvimento, tornando-se patológico em certas formas de regulação da auto-estima (Reich, 1960; Stolorow & Lachmann, 1983; Mancia, 1990; Morrison, 1986).

No seu artigo de 1953, a autora refere-se à escolha que algumas mulheres fazem do seu objecto de amor o qual deve ser possuidor de qualidades que faltam ao *Self* de modo a possibilitar o encobrir de um trauma de castração e os intensos sentimentos de inferioridade, em alguns casos, desencadeando comportamentos masoquistas que visam a todo o custo a conservação da relação, impedindo a perda do objecto tido como o que possui o que falta ao próprio. Segundo a autora o que aparenta tratar-se de uma forma de amor intenso revela numa análise mais profunda o seu carácter narcísico infantil, não sendo mais que uma forma mágica de reparação da auto-estima. Noutras situações estes sentimentos de inferioridade levariam à procura de um objecto idealizado com o qual estabelecem uma relação temporária, extraindo a valorização que necessitam para largar de seguida, apenas visando identificações que surgem como meras imitações do objecto e que estariam em alguns casos relacionadas com uma distorção profunda da relação com o objecto materno, também este com graves fragilidades narcísicas. Reich encontra semelhanças com a descrição da personalidade “*as if*” de Deutsch, referindo-se a traços de *imaturidade, superficialidade, maleabilidade e labilidade emocional*, que em nossa opinião tem uma grande proximidade com o estilo de relação que é característico do funcionamento *borderline*.

Segundo Reich, a retirada temporária da *libido* dos objectos em direcção ao *Self* em risco seria indicador de sujeição, ao longo do desenvolvimento, a injúrias narcísicas que se revelavam através de sentimentos de desamparo, ansiedade e raiva. A *libido* encontrar-se-ia a investir o *Ideal do Eu* grandioso e irrealizável, não diferenciado do *Eu* e remetendo para aspectos idealizados das figuras parentais (Reich, 1953).

As injúrias narcísicas determinariam medidas patológicas de reparação da auto-estima, manifestas pela necessidade excessiva de enaltecimento do próprio, a preocupação desmesurada com o corpo e a urgência constante de admiração, reveladora de uma perturbação ao nível do *Supereu* (Reich, 1960). Parece-nos que deste modo, a autora faz uma antecipação da relação entre narcisismo e relações objectais.

Morrison (1986) refere que nestes dois aspectos de ligação ao objecto referidos por Reich, estariam os precursores da psicologia do *ego* para as contribuições de Kohut e seguidores.

Já Karen Horney em 1939 analisara a relação entre narcisismo e auto-estima salientando a oposição entre estes, ao considerar que o narcisismo não revelava um amor por si próprio mas sim uma alienação do *Self*, conseguida através da tendência compensatória para a exaltação de um valor exagerado, do qual o *Self* não é possuidor. Deste modo, seria uma forma de manter a auto-estima a um nível sustentável, que estaria na base da perda de um verdadeiro *Eu*, em virtude de relações perturbadas na infância, que conduziriam à busca de uma admiração enganosamente substituta de um amor não disponível.

Também Miller (1986) vê os distúrbios narcísicos como falhas no desenvolvimento do verdadeiro *Self*, que passam a ser compensadas pela grandiosidade ou, quando esta falha, manifestos na depressão. Para a autora, estes distúrbios narcísicos seriam resultado de uma fixação num *falso Self* ou num *Self incompleto*, enunciação de um investimento materno de cariz narcísico, em que o objecto materno procura compensar com o filho o que falhou na relação com a sua própria mãe, transformando-o em marioneta que deverá ecoar os próprios desejos maternos, em que o filho devoto de admiração e reconhecimento, apenas poderá manifestar sentimentos que alimentem a auto-estima materna.

Deste modo estes pacientes sentiram que não beneficiaram, numa fase precoce, de um objecto disponível e *usável*, sendo-lhes exigido uma inversão em que eles se tornariam no objecto à disposição da satisfação materna, em

ordem a manter o afecto do objecto, mas em que falhou a constância do afecto e a sua continuidade.

Já Riviére (1936) havia estabelecido uma associação entre narcisismo e depressão, defendendo que quando as resistências narcísicas eram muito acentuadas, elas faziam parte de um sistema de defesa fortemente organizado contra uma condição depressiva, mais ou menos inconsciente. Steiner (1993) refere que Riviére terá talvez sido o primeiro autor a estudar as relações de objecto narcísicas e a referir a formação de uma estrutura superiormente organizada, resultante da relação entre os objectos e os mecanismos de defesa. Contudo, W. Reich (1933, citado por Rothstein, 1979; Cooper, 1986; Stolorow & Lachmann, 1983) já havia acentuado o carácter defensivo do narcisismo, funcionando como um mecanismo protector contra os perigos vindos do mundo exterior e do mundo instintivo.

Morrison (1986) vai relacionar a ênfase que Miller deu à depressão, nos distúrbios narcísicos, com a vergonha como sendo um afecto central nestes pacientes e que resultaria da dificuldade no alcance de ideais envoltos em fantasias grandiosas, as quais não foram modificadas pelos *objectos do Self* contentores e empáticos, e como tal são irrealistas e conduzem a sentimentos de falha sucessivos, desembocando na vergonha que conduz a que o indivíduo esconda, mascare e faça uma retirada do investimento. Também Broucek (1982) considera que a vergonha e o embaraço serão resultado de crescer na relação com uma mãe que tem na sua mente, uma imagem de filho que não corresponde à veracidade do seu ser.

Acentuando a importância da falha precoce do meio circundante no desenvolvimento, Winnicott (1960, 1963, 1969) embora não se referindo directamente ao tema narcisismo, lançou bases importantes para a sua compreensão.

Referiu-se à necessidade do encontro entre o *gesto espontâneo* e a resposta maternal adequada de forma a validar a expressão do *Self* em desenvolvimento. É nos repetidos encontros entre o *gesto espontâneo* e a resposta adaptativa da mãe que se desenvolve o verdadeiro *Self* e se abre

caminho para a formação do símbolo. Caso contrário, se o verdadeiro *Self* na sua manifestação através do *gesto espontâneo*, não encontra uma resposta adequada, forma-se um falso conluio entre o *falso Self* e as exigências do meio, retrai-se a espontaneidade, passa a desenvolver-se a imitação, predominando o sentimento de futilidade e irrealidade, se não é possível mudar nada, então o melhor é resignar-se, aceitar o que vem pois o outro é necessário à sobrevivência.

Segundo o autor, é necessário que a mãe esteja disponível para a satisfação das necessidades do seu bebê, mas também que se disponha a ser *utilizada* por este na satisfação dos seus desejos; *i.e.* que se disponibilize para ser *criada* pelo bebê, cujo *Self* está em constante transformação, necessitando de uma relação criativa e não limitativa do desenvolvimento. Antecipando-se a H. Kohut, refere a importância do reconhecimento da existência do *falso Self* e de como falham as tentativas terapêuticas que não procuram o entendimento do verdadeiro *Self* escondido (Cooper, 1986).

Balint terá sido um dos autores que influenciou Kohut e Kernberg nas suas formulações sobre o narcisismo. A sua visão teve implicações na técnica psicanalítica uma vez que, considera que o narcisismo se fica a dever a injúrias narcísicas ocorridas na relação entre a criança e o cuidador, o que constitui uma mudança na visão tradicional do narcisismo (Bergmann, 1987).

As suas considerações referem-se à existência de um *amor primário* e não de um *narcisismo primário*, em que a criança desde o nascimento está em relação com o cuidador necessitando ser amada e satisfeita nas suas necessidades, sem que lhe seja feita qualquer exigência. O narcisismo seria assim visto como um resultado de um desapontamento na procura deste *amor primário*:

“Se eu não sou suficientemente amado pelo mundo ou não recebo gratificação suficiente, eu devo amar-me e satisfazer a mim próprio” (1937:98-99).

A ideia de Balint de amor primário parece derivar da definição de Ferenczi (1933) de *objecto de amor passivo*, em que o autor se refere à vulnerabilidade da criança face à necessidade de ser entendida intuitivamente pela mãe nas suas necessidades.

Bergmann (1987) considera que Ferenczi e Balint foram os primeiros psicanalistas a sugerir que a interacção entre a mãe e o bebé era crucial para o desenvolvimento posterior. Também Holmes (2006) sustenta que Balint e Ferenczi diferem de autores anteriores na medida em que propõem a existência na patologia, de um *deficit (falha básica de Balint)* em vez de um modelo conflitual.

Nesta linha, Kohut segue a ideia de que o narcisismo seria resultado de um *deficit* de narcisização por parte dos pais, que desencadearia um sentimento de falta, resultando na patologia.

Kohut é um autor de referência da escola norte-americana da Psicologia do *Self*, tendo sido o autor que maior contributo trouxe ao pensamento psicanalítico, nomeadamente sobre o desenvolvimento e tratamento das perturbações do *Self*, merecendo um destaque especial.

Kohut (1988) considera que as perturbações do *Self* se ficam a dever a carências empáticas do meio. Fazendo uma ruptura quase completa com o modelo pulsional freudiano, afasta-se do conceito de Freud de amor objectal como a última etapa do amadurecimento do narcisismo, defendendo que este possui a sua própria linha de desenvolvimento (separada da linha de desenvolvimento do amor objectal), o que implicou novas questões sobre a prática clínica e um desafio à centralidade do complexo de Édipo, que para o autor, deveria ser analisado à luz da relação da criança com os seus *objectos do Self*, sendo conflitual apenas quando essas relações estão perturbadas (Allen Siegel, 2005).

A ideia de Kohut surge como original, ao defender que o narcisismo não é somente patológico, fazendo parte do desenvolvimento saudável da personalidade e do carácter, constituindo-se como motor de desenvolvimento

para a construção do *Self*. Salienta-se que, já em 1921 Andreas-Salomé enfatizara a importância do narcisismo no desenvolvimento humano, considerando que este não estaria só relacionado com uma fase da *libido*, mas fazia parte do *amor-próprio* e acompanharia todas as fases do desenvolvimento. Acentuando a importância da relação *Self-Objecto* no desenvolvimento do narcisismo considerando a importância das identificações formadas nessa relação.

Kohut também enfatiza a importância dos aspectos relacionais como facilitadores da grandiosidade infantil e da idealização, enquanto processos normais do desenvolvimento. Assim, vem acentuar a influência da função parental no desenvolvimento do narcisismo saudável, focalizando mais os aspectos ambientais do que os pulsionais, dado que desde o início da vida que o ser humano necessita de afecto, empatia e comunicação e não apenas de objectos adequados à descarga *pulsional*.

Considera o narcisismo como algo saudável, uma constelação psicológica enriquecedora, uma linha autónoma de desenvolvimento, o qual só será patológico em certas circunstâncias de reciprocidade deficitária dos *objectos do Self* para com a criança, uma vez que determinam o desenvolvimento de um *Eu* lesado, que tentará a todo o custo a criação de estruturas compensatórias. A patologia narcísica seria resultado de paragens no desenvolvimento do *Self grandioso* e/ou da *imago parental idealizada*. Assim, com Kohut (1972), o narcisismo não se define pela direcção do investimento *pulsional* (se é o *Self* ou o objecto), mas sim pela natureza ou qualidade da carga instintiva. Deste modo, mantendo a metáfora económica, porém utilizando-a de forma diferente. Refere que não é a direcção da *libido* que importa ter em conta, mas sim a sua natureza, *objectal* ou *narcísica*. De facto, consideramos que a ideia de investimento no *Self* ou nos objectos não serve para caracterizar a modalidade de investimento narcísico dado que, o investimento no objecto também pode ser de cariz narcísico, isto é, um investimento em que o objectivo é o ganho narcísico do próprio. Para Kohut (1966) a antítese do narcisismo não é a *relação*

objectal mas sim o *amor objectal*, pois o autor considera que a relação com os objectos pode implicar um investimento tipo narcísico e um isolamento e solidão podem esconder uma abundância de investimentos objectais. Sendo assim, o oposto à *libido objectal* não pode ser a *libido narcísica* dado que esta também pode investir os objectos (Teicholz, 1978).

Kohut (1966) considera que a experiência narcísica se inicia com o estado de plenitude do bebé. Na sua conceptualização, o recém-nascido começa a vida num estado de narcisismo primariamente indiferenciado, o qual será perturbado pelas falhas naturais da mãe cuidadora, não podendo estas ser evitadas. O bebé procurará restaurar esse estado de plenitude que foi interrompido, através da criação de dois novos sistemas de perfeição narcísica. Um primeiro que visa a criação de um *Self* perfeito em que tudo o que é bom, agradável e prazeroso é sentido como pertencendo ao interior e o que é desagradável é relacionado com o exterior. Freud (1915), falara de *ego de puro prazer*, Kohut chama-lhe configuração de *Self narcísico*, termo que, em 1968, foi alterado para *Self grandioso*, cujas características são: *omnipotência, grandiosidade e exibicionismo*. Este necessita de *objectos do Self especulares* que confirmem, através da admiração, a sua grandiosidade e possibilitem um sentimento de plenitude, grandiosidade esta que é considerada como natural desta fase tendo uma função adaptativa que se pode traduzir no sentimento de: “eu sou perfeito e tu admiras-me”, o que representa o seu sentido saudável de omnipotência, que se transformará na auto-estima e auto-confiança, contribuindo para a formação das ambições.

Kohut, tal como Winnicott já havia feito, chama a atenção para a importância do brilho do olhar materno para o desenvolvimento do sentimento de valor e importância do *Self* do bebé, o qual “...*precisa do brilho nos olhos da mãe para manter a impregnação libidinal narcísica...*” (1966, pp. 252).

O sentimento de grandiosidade será gradualmente integrado no *ego*, originando um sentimento de confiança nas próprias capacidades e atributos. Caso a criança sofra graves traumas narcísicos, implicando a não satisfação

desta necessidade de exibição e confirmação, o *Self grandioso* fica retido na sua forma arcaica, inalterado, não se desenvolve, torna-se inacessível a experiências exteriores modificadoras, ficando vulnerável e irá procurar restaurar a todo o custo a satisfação dessas necessidades mais infantis. Deste modo, o *ego* adulto ou tenderá à sobrevalorização irreal do *Self* ou revelará sentimentos exagerados de desvalorização, reagindo de forma agressiva à frustração das suas necessidades. Daqui se deduz que, é a exposição prolongada às falhas parentais que conduz a malformações do *Self*.

O que acontece é que se a mãe tem dificuldade na contenção das angústias do bebé, se falha na sua função de *espelho valorativo (objecto do Self especular)*, denunciando uma lacuna da sua competência empática, a criança tem de se voltar, de modo compensatório, para o pai. Se este tiver disponibilidade e empatia, pode possibilitar a formação de estruturas psicológicas importantes.

Kohut (1988 b) refere o recurso do psiquismo a *estruturas defensivas e compensatórias*, em que as primeiras têm como objectivo cobrir uma falha primária no *Self*, resultante da falha do objecto materno enquanto especular e validante das necessidades exibicionistas da criança, sendo que as segundas visam possibilitar uma compensação para essa falha, como se de uma reabilitação funcional do *Self* se tratasse. Muitas vezes a procura incessante de um *objecto do Self idealizado* constitui uma medida compensatória de uma falha ocorrida na relação com o *objecto do Self especular*. Quanto maior a falha com o objecto primordial, maior a avidez na procura do objecto idealizado e conseqüentemente maior será a decepção, caso ocorra de novo uma falha na relação com esse.

No segundo sistema sugerido por Kohut, a procura de ligação a um objecto tido como perfeito serve para restaurar o sentido de completude e plenitude da criança. Deste modo, precisa criar uma imagem idealizada de pelo menos um dos seus pais e de experimentar uma fusão com o objecto do *Self* idealizado no sentido: “tu és perfeito e eu faço parte de ti”, constituindo a *imago*

parental idealizada, que se transformará nos valores ideais que acompanharão o indivíduo pelo resto da vida. As qualidades idealizadas do objecto são amadas como fonte de gratificação às quais a criança se sente ligada.

Assim, o sentimento de segurança da criança está relacionado com a manutenção de um certo resíduo de grandiosidade infantil e para que essa segurança perdure, é necessária a dependência e “*uma simbiose protectora*” (Cortesão, 1990, pp. 37) com um objecto idealizado.

Quando os desapontamentos da criança vão ocorrendo de forma gradual é possível manejá-los de forma saudável e integrá-los internamente. Este sistema é perturbado quando a criança descobre precocemente as falhas parentais, quando estas têm uma magnitude acentuada que desiludem drasticamente ou mesmo quando os pais se colocam numa posição narcísica tal que impedem a descoberta gradual das suas fraquezas. Assim, Kohut fala em *falhas óptimas* ou *frustração óptima* que indica o grau ajustado das mesmas de modo a que a *internalização transmutadora* (1988 a) possa ir ocorrendo e os dois sistemas possam ser modificados na relação com o objecto.

Kohut (1988) fala de três tipos de perturbação da *imago parental idealizada*, dependendo da fase do desenvolvimento em que ocorrem. Assim, quanto mais precocemente ocorrer a perturbação mais grave será a consequência para o desenvolvimento do psiquismo. Deste modo, se ocorre ao nível do período pré-edipiano inicial, devido a uma falta de competência responsiva materna adequada às necessidades do bebé, o autor considera que conduzirá a interferências graves no desenvolvimento da competência do psiquismo para a expansão e o restabelecimento do equilíbrio narcísico. Se acaso o trauma ocorre no período pré-edipiano tardio, este conduzirá à sexualização como forma de compensação das necessidades narcísicas. Durante o período edipiano, o trauma conduz a uma necessidade constante de aprovação e de admiração por parte de outros e a procura constante de objectos que possa idealizar.

Daqui se deduz que, para o desenvolvimento de um narcisismo sadio é necessário que tenha havido a valorização do próprio e de um outro significativo. Se estas necessidades não forem satisfeitas, o *Self* não chega a atingir a força e coesão necessárias para manter a estabilidade e uma auto-estima num nível suficiente, desenvolvendo-se um *Self* fragmentado, frágil e descontínuo, com um baixo nível de auto-estima.

Para Kohut, o não desenvolvimento de, pelo menos, um dos pólos determina a psicopatologia narcísica, caracterizada por um sentimento diminuído do *Eu* e uma incapacidade em manter a auto-estima num nível sustentável. Assim, a angústia da pessoa com perturbação narcísica está relacionada com a percepção de que o seu *Self* é vulnerável e tende à fragmentação, dado que não ocorreu o desenvolvimento das configurações narcísicas.

Na sua perspectiva, a fragilidade do *Eu* infantil à nascença determina a necessidade da presença e interacção com os outros para lhe dar um sentido de coesão, constância e resiliência. Surge a necessidade de um outro para promover o fortalecimento e sentimento de coesão do *Self*. Os objectos, inicialmente não tidos como separados (*Selfobjects* = objectos do *Self*), vão desempenhar funções através da sua responsividade empática, que ocorrendo a *transformação pela interiorização* se constituirão como estrutura do indivíduo.

Deste modo, são as relações entre a criança e as funções dos *objectos do Self* que são os constituintes básicos da estrutura e do desenvolvimento psíquico. Deste modo, o outro só tem existência enquanto testemunha da grandiosidade da criança e das suas necessidades de exibição, não é um outro em si mesmo, a sua acção configura-se como função psicológica de um segmento do aparelho psíquico em formação.

Os *objectos do Self* devem satisfazer as necessidades narcísicas de grandiosidade e de identificação idealizadora, que são para o autor os constituintes básicos de um *Self* coeso. Deste modo, o autor concebe um *Self bipolar* (1977, 1988), composto por um lado por tendências exibicionistas e ambiciosas e por outro, pela idealização dos pais e do próprio *Self*. O

desenvolvimento dos dois pólos conduz às ambições e ideais, entre os quais existe uma tensão relativa ao fluxo de actividade psicológica que se mantém entre os dois pólos e que o autor designa *arco de tensão* (1988, pp.144). Introduce assim um terceiro elemento no *Self bipolar* que diz respeito à área dos talentos e habilidades, onde se podem formar os mecanismos compensatórios.

Quando as relações empáticas dos pais para com a criança assim o permitem, o *Self* vai-se configurando de forma coesa e integrada e a formação das estruturas psíquicas possibilitam um sentimento de continuidade interna e de coesão do *Self*, o que determina uma autonomia cada vez maior em relação aos *objectos do Self*, e torna possível uma maior resiliência face a situações de desapontamento narcísico, e até mesmo face à perda de objectos.

As exigências do *Self grandioso* dão lugar ao prazer de uma vivência realista e a uma auto-estima estável e concordante com as competências reais.

De acordo com Socarides e Stolorow (1984), a função do *objecto do Self* refere-se sobretudo à integração do afecto e à organização da experiência do *Self*, sendo que a ligação ao *objecto do Self* tem a ver com a necessidade de uma resposta de *sintonia afectiva* nos vários estádios do ciclo de vida.

Para Kohut, a patologia narcísica é uma doença da deficiência, determinada pela ausência de função empática e contentora por parte da mãe. Assim sendo, o conflito, se existe, é interpessoal e com o ambiente envolvente, não será tanto o conflito intrapsíquico (Cortesão, 1990).

Falhas empáticas dos pais face às necessidades de admiração da criança, determinam uma não integração do *Self* no *Eu*, que permanecerá ligado aos objectos do *Self* arcaicos e irrealistas e fixados num *Self grandioso* e onipotente. Para o autor, uma pessoa com o *Self grandioso* mal integrado e tensões exibicionístico-narcísicas tenderá a experimentar o sentimento de vergonha frequentemente, pois as pressões desse *Self grandioso* serão tão grandes que impossibilitarão uma reacção adequada do *Eu* pelo que a resposta será a vergonha face a qualquer tipo de fracasso.

Os objectos do *Self* desempenham a função que depois será desempenhada pela estrutura interna, mas se esta não se formou “ *o psiquismo fica fixado num Selfobjecto arcaico, naquilo que parece uma forma intensa de fome objectal. A intensidade da busca desses objectos e da dependência a eles é devido ao facto de que são procurados sofregamente como substitutos de segmentos que faltam à estrutura psíquica (...) são necessários a fim de tomar o lugar de funções de um segmento do aparelho mental que não se estabeleceu durante a infância*” (1971, pp. 45-6).

Contudo, Kohut defende que quando a relação com os *objectos do Self* originários é deficitária e geradora de traumas é possível, devido à plasticidade saudável do *Self*, a procura de objectos que sejam compensadores, no sentido da reparação das falhas originadas. A patologia representará uma incapacidade de libertação desses maus objectos e a procura de estilos relacionais que são repetitivos e não transformadores.

Kohut refere que “... *a psicologia do Self descobriu o desespero do adulto na profundidade da criança: a realidade do futuro. A criança cujo Self é tolhido pelos fracassos dos objectos do Self está, na sua depressão, prateando um futuro não vivido e irrealizado.*” (1977, p. 83).

Nos fracassos da função parental estão incluídas as incapacidades empáticas bem como as dificuldades dos pais em olharem para o *Self* do filho como separado e autónomo e em vez disso, consideram-no como um prolongamento do seu próprio *Self*, sem organização psíquica própria, constituindo-se uma modalidade de relação que caracteriza o investimento narcísico.

Na sua obra “*A restauração do Self*” (1988 a), Kohut distingue claramente a psicologia do *Self* da psicologia clássica de *pulsão-defesa*, propondo que há um *Self defeituoso* no centro de toda a patologia.

Deste modo, a raiva, agressividade e voracidade que se encontram nestas perturbações narcísicas são acontecimentos secundários à desagregação do *Self*, gerados pelo desapontamento com o *Self* e com os seus objectos e não

primários ou responsáveis por essa desintegração. A agressividade e o ódio surgem como secundários à não gratificação das necessidades das estruturas narcísicas, que na infância não foram alvo de admiração por parte dos pais e constituem esforços para manter ou restaurar a auto-imagem procurando fixá-la a um nível positivo. Assim, aquilo que um analista clássico vê como *pulsões* sexuais e agressivas primárias, Kohut considera expressões secundárias de um *Self* fragmentado (Siegel, 2005).

Segundo Kohut, quando o indivíduo se sente narcisicamente vulnerável ele reage às críticas (reais ou imaginadas), com a retirada, asilando-se narcisicamente constituindo uma fortaleza narcísica que o impede do sentimento de vergonha, ou pelo ataque, pela arrogância ou humilhação do outro.

Como refere o autor: “*O desejo de transformar a experiência passiva em activa (Freud, 1920), o mecanismo de identificação com o agressor (A. Freud, 1936), as tendências sádicas conservadas por aqueles que, em criança, foram sadicamente tratados pelos pais – todos estes factores ajudam a explicar a prontidão do indivíduo inclinado à vergonha a reagir a uma situação que potencialmente provoque pelo uso de um remédio simples: infligir activamente aos outros aqueles danos narcísicos que mais têm medo de sofrer, ele próprio.*” (1988, pp. 138).

Assim, a agressividade associada à raiva narcísica surge face ao que coloque em causa a grandiosidade arcaica ou as idealizações, pois constitui uma ameaça à integridade do *Self* e à sua estabilidade.

Kohut considera que a vergonha, o medo da humilhação e da super-excitação, que está associado ao *Self grandioso*, é delegado pelo processo de *divisão vertical* para um sector da mente que contém aspectos recusados da personalidade. Este processo implica a alternância entre estados de grandiosidade que negam a necessidade frustrada de admiração e estados de um vazio intenso e uma baixa auto-estima.

O processo de *divisão horizontal* contém aspectos arcaicos do *Self grandioso* que se encontram abaixo da barreira do recalçamento. Deste modo, o

objectivo do tratamento consiste na eliminação da divisão vertical, possibilitando a integração dos aspectos recusados na restante personalidade, o que determina um fortalecimento do ego de forma a que se possam elaborar os aspectos arcaicos do *Self grandioso* que se encontram abaixo da barreira do recalçamento (Siegel, 2005).

O analista funcionaria assim, como um *objecto do Self secundário*, cujo papel é responder de forma adequada às necessidades do paciente evidenciadas na transferência. Assim, o analista tem de ter em conta os tipos de transferência, *especular ou idealizante*, na medida em que representam a expressão do *Self grandioso* ou da *imago parental idealizada*, e deste modo, informam sobre o papel do analista, como objecto que reflecte a imagem grandiosa do paciente, ou objecto idealizável face ao qual o paciente necessita sentir-se ligado. Para Kohut, mais do que o conhecimento, é a experiência de relação com um objecto empático que promove o crescimento do *Self*.

Com efeito, pretende-se com a análise a criação de um *Self coeso* através do preenchimento das estruturas narcísicas de modo que se possa viver com alegria e criatividade. Deste modo, visa possibilitar o estabelecimento de estruturas confiáveis que compensem uma falha primária na auto-estima. Kohut considera que a análise termina quando o *Self* está preparado para funcionar adequadamente uma vez que sejam reabilitadas as estruturas que estavam enfraquecidas, tendo sido possível durante a análise a mobilização de configurações narcísicas que haviam ficado bloqueadas na infância, desencadeando uma paragem no desenvolvimento. Kohut defende ainda (análise do *Self*), que com a análise o paciente adquire competências para poder identificar e procurar *objectos do Self* adequados, *especulares e idealizáveis*.

Embora os objectos internos e externos desempenhem um papel fundamental ao longo de todo o desenvolvimento, discordamos com a ideia de que a vida toda se procuram novos *objectos do Self* dado que segundo Kohut estes não seriam tidos como separados, e desempenhariam funções que viriam a tornar-se estruturas psíquicas. Deste modo, procuram-se novos objectos mas

que complementem e que sejam respeitados pelo que diferem em relação ao próprio e, pelo facto de serem separados e complementares.

Partindo das ideias de Jacobson, e num esforço para integrar as contribuições Americanas e Inglesas para o diagnóstico e tratamento das personalidades narcísicas tendo por referência a psicologia do *ego*, Kernberg propõe uma alternativa teórica e clínica àquela sugerida por Rosenfeld.

O prestigiado autor norte-americano, contraria a posição de Kohut, pois considera que no narcisismo existe um investimento num *Self* que é patológico, que resulta de *um desenvolvimento patológico da diferenciação entre Eu e Supereu*, resultante de relações objectais patológicas que não integraram aspectos *bons* e *maus* do objecto. Deste modo, não é possível analisar o narcisismo normal e patológico sem se ter em conta o desenvolvimento das relações objectais interiorizadas, com os derivados dos *instintos libidinais* e *agressivos*.

O autor segue as ideias de Klein e Rosenfeld, ligando a *pulsão de morte* com a destrutividade e a relação destes com os fenómenos da vida mental. O ponto de vista de Kernberg sobre o narcisismo não representa um completo abandono da teoria freudiana já que este segue a linha de Klein, sendo que o *modelo pulsional* continua a ter um papel predominante, apesar do enriquecimento com a ideia de *representação objectal inata*.

Assim, para o autor, não se trata da paragem no desenvolvimento de certas estruturas mas sim, do seu desenvolvimento patológico ficando impedido o desenvolvimento posterior de outras. Igualmente, defende que nestes casos o desenvolvimento anormal do amor-próprio coexiste com o desenvolvimento deficitário do amor pelos outros, pelo que narcisismo e relações objectais não podem ser separados um do outro (Kernberg, 1975, 1984; Fabião, 2007).

Este autor inclui o narcisismo dentro do que designa de *desordens caracteriológicas de nível inferior*, distinguindo claramente um narcisismo normal e um narcisismo patológico, considerando que o narcisismo seria um subtipo de desordem *borderline* divergindo das ideias de Kohut que distingue as duas perturbações.

Kernberg distingue três formas de narcisismo: um *normal infantil*, que se caracteriza por uma estrutura de *Self* normal mas excessivamente infantil, por uma internalização de relações objectais normais; o *narcisismo adulto normal* caracterizado por uma regulação da auto-estima por meio de um *Self* normal com representações objectais totais integradas, por um *superego* integrado e gratificações das necessidades pulsionais no contexto de relações objectais e sistemas de valores estáveis, enquanto o *narcisismo patológico* é caracterizado por uma estrutura de *Self* patológica, com relações objectais patológicas que não contêm integradas a visão do *mau* e *bom* objecto, e um *Supereu* fragilmente integrado (Kernberg, 1975,1984; Manzano & Espaza, 2008).

Deste modo, nas personalidades narcísicas as relações de objecto internalizadas são estáveis, ainda que ambivalentes e conflictivas. Existe, no narcisismo patológico um investimento libidinal, não numa estrutura de *Self* normal, mas sim, num *Self grandioso* que resulta da fusão patológica de elementos do *Self real*, do *Self ideal* e os *objectos idealizados da infância*, originando uma difusão entre fronteiras entre o *Eu* e *Supereu* o que interfere negativamente com a formação de um *Supereu maduro*, resultando uma formação que contém derivados cruéis e agressivos do *Supereu primitivo* (Kernberg, 1975, 1984). Esta falha de integração do *Ideal do Eu*, enquanto estrutura importante do *Supereu*, determina uma extrema dependência face ao exterior em termos de apreciação e validação, com a concomitante necessidade de gratificação, acarretando uma fragilidade na auto-estima, e uma dificuldade em mantê-la a um nível que possibilite o bom funcionamento.

A construção do *Self* inflacionado tem como objectivo eliminar a tensão que existe entre o *Self normal* (cuja imagem é de fraqueza e debilidade, tornando-se odioso), o *Self ideal* e o *objecto ideal* sendo que, neste, os elementos aparecem confundidos.

Para Kernberg (1986) estes indivíduos necessitam destruir toda a fonte de amor e gratificação de forma a afastar os sentimentos de inveja e raiva projectada, ao mesmo tempo que investem internamente numa imagem de *Self* grandiosa que não é mais do que a fusão arcaica das imagens parentais

idealizadas e do próprio *Self* idealizado, o que possibilita um escape ao ciclo de raiva, frustração e desvalorização agressiva da fonte de gratificação à custa da destruição das relações objectais internalizadas.

Segundo o autor, desta fusão entre imagens de *Self real*, *Self ideal* e *objecto ideal* determinam uma desvalorização dos objectos externos e a destruição dos objectos internalizados. Os aspectos inaceitáveis do *Self* são projectadas nos objectos externos, os quais passam a ser desvalorizados ou vistos como perigosos, parasitas e sugadores (Cooper, 1986).

Assim, a diferença fundamental entre o narcisismo normal e o patológico é que no primeiro existe um investimento libidinal da representação do *Self*, enquanto que no patológico há um investimento do *Self grandioso patológico*, o qual torna os sujeitos narcísicos invejosos, idealizantes, irrequietos e aborrecidos, incapazes de depender verdadeiramente dos outros e prontos para desvalorizar e atacar o objecto. Fica assim o caminho aberto para a negação da dependência e para a defesa contra as relações de objecto primitivas patológicas, as quais estão centradas na raiva narcísica e na inveja, no medo e na culpa por essa raiva. Deste modo, situar-se-iam a meio caminho entre a *posição esquizo-paranóide* e a *posição depressiva*.

Nestes pacientes, a idealização representa uma defesa contra a inveja, mas não é mais do que uma identificação projectiva da grandiosidade. Desta forma, a fusão patológica da imagem do *Self*, com o *Self ideal* e o *objecto ideal* vem permitir o perpetuar do ciclo vicioso:



auto-admiração

depreciação dos outros



eliminação da dependência

(Kernberg, 1975, p. 235, p. 270).

A desvalorização dos outros protege contra o sentimento de inveja e ódio, ao mesmo tempo que destrói a esperança de receber algo de novo e bom, a um nível mais profundo. Há por partes deste indivíduos a necessidade de posse de

tudo quanto é invejável e sentido como tendo valor, de forma a se tornarem centro de admiração, ambicionando o que Kernberg designa *existência satélite* (1975, p. 270).

Assim, o mundo interno destes pacientes é povoado por uma imagem de *Self grandioso*, imagens desvalorizadas e frágeis do *Self* e dos outros, imagens objectais primitivas e distorcidas que resultam da projecção de aspectos internos do *sadismo oral*. Kernberg insistiu no vínculo entre narcisismo e agressão, no papel que a agressividade oral desempenha no *Self grandioso* patológico e que pode ser dissociada ou afastada nas relações objectais primitivas contra as quais este se defende. Para o autor, a *raiva oral* e os *traços paranóides* associados têm um papel central nesta patologia, conduzindo a defesas pela *arrogância, grandiosidade e o controle*.

Contudo, segundo o autor, fica difícil saber a que se deve este aumento da raiva oral, se a factores constitucionais determinados pelas *pulsões agressivas*, se a dificuldades constitucionais de tolerância à ansiedade face a *impulsos agressivos* ou se por outro lado, é resultante de frustrações graves nos primeiros anos de vida. Segundo o autor, muitos destes pacientes tiveram mães frias e indiferentes reveladoras de uma agressividade passiva, mas que os apresentavam como fonte de auto-valorização, expostos a exibição pública como se de uma obra de arte se tratasse (Kernberg, 1975). Este investimento narcísico, por parte do progenitor, desencadeou um sentimento de serem explorados, frustrados, maltratados e utilizados em benefício das necessidades do outro.

Estes indivíduos são incapazes de sentir a depressão quando abandonados ou desapontados, surgindo em vez dessa a raiva e o ressentimento, o desejo de vingança.

Para o autor, a organização defensiva destes pacientes narcísicos é idêntica à da personalidade *borderline*, apresentando uma predominância de mecanismos defensivos primitivos: *clivagem, negação, identificação projectiva, onnipotência e idealização primitiva*. O que as distingue, na opinião do autor, é que o narcísico tem um melhor funcionamento social e controla melhor os seus

impulsos. Aparentemente parecem controlar as situações de ansiedade, mas esse controle é conseguido através de fantasias de grandiosidade, bem como retiradas para o *isolamento esplêndido*.

Ambos os autores, Kohut e Kernberg consideram que no narcisismo patológico está envolvido um *Self defeituoso* onde desempenham um papel importante imagens arcaicas grandiosas do *Self* e dos objectos, embora para Kernberg elas estejam reunidas com a imagem do *Self real* enquanto Kohut as considera afastadas da representação do *Self* mais madura.

De acordo com Ornstein (1974 cit. Teicholz, 1978) a distância entre Kohut e Kernberg resume-se a uma questão de visão do narcisismo em termos de *paragem no desenvolvimento versus desenvolvimento patológico*.

Embora na opinião de Emde (1988), ambos os autores tenham enfatizado o papel que as falhas empáticas precoces por parte dos cuidadores têm no desenvolvimento da patologia narcísica e *borderline*, consideramos que Kernberg não encarou este aspecto como sendo o de maior importância, ao passo que Kohut o fez.

Alguns autores vêm sublinhar a importância da relação simbiótica com a mãe no desenvolvimento das perturbações do narcisismo.

Bursten (1986) acentuara a importância da gravidade das dificuldades na tarefa de *separação-indivuação* no desenvolvimento de quatro tipos diferentes de perturbação narcísica: o *succionador*, o *manipulador*, o *paranóide* e o *fálico*. Todas estas personalidades narcísicas balanceavam entre a necessidade de serem fortes e poderosos de forma a agradar a mãe, mas não o suficiente pois deveriam continuar a ser "os bebês da mãe".

Também Modell (1986) considera que os distúrbios narcísicos estariam relacionados com uma necessidade de autonomização precoce, devido a uma relação com uma mãe intrusiva o que determinaria a formação de um *Self* frágil e vulnerável que só poderá ser sustentado por fantasias grandiosas e onipotentes. Formar-se-ia, assim, um *falso Self*, com uma falha grave no processo de autonomização que seria sustentado por ilusões de auto-suficiência em que estes pacientes, embora ávidos de admiração, consideram não ser

necessitantes de ninguém, «... *como se estivessem enclausurados numa bolha de plástico onde nada entra e de onde nada sai*» (op. cit. pág. 295).

Numa linha semelhante, Rothstein (1979) considera que o investimento narcísico secundário estaria relacionado com a resposta do *ego* face à ansiedade de separação em relação ao objecto materno que acarretaria a tomada de consciência das limitações do *Self* e do objecto, constituindo-se deste modo como injúria narcísica ao sentimento onnipotente do *Self*, sendo que o investimento narcísico teria como função a manutenção da ilusão de união do *Self* com o objecto materno onnipotente. Considera que muitas vezes existe uma sobrevalorização das competências da criança, mas apenas as que são satisfatórias para o narcisismo materno, levando a criança a ligar a esses momentos de gratificação do objecto materno, de forma a afastar as recordações da mãe fria e rejeitante.

O autor reforça também a ideia de quanto menos empático for o objecto materno, maior a angústia de separação e conseqüentemente, mais defensivo será o investimento narcísico na representação do *Self*.

Rothstein considera ainda que, nestes casos, existe uma problemática ao nível do *complexo de Édipo*, em que a criança (referindo-se mais aos rapazes) sentir-se-ia vitoriosa o que levaria a um receio da vingança do pai, que conjuntamente com a relação de exploração sentida com a mãe, acarretava um aumento das angústias de castração.

Robbins (1982) considera que o que falhou, nestas perturbações, foi a possibilidade da vivência do que designa de *ligação simbiótica válida e incondicional com a mãe*. Em que o que se passou foi uma ligação a uma mãe que não é responsiva e não entende as verdadeiras necessidades da criança, ou responde com desvalorização e crítica. A relação é construída na base da imposição das fantasias e desejos maternos, havendo uma adaptação da criança, desenrolando-se um esquema relacional tipo *possuidor/possuído*, impeditivo da autonomização da criança. Futuramente, estas personalidades estabelecem relações em que ou são *objecto de possessão*, embora desvalorizados nas suas necessidades e desejos engrandecem-se com a

hipótese de satisfação do objecto onnipotente que é o *possuidor*. Caso contrário surge a projecção das próprias desvalorizações no outro, e seguem um caminho ilusório de auto-suficiência e onnipotência. Assim, o *possuído* será sempre o continente das projecções dos aspectos inaceitáveis do *possuidor*, possibilitando-lhe a ilusão de grandiosidade.

De modo idêntico, Gear, Hill & Liendo (1981), consideram a existência de uma *estrutura bipolar do aparelho psíquico*, resultado de uma relação com uma mãe e um pai, que falham no reconhecimento dos desejos da criança, impondo os próprios com uma autoridade sádica que coloca a criança numa posição de submissão, cuja função é a de realizar os desejos inconscientes reprimidos dos pais. Assim tornada espelho dos pais reprime os seus desejos e procurará futuramente um espelho idêntico, procurando relações que se desenrolam em cenários sádicos e masoquistas, dado que as possibilidades psíquicas estão restringidas. Para os autores, existe uma *mutilação do espaço psíquico*, que impede a tomada de consciência das interacções repetitivas que se estabelecem, de forma a barrar a consciencialização das próprias limitações. Assim, vivem enclausurados num sistema impenetrável, onde ou adoptam uma *posição sádica*, ou uma *posição masoquista*.

1.2.3 - Perspectiva funcional do narcisismo.

Stolorow e Lachmann (1983) consideram que o ponto de vista económico está ultrapassado e propõem uma *definição funcional* do narcisismo, que permite uma distinção entre o narcisismo sadio e doentio, sendo que está relacionado com «... *as operações mentais cuja função é regular a auto-estima (o colorido afectivo da representação do Self) e manter a coesão e a estabilidade da representação do Self (o fundamento sobre o qual repousa a auto-estima)* (op. cit. p. 32).

Assim, no sentido de a restaurar e estabilizar em situações em que a auto-estima estaria ameaçada, as actividades narcísicas entrariam em jogo, não

sendo estas actividades incompatíveis com relações objectais intensas que podem estar ao serviço da mesma causa.

Defendem que o narcisismo não constitui uma entidade diagnóstica patológica, como considera Kernberg, mas que se trata de uma dimensão da psicopatologia que está presente em todas as entidades nosológicas tradicionais (*idem*, pág. 34; Morrison, 1986). Deste modo interessa, segundo os autores, falar de grau de perturbação narcísica, estando esta relacionada com o grau de deficiência, estrutura e de *vulnerabilidade na representação do Self*, e da intensidade da ameaça de descompensação narcísica. Assim, a gravidade da perturbação narcísica estará relacionada com o grau de coesão do *Self*, sendo maior quando essa coesão é frágil e acompanhada de um colorido afectivo negativo.

De acordo com Morrison (1986) a visão de Stolorow representa um avanço na evolução do pensamento da psicologia do *Self*, distante da metapsicologia das *pulsões*, e em direcção à criação de uma nova estrutura na psicoterapia com pacientes narcísicos.

Ainda nesta linha Dare e Holder, (1981) definem narcisismo como o colorido positivo afectivo das qualidades associadas à experiência do *Self* que se tornaram numa parte integral da representação do *Self* que derivam dessa experiência. Acrescentando que esta qualidade afectiva na criança durante o primeiro ano de vida é determinada pelas experiências corporais, e pela qualidade das respostas do meio materno. Para os autores, a natureza das experiências relacionais precoces mãe/bebé determinam as primeiras experiências do *Self*, sendo necessária uma *co*-adaptação entre uma mãe cujas capacidades de adaptação são maiores, e um bebé que possui as suas próprias competências adaptativas e o seu temperamento.

1.2.4 - Perspectiva Relacional do Narcisismo

1.2.4.1 - Narcisismo e Relação de objecto

“A minha impressão é a de que as vidas mais produtivas e criativas são as daqueles que, apesar de muitos traumas na sua infância, puderam adquirir novas estruturas na busca de novos caminhos em direcção a uma completude interna” (H. Kohut, 1988).

A mudança de visão da teoria da *pulsão* para o afecto coloca a teoria psicanalítica da motivação dentro do campo do *intersubjectivo* (Stolorow & Atwood, 2004). Deste modo, a afectividade não é um produto de mecanismos intrapsíquicos isolados, deriva de um sistema de regulação mútua entre criança e cuidador.

Sandler (1985) considera que o conceito de *pulsão* deverá ser reformulado em termos de *desejo de resposta do objecto*, num contexto de disponibilidade relacional por parte do objecto.

Os autores psicanalíticos mais inovadores não estabelecem ligação entre a fantasia e as pulsões mas sim com a imaginação, sendo que a realidade resulta de um encontro inevitável entre a imaginação e a fantasia em que há uma interpenetração e um enriquecimento mútuo (Mitchell, 2000).

Nesta perspectiva considera-se a importância da interacção com o meio na construção da fantasia dado que desde cedo o bebé é um sujeito que apreende a sua mãe (ou cuidador) como um objecto, ao mesmo tempo que é tomado como um objecto por esse, formando-se uma interacção complexa, através da qual processos adaptativos e defensivos se vão formando.

Sabemos que o cérebro do recém-nascido não está completamente formado, sendo através dos encontros e desencontros proporcionados pela relação com o cuidador que novas vias biológicas e novas ligações neurológicas se vão formar. Assim, é necessário um encontro entre bebé e cuidador no

sentido da criação de um ambiente particular entre aquela mãe e aquele bebê em particular (Mitchell, 2002).

Inicialmente a sobrevivência emocional depende da ligação a um outro que esteja presente e que responda adequadamente.

Ao longo de toda a nossa vida é necessário um *outro essencial* que complemente, embora em dimensões diferentes e correspondendo às diferentes fases de desenvolvimento.

De outro modo, seguindo as ideias de Winnicott, o indivíduo necessita a vida inteira de um *ambiente facilitador* do desenvolvimento.

Uma vez que o *Self* está continuamente em transformação, necessita de relações com o meio para se ir desenvolvendo, a estagnação corresponde à falha, ao sentimento de que algo encriptou impedindo patologicamente o desenvolvimento, conduzindo muitas vezes a repetições de relações que sistematicamente confirmam o que falta, acentuam a dor, em vez de a acalantar.

Os jogos interactivos precoces vão sendo internalizados, originando representações mentais sobre o próprio, os outros e os contextos inter-relacionais, que se constituem como organizadores que dão significado aos estímulos e premeiam os relacionamentos posteriores, pelo que no futuro é natural que haja um receio de reencontros com a falha, determinando um evitamento defensivo de certos afectos, mantendo-se uma ligação ao conhecido. Pensamos que a maior inflexibilidade desses princípios organizadores é responsável pelos funcionamentos patológicos.

Mitchell (1988) refere que as pessoas continuam ao longo da vida a procurar relações insatisfatórias porque, em todo o caso, elas representam protótipos de graus de segurança, esta é auferida na ligação ao já anteriormente experimentado.

Da Saúde Mental faz parte a integração de novas experiências de relação, renovadoras e promotoras do desenvolvimento. Contudo, é necessário que se tenha construído internamente um sentimento de ter sido desejado e amado de modo continuado por alguém, de forma a se poder partir em busca de novas

relações, também essas geradoras de amor e de crescimento emocional e afectivo.

No início, será no jogo interactivo que surge na unidade psíquica mãe-filho, que Loewald (1971) designou de *campo psíquico*, que se torna possível o desabrochar do *Eu*, a partir do enlace criativo entre ambos, e da competência interventiva de uma psique mais organizada, de uma mãe contentora e atenta.

É neste *campo psíquico* que existe um bebé que traz o seu próprio idioma, resultante das suas componentes genéticas, que procura uma relação com alguém que saiba conferir um significado aos estímulos orgânicos, de forma a organizá-los. O bebé espera que a mãe experiencie os seus sentimentos e necessidades que ele não sabe elaborar e que os devolva de forma transformada e acessível ao seu *Eu*.

Deste modo, como refere Parkin (1985), a mãe não é apenas um objecto de descarga que satisfaz a necessidade, mas é também a mãe organizadora. É esta mãe, no seu estado de *preocupação materna primária* (Winnicott, 1956), a mãe *holding*, que revela uma maternagem adequada ao ser capaz de identificar e responder aos estados da criança e que propicia, assim, a criação de um ambiente favorável à manifestação da genuinidade do seu bebé, possibilitando acção espontânea de gestos que correspondem à revelação do seu verdadeiro *Self*.

Inge Bretherton (*cit.* por Galatzer- Levy & Cohler, 1993) refere que a mãe deve fazer uma apreciação intuitiva do papel que desempenha na vida emocional do seu bebé, de forma a poder entrar adequadamente na interacção que se estabelece entre os dois, correspondendo aos desejos e necessidades que este revela.

A mãe é vivenciada como *fonte transformacional* (Bollas, 1978), aquela que com as suas respostas adequadas à expressão do *Self* verdadeiro do bebé, abre caminho à independência e autonomia, possibilitando um desligar da ilusão onipotente.

É nesta dialéctica *continente-conteúdo*, resultante de identificações projectivas mútuas, que se constrói uma ligação entre duas subjectividades

distintas que originam uma nova subjectividade, é o *Self em transformação*, uma vez que o *Self* não poderá ser completamente verdadeiro já que depende da intervenção do meio e do resultado da relação que se constituiu.

Acaso o que surja seja um descompasso entre a necessidade, o desejo e a satisfação, o progresso do *Self* fica retido e desenvolve-se uma resignação implicando uma lógica de: “*se não podes mudar nada, então é melhor aceitar o que vem*” (Ken Wright, 1996).

Quando é exigida uma adaptação excessiva da criança ao objecto, está aberto o caminho para o desenvolvimento do *falso Self*.

No entanto, quando a *mãe adaptativa* predomina, é possível a expansão do *verdadeiro Self* uma vez que esta se permite a ser criada para além das necessidades do bebé, está ao serviço dos seus desejos, possibilitando-lhe o sentimento de existência do *Self*, como refere Ken Wright (1996): “*Alguém me responde, então eu existo!*”, acrescentaríamos: alguém me pensa então eu existo.

O bebé tem parte activa nesta relação uma vez que traz consigo uma grande capacidade de auto-regulação interna (Gonçalves, 2004), estimula o meio, exige respostas e interage de acordo com as disposições interactivas inatas.

As pesquisas actuais demonstram que o bebé é muito adaptativo, capaz de afectar o seu meio sendo participante activo na sua própria regulação, crescimento e desenvolvimento. Longe de serem recipientes passivos do meio, eles moldam-no influenciando a realidade externa e pelo modo como percebem o mundo, eles são soberbos em fazer os adultos funcionarem como *outros essenciais* (Galatzer-Levy & Cohler, 1993), acalmando-os e acalentando-os quando necessitam, deliciando-se e admirando-os e pedindo a presença destes de forma a se sentirem seguros. Quando o bebé sorri e balbucia de forma a licitar respostas correspondentes no meio, ele aprende que pode ser encantador e evocar respostas prazerosas.

A comunicação de sentimentos é o início da comunicação interpessoal e fornece uma educação sobre o que pode e não pode ser comunicado.

Também Stern (1992) considera que o bebé traz consigo capacidades formidáveis para estabelecer relações humanas sendo que ele é participante na construção das primeiras relações essenciais, não obstante, para que possa ser possível a experiência do *Self*, é necessário um contexto intersubjectivo adequado que facilite a elaboração e desenvolvimento de estruturas psicológicas profundas.

É como se nesta dialéctica que se estabelece entre mãe e bebé, ambos fossem *mutuamente informadores* (Bollas, 1992), em que ao agirem um sobre o outro estabelecessem princípios de relação. O bebé informa sobre o seu *Self verdadeiro* e a mãe transforma o seu *Eu* de forma a adaptar-se ao bebé, ao mesmo tempo que transforma o meio interno e externo do mesmo.

Golse (2007), considera que a partir do segundo semestre de vida do bebé, as interacções afectivas entre este e a mãe, permitem que se desenvolva na díade uma consonância no plano dos afectos e das emoções e que cada um seja informado do estado afectivo e emocional do outro.

Deste modo, o que na *posição esquizo-paranóide* é odor, sabor, calor, um aconchego, algo que acalma a dor e transforma a angústia passa na *posição depressiva* a ser tudo isso, mas relacionado com um objecto total: a mãe (ou cuidador), conduzindo agora à possibilidade do sentimento de identidade pessoal, pelo do reconhecimento do próprio através do outro, este percebido como limite entre o *Eu* e o mundo. Assim, de suma importância para o desenvolvimento, a *posição depressiva* permite (devido à resposta harmonizada por parte do objecto cuidador) a integração de tudo o que até aí era sentido como dissociado e que agora passa a ser reunido numa pessoa, determinando uma noção da existência do próprio, do outro separado e ainda de um terceiro (que não é nem o *Eu* nem o outro), cuja ideia de existência surge no momento da ausência do *objecto primeiro*.

É nesta passagem à posição depressiva que é possível o desenvolvimento da *capacidade para se preocupar (capacity to concern)* (Winnicott, 1963), que é tão importante para as relações futuras. A *mãe-objecto*, ao manter-se viva perante as agressões pulsionais do bebé, e ao permanecer disponível (*mãe-*

ambiente) possibilita o emergir do sentimento de culpa, o qual se manifesta através da preocupação, sendo possível integrar os aspectos pulsionais de forma a que estes não gerem ansiedades terríficas nem uma culpabilidade arrebatadora.

A falha na possibilidade de reparação, pela indisponibilidade materna e incapacidade de transformar os ataques pulsionais do bebé, conduz à perda do desenvolvimento da capacidade de preocupação, a qual será substituída por uma culpa e ansiedades primitivas, gerando defesas inflexíveis.

Pensamos que esta capacidade para se preocupar só é possível quando está adquirida a competência para fazer *uso do objecto* (Winnicott, 1969), posterior à capacidade de se relacionar e que corresponde à colocação do objecto numa área fora do campo projectivo, passando agora a objecto objectivo, o qual pode agora ser usado a partir das suas competências reais e face ao qual é possível haver preocupação, sendo então viável uma relação criativa e transformadora.

A mãe, ao reconhecer as necessidades do seu bebé expressas sensorialmente, toma-as para si (*taking-in*), modela-as e dá-lhes um significado, devolvendo-as transformadas e de forma assimilável para o bebé. Desta forma possibilita a transformação de elementos sensoriais em *elementos alfa* (Bion, 1961), auxiliando o bebé na tomada de consciência de si, e de um outro capaz de sobreviver aos conteúdos agressivos, passando a existir enquanto objecto real.

Deste modo, dá-se uma transformação dos acontecimentos internos concretos, em experiências possíveis de serem pensadas. Como refere Amaral Dias (2010) algo é projectado dentro de algo que recebe, transforma e devolve, sendo que *a mãe é a função alfa do bebé, é o lugar da transformação daquilo que ela conteve do seu bebé* (*op. cit.* p. 27).

Bion (1962) refere que a capacidade de contenção materna, a re-apresentação e transformação dos estados negativos internos do bebé, são pré-requisitos essenciais para que o bebé possa reflectir e processar a sua experiência, ou seja pensar os seus pensamentos e sentir os seus sentimentos.

Portanto é a passagem da *posição esquizo-paranóide*, para a *posição depressiva*, em que é possível pensar sobre as dores próprias, as do outro e o papel que se teve nesse processo, desenvolvendo-se o que Fonagy *et al.* (2004) designam de *função reflexiva*.

De facto, toda a mente para se poder desenvolver necessita de outra mente, a qual deverá ser capaz de receber as angústias e sensorialidades primitivas evacuadas, de as tratar e bonificar devolvendo-as posteriormente transformadas em elementos figuráveis (*elementos alfa*), juntamente com o *modus fazendi* – a *função alfa*. A mãe tem assim, como afirmara Meltzer (*cit.* por Colman, 2005) um papel pedagógico.

O objecto cuidador, ao validar as experiências afectivas do bebé, vai proporcionar o desenvolvimento do seu *Self*, constituindo-se assim como um *objecto do Self* com função delineadora do *Self* e das suas fronteiras (*“the Self delineating Selfobject function”*) tal como referem Stolorow e Atwood (2004). Numa linha de pensamento idêntica, Bick (1967,1991), refere que a mãe contentora é vivenciada como um objecto que mantém unidas as diferentes partes primitivas da personalidade, funcionando como uma *pele*. Posteriormente, após identificação a esta função contentora do objecto, e com a introjecção do objecto, dá-se uma diminuição do estado não integrado, dado que progressivamente o *Self* desenvolve essa competência integradora, a qual foi facilitada por essa identificação básica.

Na mesma linha, Anzieu (1974) introduz o conceito de *Eu-Pele* (baseado na teoria do Attachment de Bowlby), correspondendo à imagem que o *ego* da criança formaria, nas fases precoces do desenvolvimento, tendo por base as experiências da superfície corporal. Introduce também o conceito de *envelopes psíquicos*, dizendo respeito à *imagem sonora do Self*.

Houzel (1996), refere-se também ao *envelope psíquico* como qualquer estrutura que possibilita a formação de uma barreira entre interior e exterior e que será equivalente à noção de *contentor* de Bion, de *pele psíquica* de Bick, de *Eu-pele* de Anzieu, sugerindo que o processo psíquico que está por detrás

destas metáforas diz respeito a um processo de estabilização estrutural da turbulência instintiva e emocional.

Não é surpreendente que o recém-nascido necessite de um objecto externo para auxiliar na estabilização da turbulência à qual está sujeito, de forma a ser possível um equilíbrio entre o interno e o externo, conferindo uma homeostáse ao que é contido pelo objecto. Deste modo, é a identificação e o correcto significado que o cuidador vai dando à linguagem corporal do bebé que possibilita que os afectos possam ser experimentados como mente e não só como estados corporais, se quisermos, é essa significação que permite a transformação dos *elementos beta* em *elementos alfa* (Bion, 1962), os quais podem ser assimilados, integrados na experiência do *Self* e não necessariamente expulsos.

A experiência repetida de correspondência entre a necessidade sentida e a resposta obtida na relação com uma mãe capaz de conter e designar os fragmentos do frágil *Eu* do bebé possibilita um sentimento de realização que conduz ao nascimento de uma consciência de formação de uma força interna que mantém a integração do *Self*, passando a não ser necessário um constante recurso ao auxílio externo, constituindo-se aqui as bases da autoconfiança e da auto-estima.

A resposta maternal adequada conduz a um sentimento de encaixe emocional, bem-estar narcísico, de satisfação com o seu *Self* e, progressivamente, a aceitação de um outro capaz de proporcionar essa experiência de satisfação, é o sucesso em conseguir evocar uma resposta pensável e significativa emocionalmente que confere uma afirmação básica do sentido do *Self*.

Como refere Bollas (1992), no diálogo mãe-bebé a criança vai aprendendo com a mãe a gerir o seu *Self*, ou melhor, os estados emocionais do seu *Self*, assim, depende das transformações que a mãe faz dos estados afectivos do *Self* do bebé, o modo como a criança vai processar o seu *Self* e o dos outros. Se a mãe se mostrou como um objecto facilitador na transformação do *Self*, é natural que ao longo do desenvolvimento a criança procure objectos úteis à sua

transformação. O autor considera que para a criança poder utilizar o objecto no sentido do desenvolvimento do seu *Self*, é necessário que tenha segurança sobre o seu amor ao objecto de forma a poder permitir-se ao ódio sem que este ameace decompor os seu *Eu* ou os seus objectos.

Para Bollas (*idem*), a criança que experimenta uma relação com um *objecto transformacional essencialmente bom* terá um sentimento de esperança em relação ao uso do objecto, formar-se-ão paradigmas que possibilitarão o uso futuro de objectos no sentido da elaboração do seu *Self*.

A emergência do verdadeiro *Self* depende da presença e intervenção de uma mãe com capacidade de *rêverie*, que possibilite o encontro entre a *pré-concepção* (que se relaciona com expectativas do verdadeiro *Self*) e a realização apropriada.

Deste modo, o verdadeiro *Self* pode ser visto como um idioma complexo das *pré-concepções* da personalidade que se tornam realidade através de experiências que estejam em consonância. Composto de uma série de disposições herdadas, o *verdadeiro Self* constitui-se como uma forma de conhecimento que existe mas que não foi ainda possível de ser pensado. Bollas (1992), designa esta forma de conhecimento de *conhecido não pensado* que se revela pela capacidade do recém-nascido de aprender, organizar evocar e usar o seu mundo objectal, mas a utilização e transformação deste conhecido depende da experiência infantil na relação com a mãe e com o pai.

Talvez se possa relacionar com a ideia de Bion de *Pensamentos à procura de um pensador*. É este conhecimento ainda não pensado que precisa de um objecto que auxilie na organização e integração no mundo psíquico. Será esta mãe que responde aos afectos e organiza as respostas dando significado aos comportamentos do bebé, que o encoraja a crescer e a desenvolver a sua mente, transformando as angústias, facilitando o desenvolvimento de um narcisismo saudável, e desenvolvendo o seu *Eu*.

Como refere Grinberg (1991) a consolidação do *Eu* depende da capacidade da criança, com a intervenção da mãe, de dirigir amor suficiente para si própria e posteriormente para os objectos. Quando isto não acontece,

dá-se um desequilíbrio narcísico, a vulnerabilidade surge e haverá uma necessidade constante de contribuições externas de forma a suprimir essas falhas.

Parkin (1985), considera que os mecanismos reflexos adquirem um significado, através da atribuição de intencionalidade que a mãe confere, quando a mãe responde à demanda da criança, ela atribui um significado a essa mesma inserindo essa interpretação no comportamento da criança. Também para Spitz (1946), todo o estímulo deverá ser transformado em experiência significativa, antes de se tornar um sinal ao qual se juntam outros, levando assim à construção de uma imagem coerente do mundo.

Ainda nesta linha, Golse (2007), considera que os comportamentos da criança ao serem *interpretados* pelos pais, adquirem um significado no seio das trocas que lhe permite inscreverem-se no campo de uma intencionalidade comunicativa consciente ou inconsciente.

É também necessário ter em atenção que esta interpretação será conjugada com aquela que o bebé faz da interacção. Cada experiência interactiva resulta da conjugação de duas experiências, da mãe e do bebé, estando dependente dos estados emocionais de cada um no momento da interacção. Chamar-lhe-emos *terceiro sentido*, a mãe interpreta um estado emocional do bebé e este recebe, a seu modo, essa interpretação, integrando-a, a seu modo, na sua experiência afectiva de relação. A interpretação que o bebé faz do comportamento materno vai depender do seu estado emocional do momento, dos seus desejos e das suas memórias relativas a esse comportamento materno evocado anteriormente (Galatzer-Levy & Cohler, 1993).

Numa primeira fase de desenvolvimento o bebé não tem uma representação do objecto enquanto separado dele próprio, o que leva a que a satisfação propiciada pela mãe seja vivenciada como resultado da própria competência e onipotência. Assim, nesta fase que poderíamos chamar de *narcisismo primário* (Cordech, 2006), a mãe não tem para o bebé uma existência real e independente, ela é sim, um objecto intrapsíquico construído subjectivamente, com o qual está identificada. Portanto, de modo semelhante ao

que referira Winnicott, cada resposta materna é tida como resultado da criação do seu desejo, cada experiência de prazer, uma expressão da sua onnipotência.

Já em 1913, Ferenczi (cit. por Livingstone, 2004) reclamara que a onnipotência seria um resultado da interação, em que a convergência entre a alucinação e a possibilidade de realização do desejo facilitado pela mãe, redundava num sentimento de onnipotência, como resultado de uma coreografia entre mãe e bebé.

Mas, quando a criança não se vê reflectida no olhar materno, porque frouxo e mortiço, pobre em desejo e entusiasmo, surge a necessidade de constituir prematuramente o objecto objectivo, externo, aumentando a dependência em relação a ele devido à fragilidade do objecto interno, a angústia de separação terá de ser negada a todo o custo, através de mecanismos que são muitas vezes aniquiladores do desenvolvimento do *Eu*.

Defendemos que a criança trará, à partida, competências de intersubjectividade que se vão desenvolvendo gradualmente e sendo estimuladas (ou não) pelo meio. A voz da mãe, a sua competência de *holding*, de *rêverie*, serão factores fundamentais para facilitar ou impedir o acesso à intersubjectividade. Assim, há que ter em conta o equipamento cerebral do bebé, mas a vida fantasmática inconsciente do objecto cuidador.

Essa vida fantasmática é, em certos casos, responsável pela visão que os pais têm da criança, de tal forma que esta representa aspectos idealizados ou repudiados dos pais. Como refere Mitchell (2000), somos filhos do consciente materno/paterno, mas também dos conflitos inconscientes maternos/paternos.

Como se sabe, existem aspectos inconscientes que se transmitem através de gerações e que complicam o desenvolvimento da psique.

Granjon (1989, cit. por Houzel, 1996) refere-se à existência de dois tipos de transmissão familiar. Um designado de *transmissão psíquica intergeracional* que possibilita que sejam transmitidos conteúdos mentais integráveis na mente do indivíduo com um sofrimento mínimo, e outra, *transgeracional*, que transmite ao indivíduo elementos psiquicamente irrepresentáveis, aspectos que se constituem

como segredos, não ditos, fantasmas que são recebidos por identificação projectiva e invadem a psique no sentido da obediência a repetir. Nesta linha, Lebovici (1983) refere-se ao *mandato transgeracional*, inconsciente, que se inscreve numa malha de relações entre os progenitores e o bebé, em que conjuntamente com o narcisismo dos pais vai tornar possível o desenvolvimento do *Self* do bebé.

Raphael-Leff (2004) refere que nas perturbações do narcisismo se observa a repetição de padrões *intergeracionais*, em que a criança é sempre vivida como uma *propriedade parental*, inibida nas suas necessidades e competências, de forma que as fronteiras entre os pais e a criança são diluídas, sendo a criança tratada apenas como uma personificação do mundo interno dos pais; controlada onnipotentemente por estes, como se de um boneco se tratasse.

Já Fraiberg (1975, cit. por Fonagy *et al*, 1991) havia acurado a existência, em toda a relação de cuidar, de fantasmas do passado histórico de cada cuidador, implicando que pais e filhos se encontrem muitas vezes em cenários de representação de momentos relacionais de outros tempos. Surgem nas relações intrusos (inconscientes) do passado que se fixam rigidamente nas relações, reclamando tradição e manutenção de determinados funcionamentos.

Manzano, Espaza & Zilkha (1999) referem-se à *identificação parental complementar* ou à *contra-identificação parental complementar* como modalidades que manifestam a identificação dos pais às suas próprias figuras parentais ou às representações do seu *Self* infantil, sendo determinantes no modo como se vão relacionar com os seus filhos. Em ambas as situações parece-nos haver uma tentativa de correcção de uma experiência do passado sentida como não positiva, mas em que no primeiro caso há uma interferência forte da negação no sentido de possibilitar a identificação ao agressor. No segundo caso, seria uma relação corretora da experiência pessoal dos pais.

Deste modo, os papéis inconscientes imaginários e as fantasias determinam a representação do *Self* parental, mas também todo o comportamento dos pais para com os filhos. A capacidade dos pais para reflectirem sobre a sua história e as suas emoções abre caminho para uma

relação mais saudável, que permite que as necessidades da criança sejam identificadas de forma mais genuína possível, sem identificações projectivas distorcidas e projecções que minem negativamente a psique em formação.

Para Trevarthen (1993) a *intersubjectividade primária* refere-se à capacidade da mãe para se identificar ao seu filho, de forma a saber ler as necessidades e as emoções deste, o que o auxilia no processo de auto-conhecimento. Fonagy (2000) refere que este talento depende do conhecimento que a mãe tem de si própria, da competência para reflectir sobre as suas próprias emoções, da capacidade para impedir que experiências passadas interfiram de forma negativa na relação diádica.

Para Bion (1991), estas são as mães que conseguem conter e metabolizar as emoções negativas, suas e do filho, sem ficarem sobrecarregados com as suas dores ou com as dos filho, sendo que é nesta base que se torna possível a formação de um *Self*.

O que é certo é que são as necessidades específicas, inconscientes, da mãe que activam algumas de entre uma série de potencialidades da criança, aquelas que criam a criança para aquela mãe, a criança torna-se, deste modo, a criança para aquela mãe em particular.

Mahler (1967) refere-se à selecção mútua que é feita na relação mãe-bebé e como isso conduz a uma modificação no comportamento deste. O bebé informa a mãe sobre os seus estados emocionais e a mãe faz uma selecção, respondendo a alguns deles de forma que face a essa resposta o bebé altera o seu comportamento em resultado dessa relação e do seu próprio potencial interno inato.

Também Lichtenstein (cit. por Moore, 1975), considera que a imagem que a criança tem de si é reflectida pelas necessidades inconscientes da mãe quando cuida da criança, estabelecendo-se assim uma *identidade narcísica primária*, que constituirá um princípio organizacional sem o qual o processo de desenvolvimento da diferenciação não poderá começar. A mãe terá de fazer uma regressão necessária e suficiente (não excessiva que a impeça de pensar),

para se poder identificar às necessidades do seu bebé e responder adequadamente.

Para Parkin (1985), este é o sistema que envolve a perfeição narcísica da infância e a qual conduz ao amor pelo seu *Self*. A resposta maternal adequada conduz a um sentimento de bem-estar narcísico, de satisfação com o seu *Self* e, progressivamente, a aceitação de um outro capaz de proporcionar essa experiência de satisfação.

Solan (1999) propõe a designação de *envelope narcísico* no sentido de Anzieu, que possibilita o sentimento de coesão do *Self* e a manutenção da sua integridade mesmo na relação com o desconhecido, será este *envelope narcísico* que funciona como sistema que confere imunidade narcísica possibilitando o sentido de familiaridade, o sentimento de coesão, equilíbrio e continuidade do *Self* tornando possível a necessidade da relação objectal, sem que fique ameaçada a constância e a segurança do *Self*.

Assim, objecto é o da gratificação narcísica, o que possibilita a satisfação das necessidades, mas que tem também uma atitude reflexiva que reflecte satisfação pela interacção estabelecida, que manifesta prazer no cuidar e no resultado da interacção, e que responde em consonância com os estados emocionais do bebé. Consideramos que esta manifestação de prazer emitida pelo objecto é de fundamental importância para o desenvolvimento de uma imagem positiva do seu *Self*.

A experiência repetida das necessidades físicas só fica realmente satisfeita com o contacto visual, auditivo, e táctil com a mãe, o que vai determinando a percepção de que a necessidade se produz no seu interior, mas que a satisfação vem do exterior, havendo uma progressiva clarificação da percepção da mãe enquanto objecto separado e independente. Como refere Margot Waddell, “ *de forma muito simples, com o mamilo na boca, envolto em braços carinhosos, embalado pelo som da voz da mãe e pela gentil atenção dos olhos e da mente dela, o bebé experimenta o que é ser-se amado*” (2003, p. 61).

Winnicott referira-se à face da mãe como o primeiro espelho do bebé, deste modo, estas respostas que a mãe dá aos estados afectivos do bebé

constituem-se como primeiras representações que ele terá dele próprio. As respostas que são sintónicas com o *verdadeiro Self* proporcionam o seu desenvolvimento. Salieta-se, contudo, que não pode tratar-se apenas de um espelho que reflecta, senão é igual, não promove o desenvolvimento, pois é na resposta transformadora que é possível ter a noção de existência do outro, o outro como *objecto transformacional*, a existência de alguém com quem partilhar a experiência e que auxilia na gestão dessa e na sua modificação interna. Daqui a importância do reconhecimento e da experiência de partilha. Para além da reflexão materna, é necessário que a criança sinta que a resposta dada espelha a criança na sua profundidade (Mollon, 1985).

Também Lacan (1977, 1949) e Kohut (1977) sustentaram a importância do processo de *espelhamento* no desenvolvimento normal e a sua falha como representando uma falha empática por parte do cuidador, com consequências no desenvolvimento saudável do narcisismo.

Para Emde (1988) o *espelhar* refere-se a um processo em que a mãe reflecte as expressões afectivas do seu filho, através do olhar, da resposta vocal e das suas atitudes, num contexto relacional de amor. Também Mahler & Fuhrer (1968), Call (1980) e Pine (1985) se referiram à importância deste *reflexo especular* no desenvolvimento do *Self*.

É esta experiência de ser atendido e entendido, o sentimento de sintonia emocional com um outro significativo que providencia uma validação de sentimento de *Self* e o sentimento de segurança e confiança (Galatzer-Levy & Cohler, 1993, Fonagy & Target, 2004). É necessário primeiro que se desenvolva a confiança num outro para que depois seja possível a formação de confiança no próprio.

O bebé necessita, pois, de alguém que auxilie na transformação dos afectos, ainda que possa chorar até à exaustão ou distrair-se a si próprio, a participação de um *outro essencial*, no sentido de acalantar e acalmar, torna possível a identificação a essa função de forma a que o bebé a *tome para si* e a possa vir a desempenhar futuramente, necessitando cada vez menos do

objecto, no sentido da *internalização transmutadora* de Kohut, da *identificação à função de continente* de Bion ou Esther Bick .

Se no decurso do desenvolvimento, a ansiedade de separação e o sentimento de independência face ao objecto não são excessivamente insuportáveis, e se os cuidados recebidos são adequados, é possível alcançar uma maturidade emocional que possibilita a aceitação dos limites próprios e do outro, da dependência face ao outro, enquanto objecto externo, independente e análogo ao próprio *Self*.

Contudo, como refere Benjamim (1995), somente um equilíbrio ajustado entre a força das *pulsões* e a intensidade das suas necessidades por um lado, e a realidade dos cuidados que recebe, por outro, permitem a aceitação do objecto como separado, o outro como independente, autónomo, com as suas próprias necessidades e limites. Assim, onde estava o objecto onnipotentemente construído, torna-se o sujeito equivalente ao próprio *Self*, estabelecendo-se uma relação *intersubjectiva* que não nega mas que complementa, a relação com a representação intrapsíquica do objecto.

Porém se este equilíbrio não ocorre, a criança não pode suportar a realidade da dependência e tende a não percebê-la, ou a substituí-la por uma *pseudo-independência*, como refere Bick (1967, 1991), a qual resulta da falha na formação da *pele* que contém as partes desintegradas do *Self* proporcionada pelo objecto continente, e conduz à formação de uma *segunda-pele* como substituta. Fica reforçada a relação com um objecto intrapsíquico, onnipotente subjectivamente construído, com o qual se identifica, sentindo-se assim, portador de todas as qualidades e atributos do objecto (Lash, 1979, cit. por Cordech, 2006).

A insuficiência da tarefa de continente e, conseqüentemente, da interiorização do objecto primário e da sua função, ameaça todo o registo das identificações primárias e portanto, como refere Golse (2007), fica perturbado o registo do ser, sobressaindo o sentimento de falta, vazio, que se poderá traduzir do seguinte modo: “*Esse alguém que me falta não é tanto o outro como eu próprio*” (M. Schneider cit. Golse, p. 199).

O autor considera ainda, que nestas situações ocorre uma *regressão interactiva dos afectos*, devido a uma desistência de obter respostas transformadoras por parte do cuidador cuja mente é pouco maleável às projecções do bebé.

O que acontece é que este desequilíbrio está muitas das vezes relacionado com as exigências narcísicas do objecto cuidador, da sua necessidade de um amor sem limites vividas na relação precoce e que agora vão ser reactualizadas na relação com o bebé, determinando uma interacção gerida mais pelas próprias necessidades da mãe do que do bebé (Gonçalves, 2004).

Assim, a criança é explorada narcisicamente no sentido de fazer ressaltar a auto-suficiência e mestria dos pais ao mesmo tempo que serve de contentor das necessidades negadas dos mesmos, criando-se uma unidade narcísica, mas à custa do elemento mais frágil. À criança cabe a tarefa de devolver gratidão e admiração aos pais, amamentando-os com uma visão de *provisor ideal* (Raphael-Leff, 2004).

Deste modo, há um constrangimento da própria subjectividade, dá-se uma adaptação à realidade desadequada o que conduz ao desenvolvimento do *false Self* (Winnicott, 1960), de personalidades “*as if*” (Deutsch, 1942) ou estruturas de personalidade *pseudo-maduras* (Meltzer, 1975), moldados em função das necessidades do outro, com prejuízo para o desenvolvimento do próprio.

Quando os estados afectivos desprazerosos do bebé são sentidos como um ataque à auto-estima e ao sentimento de competência dos pais, é o bebé que passa a funcionar como um *objecto do Self*, cabendo-lhe a tarefa de substituição dos seus genuínos estados por outros, esses aceites e gratificantes para o objecto, suscitando a sua admiração. Assim, ficam comprometidos os processos de diferenciação do *Self*, desenvolvem-se padrões de submissão que implicam a rendição dos sentimentos e necessidades legítimas, em torno dos quais se constroem muralhas defensivas. O desenvolvimento processa-se de forma invertida, a ausência de objectos que se constituam como objectos do *Self* do bebé em desenvolvimento determinará fragilidades na auto-representação, a

exigência de se tornar um objecto do *Self* para o cuidador lesa o *Self* em desenvolvimento, fá-lo definhar, impede a formação de uma visão mais enriquecida do próprio, porque esgotado e sem animo.

Por outro lado, o problema também se coloca quando o bebé está em relação com um cuidador cuja mente está desorganizada. Se é na representação subjectiva que o cuidador envia sobre nós próprios que nos vamos descobrindo, o que se passa quando essa representação é distorcida pela desorganização interna do cuidador?

Como refere Fonagy & Target (2004), neste caso o que é internalizado não se apresenta como sendo verdadeiro e traduzindo a representação genuína, mas sim uma figuração contaminada por aspectos doentios do cuidador que se constituem como intrusos no *Self* da criança, em formação. Já em 1930, Sullivan (citado por Mitchell, 2000) designava de *ligação empática* à transferência de estados afectivos do cuidador para o bebé, como se de uma espécie de contágio se tratasse.

Assim, neste *contágio afectivo*, quando não existe *eco afectivo* e os afectos dissonantes do cuidador contaminam o bebé impondo-se ao seu aparelho mental em formação, o cuidador revela-se como um *espelho distorcido* (Fonagy & Target, 2002), o que vai ter consequências desastrosas na edificação do *Self* da criança, se quisermos, invalidando o *verdadeiro Self*.

Segundo Fonagy & Target (*idem*), nestas situações, haverá uma tendência para externalizar esta parte falsa da representação do *Self* e uma necessidade permanente da sua confirmação. Esta necessidade de legitimação destas partes intrusivas do *Self* visa uma preservação dos aspectos mais saudáveis e verdadeiros do *Self*.

Destarte, podemos concluir que a necessidade de validação narcísica advém destes aspectos do *Self*, que são nocivos e que corroem a imagem do próprio no sentido da desvalorização e auto-depreciação, os quais estão subordinadas à confirmação externa de forma a não metastizarem os resquícios de *Self* verdadeiro que ainda existem.

Neste sentido, desenvolve-se um *Self-Ideal defensivo*, livre de afectos dolorosos e inaceitáveis, o qual possibilitará a regulação da auto-estima e a manutenção da ligação aos outros. Claro está que a manifestação patológica deste *Self-Ideal defensivo* depende da extensão da lesão do *Self* do próprio, sendo a sua revelação mais acentuada nos funcionamentos psicóticos e tendo manifestações mais ténues nos funcionamentos neuróticos.

Dentro desta linha de pensamento o que se considera é que o narcisismo enquanto patologia surge como uma consequência desta não validação afectiva, da ausência de continuidade do afecto, do facto de sentirem que alguns estados afectivos não são aceites e afectam a relação e como tal têm de funcionar de acordo com as necessidades do cuidador, de tal forma que se cria uma visão debilitada do seu *Self*, de um *Self* que não satisfaz e incomoda o outro, e um *Self* lesado na sua essência impedido de ter uma visão definida de si. De acordo com Emde (1988) quando não existe resposta afectiva a uma determinada emoção ou quando a resposta é desadequada, o bebé aprende que não é possível um diálogo em relação a essa emoção sendo infortuito manifestá-la.

Broucek (1979) referiu a inacessibilidade à experiência de *eficácia do Self*, no sentido da criança ter o sentimento de não conseguir provocar um efeito no mundo, *i.e.*; a impossibilidade de evocar no cuidador uma emoção pensável, resultante da incompetência empática materna para dar sentido ao sentimento de *Self* da criança, como um dos aspectos fundamentais no desenvolvimento da patologia narcísica. Feldman (1989, cit. por Fisher, 2005) refere-se à *mãe impenetrável*, que só permite dois caminhos ao bebé, ou realiza tentativas violentas de chegar a essa mãe, ou retira-se para uma situação desesperada que é difícil de enfrentar.

Surge, assim, a necessidade de se criarem sistemas defensivos para impedir a manifestação de certos afectos ostentando uma ilusão de auto-suficiência, em que as fantasias grandiosas e onnipotentes permitem manter a ilusão de que não necessitam de ninguém, e não necessitam de nada do que vem dos outros, sendo *o próprio a base da sua sustentação emocional* (Modell,

1986), ficando impedida a troca e a partilha de emoções pois essas estão envoltas num fantasma de fragilidade e de ameaça à relação com o objecto.

Já Green (1993) acentuara que os narcísicos seriam indivíduos magoados, com carências ao nível do seu narcisismo cujas feridas narcísicas estavam relacionadas não só com um dos pais, mas com ambos, de modo que não lhes restava nenhum objecto para amar senão a eles próprios.

Deste modo, passam a defender-se com uma identidade ilusória, lesando o verdadeiro *Self*, muitas vezes com a crença de corresponder aos desejos maternos, ficando capturados eternamente pelo que julgam ser a fantasia materna.

Duruz (1981 a) refere que na função de *ego auxiliar* da criança, a mãe deverá não somente ter uma função de apoio e reflectora, mas também *desejante*. O que se passa é que a criança vai procurando libertar-se da dependência desse desejo materno, o qual passa a fazer parte dos seus ideais, derivados de estados ideais com a mãe e do sentimento de gratificação do desejo materno. O que é certo é que tentam libertar-se do desejo do outro, mas estão identificados a esse, com grandes dificuldades em impedir que nos mais profundo de si esteja fortemente marcada a influência de um outro.

Consoante a gravidade da falha de sintonia afectiva por parte do cuidador, assim; a maior ou menor fragilidade do *Self*, o que vai determinar posteriormente a função requerida na ligação ao *outro essencial* ao longo da vida.

Emde (1988) considera que a disponibilidade emocional do cuidador da infância, revelando emoções positivas como interesse, alegria e surpresa, se constituem como reservas positivas para o desenvolvimento do *Self* da criança. A situação de indisponibilidade por parte do cuidador resultará na experiência de privação destas emoções e estará na base do desenvolvimento de desordens narcísicas. Também Fabião (2007) refere que para que exista patologia narcísica é necessário que se tenha desenvolvido um sentimento de descontinuidade do investimento por parte do objecto, que se tenha dado de forma súbita uma descontinuidade no padrão de investimento emocional da criança, existente até aí.

Deste modo, desde cedo as experiências que passam a ter um sentido são as que vão tornar possível a aprendizagem e o desenvolvimento emocional, por outro lado as que não fazem sentido, ou obrigam o *Self* a uma *acomodação plástica*, determinando a construção de uma realidade alheia, porque imposta de fora, que impregna na mente do bebé conteúdos que não lhe pertencem e como tal é deformadora; ou terão de ser expulsas, postas noutra lugar, em todo o caso impedindo o crescimento emocional. Surge, deste modo, a formação de *núcleos narcísicos da personalidade*, que invadem tanto mais a personalidade quanto mais precária for a estruturação do *Self*, originando assim o *Self* narcísico que se constitui como uma organização patológica.

Segundo Zimerman (1999), alguns analistas da escola francesa de psicanálise, consideram que estes pacientes tiveram uma *mãe-abismo* que os levou a acreditar que são apenas um complemento narcísico e sexual da mãe e que será sempre insuficiente tudo o que para ela fizerem.

Podemos pensar de acordo com Ferro (2005) que, em sintonia com o pensamento de Bion, refere que estas mães terão uma *mente impregnada de inveja (rêverie invertida)*, determinando o sentimento de um seio que suga os elementos bons projectados pela criança, ficando esta despojada, vivenciando um *terror sem nome*, culminando numa mente impregnada de aspectos monstruosos, que não foram passíveis de transformação por uma *rêverie* adequada, apenas encontraram uma função materna frágil e saturada, incapaz de tornar possível o processo de aprendizagem na mente do outro. Configura-se assim, um modelo relacional que é a antítese do crescimento mental, a mente mantém a sua condição rudimentar, não se pode desenvolver e atrapalha o comportamento.

Este objecto invejoso, conduz ao sentimento de culpa, desenvolve-se um *Supereu* que afirma a sua superioridade pela crítica e desvalorização, bloqueando todo o desenvolvimento da auto-estima. Bion (1959) refere como consequência da falha materna enquanto continente, o desenvolvimento de um superego invejoso, impeditivo do estabelecimento de qualquer relação benigna e

proveitosa com os objectos. Deste modo, inabilidade da mãe para conseguir conter os elementos projectados do bebé leva ao desenvolvimento do sentimento da falha materna enquanto ataque à ligação e comunicação com o *bom objecto* materno.

Este bom objecto materno é agora psiquicamente precário, e a criança terá de restringir a curiosidade acerca dele, pois o aumento do conhecimento será sentido como ameaça a esta relação crucial. Deste modo, fica comprometida também a relação com o pai na medida em que a raiva e hostilidade própria a esta descoberta é tida como ameaçadora da confiança no mundo dos bons objectos.

Esta configuração negativa de *continente-conteúdo* destrói o conhecimento, bloqueia o crescimento mental e conduz à formação de elementos *balfa* compactados (elemento *beta* mal transformado em *alfa*) resultantes da impossibilidade para elaborar estados *proto-emocionais* que passam a ser colocados nos outros e tratados como *funções alfa* subsidiárias (Ferro, 2005).

Joyce Mc Dougall (1983) referira que a mãe destes pacientes terá sofrido uma perda de alguém significativo, quando o filho era ainda bebé e como tal, a relação ficou comprometida. O olhar desta em vez de reflectir gozo e criatividade, era fosco, vazio, não reflectia nada, gerando nos filhos uma intensa ferida aberta, uma avidez efémera e uma dependência do outro como *re-alimentador* constante do *Self*, passando estes a viver como *manequins-vivos*.

Na mesma linha de pensamento Green (1980), definiu uma *angústia branca* caracterizada por uma perda sofrida ao nível do narcisismo com um *Ideal do Eu* exigente que determina um sentimento profundo de incapacidade, com dificuldade em alcançar o ambicionado e quando conseguido, imediatamente desvalorizado. Esta *angústia branca*, característica de uma depressão encoberta, apenas revelada na transferência, seria resultado do estabelecimento de uma relação precoce com um objecto absorto num luto e que por isso, desinvestiu nos cuidados à criança. Surge uma identificação a esta mãe

vivenciada como morta, porque pobre em afectos e vivacidade. Sem explicação para tal retirada do investimento, a criança apenas pode atribuir a causa às suas *pulsões* sobre o objecto, tentando a todo o custo animá-lo, devolvendo-lhe vida.

De acordo com o autor, o que surge posteriormente na vida destes indivíduos é uma falha ao nível do estabelecimento das relações, seja porque reactivam a defesa antiga, através da *compulsão* à repetição e desinvestem o objecto que, na penumbra do outro, ameaça decepcionar, seja porque o sentimento de não ser amado se torna numa divisa à qual o sujeito se agarra para confirmar. Deste modo, como refere Green, os objectos do sujeito ficam sempre no limite do *Eu*, nem completamente dentro, nem totalmente fora, pois o lugar do centro está ocupado por essa mãe morta. O seu amor está hipotecado à mãe morta o que determina uma indisponibilidade do sujeito para amar, nas palavras do autor: o sujeito é rico mas não pode dar da sua riqueza por que ela está hipotecada.

Uma vez que nestes casos a pessoa não se reconheceu através do objecto, não se reconhece sem ele, sente-se incompleto, não compreende porquê. Muitas vezes, não é mais que o projecto de uma mãe que não reconheceu as suas qualidades e de um pai que permitiu que permanecesse uma ligação fusional à mãe, e que não se deixou idealizar. Britton (2007) defende que, em todo o caso, foi a falha na capacidade contentora da mãe que tornou impossível a negociação edipiana, mantendo-se uma idealização do objecto materno à custa das projecções feitas no terceiro, o qual se torna o *maligno incompreendido* (Britton, 1998, p.54). Contudo, só na relação diádica não é possível o conhecimento do *Self*, até mesmo porque não existe a *terceira dimensão* para fornecer uma perspectiva (Mollon, 2006).

Também Abelin (1975) acentuara a importância da triangulação como favorecendo a descoberta, por parte da criança, do seu próprio desejo, no sentido em que há uma identificação dessa com o desejo do pai, pela mãe. Por outro lado, Chiland (1982) considera que no caso do rapaz o pai desempenha um papel importante no equilíbrio narcísico, dado que o rapaz necessita ter um

pai que admire. No caso da rapariga, o que é importante é que tenha um pai que a ame, ainda que este seja desvalorizado. Também W. Reich (*cit. por* Rothstein, 1979) referira que no caso de patologia narcísica masculina se encontrava frequentemente, situações familiares em que a mãe era o elemento parental mais forte, o pai estaria fora do quadro relacional (às vezes por falecimento).

Já Loewald (1951) havia sustentado a importância do pai no desenvolvimento do *ego*, facilitando a individuação e a diferenciação, sendo que através das restrições que este impõe, este se tornava representativo da realidade. Na mesma linha, Lacan (1957) acentuou a importância do acesso à posição edipiana que estaria associada à entrada numa ordem simbólica, em que o pai representaria o mundo externo, as regras sociais e a lei, introduzindo a separação na relação com a mãe.

Também Britton (2007) referia que a capacidade para considerar a existência de uma relação benigna e sexual entre os pais influencia a formação de um *espaço fora do Self* capaz de ser observado e pensado, o que faz desenvolver o sentimento de segurança num mundo capaz e estável, ao mesmo tempo que permite a consciência da existência de um *terceiro tipo de relação* do qual se é testemunha mas não participante. É esta *terceira posição*, que segundo o autor, possibilita a capacidade de se observar em interação com os outros, permitindo uma reflexão sobre o próprio ao mesmo tempo que se mantém o próprio. Assim, na opinião do autor, o desenvolvimento psíquico da criança requer o desenvolvimento da competência para se relacionar com cada um dos pais, mas também, para se relacionar com os pais enquanto casal sexual, *i.e.*; com os outros em relação. É esta elaboração da triangulação que leva à passagem de estados mais narcísicos para estados de relações mais maduras, possibilitando na vida adulta o estabelecimento de relações íntimas, promovendo a tolerância à própria separação e à necessidade de se relacionar com um outro separado.

No entanto, quando esta vivência da triangulação não é possível, e quando se manteve uma relação de grande proximidade à mãe, surgem receios de

perda da diferenciação do *Self*, desembocando num *dilema claustro-agarofóbico* (Mollon, 2006), oscilando entre receios de fusão e de isolamento.

O problema maior é segundo Mollon (*idem*), quando o desejo da mãe de denegrir a imagem do pai coincide com o desejo edipiano do filho, o que vai comprometer a entrada na posição triádica, formando-se uma *aliança maligna* entre o desejo onipotente da mãe de fazer tudo sem o pai, e o desejo edipiano do filho de excluir o pai e de manter uma relação exclusiva com a mãe. O que acontece é que o filho entra num beco desenvolvimental sem saída.

Daqui resulta que em face da debilitação narcísica surge uma grande dificuldade em lidar com o *terceiro* procurando a todo o custo a manutenção da *relação dual* dado que a existência do *terceiro*, introduz o sentimento de falta, de desamparo e desaparecimento do objecto materno.

Muitas vezes a relação com o pai é sentida pela criança como prenúncio da retirada do amor da mãe, quem onipotentemente afasta a criança do pai e não deixa espaço para a hipótese deste sentir a possibilidade de uma relação positiva com um homem. Seria natural que a criança, cuja mãe não se apresentou como um espelho valorativo, se voltasse para o pai, contudo, além da desvalorização da imagem paterna, a própria criança não é reconhecida como independente e possuidora de *um centro de iniciativa* (Kohut, 1977), o que impede esta passagem de posição.

Como refere Pozzi (2004), estas mães tornam-se dependentes dos filhos para a sua felicidade e sobrevivência perpetuando o reverso de uma relação de dependência do filho em relação à mãe. Mantendo-se uma relação de mútua dependência, da parte do filho, legitimamente, da mãe devido às suas carências infantis, o que as leva a investirem demasiado no filho, compensando a falta do próprio investimento paterno, num *Édipo invertido*, compensam com o filho o que faltou com o pai, como que à procura do *pénis* que falta.

Em muitos casos, são filhos de pais cujos desejos correspondem à recusa de dependência do filho, porque lhes desencadeia ansiedades intoleráveis e porque exigem que o filho seja a perfeição (onipotente), de modo a reflectir a

própria imagem de perfeição dos pais narcísicos. Pais que buscam no filho o afecto e o apreço que não sentiram na relação com os seus pais nem o conseguiram na relação de casal, e que exigem que o filho tenha o êxito que compense o sentimento interior de fracasso de que estes são detentores. Compete ao filho o preencher dos vazios dos pais, constituindo-se apenas como sombra dos pais ou dos seus objectos internos.

Manzano, Espasa & Zilkha (2008), referem a procura de uma reparação de um passado relacional vivido como desagradável, através da projecção nos filhos da sua própria imagem da infância infeliz, tornando-se nos pais que nunca tiveram, sem que tenham em conta os desejos e necessidades dos seus próprios filhos.

Neste sentido, poderá acontecer o que Fernando (1998) descreveu como estando na base de algumas desordens narcísicas e que se prendeu com uma sobrevalorização e uma exagerada gratificação narcísica na infância, em que os pais, frágeis na implementação de regras e limites criam filhos, que se fixam nesta valorização infantil ficando impossibilitados de crescer, com sérias complicações na integração do *Supereu*, na regulação da auto-estima, revelando graves dificuldades em lidar com o que facilmente sentem como injúrias em relação à sua onipotência.

Nestes casos, as fronteiras geracionais são frágeis em que os pais são sentidos como não funcionando enquanto tal. São *meninos de ouro*, com uma ligação fusional à mãe, colocados num trono real, acima da própria mãe e do pai, impedidos da resolução edipiana, incapazes de rivalizar, até pela fragilidade na identificação à figura paterna, revelando o que Rothstein (1984) descreveu como *trunfos edipianos*, mas que em nossa opinião são falsos dado que nem sequer foi possível atingir a posição edipiana.

Colocados acima de tudo, estes futuros adultos ficam incompetentes para enfrentar qualquer terreno mais árduo, desistindo à mais pequena contrariedade, a qual remete para a auto-estima fragilmente edificada, incapazes de rivalizar, só podem ser os primeiros, numa lógica de um e único.

Em todo o caso, consideramos que o que está em causa são as próprias necessidades paternas, em que se dá um deslocamento narcísico, que impede a manifestação dos desejos genuínos do filho, que apenas pretende mascarar e amainar as carências afectivas dos pais. Estes pais agem com os filhos mais como irmão, revelando incapacidades no desempenho da parentalidade, dando a ilusão ao filho de que pode ter tudo sem o mínimo esforço, criando ilusões maníacas de poder e de ser merecedor de um reinado a seus pés.

Assim, num caso ou noutro, como refere Kohut (1988), o *Self* que não obteve por partes dos pais resposta adequada, ficou incapaz para transformar a sua *grandiosidade arcaica* e o seu desejo arcaico de fusão com um *objecto do Self onnipotente*, numa auto-estima segura e sã, com ambições realistas e ideais atingíveis. Nas palavras de Modell (1986), encobertos por fantasias grandiosas que não foram modificadas através de respostas empáticas e realistas de um objecto do *Self* contentor, estes indivíduos defrontam-se com falhas sucessivas no alcance das suas irrealistas ambições.

Pozzi (2004) refere que as fantasias de onnipotência e controle fazem parte de todo o desenvolvimento normal mas, necessitam ser transformadas em formas mais reais pelas figuras parentais, e reintrojectadas pela criança de forma a que a adaptação à realidade se processe através da aceitação da existência de alguma dor psíquica. No entanto se os pais têm dificuldade em aceitar as suas diferenças e separação em relação aos filhos, acrescentando a sua dificuldade em transformar as suas fantasias grandiosas, então a frágil, insegura e narcísica personalidade cristaliza-se, e o desmentido da dor psicológica perpetua-se de forma a manter uma realidade mágica.

Já Pasche (cit. por Rui Coelho, 2004, p. 159), havia referido que, para que a criança possa elaborar o *Ideal do Eu* primitivo é preciso que «... a realidade lhe ofereça amor suficiente para que encontre compensações objectais na diminuição das suas ambições narcísicas, é preciso que ela seja amada independentemente das suas realizações, que ao amor-estima sempre condicional se acrescente o amor pelo amor, o amor incondicional....».

Quando assim não acontece, o que surge é a formação de um *Ideal do Eu* tirânico, patológico, dominador e exigente de tarefas inatingíveis. Segundo Ferro (2005), este *Ideal do Eu*, patológico, não expõe somente à frustração, mas leva à desvalorização do *Self*, à depressão narcísica e, deste modo, à crítica e ao castigo de um *Supereu* implacável.

Assim, face a esta falha narcísica o indivíduo impede-se de olhar para o seu interior e passa a mascarar a sua ferida, escondendo-se no exterior e por detrás de um *Ideal do Eu* megalómano; que face ao menor desequilíbrio se despenha num precipício de inferioridade e vergonha. Modell (1986) considera que estes pacientes apresentam um *Self grandioso* que encobre defensivamente um *Self vazio*, uma ausência de ideais firmes e de relações interpessoais duradouras e estáveis, deparando-se consecutivamente com falhas repetidas no alcance das suas grandiosas ambições, o que desencadeia o sentimento de vergonha acompanhado de depressão.

Alice Miller (1986) considera que por detrás da grandiosidade, está a depressão que se constitui como uma defesa face ao sofrimento causado pela perda do verdadeiro *Eu*. Assim, a grandiosidade surge como uma defesa do *Eu* contra a depressão. Esta defesa, por vezes, realiza-se através de uma certa ruptura das relações com o ambiente, quando este já não possibilita o conforto e o afecto que o indivíduo esperaria dele, e então, para escapar à angústia da depressão o indivíduo vai-se afastando da relação verdadeira com os outros, asila-se narcisicamente e procura esconder os seus temores com a afirmação de um exagerado valor, do qual não é possuidor.

O objectivo é tornar o *Eu* verdadeiro invisível de forma a salvar as aparências. Lewin (1971) considera que nestes pacientes, a vergonha que surge na comparação com os outros, pode conduzir a um retraimento e a uma retirada da relação. Assim, tal como referem Stolorow e Lachmann (1983) quando a auto-estima é frágil e diminuída, as actividades narcísicas entram em jogo de forma a estabilizar a auto-estima, para tornar a representação de si próprio mais positiva.

Nestes casos surge, por vezes, a necessidade de estes indivíduos se colocarem na posição do agressor. Aquele que não se sentiu reconhecido e desejado vai, agora, devido à sua raiva narcísica, fazer com que o outro se sinta da mesma forma. Ainda que de forma invertida, vai repetir com outro objecto (o qual desvaloriza), aquilo que vivenciou na infância, como refere Coimbra de Matos (2002,1982), realiza activamente o que sofreu passivamente, transforma o masoquismo em sadismo, mas deslocando-o para outro objecto.

Capítulo 2. Concepções psicanalíticas sobre o Amor, os relacionamentos amorosos e a vulnerabilidade narcísica

Neste capítulo procuramos fazer um estudo das principais ideias psicanalíticas sobre o Amor e do seu desenvolvimento, referindo-nos a alguns autores cujas conceptualizações são tidas como fundamentais bem como analisamos vários aspectos do desenvolvimento afectivo-emocional que interferem no desabrochar e no desenvolver do amor. Procuramos ainda desenvolver conceptualizações sobre a interdependência dos relacionamentos amorosos com o narcisismo apresentando uma compreensão da vulnerabilidade narcísica.

2.1 - Freud e o Amor

Nenhum tema dos trabalhos de Freud ficou tão mal explorado e com tantos mal entendidos como o do amor, o que certamente estaria relacionado com as suas próprias dificuldades amorosas.

Na obra *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* Freud revela algumas das suas ideias iniciais sobre o amor constituindo-se, de acordo com Bergmann (1987), como a primeira teoria de Freud sobre o amor.

Nesta obra, Freud refere-se à mãe como primeiro objecto de amor da infância e face a quem os desejos sexuais são dirigidos, constituindo-se como primeiro objecto sexual e o primeiro amor:

“Na época em que a mais primitiva satisfação sexual estava ainda vinculada à nutrição, a pulsão sexual tinha um objecto fora do próprio corpo, no seio materno (...) Não é sem boas razões que, para a criança, a amamentação no seio materno torna-se modelar para todos os relacionamentos amorosos. O encontro do objecto é, na verdade, um reencontro.” (E. B. p. 210).

Assim, todas as escolhas do objecto de amor adulto assentavam no modelo da infância. Deste modo, todo o encontro será um mero *reencontro*, revelando uma descoberta importante sobre a *re-edição* do amor primário o que o auxiliou na compreensão do amor transferencial. Freud deu ênfase aos aspectos da relação amorosa que estão relacionados com a repetição. Para o autor, encontrar um objeto era apenas *re-encontrá-lo*, e teria a ver com o reviver da excitação e felicidade envolvida no desejo edipiano proibido. As pessoas escolheriam o objecto de amor, inconscientemente, e essa escolha estaria relacionada com o amor pelo pai do sexo oposto, o primeiro objecto de amor heterossexual.

É ainda nesta obra que Freud, ao se referir aos homossexuais, revela a importância do papel da identificação no amor, ao considerar que os homossexuais se identificam com uma mulher e se tomam a eles próprios como objecto sexual.

Mais tarde, em 1910, em *Cinco lições de Psicanálise*, Freud refere:

“É absolutamente normal e inevitável que a criança faça dos pais o objecto de primeira escolha amorosa. Porém a libido não permanece fixa neste primeiro objecto: posteriormente apenas o tomará como modelo, passando dele para outras pessoas estranhas (...).” (E. B. p. 58).

Salientando que, ainda que seja natural ter os pais como modelos, fará parte do desenvolvimento normal uma transição para outros objectos novos e que possam acrescentar algo ao desenvolvimento. Por outro lado, ainda que a escolha remeta para o primeiro objecto de amor, a pessoa será livre para escolher dentro de uma série de traços desse objecto da infância, não tendo que escolher precisamente os que são responsáveis por uma relação menos saudável.

Como refere Bergmann (1987), quando a ligação à figura parental é muito forte, a fixação resultará numa neurose, mas quando é suficiente ela abrirá o caminho para o amor adulto.

Com os estudos sobre o narcisismo, Freud faz importantes descobertas sobre o amor. Na obra *Introdução ao Narcisismo* (1914), Freud refere-se à paixão quando a *libido* narcísica é transformada em *libido* objectal, sendo que no amor toda a *libido* está a investir o objecto e como tal o *Eu* (enquanto reservatório de *libido*) fica debilitado, apenas sendo restaurada a auto-estima com a reciprocidade do amor por parte do objecto amado, o que fará diminuir as exigências do *Ideal do Eu*, agora projectado no objecto de amor.

Portanto, Freud descobriu que não só a *libido* seria investida nos objectos, mas também o *Ideal do Eu* seria projectado nesse objecto de amor, que passa a ter as qualidades que o próprio nunca teve, possibilitando amor do *Eu Ideal* pelo próprio pelo retorno do amor correspondido.

Assim, quando o *Ideal do Eu* é projectado, a tensão entre *Eu* e *Ideal do Eu* fica diminuída, e quando o amor é correspondido é como se o *Eu* fosse amado pelo *Ideal do Eu*, conduzindo a um sentimento de elação (Bergmann, 1987).

De salientar que este *Ideal do Eu* representava o narcisismo perdido da infância, onde o *Eu* era o próprio *Ideal*, deste modo, baseado em aspectos infantis. Assim, a sobrevalorização do objecto de amor seria baseada em aspectos infantis (Bing, McLaughlin & Marburg, 1959).

No entanto, hoje consideramos que o *Ideal do Eu* do adulto é maduro e não se reporta a este narcisismo da infância, excepto em condições onde o desenvolvimento encriptou.

Ainda neste texto, Freud refere-se a duas formas distintas de amar: segundo o *modo narcísico* ou o *modo anaclítico*.

A escolha *anaclítica* do objeto implica uma escolha à imagem da mulher que alimenta ou do homem que protege, portanto à luz dos objetos da infância. Significando, assim, que quando nos apaixonamos nós encontramos uma pessoa, que de um modo ou outro nos remete para os cuidadores da infância, aqueles com quem se estabeleceu uma relação significativa e que por isso evocam o nosso primeiro amor. Esta ideia de *reencontro* parece estar relacionada com o conceito de *compulsão à repetição*, em que se tenderia a

procurar um objeto que possibilitasse uma relação idêntica aquela vivida com os pais da infância.

No modo narcísico a escolha do objecto seria feita em conformidade com o que a própria pessoa é, isto é, de uma forma especular; de acordo com o que a pessoa foi, remetendo para o passado e para a juventude; de acordo com o que a pessoa gostaria de ser, de forma que a pessoa amada representaria o *Ideal do Eu*; ou ainda de acordo com alguém que em tempos fez parte dela mesma, representando o amor em relação ao que teve de ser reprimido no próprio, sendo agora procurado no outro (Bergmann, 1987).

Mais tarde com o trabalho *Instintos e suas Vicissitudes* (1915), Freud questiona-se sobre a transformação da *pulsão* sexual em amor. Refere que o amor não pode representar uma simples manifestação do instinto, pois considera que este se tornou emoção, sendo que as emoções são dirigidas a objectos que não são facilmente substituíveis como são os objectos da *pulsão*. Conclui Freud que o amor não é um instinto, e que *libido* e amor não são sinónimos, sendo que se o amor é uma emoção ela pertence à esfera do *ego*:

“Assim, tornamo-nos conscientes de que as atitudes de amor e ódio não podem ser utilizadas para as relações entre instintos e seus objectos, mas estão reservadas para as relações entre o ego total e os objectos” (E.B, p. 142)

Pela primeira vez aparece o amor relacionado com o *Ego*, e como todo o *Ego* está envolvido, não poderá tratar-se de um instinto, sendo que o amor só é possível de se alcançar quando é atingida a fase genital do desenvolvimento libidinal.

Freud vai relacionar a *libido* com o carácter no artigo de 1931, intitulado *“Tipos libidinais”*, onde distingue três tipos psicológicos: o *erótico*, o *narcísico* e o *obsessivo*, que embora considere não serem os únicos possíveis, devendo ser distinguidos dos quadros clínicos. Assim, o *tipo erótico* será caracterizado pelo facto da sua *libido* estar voltada para o amor, receando a perda, o que os torna muito dependentes dos outros, estes quando adoecem tendem a desenvolver

histerias. O *tipo obsessivo* caracterizado pela predominância do seu *Superego*, determinando um comportamento que revela o temor da sua consciência mais do que o medo de perder o objecto de amor; estes quando adoecem tendem a desenvolver neuroses obsessivas. No que diz respeito ao *tipo narcísico*, caracterizar-se-iam pela necessidade de auto-preservação, como têm uma grande agressividade são pessoas que tendem a ser líderes e a serem admirados, preferindo amar a serem amados. Estes ao adoecerem desenvolverão psicoses e revelarão condições para a criminalidade (op. Cit., p. 226), (Bergmann, 1987).

2.2 - As ideias de Balint

É Balint em 1947 com o seu trabalho *On Genital Love* quem contesta a ligação entre o amor e o atingir da genitalidade, considerando que existem situações patológicas em que é possível o atingir do orgasmo sem que haja amor, como seja o caso das personalidades narcísicas, incapazes de amar mas aptos de orgasmo genital. Assim, embora, segundo o autor, a genitalidade possibilite a capacidade máxima de prazer sexual, esta não será sinónimo de amor genital.

Deste modo, considera que o amor genital apenas será possível quando associado à idealização, ternura e uma forma especial de identificação com o objecto de amor (Balint, 1947, Kernberg, 1995 b), sendo então o amor genital resultado da fusão de dois elementos, a satisfação genital e a ternura pré-genital.

Balint acrescenta que o amor não é uma emoção natural, terá de ser construída e desenvolvida, em sua opinião existem muitos adultos que funcionam segundo um nível de *amor primário* em que necessitam ser amados sem ter que haver uma troca, numa postura mais captativa e de amor passivo. Trata-se de uma forma de amor primitiva, revelando uma fraqueza do *Ego* para suportar a frustração, uma dificuldade na avaliação da realidade, impeditiva de

uma avaliação realista da pessoa amada, determinando uma rápida alternância entre a visão do objecto como bom e mau; uma preponderância de exigências muito precoces e imaturas que implicam retiradas ao não serem satisfeitas; uma dependência absoluta face ao objecto amado, implicando a necessidade de satisfação imediata das exigências (Balint, 1947).

De salientar que o autor introduz um aspecto importante ao considerar que estas incapacidades de amor se ficariam a dever a falhas do objecto da infância, incapaz de prover as necessidades de amor do próprio, ficando limitado o desenvolvimento do amor genital e determinando um recurso ao amor a si mesmo como forma compensatória. Revelando deste modo que o narcisismo seria uma forma de compensar as falhas de amor da infância, posterior ao *amor primário* e contrariando a existência de um *narcisismo primário*, defendido por Freud.

Esta diferenciação que Balint fez sobre o *amor primário* e o *amor genital* introduziu na psicanálise uma nova forma de olhar para o amor. O amor não pode mais ser analisado distintamente do resto da personalidade, pessoas imaturas amam de forma imatura enquanto pessoas maduras revelarão maturidade no seu modo de amar (Bergmann, 1987).

No entanto, Balint (1937) refere-se ao facto de existirem em todas as relações posteriores, vestígios desta relação de amor primário, exaltando a relevância da relação precoce no desenvolvimento do psiquismo e a sua importância nas relações posteriores.

2.3 - Os kleinianos e o Amor

Numa linha de pensamento distinta, Klein (1975) considerou que o amor resultava da *gratidão* que o bebé sentia face ao *bom seio* e posteriormente, à *boa mãe*. Seria este sentimento que precedia a base para a apreciação de tudo o que era de bom no próprio e nos outros (Bergmann, 1987).

Será a experiência com o *bom seio* e com a *boa mãe* que fará surgir o sentimento de *gratidão* que posteriormente se desenvolve e progressivamente se transforma em amor, sendo este sentimento básico para a relação de reciprocidade com os outros. Para a autora, a idealização seria uma forma de lidar com as angústias de perseguição relativamente ao *seio mau*.

Segundo a autora, a constância objectal aumentaria a capacidade para sentir culpa (pelas agressões do próprio) e, conseqüentemente, permite o reforço do sentimento de *gratidão* (Klein, 1957). Mas, a culpa também aumenta a idealização, quanto maior a culpa inconsciente, maior será a tendência à idealização, em estreita relação com a severidade do *Supereu*. A culpa excessiva conduzirá a uma idealização primitiva e a uma postura de submissão face ao objecto desencadeando condutas masoquistas e de auto-desvalorização.

De acordo com Kernberg (1995), a competência do casal para se idealizarem mutuamente está directamente relacionada com a capacidade para sentir gratidão pelo amor recebido e com o desejo de poder retribuir.

Seguindo as ideias de Klein sobre as posições, Wilkinson & Gabbard (1995) referem-se à existência de um *espaço romântico* que se situa entre o amante e o amado. Trata-se de uma experiência intrapsíquica e interpessoal que implica a existência de modos de relacionamento *depressivos* e *paranóides-esquizóides* relacionados com cada um dos parceiros. O *modo esquizóide-paranóide* implicando a idealização e receptividade à relação e envolvendo a coerção do amado, através da identificação projetiva, sendo possível aos amantes fantasiarem que parte de si próprios foi depositada no amante.

O *modo depressivo* gera a capacidade para se preocupar e a liberdade para pensar por si próprio. Assim, será no inter-jogo entre estes dois modos de experiência que se torna possível que o amante e o amado ofereçam um ao outro uma relação que é familiar ao mesmo tempo que abruptamente nova e transformadora. Constitui-se, deste modo, uma nova oportunidade de resolução de conflitos internos, possibilitando o desenvolvimento emocional e o

crescimento. A patologização do *espaço romântico* ocorre quando se dá a adopção rígida e inflexível de um dos modos de funcionamento.

Estes movimentos entre a *posição depressiva* e a *esquizo-paranóide* podem ser considerados idênticos aos movimentos entre as relações mais maduras e as narcísicas. Na opinião de Ruszczynski (2004), podemos diferenciar entre uma retirada defensiva temporária, que poderá consistir num movimento constante entre as *posições depressiva e esquizo-paranóide*, de outra organização psíquica narcísica rigidamente fixada. Neste último caso forma-se uma estrutura que encerra o casal em relações de objecto patológicas, que representam o medo de ser assolado por ansiedades associadas às emoções que surgem numa relação de intimidade. Criam-se *relações defensivas* (Colman, 2005), que não possibilitam a expansão e o desenvolvimento, enquistando todo o crescimento mental, em que todo o movimento do outro independente é vivenciado como ameaça.

Deste modo, os seguidores de Klein consideram a importância da integração dos bons e maus objetos para a manutenção do amor, e o papel importante da identificação projectiva.

De salientar que já, em 1928, Rado havia sido o primeiro a sustentar que o bebé tinha dificuldade em aceitar que a mãe boa que alimenta e dá prazer, é também a mãe que impõem limites, sendo que aqueles que permanecem fixados neste funcionamento podem apaixonar-se pelo objecto bom, desiludindo-se quando a imagem de mãe má é evocada (Bergmann, 1995).

2.4 - A Psicologia do Self e o Amor

Kohut (1980), considerou a importância dos *selfobjectos* ao longo da vida, tendo a sua importância fundamental na infância de forma a possibilitar o desenvolvimento de um narcisismo saudável.

Para o autor, quando os *objectos do self* da infância estiveram ausentes, foram frustrantes ou evitantes, poderá resultar no desenvolvimento do que designou "*personalidades de contacto fugidio*" (Kohut & Wolf, 1978, citado por

Banai, Mikulincer & Shaver, 2005), que se defendem das experiências com *objectos do self* e negam a necessidade dessas relações.

Deste modo, o autor considera que o amor é uma relação com um *objecto do Self* que facilite o desenvolvimento do *Self*, que seja transformacional. Em sua opinião o amor fortalece o *Self* e conseqüentemente, um *Self* fortalecido pode tornar possível uma experiência de amor mais intensa.

Kohut (1984) considera que a procura de um amor ideal terá que ver com um *objecto* que possibilite a compensação das falhas na relação com os *objectos* da infância e que permita o desenvolvimento de estruturas psíquicas que ficaram com desenvolvimento suspenso. No entanto este aspecto poderá conduzir a relações insatisfatórias e de cariz patológica.

Assim, caso a criança sofra graves traumas narcísicos, implicando a não satisfação desta necessidade de exibição e confirmação, o *Self grandioso* fica retido na sua forma arcaica, inalterado, não se desenvolve, torna-se inacessível a experiências exteriores modificadoras, fica vulnerável e irá procurar restaurar a todo o custo a satisfação dessas necessidades mais infantis.

Esta ferida aberta conduz ao caminho da compensação narcísica, seja pela sobrevalorização do próprio que se coloca numa posição defensiva de exaltação da grandiosidade de quem não necessita de ninguém (narcisismo agressivo), numa ofensiva constante ao narcisismo do outro; seja pela ligação a um *objecto* deificado que possibilite ao próprio uma auto-imagem enaltecida (narcisismo libidinal).

Kohut postulou que quando há um defeito na estrutura psíquica responsável pela coesão e visão colorida do *Self* – narcisismo – podem surgir duas vias para manter a auto-representação mais coesa e positiva: através da ligação a um *objecto especular* que reflecta a imagem de *Self grandioso arcaico* ou, através da ligação a um *objecto idealizado*, onnipotente, que participa na construção dessa imagem grandiosa.

Assim, em alguns casos, a exaltação do *Self grandioso* que resulta da megalomania infantil possibilita a ilusão de que o próprio não carece de ninguém, uma falsa independência que surge como consequência da

desesperança e do sentimento de que nada se pode esperar do objecto. Isto porque o objecto primeiro decepcionou, não possibilitou o desenvolvimento da confiança de que as necessidades afectivas do próprio serão satisfeitas, não se constituiu como objecto contentor e valorizante. Deste modo, os objectos externos não são os reais, resultam de projecções maciças de objectos internos não satisfatórios, incapazes de satisfazer o próprio, frios e desafectados e, como tal, desprezíveis e face aos quais surge a indiferença e a desconsideração.

Todavia, sabemos que esta indiferença e desprezo escondem uma intensa necessidade de dependência, afecto e aceitação por parte de um outro. No fundo, procuram com avidez quem queira dar uma re-significação ao seu *Eu* – buscam uma nova relação restauradora.

Quando a relação com os *objectos do Self* primários é deficitária e geradora de traumas é possível, devido à plasticidade saudável do *Self*, a procura de objectos que sejam compensadores, no sentido da reparação das falhas originadas. A patologia representará uma incapacidade de libertação desses maus objectos e a procura de estilos relacionais que são repetitivos e não transformadores. Nestes casos, o indivíduo não pode reagir de uma maneira interna, pelo que a sua auto-estima e o seu sentimento de integridade vão depender de objectos externos, não se auto-avalia de forma positiva e fica subordinado à avaliação exterior, ficando na dependência da imagem reflectida por esses para a sua apreciação.

Os pais narcísicos, incapazes de se colocarem em causa, impunes, desvalorizam o filho para que este fique travado na sua tentativa de liberdade. Estabelece-se assim uma modalidade relacional de mútua dependência, a criança diminuída na sua imagem sente que necessita do objecto magnífico para a sua sobrevivência, para que lhe confira valor pela sua dedicação, mantém-se na dependência do *objecto do self* para julgar e validar a sua experiência de vida. O objecto, por sua vez, não pode viver sem o nutriente narcísico: o filho que presta vassalagem!

São vinculações narcísicas que se estabelecem precocemente e que condicionam a escolha de futuros objectos de relação, impedindo a vivência do

amor mais objectal. Deste modo, encontramos na vida adulta estilos relacionais que correspondem a uma repetição destes esquemas interiorizados na relação com o objecto precoce, num perpetuar da ligação ao objecto materno como *objecto do self idealizado*, procuram-se relações com objectos também eles idolatrados que conferem sentimento de valor ao próprio. A separação em relação ao objecto idealizado não se deu e ainda que escolham outros objectos, estabelecem com eles ligações que espelham essa relação primária.

Deste modo, de acordo com as ideias de Kohut, o narcisismo próprio, o sentimento de mais valia advém da participação na ligação ao objecto perfeito, como fonte de sustentação narcísica e como substituto da estrutura psíquica responsável pelo narcisismo. A desvalorização do próprio é ocultada pela ligação a um objecto dotado dos valores almejados. Trata-se de uma *alternativa cosmética*, algo que permite ir disfarçando o sentimento de imperfeição, mas que não elimina a consciência da frouxidão do *Self*.

Reich (1953) já havia referido que algumas mulheres, para restaurar a sua auto-estima danificada, estabeleciam uma ligação a um ideal fálico engrandecido, que permitia uma compensação para o sentimento de insuficiência e inferioridade.

Muitas vezes colocam-se face a estes objectos de uma forma masoquista, subserviente, apenas para lhe ser atribuída a admiração. Nestes casos é a ligação ao objecto que confere um sentido positivo ao *Self*, um sentimento de existência válida. Existe um investimento no outro, ainda que seja de cariz narcísico. Poderemos falar de relação objectal, mas de cariz infantil, pois não se trata de uma relação de troca, é uma relação de dependência para receber a gratificação narcísica. Nestes casos, a sexualidade é *pré-genital*, muitas vezes agida e com o objectivo de receber elogios.

A ligação ao outro idealizado é um meio do próprio se poder validar, constituindo-se o outro como um complemento, algo que falta ao próprio e lhe confere o sentimento de maior valor. Nesta ligação é conseguida uma segurança contra o sentimento de humilhação que o próprio teme, espécie de escudo protector contra o seu sentimento de inferioridade. A ligação a objectos

poderosos permite iludir o próprio e os outros sobre as suas fragilidades, conferindo uma auréola de superioridade e simbolicamente de poder sexual, mas esta imagem de grandeza é enganadora e apenas encobre o sentimento real de inadequação. Crêem que a posse de objectos poderosos lhes torna possível esconder a dor que sentem e minimizar o seu fundo depressivo, passando a viver uma vida assente numa festa de lágrimas.

Nestes casos, a ligação ao outro não serve tanto uma função de possibilitar uma coesão do *Self*, mas sim uma vivacidade, uma alegria que falta ao próprio pela visão denegrida que tem de si.

De outro modo, quando os mecanismos que predominam são os projectivos e a clivagem, as partes más do objecto são colocadas num outro, a imagem idealizada do próprio é conseguida através de um refúgio narcísico, forma de se colocarem num pedestal donde julgam ser admirados pelo seu poder e pela ideia que transmitem de não necessitarem de ninguém, embora sejam profundos adictos de admiração. No entanto, como o que procuram é a admiração a carência perdura, a falta de amor genuíno continua a corroer o seu mundo interno. O bloqueio afectivo vai ganhando terreno, o amor fica cada vez mais longe, a proximidade relacional acaba por ser evitada pois desencadeia angústias graves ao *Self* pouco coeso que ameaça desmoronar-se.

Assim, há cada vez mais uma fuga ao confronto com o interno e com os afectos, procura-se o adormecimento do sentir e do luto, muitas vezes com recurso a medicação que promova o entorpecimento emocional. O pensamento reflexivo não se desenvolve, fica-se pelo instrumental e o concreto.

As injúrias narcísicas que são infligidas precocemente, num estágio em que o corpo e a mente não estão conectados psicologicamente, conduzem a uma patologia mais severa pois interferem negativamente na possibilidade de desenvolvimento de um *Self* coeso e deste modo os *selfobjectos* são mantidos, mentalmente, nas suas formas mais arcaicas (Ornstein, 1974).

Desta forma, quando as falhas maternas foram mais devastadoras para o desenvolvimento do *Eu*, porque o objecto incompetente, demasiado desatento e sem afecto, criou um vínculo precário, que impossibilitou a separação eu/outro,

gerador de um *Self* fragmentado que receia diluir-se na relação, promovendo estados confusionais, em que a organização psicótica da mente domina e a exaltação do *Self grandioso* é conseguida através do delírio de grandeza e da megalomania, que possibilitam o sentimento de uma existência superiormente interessante. Uma auto-imagem mais valorizada é alcançada através de formas mais doentias, afastadas da relação, desenvolvendo-se uma arrogância psicótica (que substitui o orgulho próprio) donde sobressai uma inveja destrutiva. Nestes casos há uma destruição dos aspectos do outro que desencadeiam inveja, num ataque constante ao narcisismo alheio, por projecção das partes indesejadas do próprio *Self* no outro. O *Self* pouco coeso está fragmentado numa imagem grandiosa arcaica e numa outra desvalida e frágil, esta última negada e projectada sobre o outro. Poderíamos dizer que se forma um *Self* narcísico (que encobre o *Self* desnarcisado), de tal modo forte, atacante e arrogante face ao outro, que tenta proteger a imagem grandiosa afastando-se do contacto com a realidade, a qual é tida como *anti-narcísica* dado que confronta o próprio com a necessidade do outro e com as fragilidades que desencadeiam uma vergonha arrebatadora. A realidade interna e externa é odiada, a *parte psicótica da personalidade* em aliança com este *Self* narcísico destroem as funções que constituem resposta evolutiva ao princípio da realidade.

Kohut havia sugerido que quando os desvios parentais eram muito significativos implicando falhas graves enquanto *objectos do Self*, eles eram vivenciados como *atacantes não empáticos da integridade do Eu* (1988 (b), p.91).

Nestas situações a separação em relação ao objecto não ocorreu, a angústia de separação é mais grave, pois o objecto faltou enquanto bom objecto, não foi um objecto que falhou como acontece nas estruturas depressivas em que houve afecto, ainda que empobrecido e aquém da medida do desejo do próprio. A constância do bom objecto não se forma, porque o objecto não foi constante na dádiva de amor, a relação estabeleceu-se com um objecto mau, desenvolvendo-se um vínculo incompleto, que impede a formação

de uma pele mental, formando-se um *Self* cheio de lacunas que o torna permeável.

Nestes casos, a ligação ao novo objecto é temida e a raiva narcísica tem aqui uma função marcada, na defesa do próprio pelo ataque ao outro, promovendo a separação.

Segundo Kohut, quando o indivíduo se sente narcisicamente vulnerável ele reage às críticas (reais ou antecipadas), com a retirada, asilando-se narcisicamente constituindo uma fortaleza narcísica que o impede do sentimento de vergonha, ou com o ataque, pela arrogância ou humilhação do outro. Nesta linha refere: *“O desejo de transformar a experiência passiva em activa (Freud, 1920), o mecanismo de identificação com o agressor (A. Freud, 1936), as tendências sádicas conservadas por aqueles que, em criança, foram sadicamente tratados pelos pais – todos estes factores ajudam a explicar a prontidão do indivíduo inclinado à vergonha a reagir a uma situação que potencialmente provoque pelo uso de um remédio simples: infligir activamente aos outros aqueles danos narcísicos que mais tem medo de sofrer, ele próprio.” (1988 a, pp. 138).*

Quando estes pacientes são atingidos na sua ferida, surge uma raiva cega face às experiências de frustração que o fazem sentir impotente e que despoletam memórias de experiências de humilhação precoces, as quais desencadeiam uma explosão vulcânica de raiva dominadora. A raiva narcísica manifesta-se muitas vezes pelo ataque constante ao narcisismo do outro que, para além da função de enaltecimento do próprio, impede a manifestação da necessidade desse objecto o qual afinal é idealizado, o que conduz à inveja e à frustração.

Daqui se deduz que o frágil *Self* que não teve oportunidade de se enriquecer narcisicamente e de se desenvolver na relação com o objecto principal, pois foi prematuramente esvaziado, tornando-se débil e pouco coeso, tem de se sustentar à custa da construção de fantasias grandiosas, que correspondem à exaltação do *Self arcaico grandioso*. A modalidade de investimento narcísico que facilita esta exaltação varia consoante a organização

de personalidade é mais psicótica ou mais neurótica, contudo, a finalidade é a mesma: possibilitar uma visão mais colorida e coesa do *Self*, o que não foi possível com o objecto da infância. Deste modo, poderá ir num *continuum* desde a procura de uma ligação com um objecto idealizado à sombra do qual se enaltecem, até a uma posição de: “o objecto sou eu” (Coderch, 2006), numa filosofia de basta-se a si próprio, porque considera que nada de bom pode esperar do objecto.

2.5 - Desenvolvimentos psicanalíticos sobre o Amor

A procura de um objecto de amor parece ser uma característica da condição humana, sendo a relação amorosa uma das que mais poderá contribuir para o desenvolvimento do indivíduo, uma vez que o amor fortalece o *Self* e este, uma vez fortalecido, é mais capaz de estabelecer relações verdadeiras e com profundidade. Embora uma má experiência a este nível possa ter consequências avassaladoras para o *Self*.

É importante que ao longo da vida se incremente a competência interna para conduzir o desenvolvimento, o indivíduo deverá ser capaz de procurar outros significativos que contribuam para a transformação e crescimento do seu *Self*.

Já Ferenczi, no seu artigo de 1929, assinalara a importância do amor referindo-se às crianças que não tinham sentido amor e que por isso não desejavam viver, deste modo, numa condição de desistência, desenvolviam uma série de doenças que as conduziam à morte. Desta maneira, Ferenczi salientava a dependência da criança face ao amor que recebia dos objetos, não sendo protegida pelo seu narcisismo (como se considerava na época) e demonstrando que iam desenvolvendo lentamente as relações de objeto.

Estas constatações foram depois confirmadas por Spitz em 1945, em que estudou crianças em orfanatos, que não tinham oportunidade de desenvolver uma relação especial com um cuidador, chegando a morrer por desistência, desenvolvendo o que designara por *hospitalismo*. Embora Spitz não tenha tecido

grandes considerações sobre as suas observações, elas vêm confirmar as idéias de Balint, que em 1935 referira que o bebé não nasce num estado de *narcisismo primário*, mas sim de *amor primário*, isto é, num estado captativo, em que deverá receber amor sem ter de dar nada em troca, sendo que a *libido* é desde o início dirigida para os objectos.

Parece que ao longo da vida nunca perdemos a necessidade de um objeto de amor. O amor é uma emoção que coexiste com uma série de outras também intensas, mas parece ser de mais difícil caracterização. Sabemos porque sentimos inveja ou ciúmes ou porque odiamos, mas temos alguma dificuldade em explicar porque amamos. No entanto, o amor deverá ser um elemento transformador do mundo interno.

Durante o desenvolvimento da infância forma-se um mundo interno inconsciente criado à custa das experiências com outros significativos e do modo como estes estão aptos a satisfazer os desejos e necessidades da criança. No entanto, uma vez que as competências emocionais e intelectuais do bebé estão pouco desenvolvidas, ele tenderá a apreender a realidade e a vivenciá-la de forma extrema, sendo que as boas experiências serão idealizadas e as más serão vividas como terríficas e persecutórias.

Assim, o modo como cada um se posiciona face ao seu meio está relacionado com estas experiências precoces, as quais são reativadas também nas relações amorosas (Ruszczynski, 2005).

Também Kohon, (1986 *cit.* Ruszczynski, 2005) refere que não é apenas a relação real com os outros que é determinante da vida subjectiva de cada um, mas o modo específico em que cada indivíduo interpreta e apreende a sua relação com os seus objectos quer internos quer externos, implicando sempre uma relação inconsciente com os seus objectos.

De facto, a predisposição psicológica para amar está relacionada com a intimidade vivida na relação diádica, originária no estado de dependência da criança, com a idealização dos pais, culminando no complexo de Édipo (Person, 1991, 2007).

Ruszczynski (2004) tendo em conta a ideia de Klein (1952, p. 48) ao referir que *de uma maneira ou de outra, a transferência opera ao longo da vida e influencia todas as relações humanas*, passa a considerar o amor como uma forma de relação de transferência, em que as relações objectais internalizadas configuram a natureza da relação de casal.

Já Loewald (*cit.* por Rosbrow-Reich, 1988) se referira à constante interpenetração entre a realidade presente e passada e a experiência consciente e inconsciente, considerando que a ligação vivida na relação mãe-bebé se mantém ao longo da vida como protótipo da intimidade. Soufre & Waters (1977) referem que é a experiência precoce de relação que se mantém ao longo do desenvolvimento, a internalização dessa experiência determina que as novas relações sejam procuradas tendo como referência as mais antigas. Na mesma linha, Allingham (*cit.* Ruzckzinky 2005), refere que à medida que nos vamos desenvolvendo, nunca esquecemos os modos de funcionamento que aprendemos precocemente, enquanto crianças, pelo que, mesmo os indivíduos maduros possuem, inconscientemente, modos de funcionamento e de relação com o outro que se reportam à infância.

Bergmann (1995) refere que o *Eu* deverá desempenhar uma *função integradora*, no sentido de possibilitar a reunião das experiências interiorizadas de relação de amor precoce com os vários elementos da família, sendo que quanto mais integradora for, maior a possibilidade de um amor enriquecedor.

Consideramos, no entanto, que o que se procura não é um amor igual ao vivido com os pais, mas sim um novo amor, que seja promotor de mudanças e que responda a exigências atuais do amor adulto. Contudo, muitas vezes o que é procurado, inconscientemente, não é um objecto sexual, com o qual se partilha uma sexualidade madura e revigorante, mas sim um objecto parental, na medida em que são sentidas falhas que impedem o crescimento e o atingir da sexualidade madura. Destarte, são relações amorosas que se formam sob o desígnio da parentalidade e não da sexualidade.

Nesta linha de pensamento Cleavelly (2005) refere que muitos dos casais se unem para fugir dos pais e de experiências passadas, descobrindo, contudo,

que escolheram parceiros com os quais repetem essas vivências de experiências relacionais precoces, sendo a qualidade dominante da sua interação marital baseada na dinâmica relacional pais-filhos, outrora vivida.

A sexualidade madura implica que se possa escolher como companheiro um objecto distinto dos objectos parentais com o qual se possa estabelecer uma relação de complementaridade.

Person (2007) refere que, em certa medida, o amor implica um *re-encontro*, mas é também a criação de uma nova descoberta, que implica que mais do que restaurar promove uma mudança no *Self*. Assim poderá implicar regressão, mas também progressão, no sentido em que vai possibilitando a maturação do *Self*, constituindo-se como uma experiência mutativa, um acto psicológico profundo e complexo, cujo poder é interno e ao constituir-se como agente de mudança, conduz os amantes no sentido da criação de envolvimentos diferentes dos antigos.

Na mesma linha, Garza-Guerrero (2000) refere-se à ideia de uma *co-construção* de experiências libidinais e agressivas, no sentido de uma nova realidade construída em conjunto e não apenas uma mera redescoberta. Deste modo, as relações maduras partem do passado e de necessidades internas, mas transcendem a *compulsão* a repetir, muitas vezes requerem a renúncia a muitos aspectos do passado (Garza-Guerrero, 2000).

É certo que já Freud demonstrara entender a existência de uma continuidade na vida emocional que vai da infância à vida adulta, mas que é suposto que esta vá sofrendo modificações benignas ao longo do processo de desenvolvimento.

Memórias e representações psíquicas das relações primárias, especialmente as de influência contínua, vão sendo modificadas e regravadas ao longo do desenvolvimento, pela junção de novas experiências perceptivas e afectivas associadas com as do passado. São estas influências do passado genético e histórico que vão explicar como é que os indivíduos mantêm a sua integridade ao mesmo tempo que mudam.

Handelsman (1965) considera que as vivências da fase simbiótica do desenvolvimento descrita por Mahler teriam implicações na vida sexual do adulto, as quais se manifestariam por uma procura constante do objecto substituto, por impossibilidade de formação de uma representação interna do objecto precoce, baseando as escolhas num processo primário, em que as características do objecto não interessam verdadeiramente, uma vez que a fragilidade das fronteiras do *Self* não possibilita a discriminação entre *Self* e objecto. Esta indistinção poderia ser responsável por uma retirada completa da relação a uma frigidez e impotência, devido ao receio de engolfamento.

De acordo com Ross (1991), o que se procura no amor maduro não é a fusão simbiótica (descrita por Mahler) com o objecto materno ou o reviver da relação com o objecto edipiano, mas sim a vivência de uma união entre duas pessoas definidas e sexualmente diferenciadas, que seja de complementação do *Self*, inevitavelmente incompleto, e que possibilite o seu desenvolvimento.

Contudo, Bergmann (1975, 1988) considera que quando as experiências relacionais com os pais foram muito traumáticas, haverá tendência para repeti-las na relação amorosa. Quanto mais patológicas foram as relações da infância, maior a tendência para procurar relações também elas patológicas, muitas vezes na procura de uma reparação, de se obter o que não se encontrou na relação com esses objetos e que originou uma falha.

Bergmann (1982) refere:

“Na vida real muitos pacientes traumatizados apaixonam-se, não pela pessoa que os faz lembrar a si próprios ou aos seus pais, mas pela pessoa face à qual têm a esperança que poderá curar a ferida que os pais infligiram. Apaixonar-se pelo salvador, ou pela pessoa que salvaram é um tema frequente no amor românico. É também uma fonte de amor transferencial.” (p.107)

O autor cita como primeiro inimigo do amor, a impossibilidade de resolver adequadamente o vínculo precoce a uma ou às duas figuras parentais (Bergmann, 1995).

Do mesmo modo, Cleavelly (2005) sustenta que quanto mais imperfeitas foram sentidas as experiências precoces, mais esperanças idealizadas são aplicadas nas relações amorosas, sustentando-se a relação na base do tudo ou nada, em que subjaz um ódio partilhado face a relações banais e *suficientemente boas*.

Emde (1988) considera que as pessoas têm a oportunidade de construir e reconstruir novas relações. O que se passa é que em circunstâncias de má adaptação, as novas relações são caracterizadas pela rigidez, por uma falta de abertura a novas possibilidades. De acordo com o autor, as repetições estarão relacionadas com uma falha na disponibilidade do cuidador da infância, de modo que se formou um *Self* baseado na incerteza e na precaução, que formulará as suas relações posteriores apenas por duas vias: ou mediadas pela retracção ou, muitas vezes, repetindo as más experiências.

Talvez possamos relacionar estes modos de funcionamento na relação amorosa tendo por base a patologia edipiana e pré-edipiana. Deste modo, consideramos que a patologia edipiana, tal como refere Kernberg (1989, 1995), traduz-se, muitas vezes, por funcionamentos mais masoquistas em que no caso das mulheres, estas se mostram incapazes de usufruir de uma relação com um homem satisfatório, irresistivelmente atraídas por homens que não as compensam. Como refere Kernberg (1995), o que caracteriza as paixões masoquistas é a escolha inconsciente de um objecto que é incapaz de corresponder a um amor. No caso dos homens, estes conflitos parecem revelar-se através da insegurança e desvalorização face às mulheres, ou através de condutas agressivas que mascarem a insegurança. Nestas situações a idealização é muitas vezes excessiva e acarreta grandes desilusões em face do real, o que se tem passa a ficar sempre aquém do ideal desejado. O objecto não é real, mas fruto de intensa fantasia, o que facilmente conduz à decepção.

No que diz respeito à patologia pré-ediipiana, esta tem a ver com aspectos mais precoces da dependência e de confiança básica, manifestando-se muitas vezes nas relações amorosas pela retracção e por funcionamentos mais narcísicos.

Em todo o caso, como se sabe, o intenso desejo evocado pela paixão evoca sempre fantasias, percepções, vivências internalizadas das experiências mais precoces. A intensidade da relação amorosa possibilita uma interacção entre duas pessoas a um nível de tal modo profundo que torna possível o contacto, ainda que inconsciente, com experiências relacionais da infância, quer tenham elas sido boas quer más.

Como refere Fisher (2005), nas relações íntimas, existe a pressão dos desejos infantis, medos e ansiedades face à perda de fronteiras entre o *Self* e o outro. Consideramos que estes receios serão tanto mais desorganizadores quanto mais frágeis forem as fronteiras do *Self*.

A natureza da paixão ao desencadear dependência face ao objecto vai sempre evocar a história de dependência face aos outros essenciais (Mitchell, 2002). Acrescendo, como refere o autor, que todos temos certa tendência para reproduzir as misérias com alguma consistência, e talvez a menosprezar o positivo e a acentuar o doloroso e o que é mais difícil de gerir internamente.

Defendemos que, quanto maiores as privações sentidas na infância, maior dificuldade haverá em abdicar de uma esperança onnipotente de que a relação amorosa perfeita possa compensar todas as falhas originárias nessa fase. Assim sendo, muitas vezes, para que seja possível um comprometimento numa relação profunda é necessário que sejam resolvidos os conflitos da infância, mas, como refere Colman (2005), a relação de casal implica que seja possível uma contenção dos aspectos de cada um não modificados - mas eventualmente modificáveis - e os não modificáveis, assim como as insatisfações e os desapontamentos que deverão não só ser contidos como desejavelmente satisfeitos e elaborados (*retoma do desenvolvimento suspenso e nova relação sanígena e desenvolvutiva* (Coimbra de Matos, 2002).

Esta contenção está dependente da conjugação de cada um dos elementos da relação e da respectiva capacidade interna para a relação de casal, ou seja, uma competência para tolerar, conjugar e unir os opostos e as diferenças.

O conflito é inevitável e será útil - se elaborado - para o desenvolvimento, todavia está dependente da capacidade do casal para conseguir regular os conflitos em relação ao seu mundo interno individual e partilhado, na medida em que a relação deverá funcionar como um contentor onde os conflitos internos podem ser externalizados e tornados acessíveis no processo interactivo do casal. Toda e qualquer relação para ser suficientemente boa terá de ser recíproca, mas comporta ajustes, desajustes e reajustes. Mas, isto não é propriamente conflito, mas *regulação*; as relações têm vida e estão a ser permanentemente reguladas – ou então adoecem e ficam cronicamente doentes, moribundas ou morrem, sendo que como refere Coimbra de Matos (2009): “O amor só dura enquanto produz mais amor”.

E. Balint (2005) sustenta que, na interacção, cada um tem o potencial para confirmar os principais medos do outro, ambos revisitam as experiências subjectivas passadas. Se for possível a modificação dos medos e das percepções à luz da realidade actual, se for possível uma modificação de forma a deixarem de ser agidos, torna-se provável a transformação do mundo interno individual e do mundo externo partilhado.

Cleavelly (2005) considera que a relação amorosa constitui-se como uma oportunidade para a resolução de conflitos relacionados com as relações da infância, na medida em que muitas vezes cada um dos elementos pode, em certas circunstâncias, funcionar como pai e filho um do outro, não ameaçando o seu *Self* adulto e sexual. Consideramos, que funcionarão um para o outro como um contentor de aspectos impossíveis de gestão interna. É deste modo possível um contacto com o que falhou, abrindo-se a possibilidade de encontrar uma melhor forma de manejar o presente, de tal modo que seja viável o crescimento, para que este não encripte ou estanque. Contudo, algumas experiências do passado são de tal modo torturantes que cada nova relação amorosa fica sob

pressão de ter de transformar esse triste passado em algo favorável, com a esperança de que o que não foi *suficientemente bom* se transforme no *ideal*.

A questão fundamental, neste campo, é se a relação amorosa institucionaliza a estrutura psíquica patológica ou, se por outro lado, a parte mais saudável permite uma libertação tal que favorece uma elaboração psíquica que não é passível de ser realizada por um indivíduo sozinho, estando-se assim, perante uma relação da ordem do desenvolvimento psíquico sanígeno. Mas o que se passa, em muitos casos, é que a relação de casal se atrofia de tal modo psicologicamente, que se forma um padrão de interação rígido que petrifica a relação, não sendo possível o estabelecimento de padrões relacionais mais maduros e desenvolvimentais.

Muitas vezes, nas relações amorosas, cada nova relação parece ser um antídoto face à anterior, o problema é que na maioria das vezes não é mais do que uma repetição das ligações anteriores. É a repetição da relação que muitas vezes traz consigo a ilusão da reparação e da possibilidade de se receber o que não foi possível, como se nesta “*pseudo-nova*” relação se reencenasse o que se passou anteriormente e se pudesse modificar o curso da mesma, numa fantasia de resolução dos conflitos originados, no passado, na relação com o objeto conflitual da infância.

Não obstante o que foi referido, o que encontramos na prática clínica é a procura do que faltou, num reencontro permanente com a falta, numa repetição insistente que não consegue colmatar o que foi deixado por preencher, mantendo-se um ciclo de insatisfação repetitiva, muitas vezes com contornos *sádico-masoquistas*, em que não é possível viver com aquele objecto, nem sem ele. Destarte, escolhem-se repetidamente objectos tão incapazes como o foi o objecto conflitual da infância. Ao mesmo tempo a relação com um objeto semelhante protege o objeto da infância que passa a ser visto não como tão faltoso ou agressivo, ficando assim na senda da desculpabilização e encenando-se uma falsa reparação.

Para Bergmann (1980, 1987), a situação apenas será alterada se o *Ego* intervier de forma a impedir que a escolha siga no sentido da repetição. Mas,

segundo este autor, muitas vezes o que acontece é uma *contra-seleção*: escolhe-se um objeto contrário à imagem daquele com o qual se teve uma relação negativa ou mais conflituosa. Contudo, esta escolha poderá ter um efeito duplo, uma vez que neste caso, muitas vezes apenas se atende às características do novo objeto que o distinguem do anterior, sem atender à totalidade da sua personalidade. Em nossa opinião, trata-se de uma escolha aparentemente segura e protetora, mas que muitas vezes resulta num vazio, pois é uma escolha pela restrição, não em direção a um objeto verdadeiramente novo que possibilite uma relação nova e criativa, que conduza ao desenvolvimento do *Eu*, mas sim a escolha de um *semi-objeto*, escolhido em função do contrário e não em função das suas características como um todo. Nestes casos a relação parece apenas ter uma *função corretora* das falhas sentidas nas relações com os pais da infância, o que enfraquece o amor e o condiciona na sua função revitalizadora e desenvolvimental do *Eu* e do outro.

Estas são relações com contornos infantis, pois o próprio *Self* que foi impedido de se desenvolver ficou retido e tenta a todo o custo seguir o seu percurso, mas em função da resolução do que o estancou e que diz respeito às relações da infância, agora ilusoriamente substituídas pela relação com um objecto actual, mas desvitalizado na sua condição de novo. Não são estas relações intensas e criadoras, mas sim *re-criadoras* de um passado relacional perturbador e impeditivo, sem que se possa possibilitar um verdadeiro desenvolvimento do *Self* e uma vivência plena de um amor maduro.

Nestes casos a relação não se constitui como uma *re-edição* do passado, mas como uma tentativa de renúncia ao próprio passado, sem que, no entanto haja a possibilidade de uma mudança intrapsíquica que impeça que esse passado interfira de forma negativa na vivência do presente.

Mesmo quando o parceiro é escolhido por *contra-seleção*, muitas vezes, o indivíduo tem necessidade de ir à procura de uma relação extraconjugal, essa agora que diz respeito a uma nova repetição. Em alguns casos, pacientes com mães narcísicas e ausentes escolhem parceiras que são calmas e pacíficas, mas acabam por procurar nas suas relações fora do casamento mulheres

difíceis, numa tentativa de reencontro com o objeto materno da infância. O mesmo se passa com algumas mulheres.

Também Abraham (1913) (*cit.* Hitschmann, 1952; Bergmann, 1987) se referira ao facto de alguns homens evitarem mulheres que lhes lembrassem a mãe ou as irmãs definindo esta escolha como “*exogamia neurótica*”, escolhendo objectos de amor o mais distantes possível da família, mas no fundo endogâmicos.

Kernberg (1991) refere que, mesmo quando o objeto parece ser novo e diferente, o indivíduo, por meio de identificações projetivas tenderá a induzir características e a desencadear respostas que são idênticas àquelas obtidas na relação com o objeto conflitual pré-edipiano ou edipiano, numa tentativa de reparação das relações patológicas do passado, ao mesmo tempo em que é impelido por um desejo de vingança. Logo, existe uma competência inconsciente para transformar novas relações, de modo a assemelhá-las e transformá-las em novas versões de padrões repetitivos antigos (Eagle, 1999).

Em certos casos encontramos homens/mulheres que se envolvem com objectos cuja resposta é idêntica à do objecto conflitual, à espera de receberem o afecto que não tiveram, mas quando o recebem, numa atitude vingativa rejeitam o objecto, o qual apenas é desejado enquanto responde de forma idêntica ao objecto e possibilita a reencenação da relação passada, perdendo o interesse quando se aproxima do objecto ideal. Isto, porque não se trata de um objecto em si mesmo, apreciado pelas suas qualidades, mas sim por possibilitar uma revivência do passado, uma hipótese reparadora, a qual não acontece dado que não se trata do objecto original e porque, por regra, não possui competências contentoras de forma a possibilitar a evolução.

Muitas vezes, o “bom” objecto, aquele que será diferente, é visto como mais ameaçador, coloca o próprio numa posição de incapacidade e remete para os seus sentimentos de fragilidade e inferioridade.

Segundo Kernberg (1989) quanto mais aspectos agressivos e patológicos estiverem na base das relações objectais internalizadas mais primitivos serão os

mecanismos de defesa, conduzindo ao desencadear no parceiro reacções que reproduzem essas relações objectais ameaçadoras.

No entanto, como refere Ken Wright (1996) mesmo face à realidade de não se ter tido um outro *suficientemente bom*, o *Self* terá de usar o meio de forma a criar para si um meio que seja auxiliar e facilitador do desenvolvimento.

Como refere Kohut, quando a relação com os *objectos do Self* primários é deficitária e geradora de traumas é possível, devido à plasticidade saudável do *Self*, a procura de objectos que sejam compensadores, no sentido da reparação das falhas originadas. A patologia representará uma incapacidade de libertação desses maus objectos e a procura de estilos relacionais que são repetitivos e não transformadores.

O que acontece é que, por vezes, a criatividade para construir novas relações fica bloqueada de tal modo, que o que as caracteriza é a rigidez e uma dificuldade em abrir novas possibilidades.

Emde (1988) referira que os aspectos relacionais internalizados pelo individuo vão, ao longo da vida, ser reactivados em contextos relacionais similares. Consideramos que, quando foi possível um encontro de afectos entre bebé e cuidador, onde prevaleceu o sentimento de ser compreendido e amado, é natural que se mantenha a expectativa de encontro de sentimentos semelhantes na relação com os outros e da parte deles.

Assim, da relação amorosa estabelecida na infância com a mãe e com o pai (ou cuidadores) e do modelo de relação entre estes, surgem, na vida adulta, relações amorosas que têm configurações análogas e que, por vezes, condicionam todo o desenvolvimento da sexualidade. Modell refere:

“Esta forma primitiva de relação com os objectos mantém-se por detrás da capacidade para estabelecer uma relação de amor mais madura” (1968, p. 34)

David Zimerman (2004) refere que da internalização do objecto enquanto divino ou demoníaco, poderoso ou incapaz, resultaram idealizações,

desvalorizações, submissões ou revoltas que vão modelar todo o envolvimento amoroso.

Para Kernberg (1995), a formação da identidade principia na relação precoce mãe-bebé envolvidas em afectos intensos, quer sejam prazerosos ou dolorosos. Os traços de memória que se accionam nessa relação geram esquemas de representação do *Self* do bebé e da mãe, também eles rodeados por um afecto prazeroso ou desagradável.

Essas representações inicialmente separadas, em *totalmente boas* ou *totalmente más*, serão depois integradas numa representação de *Self* total e numa representação total das pessoas significativas.

Deste modo, a excitação sexual origina-se num contexto de experiências prazerosas das relações mais precoces entre bebé e cuidador, de acordo com o autor, a expressão de satisfação da mãe na estimulação física do bebé e na prestação de cuidados, são essenciais para o desenvolvimento do erotismo da superfície corporal do bebé e mais tarde do desejo erótico. Destarte, o estado afectivo implica uma relação de objecto internalizada, uma determinada representação do *Self* relacionada com uma representação do objecto, envolvido num determinado afecto.

Assim, uma condição essencial para a manutenção de uma relação amorosa é, para Kernberg (1989), a integração de imagens do *Self* e de imagens dos objectos com afectos de amor e ódio na transformação de relações de objectos parciais em totais, resultando na possibilidade de constância objectal.

De facto, consideramos que os conteúdos mentais se formam a partir da interacção com as figuras cuidadoras da infância e do modo como se interpretaram essa interacções originaram-se esquemas mentais de relação os quais se vão interpor na vivência de interacções posteriores, e que muitas vezes podem ser perturbadores e paralisar todo o desenvolvimento. Como refere Coderch (2001), estes esquemas precocemente formados são conservadores, uma vez que tendem a assimilar cada nova interacção às antigas e originar respostas idênticas às do passado.

Assim, em muitos casos, cada nova interação gera uma *angústia antecipatória* que vai determinar a recusa de relações que possam reactivar sentimentos, emoções e pensamentos outrora vivenciados como avassaladores.

Quanto mais patologicamente determinadas as relações objectais internalizadas reprimidas ou dissociadas, mais primitivos serão os mecanismos de defesa utilizados, reproduzindo relações objectais ameaçadoras.

Para a manutenção da relação amorosa adulta é necessário que se tenha formado com o objecto materno o sentimento de *constância objectal*, conseguido na relação com uma mãe atenta e previsível, que proporcionou cuidados adequados e uma dedicação contínua, possibilitando a formação de um sentimento de segurança interna que permite evocar a memória do objecto na sua ausência, de forma a proporcionar a separação (Solnit, 1982). Para além desta *constância objectal*, é necessário o desenvolvimento de um sentimento de *constância do amor do objecto*, o que contribuirá para a segurança em relações amorosas futuras.

É a integração de relações parciais em totais que assinala o início da constância objectal, e a constatação de que o objecto sobrevive aos ataques mais agressivos, mantendo-se disponível e contentor.

Chamamos-lhe *constância objectal do objecto predominantemente bom*, com continuidade (*continuidade afectiva*, Coimbra de Matos, 2002) entre os aspectos bons e menos bons, sendo então agora possível o desenvolver do que Winnicott (1955, 1963) designou como *capacidade de preocupação* com o outro, resultante da possibilidade de reparação na posição depressiva, a qual substitui a culpa e gera um sentimento de bem-estar com o próprio e com o outro. De salientar que, já em 1948, Balint se referia ao sentimento de ternura como relacionado com o sentimento de preocupação com o outro e com a gratidão, embora considerando que este se formava na fase pré-genital.

De acordo com Kernberg (1995), esta preocupação e ternura para com o outro tem a ver com a integração da agressão com o amor, que ocorre nas primeiras relações objectais, e de segundo Winnicott (1969) com o

reconhecimento de que o objecto se mantém disponível apesar dos ataques mais agressivos, tornando-se assim *usável*.

Kernberg (*idem*) considera que é a integração das representações de *Self* e de objecto, amorosas e odiosas, com os afectos, na transformação de objectos parciais em totais (*constância objectal*), que se constitui como uma exigência básica para o estabelecimento de uma relação amorosa estável.

Quando estes aspectos não são conseguidos, existe uma tendência a experimentar várias relações, pela dificuldade de separação, bem como pela dificuldade em sentir segurança no amor do objecto e pelo desejo permanente de a encontrar, saltando de objecto em objecto na esperança de conseguir um lugar para ficar em confiança. A acção passa a substituir o sentimento, as condutas agidas sexualmente revelam um empobrecimento da capacidade para mentalizar a relação e para o uso do outro enquanto objecto mais do que da relação, um objecto disponível para ser usado enquanto objecto real, com as suas competências e necessidades.

Se não foi possível transformar o objecto de relação em *objecto usável*, isto é, um objecto que não se constitui apenas como um resultado da projecção, então, as relações amorosas futuras serão dominadas por esta impossibilidade de ter um outro real, domina a idealização primitiva e conseqüentemente a constante desilusão, porque o objecto, sede de projecções, é sentido como insuficiente na sua resposta e no seu talento para dar.

Estabelecem-se, deste modo, relações de *casal falso Self* (Fisher, 2005), em que cada um, desconhecido do outro, apenas é um receptáculo das projecções mútuas, mas com desfavor de um dos elementos que deverá desempenhar o papel que o outro lhe impõe. Um dos elementos do casal tem de anular a sua espontaneidade em função dos desejos do outro impostos de forma tirânica, formando-se um conluio com esboço *sadomasoquista* em que o enaltecimento de um implica a subjugação do outro, fechando os parceiros numa *relação tipo claustro* (Morgan, 1995), em que a única maneira de responder às projecções intrusivas é respondendo retaliatoriamente com contra-projecções.

Nestes casos, como não há consciência dessas projecções, está anulada a possibilidade de *taking-back* isto é, de voltar a tomar para si o que foi projectado e que após ser elaborado poderá ser reintegrado, agora com outra forma, no mundo interno, permitindo o crescimento e o desenvolver da relação.

Fisher (2005) considera que é a falha na gestão das ansiedades edipianas que conduz a uma ausência de um espaço emocional para pensar, para se ser diferente, que possibilite pensar a relação e ter consciência das projecções efectuadas para que possam ser manejáveis e reintegradas no espaço mental.

Trata-se de uma falha do desenvolvimento do *ego-realidade*, descrito por Freud, que implica que nas relações seja possível uma intimidade emocional partilhada, de forma que é possível reconhecer a realidade emocional de cada um, uma tomada de consciência do que pertence ao próprio e do que pertence ao outro.

No entanto, existe a possibilidade ao longo da vida de se estabelecerem relações, de tal modo vigorosas e transformacionais, que permitam que aspectos menos aceites do próprio que são projectados, possam ser contidos na relação, de modo que é possível um amadurecer, um crescimento do *Self*, criando-se a possibilidade de suplantar esquemas patogenicamente criados.

Em todos os relacionamentos amorosos existem processos de introjecção e projecção, quando existe alguma flexibilidade mental, quando cada um dos elementos se sente confortável na sua *pele psíquica* e, quando é possível um sentimento de segurança na *pele continente do casamento* (Cleavelly, 2005), é plausível que cada um maneje os próprios aspectos projectados e tomá-los de volta para si, agora elaborados. Também seria suposto que, com o desenvolvimento, ocorresse um aumento da *continência interna*, isto é, da competência para gerir e modificar internamente os conteúdos mentais mais desprazerosos sem haver tanto recurso à projecção.

De facto, é uma conquista desenvolvimental o conseguir ter noção da sua própria verdade e de tolerar a verdade do outro, bem como a possibilidade de tomar para si a experiência do outro sem perder o seu sentido próprio, o que

possibilita o estabelecimento de relações amorosas criativas e até mesmo curativas.

Já em 1936, Schmeidler (cit. por Bergmann, 1987) se referiu ao poder de *cura normal* do amor em relação às ansiedades paranóides e à depressão, salientando que no amor os bons objectos e as partes boas do *Self* são projectados no objecto amado, sendo as ambivalências contrariadas pela idealização.

De facto, o que nós somos fica marcado pelas relações que temos ao longo da vida, e não há relação que exerça maior influência no desenvolvimento do *Self* que aquela que envolve o amor romântico, considerado por muitos como a experiência mais intensa e transformadora. Lyons (2005) considera que a escolha do parceiro é feita no sentido de possibilitar que aspectos não desenvolvidos do *Self*, possam agora com a nova relação sofrer modificações.

Do amor resulta uma expansão de interesses, no sentido do desenvolvimento conduzindo a grandes mudanças internas uma vez que se realizam novas identificações que integram o *Self* num novo nível em que valores e prioridades são redefinidos, constituindo-se uma oportunidade para que se dê a libertação de constricções do passado.

É como se acontecesse um renascer, uma segunda oportunidade na vida. Contudo, apenas quando o outro da relação é um objecto objectivo, tido na sua realidade, é possível estabelecer uma relação de construção e de criatividade, que promova o desenvolvimento do *Self* de ambos.

Para Kernberg (1995), a capacidade para se apaixonar implica a competência para vincular a idealização com o desejo erótico e o potencial para estabelecer um relacionamento, implicando uma separação em relação aos objectos reais da infância, sendo importante a reconfirmação das relações com os bons objectos internalizados do passado.

O apaixonar deve ser uma experiência revitalizante, mas deixar-se envolver sem amor pode ser destruidor do desenvolvimento do *Self*. Uma paixão pode funcionar como reparador narcísico, pela possibilidade de fusão com o *Ideal do Eu* projetado, ainda que seja ilusório e temporário.

2.5.1 - O papel da idealização no Amor

Freud (1914) já havia referido que uma forma de recuperar a auto-estima era através do amor, em que o ideal é projetado na pessoa amada e a reciprocidade do amor conduzirá a um aumento da estima do próprio.

Também na sua obra de 1921, “*Psicologia de Grupo e A Análise do Ego*”, Freud vai referir-se ao facto de amarmos por causa das perfeições que desejamos atingir, sendo um modo de satisfazer o narcisismo, pois:

“ (...) o objecto foi colocado no lugar do ideal do ego” (E.B. p. 123).

Se uma excessiva idealização do próprio não é saudável e representa um narcisismo doentio, no amor a excessiva idealização do objecto é também perigosa. Como refere Mitchell (2002), o que é proveitoso, em termos psicológicos, é uma valorização apropriada do próprio e do outro.

O amor trata-se de um estado, como refere Viederman (1988), de experiência subjetiva integral e única, que está dependente das fantasias, memórias e desejos de cada indivíduo. O autor considera que é importante para a expressão do verdadeiro *Self* o sentimento de ser reconhecido e aceite pelo amado, sendo que o espelhamento constante contribui para o sentimento de coesão.

Person (1991) descreve este processo como *narcisismo a dois*, em que o espelhamento mútuo contribui para o aumento e regulação da auto-estima.

Gediman (1975) refere-se ao *narcisismo gémeo* como uma fusão entre *Self* e objeto, amados como um só.

Mitchell (2002) considera que a idealização tem um papel importante na manutenção do amor romântico o que, de acordo com Ogden (2004), representa uma inovação em relação ao que a psicanálise considerava, uma vez que a idealização era sempre vista como um escape da realidade para a fantasia, fugindo da tarefa de viver com a pessoa completa e separada. Esta visão

considerava que a idealização representava uma forma de substituição onipotente do objeto atual por outro imaginário.

De acordo com Person (2007), em termos de desenvolvimento, deverá ocorrer uma mudança do *querer ser como* para passar para o *gostar de estar com*, demonstrando uma mudança maturativa dos objectivos da idealização, relacionado com a consolidação do *Self* que procurará complementaridade e não completação.

No amor romântico, o amante atribui valores fantasiados ao amado, o qual se torna o receptáculo de ideias de beleza, poder, perfeição. As correntes psicanalíticas sempre olharam para esta idealização como algo de regressivo e defensivo. Claro está que algumas idealizações são mais fidedignas à sua fonte do que outras; a questão é, que algumas partem da fonte de inspiração e são próximas da realidade outras são apenas resultado da imaginação e da vida fantasmática do amante, em que o outro é apenas um resultado da projecção das necessidades pessoais, muitas remontando à infância.

Portanto, quanto mais regressivas essas necessidades mais arcaica a idealização, mais distante do objecto real e como tal conduz a maiores desapontamentos.

Assim, uma questão a ter em conta refere-se *ao que cada um quer que o amor seja*, pois está claro que depende das necessidades, desejos e fantasias de cada um. O estado amoroso desperta desejos e fantasias inconscientes que remetem para a infância; a questão está em se procurar, com o novo objecto, o preencher do que ficou em falta e não aspectos mais maduros correspondentes aos desejos adultos e fantasias mais elaboradas. As relações amorosas estabelecem-se em contextos de interacções conscientes e inconscientes, para onde convergem padrões relacionais interiorizados de cada elemento surgindo a possibilidade de formação de um novo padrão interactivo, ou em casos menos saudáveis, a repetição desses por meio de alianças psíquicas com o passado e que são impeditivas de uma nova relação.

Como se sabe, a imaginação é a fundadora do desejo, o que torna alguém desejável é a idealização, que faz sobressair as qualidades que tornam a

pessoa única e especial, distante do comum. No entanto, esta idealização deverá ser próxima do real do amado e não das necessidades infantis do amante.

De acordo com Garza-Guerrero (2000), consideramos que muitos dos trabalhos que se referem à projecção do *Ideal do Eu* e à idealização nas relações amorosas, mantêm a visão de Freud de 1914, em que o *Ideal do Eu* era o substituto do narcisismo perdido da infância, em que o *Eu* era o próprio ideal. Em nossa opinião, deverá ter ocorrido uma maturação no sentido de que a idealização possa ser o mais distante possível do processo primário e compatível com o desejo de complementaridade.

Wisdom (1970) considerando a importância da posição depressiva refere que a idealização que surge no amor tem a ver com a neutralização dos aspectos maus, pela reparação e não para manter o objecto idealizado totalmente bom. Designamos esta de *idealização madura* a competência para manter em continuidade os aspectos bons e menos bons do objecto e, ainda assim, considerando a existência nele de aspectos que o distinguem de outros e o mantêm como especial. A idealização só será prejudicial quando resulta de uma produção fantasiada do próprio, sem ter em conta o outro, reveladora de uma construção fictícia do outro à medida dos desejos infantis do próprio.

É necessário que o *Eu* exerça a sua função de teste da realidade (Bergmann, 1995) no sentido de tornar possível a apreciação das reais qualidades do objecto e a análise do futuro da relação.

São estas idealizações maduras que permitem fazer uma renúncia a aspectos do passado, possibilitando a identificação sexual com o objecto de amor e com os seus valores, promovendo a empatia e o desenvolvimento da relação (Kernberg, 1975, 1995; Garca-Guerrero, 2000). Esta parece constituir uma diferença fundamental entre a idealização nas personalidades *borderline* e nas neuróticas em que nas primeiras a idealização tem contornos mais arcaicos e remetendo à posição *esquizo-paranóide*, uma idealização que exige que o objecto desempenhe funções mais de contenção e de organização, de coesão do *Self*.

A idealização da *posição depressiva*, pela capacidade reparadora de aceitação dos aspectos menos bons do outro, torna-se mais realista e menos exigente.

Kernberg (1974) referiu a existência de três tipos de idealização:

- Um nível mais primitivo, característico das personalidades *borderline*, cujos estados do *Eu* reflectem o domínio de mecanismos de *clivagem*, sendo possível o apaixonar, mas não a manutenção da relação;

- Um nível de idealização mais associada à capacidade em se preocupar, típica da *posição depressiva*, que permite a idealização, com uma certa empatia face ao objecto, que embora possibilite relações que se mantêm no tempo, são assombradas por conflitos, tornando-se insatisfatórias;

- Uma capacidade normal para a idealização que é atingida no final da adolescência e princípio da vida adulta, sendo baseada numa identidade sexual estável e uma preocupação realista face ao objecto de amor.

David (1971) e Chesseguet-Smirgel (1973), já enfatizavam a importância da idealização nas relações amorosas, considerando que a relação entre o *Self* grandioso com o objecto, reproduz a relação ideal entre *Self* e *Ideal do Eu*.

Chesseguet-Smirgel (*idem*) mencionou a importância da idealização, sendo que esta apenas se revelava patológica em condições de grande desvalorização, em que o indivíduo se considerava não merecedor do amor por parte do objeto idealizado. Nestes casos, como refere Kernberg (1995) o que ocorre é uma projecção do *Supereu* determinando uma idealização de tal modo

poderosa que conduz à inferiorização do amante em face do seu amado, desembocando na retração, pelo receio de ser rejeitado.

A idealização terá de se ir ajustando à realidade de forma a que o objeto possa ser tido e aceite com a sua própria realidade, esta não deverá ser em exagero no sentido de deformar o objeto, para não provocar futuras desilusões. Person (2007) defende que se a idealização é exagerada, a desilusão subsequente será tão exagerada quanto a idealização inicial. E, em muitos casos, a relação termina sem que tenha havido um conhecimento real do amado, em que este era apenas uma construção da fantasia.

O que se passa é que quando as idealizações têm por base a projeção de aspectos mais arcaicos e primitivos do *Ideal do Eu*, com contornos de onipotência e grandiosidade, os quais não foram passíveis de modificação na relação com o objecto cuidador, a distância em relação às qualidades do objecto de amor serão maiores e, conseqüentemente, maiores as desilusões.

Livingston (1996) refere que é o equilíbrio entre as idealizações e as desilusões que possibilita o desenvolvimento da relação de modo que quando as desilusões ocorrem no seio de uma relação de mutualidade e empatia é possível um desenvolvimento da estrutura da relação, uma vez que é plausível que as desilusões, inevitáveis, não se constituam como traumáticas de forma a ser possível uma reintegração das projeções românticas agora transformadas e adaptadas ao objecto real.

O amor romântico fica enriquecido quando é mínima a disparidade entre a natureza das fantasias e as reais qualidades do amado, sendo assim possível o seu desenvolvimento.

Em nossa opinião, esta idealização opera em muitos casos no sentido da escolha de um objeto que possua qualidades que se julga faltarem ao próprio *Self*. É uma opção narcísica já mencionada por Freud, em 1914, quando ao referir-se às escolhas narcísicas, focava a procura do objeto segundo o que o próprio gostaria de ser. Assim o que é procurado no outro é o que falta ao *Self* para se sentir completo e coeso, e/ou para ter uma visão mais positiva de si.

Surge então que, o que aparentava ser uma relação diferente e um afastamento de um ciclo de frustrações românticas e desapontamentos transformam-se numa nova repetição, no sentido em que aquela(s) característica(s) que conduz à escolha de determinada pessoa, opera no seu aparelho mental, como uma defesa contra o que é precisamente o contrário! Muitas vezes o que se passa é que o objecto é superficialmente diferente, mas, internamente, semelhante aos anteriores e sobretudo em relação à imagem construída acerca dos objectos primários.

Assim, a característica específica do outro que se escolhe e que parecia ser um antídoto em face de relações anteriores, aquele que se escolhe como sendo complementar do *Self*, revela, num conhecimento mais profundo, precisamente a(s) característica(s) em relação à qual se tinha esperança de escapar (Mitchell, 2002).

Daqui surge que, a escolha de um/a companheiro/a envolve sempre aspectos conscientes e inconscientes da personalidade, sendo que muitas vezes é procurado no outro aquilo que mais se reprime na personalidade do próprio. Ruzkzynski (2005) considera que a escolha inconsciente do parceiro assenta essencialmente no facto desse se constituir como um bom receptáculo para a identificação projectiva, assim, cada um dos elementos vai conter aspectos indesejados da personalidade do outro. De acordo com o autor, forma-se um *contrato inconsciente*, em que numa perspectiva de desenvolvimento, é possível um contacto com os aspectos menos desejados do *Self*, colocados no outro, o que possibilita uma maior integração, e por outro lado, em termos defensivos, forma-se um conluio de forma a impedir certas projecções, numa defesa partilhada em face de ansiedades partilhadas. Talvez seja este aspecto importante da identificação projectiva que determina a ideia comum de que o outro “é a minha cara metade”, isto porque contém partes indesejadas do próprio por meio da identificação projectiva, mas também pela projecção do *Ideal do Eu*, o que falta ao próprio para se sentir completo.

Segundo Ogden (1982) neste tipo de escolha, o amante está a redefinir elementos da experiência do *Self* no amado que são colocados na área do

processo intrapsíquico – interpessoal da identificação projetiva. O que se passa é que, muitas vezes, através da projecção mútua, cada um dos elementos da relação transmite ao outro o sentimento de aceitação dessas projecções, de partilha de fantasias e de defesas. Para Ruszczynski (2005) a externalização de um conflito interno em alguém com quem se está diariamente, e que se mostra contentor, poderá implicar uma aceitação de partes do *Self* que eram intoleráveis, embora também possa desencadear uma tendência para punir esse aspecto no parceiro (a). O autor considera que as tensões no casal podem ser vistas como externalizações de conflitos internos que são agidos na relação, sendo que neste sentido, a relação de casal pode ser vista como uma relação de transferência mútua. Contudo, sabemos que se a actividade projectiva é muito intensa, poderá conduzir a uma debilitação da personalidade, e enfraquecimento das fronteiras do *Self*, conduzindo a um sentimento de confusão entre o próprio e o outro. No extremo, cada parceiro não está em relação com *um outro* separado, mas sim em relação com partes indesejadas do *Self*, projectadas e identificadas no outro.

A relação madura implica que aspectos não desenvolvidos e não aceitáveis possam ser contidos pela relação ou pelo *Self* mais maduro do outro parceiro, o que possibilitará o afastamento de funcionamentos mais narcísicos e da identificação projectiva onipotente, sendo que as partes projectadas podem voltar a ser ganhas, permitindo uma maior integridade de ambos e uma interacção mais madura entre os elementos do casal.

Waelder (1936) referiu-se ao amor de um ponto de vista estrutural, defendendo que este correspondia a um acto de integração de ordem superior revelando as competências do *ego* para conjugar de forma harmoniosa os desejos do *id*, as exigências da *compulsão* à repetição, as exigências do *superego* e as chamadas da realidade. Deste modo, o amor reflectia uma capacidade do *Eu* para escolher um parceiro que possa ser sexualmente gratificante, representando aspectos inconscientes dos objectos amados do passado, suficientemente amados para ganhar aprovação do *superego*, e apropriados no encontro com a realidade.

Kernberg (1995) refere que a formação da identidade do ego e a relação com os objetos, bem como os conflitos edipianos e as proibições relacionadas, são necessários para a manutenção de um amor maduro.

Balint (1948) já havia focado a necessidade de adaptação requerida no romance entre elementos discordantes: a satisfação genital e a ternura pré-genital. Ele considerou que o amor genital seria um estado em que as identificações maduras entre os amantes providenciavam uma âncora para as suas regressões as expectativas pré-genitais de receberem perpetuamente gentileza, cuidados e consideração.

A adaptação, como uma forma de relação envolvente, faz com que o amante se reconcilie com as exigências interpessoais e com os seus recursos intrapsíquicos.

May (1969) enfatizou a importância do *cuidar* do outro (muito semelhante à descrita por Winnicott sobre a capacidade para se preocupar), como uma condição necessária para o amor maduro que, na sua opinião, tem a ver com a identificação mútua entre os parceiros e de certo modo com a capacidade de empatizar com a dor e alegria um do outro, sem que haja perda da identidade própria.

A manutenção do romance implica que cada um seja capaz de responder e reagir intuitivamente ao outro. Mas para isso é necessário, como refere Kernberg (1989), que tenha ocorrido uma maturação do *Supereu*, no sentido de possibilitar que haja uma transformação das proibições primitivas e dos sentimentos de culpa pela agressividade, em preocupação com o outro, tal como já havia sido referido por Winnicott. É o *Supereu* amadurecido que estimula o amor e o compromisso com o objecto amado. Assim, a relação amorosa poderá constituir-se como um *meio holding*, facilitador do desenvolvimento, um espaço onde se descubrem possibilidades de se ser o próprio.

Esta relação deve ser caracterizada pela estabilidade e capacidade para depender do outro e dirigida pela espontaneidade e excitação. Um amor para se ir desenvolvendo depende das experiências que são partilhadas pelo amante e pelo amado, assim como dos desejos e esperanças que cada um traz para a

relação. O campo do romance é determinado pelo ritmo entre as reações reflexivas de um para com o outro e as reações intuitivas de cada um aos motivos profundos que estão subjacentes às ações do outro. Esta não é uma tarefa fácil e de acordo com Colman (2005), é longa a tarefa de desenvolvimento do sentimento de *casamento psicológico*, ou do *casal criativo* de Morgan (2006) ou do *triângulo marital* de Ruczynski (2005).

Kernberg (1989,1995) considera que um aspecto importante da paixão tem a ver com o atravessar das fronteiras do *Self*, em direcção ao outro, mas mantendo uma identidade separada, o que só é possível se as fronteiras do *Self* estiverem bem delimitadas sem o perigo do sentimento de dissolução do Eu no outro. Isto porque o autor, contrariamente a Brown (1968, cit. por Kernberg, 1989) considera que não poderá existir uma situação de relação amorosa significativa se o sentimento de existência do *Self* não se mantiver com a nitidez das suas fronteiras.

Infere-se que, não se trata de uma identificação regressiva, de fusão com o outro, mas sim de um contexto de preservação da própria identidade. Como refere Jacobson (1964), a dissolução das fronteiras entre *Self* e objecto interferem negativamente com a paixão.

De facto, como refere Kernberg (1989,1995), permanecer dentro das fronteiras do *Self* e ao mesmo tempo transcendê-las, na identificação com o objecto amado, é uma excitante e, ao mesmo tempo, dolorosa condição do amor. Implica a existência de um campo psicológico fora das fronteiras do *Self*, onde existe um encontro entre desejo e realidade (Kernberg, 1977).

Contudo, para o autor (1989), o ultrapassar as fronteiras do *Self* implica que haja a consciência da existência de um campo psicológico fora do *Self* e a capacidade para empatizar com ele.

Talvez o que é designado de *espaço romântico* (Wilkinson & Gabbard, 1995), apontamos como *relação de conjugação* onde há um conluio de fantasias, desejos, e concretizações conjuntas, mas que não estagnam, que mantêm a vivacidade na relação e que não se deixam contaminar com conflitos pessoais. Idêntica é a noção de *espaço psíquico* de Britton (cit. Balfour, 2006)

que descreve a integração de duas realidades psíquicas diferentes na relação de casal. Por seu lado, Ruszczynski (2005) designa *terceira área*, aquela que diz respeito à criada pela relação de interacção entre os elementos do casal, caracterizada pelo constante interjogo entre o intrapsíquico e o interpessoal.

A relação de casal deve implicar uma aceitação inconsciente das projecções mútuas o que vai criar um sentimento de reconhecimento e reforçar a ligação. Como defende Ruszczynski (2004), a capacidade de metabolização e transformação dos elementos projectados por parte de um dos membros do casal, possibilita que estes possam ser de novo integrados de forma agora considerada mais manejável e aceitável, conduzindo a um desenvolvimento da relação.

Contudo, frequentemente o manter da relação não significa que assente em funcionamentos saudáveis. Existem casos em que se dá uma *institucionalização da estrutura psíquica patológica* dos elementos da relação, como numa *espécie de folie à deux rigidificada* (Ruszczynski, 2004), representando a predominância de relações objectais mais narcísicas ou esquizo-paranóides, caracterizadas por uma identificação projectiva mútua em acção.

Muitas vezes, o término do romance associa-se ao facto de as pessoas se transformarem ao longo do tempo e as mudanças operadas no psiquismo de cada um gerarem incompatibilidades. Pressupõe-se que o *Self* se vá desenvolvendo, o interno e o externo estão constantemente em transformação, modificando-se um ao outro o que tem implicações nas relações, e como é claro, as mudanças não ocorrem a par e passo.

Mitchell (2002) considera que o amor romântico requer aquilo que nós tendemos a evitar nas relações de longo termo: *perigo, ambiguidade, intriga e o desconhecido*. Para o autor, a manutenção do romance entre duas pessoas implica a fascinação em relação ao que, individualmente e em conjunto, conseguem realizar, gerando formas de vida com que possam contar, implica a tolerância às fragilidades dessas esperanças, a gestão das fantasias e das

realidades e a apreciação dos modos como na densidade do mundo contemporâneo as realidades se tornam fantasia e a fantasia se torna realidade.

Com a dependência em relação ao outro surge inevitavelmente raiva, ressentimento e o ódio. Como é que não se odeia a pessoa única e insubstituível, de quem nós dependemos, não só por um sentimento de estar em casa, mas pela oportunidade de experimentar paixão e amor?

A manutenção do romance requer uma tolerância à vulnerabilidade e à agressão. Quanto mais profunda for a paixão, mais precária será a vulnerabilidade e mais destrutiva será a agressão. Assim, a capacidade para conter a agressão é uma pré-condição da capacidade de amar, e a manutenção da paixão romântica requer uma capacidade de equilíbrio.

2.5.2 - Sobre o Amor e a sua relação com a Agressão

Para Kernberg (1991 a), as relações amorosas não são *pós-ambivalentes*, elas permanecem ambivalentes embora com a predominância do amor sobre o ódio.

No entanto, quando existe uma falha na integração das relações objectais internalizadas *totalmente boas* e *totalmente más* remetendo à idealização primitiva, cuja qualidade irrealista conduz à destruição do relacionamento devido a conflitos intensos, pode, segundo Kernberg (1995 b), conduzir ao *ódio apaixonado*.

É esta idealização primitiva que não tolera a ambivalência e que é destruída por qualquer emergência da agressão no relacionamento, como tal é uma idealização frágil e insatisfatória, que não possibilita a emergência da identificação mais profunda entre parceiros (Kernberg, *idem*).

A maturação do *superego* está relacionada com a possibilidade de aceitação da ambivalência nas relações e com a possibilidade de reconhecimento da própria agressão e da ambivalência dos seus sentimentos.

O que acontece é que quanto mais profundo o envolvimento, maior a dependência o que determina um sentimento de perigo, uma vez que a

dependência face ao outro conduz a uma certa vulnerabilidade, e ao sentimento de estar sob ameaça no sentido da fragilidade do *Self* e da possibilidade de humilhação, o que conduz à agressão como reacção. De acordo com Mitchell (2002), o desejo coloca-nos em situação de perigo e a resposta agressiva a esse perigo pode lesar o próprio, o objecto de amor e a própria relação.

Existem relações onde a agressão não tem espaço, mas estas também são cultivadas em terrenos inférteis para a paixão, uma vez que os dois aspectos seguem em conjunto.

A manutenção de um romance implica que seja possível tolerar o sentimento de vulnerabilidade e a agressão. Para Mitchell, quanto mais profunda for a paixão mais precária será a vulnerabilidade e conseqüentemente, mais destrutiva será a agressão, sendo que a capacidade de contenção dessa é uma condição essencial para que o amor se mantenha.

De acordo com Kernberg (1991, 1995 a), a capacidade de contenção da agressão prende-se com a possibilidade de tolerar as discontinuidades que surgem na relação.

É certo que em todas as relações existem momentos em que cada um dos elementos do casal está mais preocupado consigo do que com o outro ou com a relação, sendo que de acordo com Ruzczynski (2004), a capacidade para tolerar a tensão que resulta dessa separação necessária de cada um, se constitui como um sinal de saúde da relação.

A tolerância à discontinuidade, resulta de uma identificação à mãe com as suas competências maternas e eróticas, na altura em que a criança se apercebe da ausência da mãe pelo facto de existir um terceiro na relação, em que a mãe alterna a sua relação com estes dois, desempenhando dois papéis distintos, o de parceira sexual e de mãe carinhosa com o seu bebé. Deste modo, a criança vai aprendendo a gerir esta discontinuidade na relação o que, segundo Kernberg (1991), constitui uma preparação para as discontinuidades nas relações futuras.

Para Green (loucura privada) as descontinuidades na relação surgem como forma de proteção face à fusão na relação, a qual poderá conduzir a uma agressão máxima.

Kernberg (1991, 1995 b), refere ainda que a descontinuidade na relação amorosa resulta também da projecção de aspectos sádicos de um *superego* infantil, que pode conduzir a submissões masoquistas e distorções irreais sadomasoquistas, mas também a uma revolta contra essas projeções, manifestando-se por separações temporárias que representam descontinuidades normais nos relacionamentos amorosos. A rebelião contra o objecto culpabilizante poderá permitir uma libertação temporária face ao *superego* sádico projectado, o que poderá possibilitar o emergir do amor.

Considera, ainda, que uma das formas que o casal tem de se proteger da agressão, que surge naturalmente devido aos sentimentos ambivalentes nos relacionamentos íntimos, tem a ver com a possibilidade de refletirem sobre o casal, sobre a relação, de se sentirem responsáveis um pelo outro e de se protegerem mutuamente, o que está diretamente relacionado com as funções maduras do *superego*.

No entanto, parece-nos que esta situação só é possível quando existe um grau de satisfação narcísica saudável com o próprio, o que facilita a empatia, o entendimento de si e do outro, a possibilidade de descentração e de manutenção da agressividade num nível possível de funcionar. A relação madura implica que o outro possa ser visto enquanto separado, alude à capacidade em lidar com sentimentos de ser incluído e excluído, ao conhecimento dos próprios sentimentos de amor e de ódio, à gestão de culpas e o desenvolvimento do sentimento de gratidão.

Estes aspectos caracterizam a *posição depressiva*. É a dificuldade em fazer a transição entre a *posição esquizo-paranóide* e a *posição depressiva* que caracteriza o funcionamento narcísico. Deste modo, surgem facilmente sentimentos de rejeição e abandono em face de qualquer tentativa de independência de um dos elementos do casal, desenvolvendo-se ansiedades

agorafóbicas e *claustrofóbicas* partilhadas, muitas vezes com recurso a formas defensivas *sádico-masoquistas* como tentativa de resolução destes problemas.

Stolorow e Lachmann (1983) haviam referido que as condutas *sádico-masoquistas* representavam tentativas de reparação de uma imagem do *Self* danificada e acrescenta (Stolorow & Harrison, 1975 b) que uma pessoa que tenha uma vulnerabilidade narcísica, revela uma fragilidade na sua auto-estima o que determinará uma maior tendência à agressividade, dado que estará constantemente preocupada com a restauração e manutenção da sua precária representação do *Self*, o que a deixa menos competente para o entendimento do outro, e mais sensível a qualquer crítica, sentida como uma injúria à sua imagem.

Esta vulnerabilidade narcísica é responsável pela agressão que se manifesta na relação de casal pela depreciação do outro, a desvalorização como forma de humilhação, e o controle de forma a manter o outro submisso.

A crítica surge como forma de agressão que permite o alívio do sentimento de fragilidade do próprio, induzido-o no outro por intermédio da identificação projectiva. Em muitos casos a severa patologia do *superego* é responsável por esta agressão e por um comportamento hostil e depreciativo face ao outro. Kernberg (1995 b) refere que em muitos casos, estas projecções vão provocando um distanciamento no casal que conduz a um congelamento numa posição de *desligamento emocional* que se pode manter durante muito tempo.

Person (2007) refere que a projecção da desvalorização do próprio, no amado constitui um dos fatores mais comuns de desequilíbrio nas relações amorosas. As flutuações graves na auto-estima e na auto-avaliação são aspectos potenciais para destabilizar a idealização saudável, a qual é um pré-requisito para a duração do amor. Quanto mais comprometida estiver a admiração do próprio, mais distorcida será a idealização que se fará do objecto amoroso. A visão do outro enquanto objecto especial possibilita um incremento da visão positiva do próprio enquanto capaz de despertar o interesse e desejo de um objecto especial.

Também Bergmann (1995) se refere ao narcisismo como um dos inimigos do amor, impondo limites à capacidade de amar, referenciando Tausk que sustentara que quando o narcisismo é muito forte, o amor e os desejos sexuais são vivenciados com hostilidade.

Deste modo, consideramos que a *vulnerabilidade narcísica* é responsável por relacionamentos amorosos onde predomina a agressão, esta muitas vezes manifestada pelo desprezo e desvalorização do outro, cujo objectivo consiste numa manutenção de uma visão mais ou menos estável do próprio e/ou a possibilidade de coesão do seu *Self*.

De salientar que quanto maior a *vulnerabilidade narcísica*, maior a tendência para uma centração no próprio e, por conseguinte, uma dificuldade em criar uma estrutura de relação flexível, que não se rigidifique, conduzindo muitas vezes a uma instauração da patologia na relação.

Esta vulnerabilidade, geradora de grandes inseguranças conduz, muitas vezes, a que se formem *relações tipo claustros* (Fisher, 2005), resultado de uma série de projecções que geram ansiedades, não metabolizáveis, e que se tornam paralisantes do crescimento relacional.

Assim, a agressão fará parte de um amor saudável na medida em que é zanga com o objecto, no sentido de afinar sintonias e de incrementar o desenvolvimento da relação amorosa, ela é patológica quando não é zanga mas sim ódio, apenas libertação de aspectos odiosos que o próprio não consegue conter e que necessita projectar no outro, ainda que na expectativa de encontrar um lugar para a sua metabolização. Muitas vezes, em casos de funcionamento *borderline* ou psicótico, a libertação deste ódio tem como intento o aniquilamento do outro, sendo mais maléfico e destruidor do relacionamento.

2.5.3 - Édipo, relações amorosas e triangulações

A primeira relação triangular vivida é a relação edipiana.

As relações amorosas podem ser contaminadas por triângulos, os quais em certos casos podem ser evocados defensivamente face à relação dual, a

introdução de uma terceira pessoa pode aliviar a intensidade do amor sentida como ameaça ao *Self* (Person, 2007).

Britton (1998) sustenta que o *complexo de Édipo* fica resolvido através da elaboração da *posição depressiva* e por seu turno, o atingir da *posição depressiva* depende da elaboração do *complexo de Édipo*. Mas, em sua opinião, será esta constante resolução - resolução mediata e progressiva - ao longo da vida, que possibilita que se estabeleçam relações íntimas e vigorosas. A não aquisição desta *posição tridimensional*, a incapacidade de tolerar a existência de um terceiro é um dos aspectos que perturba o funcionamento do casal (Balfour, 2006), conduzindo ao dilema *claustro-agorafóbico* (Rey, 1991; Balfour, 2006), com receios de abandono quando existe ameaça de separação e *angústias de engolfamento* face à proximidade, o que alude uma posição a meio caminho entre a *posição esquizo-paranóide* e a *posição depressiva*.

A elaboração edipiana implica a capacidade em aceitar que é possível abdicar da relação dual e que existem benefícios em se relacionar com vários *outros*, nascendo a possibilidade de olhar para uma relação da qual não se faz parte, mas em que se tem uma relação especial e diferenciada com cada um dos elementos da mesma. Esta constitui uma passagem do narcisismo para a capacidade de estar em relação. Segundo Fisher (2005), é esta passagem que faz surgir a *competência para o casamento*, a possibilidade de desenvolver uma atenção especial, não só ao próprio, mas ao outro, e à relação entre ambos, em que é possível suportar as tensões, ultrapassando a fantasia de fusão entre duas pessoas, ou de isolamento, típicas das posições narcísicas.

Também Holmes (2006) afirma que o bom funcionamento nos casais depende da capacidade que revelam para olharem e refletirem sobre a sua relação como um terceiro, como uma entidade em si mesma, separada dos dois indivíduos que a constituem. Na mesma linha Colman (2005) sustenta que quando os casais falam da sua relação vêem-na como uma imagem, algo que existe independente deles, em que cada um tem o seu contributo, funcionando esta como um continente, como o resultado criativo da união de casal, com o qual ambos se podem relacionar. Designamos de *meta-posição* esta

competência para olhar para dentro da relação, independentemente de cada um e ao mesmo tempo envolvendo cada elemento que nela participa. Morgan (2006) designa de *casal criativo*, um estado mental em que é possível que cada um se coloque numa terceira posição, de modo a se poder auto-observar na relação de casal, poder pensar os próprios sentimentos, bem como os do parceiro. Em resumo, este *casal criativo* é um espaço psíquico em que é possível estar como separado e independente numa relação de profunda intimidade. Na mesma linha de pensamento, Rusczyński (2006), refere-se ao *triângulo marital*, representando os parceiros e a própria relação como uma entidade própria, em que tal como a criança que observa os pais numa relação na qual ela não participa também os parceiros de uma relação deverão olhar para esta como uma entidade, tendo de abdicar muitas vezes de desejos próprios, interesses, ainda que de forma ambivalente, mas que faz parte de um processo de desenvolvimento.

2.6 - Relações Amorosas, Narcisismo e Vulnerabilidade Narcísica

“Quero-te não por quem és, e sim por quem sou quando estou contigo!”

Gabriel Garcia Marquez

2.6.1 - A relação do Narcisismo com o Amor

Freud considerou que Amor e Narcisismo seriam duas forças antagónicas, uma vez que nunca se distanciou da perspectiva económica e sempre teceu as suas considerações sobre o amor tendo como base o modelo topográfico.

Esta visão antagónica foi contrariada por Van Der Waals (1949) que considerou que todo o amor objectal encerra em si um carácter narcísico, sendo importante perceber se esse carácter narcísico é, ou não, primitivo. Deste modo, o autor considera que os comportamentos sexuais normais se satisfazem mutuamente nos seus desejos egoístas. Assim, narcisismo e amor andariam a par e passo.

Já Rank (*cit.* Stolorow & Atwood, 2004) acentuara o carácter narcísico do estado amoroso, na medida em que este seria uma manifestação das necessidades e ambições narcísicas. As relações amorosas seriam uma mistura complexa de manifestações transferenciais dos *objectos do Self arcaicos*, em que o objecto de amor teria uma função de regular a experiência do *Self*, servindo alternadamente como um outro idealizado, uma duplicação do *Self* grandioso desejado, um espelho e uma presença confirmadora.

Grunberger (1971) relacionou o amor com o narcisismo ao mencionar que o estado de enamoramento contribuía para o enaltecimento do narcisismo.

Contrariando a ideia de Freud de depleção narcísica do amante, revela a ideia de que a desvalorização narcísica apenas ocorrerá em situações de funcionamento masoquista, caso contrário, os amantes sentirão um aumento da sua auto-estima uma vez que há uma projecção mútua do narcisismo. Deste modo, o amor poderá possibilitar o colmatar da ferida narcísica da qual todo o ser humano sofre, resultado da retirada abrupta do estado de autonomia e onipotente bem-estar em que o feto vive na sua condição pré-natal (Grunberger, 1971; Bergmann, 1987; Mancia, 1990; Dessuant, 1992).

Também Joffe e Sandler (1967) consideravam a existência de um *estado ideal de bem-estar* que implica a harmonia entre o funcionamento biológico e mental e em que o objecto não seria amado em si mesmo, mas como um meio de proporcionar o atingir desse estado ideal.

O problema reside em se considerar que o narcisismo é um amor ao próprio em vez de um amor ao outro e continuar com uma perspectiva economicista. Já Van Der Waals (1965) considerou que a questão não tem a ver com os narcísicos se amarem a si mais que aos outros, mas sim de se amarem tão pobremente a si próprios como aos outros. Na mesma linha Kernberg (1984) refere que o problema não tem a ver com a direcção do investimento, se é no próprio ou no outro, mas sim se existe um investimento num *Self* capaz de integrar o amor e o ódio, sendo predominante o amor ou se, por outro lado, é num *Self* patológico, onde o amor não é predominante.

Sabemos, hoje, que quanto maior o investimento em si próprio, mais positiva e coesa a visão do *Self*, maior a possibilidade de investir nos outros de modo verdadeiro e em função não do próprio, mas de uma relação transformante e não somente reparadora da falta.

Consideramos de acordo com Stolorow e Lachmann (1983) e Leslie Sohn (1985), que os problemas do narcisismo se situam num espectro que abarca os pacientes mais psicóticos e os pacientes menos narcísicos com uma estrutura de personalidade mais dirigida para o objecto.

O que se passa é que se o *Self* se sente incompleto ele procurará uma ligação que lhe possibilite o sentimento de completude, que possibilite uma visão mais colorida de si (na neurose) ou que traga a esperança da coesão do seu *Self* mais ou menos fragmentado (no caso dos estados *borderline* ou psicóticos). Quando o *Self* está consolidado e a visão de si é mais valorizada, a escolha do objecto amoroso segue a via da complementaridade e do desenvolvimento saudável.

Reforçando esta ideia revelamos as palavras de Fabião (2007) que considera que nestes casos “ *no centro da personalidade é entronizada uma fortaleza defensiva, enquistada em torno de uma qualidade de Self idealizada e até idolatrada, ou de uma figura externa idealizada e, muitas vezes idolatrada* (p.146).

Deste modo, consideramos que, quanto maior a *vulnerabilidade narcísica*, maior a tendência para estabelecer relações mediadas pela agressão, mais que pelo amor, havendo um maior predomínio de mecanismos regressivos, afastando o mais possível a realidade interna do próprio e do outro, com diminuição da empatia e da competência intuitiva, tão necessárias a um bom funcionamento da relação.

A *incompletude narcísica* determina que o objecto seja muitas vezes vivenciado como um fragmento do indivíduo, no sentido em que perfaz, organiza e permite a regulação da auto-estima; a ausência dele provocará sentimentos de vazio e depressão intoleráveis. Isto porque o objecto é o da actividade narcísica;

logo, se ele desaparece surge a descompensação narcísica, o desinteresse, em que o indivíduo sente como se desaparecesse uma parte de si próprio.

Rank (cit. Atwood e Stolorow, 2004) já se referira às relações amorosas como espelhamentos do *Self* no outro, em que o objecto de amor seria uma personificação da imagem idealizada do *Self*. Em 1941, acrescenta que as relações amorosas teriam uma função reguladora da auto-estima ao acentuar a procura do sentimento de mais valia, ao ser amado por um outro idealizado. Embora em todas as relações amorosas este aspecto possa estar saudavelmente presente, em outras situações o que encontramos é uma exagerada dependência do outro no exercício desta função reguladora e organizadora do *Self*.

Muitas vezes esta é a única modalidade relacional que o indivíduo conhece. Isto porque a sua experiência primeira foi a de uma relação de mútua dependência entre o próprio e a mãe. Uma mãe que no seu sistema relacional com o filho usou de um investimento predominantemente narcísico, em que o filho, nascido da amputação, é utilizado para compensar a sua falta de amor próprio, fazendo dele uma continuação da mesma, ensinando-o a depender dela, dando-lhe a ilusão de que lhe pode dar tudo, inibindo-o face a qualquer tentativa de separação. Uma mãe com características fortemente *narciso-simbiotizadoras* (Zimmerman, 1999).

O que consideramos é que, no início do desenvolvimento, o cuidador funciona para a criança como *objecto do Self* (Kohut, 1988 b) e que ao longo deste se vai criando a estrutura interna de regulação da auto-estima e organizadora do *Self* que será mais ou menos frágil consoante as provisões fornecidas pelos cuidadores, que enquanto objectos de relação, foram mais ou menos reforçadoras de um narcisismo estável, sadio e independente. Stern (1992) considera que o *Selfobjecto* pressupõe uma vivência de intimidade, acarretando um sentimento de bem-estar e vigorização, em que as necessidades básicas foram satisfeitas.

Contudo, tal como refere Kohut (1988 b), o *Self* que sente que não obteve por parte dos pais resposta adequada ficou incapaz para transformar a sua

grandiosidade arcaica e o seu desejo arcaico de fusão com um objecto do *Self* onipotente, numa auto-estima segura e sã, com ambições realistas e ideais atingíveis. Nas palavras de Modell (1986), encobertos por fantasias grandiosas que não foram modificadas através de respostas empáticas e realistas de um objecto do *Self* contentor, estes indivíduos defrontam-se com falhas sucessivas no alcance das suas irrealistas ambições. Resulta então numa ferida narcísica que é a mais dolorosa dos sofrimentos psíquicos, denunciando a discrepância entre o plano ilusório (*Eu Ideal*) e a realidade (*Eu real*) (Zimerman, 2004).

De salientar que já Pasche (*cit.* por Rui Coelho, 2004, p.159) havia referido que, para que a criança possa elaborar o *Ideal* do *Eu primitivo* é preciso que «... a realidade lhe ofereça amor suficiente para que encontre compensações objectais na diminuição das suas ambições narcísicas, é preciso que ela seja amada independentemente das suas realizações, que ao amor-estima sempre condicional se acrescente o amor pelo amor, o amor incondicional....».

Quando assim não acontece surge a formação de um *Ideal* do *Eu* tirânico, patológico, dominador e exigente de tarefas inatingíveis. Segundo Ferro (2005), este *Ideal* do *Eu*, patológico, não expõe somente à frustração, mas leva à desvalorização do *Self*, à depressão narcísica e, deste modo, à crítica e ao castigo de um *Supereu* implacável.

Assim, face a esta falha narcísica o indivíduo impede-se de olhar para o seu interior e passa a mascarar a sua ferida, escondendo-se no exterior e por detrás de um *Ideal* do *Eu* megalómano; que face ao menor desequilíbrio se despenha num precipício de inferioridade e vergonha. Modell (1986) considera que estes pacientes apresentam um *Self* grandioso que encobre defensivamente um *Self* vazio, uma ausência de ideais firmes e de relações interpessoais duradouras e estáveis, deparando-se consecutivamente com falhas repetidas no alcance das suas grandiosas ambições, o que desencadeia o sentimento de vergonha acompanhado de depressão.

Alice Miller (1986) considera que por detrás da grandiosidade está a depressão que se constitui como uma defesa face ao sofrimento causado pela perda do *verdadeiro Eu*.

Assim, a grandiosidade surge como uma defesa do *Eu* contra a depressão. Esta defesa, por vezes, realiza-se através de uma certa ruptura das relações com o ambiente, quando este já não possibilita o conforto e o afecto que o indivíduo esperaria dele; para escapar à angústia da depressão, o indivíduo vai-se afastando da relação verdadeira com os outros, asila-se narcisicamente e procura esconder os seus temores com a afirmação de um exagerado valor, do qual não é possuidor. Escondendo-se por detrás de um auto-fascínio defensivo que não é mais que uma capa protectora das fragilidades. Encobrem a dependência excessiva revelando uma independência falsamente construída. O objectivo é tornar o *Eu* verdadeiro invisível de forma a salvar as aparências.

Lewin (1971) considera que nestes pacientes a vergonha que surge na comparação com os outros pode conduzir a um retraimento e a uma retirada da relação.

Assim, tal como referem Stolorow e Lachmann (1983), quando a auto-estima é frágil e diminuída, as actividades narcísicas entram em jogo de forma a estabilizar a auto-estima, para tornar a representação de si próprio mais positiva. Os autores defendem que se o comportamento de afastamento e as fantasias associadas fortalecem a coesão, a estabilidade e contribuem para uma visão mais positiva do *Self*, ameaçado. Assim sendo, o afastamento deve ser designado narcísico.

Na mesma linha, Person (2007), considera que quando as fronteiras do *Self* são sentidas como muito frágeis são postas em marcha estratégias defensivas no sentido do distanciamento em relação à intimidade.

Nestes casos surge, por vezes, a necessidade de estes indivíduos se colocarem na posição do agressor. Aquele que não se sentiu reconhecido e desejado vai, agora, devido à sua raiva narcísica, fazer com que o outro se sinta da mesma forma. Ainda que de forma invertida, vai repetir com outro objecto (o qual desvaloriza), aquilo que vivenciou na infância; como refere Coimbra de Matos (2002), realiza activamente o que sofreu passivamente, transforma o masoquismo em sadismo, mas deslocando-o para outro objecto. Contudo, esta identificação ao agressor é uma *identificação primária* como refere o autor, é

uma participação na força e no poder do objecto, mas em que falha o sentimento próprio de competência e independência.

Kernberg (1995 a) conclui que, nestas situações, existe uma raiva e um ressentimento em relação a um objecto necessário, sentido como frustrante e alienado, pelo que se desenvolve uma máxima de que tudo o que é desejado é fonte de sofrimento, orientando para uma necessidade de destruir tudo quanto é fonte de desejo e admiração. Mas é esta necessidade de estragar tudo o que é bom que conduz ao sentimento de vazio e à frustração nas relações.

Em algumas relações narcísicas, aparentemente o sujeito parece dominar, mas essa dominância apenas esconde as suas necessidades infantis de protecção; necessitam tornar-se indispensáveis e fortes para o companheiro. São relações *espelho-meu* em que o que se pretende é que o outro reflita a imagem aspirada.

Miller (1986) referira que quando a legítima necessidade narcísica de ser notado, compreendido, levado a sério e respeitado não é cumprida pela mãe, quando a mãe falha na sua função especular, o indivíduo permanecerá sem um espelho, pelo que o resto da sua vida este espelho será procurado em vão. Na linha do pensamento de Kohut: o indivíduo necessita de um reflexo especular contínuo das suas fantasias grandiosas.

Quando faltam os elementos nutritivos, surge um sentimento de desvalorização do *Eu*, que é visto como diminuto e desamparado. Estamos perante uma depressão narcísica, onde os sentimentos de vergonha estão acentuados conduzindo à procura de mecanismos de super-compensação.

Também Kohut (1988) considerara que face a falhas na estrutura psicológica primária do *Self* adquiridas na infância, surgiriam estruturas secundárias defensivas e compensatórias relacionadas com essa falha primária. Para o autor não é difícil, nas perturbações narcísicas da personalidade, discernir a natureza defensiva que segundo ele se manifesta por uma *pseudo-vitalidade* que tentará encobrir uma baixa auto-estima e a depressão que revela um sentimento profundo de inutilidade e de rejeição.

A auto-estimulação tem como objectivo neutralizar um sentimento profundo de apatia e de depressão, em pacientes que em criança a falta de resposta à sua depressão e solidão conduziu à criação de respostas grandiosas e de fantasias eróticas.

O investimento no próprio, como estratégia compensatória, torna possível encontrar em si mesmo um objecto de admiração, mas este investimento não revela mais do que um sentimento de decepção amorosa primária (em relação ao objecto primeiro). Trata-se de um refúgio precário na auto-idealização, mas que é apenas ilusoriamente protector (Green, 1993).

O processo de narcisização, que designamos *a posteriori*, será tanto mais forte quanto mais se sentiu que o objecto primordial decepcionou, e que o amor genuíno nunca constituiu uma possibilidade real. É este objecto decepcionante, que origina o movimento depressivo. O objecto desiludiu, enganou, não desempenhou mais do que uma função de espelho desvalorizante, não possibilitando que o indivíduo constituísse as suas provisões narcísicas. O desejo do objecto não coincidiu com o do indivíduo: ser desejado.

Bibring (citado por Rui Coelho, 2004) considerou a precoce vivência de desamparo como o factor de suma importância no desencadear da depressão; conduzindo à “*ruína narcísica*” (Coimbra de Matos, 2001).

Pasche (1965) estabeleceu ligação entre a *depressão de inferioridade* caracterizada pela *desvalorização, auto-depreciação dolorosa, sentimento de insuficiência e carência, de desamparo, sentimento de incapacidade, e a necessidade de desenvolver a aparência, o desejo de possuir beleza e riqueza* como forma de compensar as falhas sentidas.

Deste modo, desde que a realidade individual e o *Eu Ideal* possibilitem um acordo, a depressão está refreada. Mas, o desvio seja por exacerbação do *Eu Ideal*, seja por falha real ou imaginária face ao objecto ou ao *Ideal* do *Eu*, dá livre curso às acusações do *Supereu*. Desencadeia-se a queda no vazio. Revela-se a doença. Muitas vezes, por detrás de uma euforia e indiferença (aparente) que estes indivíduos apresentam, dissimula-se um tremendo vazio afectivo, o *vazio traumático* Coimbra de Matos (2001), que revela a pouco e pouco, *um mal*

depressivo. Constroem uma máscara atrás da qual se oculta a tragédia de um *vazio depressivo*.

A máscara manifesta-se muitas vezes sob a forma de uma atitude *maniforme*, representando uma defesa contra a depressão que, de acordo com Coimbra de Matos (2001) corresponde à colocação do *Supereu* no objecto (faceta paranóica da mania). Mas quando o indivíduo age desse modo, ele projecta aspectos parciais do seu *Supereu*, sem qualquer elaboração mental. Por outro lado, a defesa maníaca ao querer negar a depressão por perda de afecto, impede a evolução para a *posição depressiva* e a consequente reconciliação com o objecto (Coimbra de Matos, 2001).

Outra estratégia consiste na procura de um outro como um suporte, que permita continuar a fugir da depressão. Como refere Celeste Malpique (1993), nestes casos, o envolvimento amoroso actua como mecanismo anti-depressivo, mas acaba por ser pouco eficaz porque é um envolvimento efémero. E em nossa opinião, trata-se de um anti-depressivo de efeito passageiro na medida em que, estas relações superficiais são lesivas da imagem do próprio conduzindo à comprovação do sentimento de não serem dignos de verdadeiro amor.

Segundo Coimbra de Matos (1997), o ciclo consiste em:

Ser amado  **Amar-se a si mesmo**  **Amar o objecto**

O erro está em pensar que pode recuperar a sua idealidade através da idealização do outro. O erro de Narciso foi o de considerar que teria que amar um outro, para poder amar a si mesmo (Dessuant, 1992).

2.7 - Vulnerabilidade narcísica

“Para muitas pessoas o grande dilema de sua vida amorosa é fazer uma opção entre uma destas duas sentenças: “Antes só que mal acompanhado” ou “Antes mal acompanhado que só”. Quanto mais forte for a forma patológica de amar, mais prevalece a segunda alternativa.”

D. Zimerman, 2004

Optamos pela designação de *vulnerabilidade narcísica* para nos referirmos a uma fragilidade e insegurança na representação do *Self*. Deste modo, uma pessoa com *vulnerabilidade narcísica* tenderá a lidar com essa fragilidade recorrendo a estratégias defensivas que serão tanto mais regressivas consoante o grau da percepção da vulnerabilidade e a necessidade de compensar falhas no desenvolvimento do *Self*.

Consideramos que face à percepção da fragilidade do *Self*, várias estratégias de funcionamento são postas em práticas no sentido de colmatar essa percepção e minimizar a dor emocional por ela causada.

A pessoa com *vulnerabilidade narcísica* tenderá a ser muito sensível a situações em que se sente ignorada ou em que se sente exposta, ou em que é tratada sem respeito (Mollon, 2006). As respostas a estas situações são variáveis e poderão ser mais no sentido da retirada depressiva com sentimentos de vergonha ou então, com reacções de raiva (raiva narcísica).

Deste modo surgem respostas protectoras quer da auto-estima – visão mais colorida do próprio – quer do sentimento de colapso do *Self*, no sentido da sua desintegração.

A partir das referências bibliográficas realizadas anteriormente, é possível resumir as perturbações ao nível do narcisismo incluindo as ilusões de auto-suficiência, perfeição e grandiosidade (Freud, 1914; Horney, 1934; Kernberg, 1974, Green, 1993) levadas a cabo para colmatar dificuldades ao nível da separação e diferenciação (Rosenfeld, 1987, Kernberg, 1974), sentimentos de inferioridade, (Horney, 1934; Reich, 1960, 1986; Kernberg, 1974, Kohut, 1971, 1972) e de baixa auto-estima (Horney, 1934; Reich, 1986; Miller, 1986; Kohut,

1983; Stolorow & Lachmann, 1983), o que contribui para uma *fragilidade ao nível do sentimento do Self*, que conduzirá em casos mais graves a uma *incompleta diferenciação de fronteiras entre Self e o outro* (Mollon, 2006), *confusão entre o interno e o externo* (Symington, 2006), o que conduz a relações parasitárias e de exploração, mas que têm por base a necessidade de um objecto transformador que possibilite uma metamorfose da realidade interna e externa.

Deste modo, é-nos possível considerar algumas dimensões que permitem caracterizar a *vulnerabilidade narcísica* referidas na literatura, e que se prendem com o funcionamento do *Self* e com actividades que são postas em prática de forma a ser possível uma visão mais positiva e afectiva do *Self*, ou quando necessário, um sentimento de coesão e de estabilidade ao longo do tempo. Assim sendo consideram-se as seguintes dimensões:

1. Diferenciação do Self

Vários autores (Mahler, Jacobson, Rosenfeld, Kernberg) referem-se à incapacidade da personalidade narcísica face à separação e diferenciação *Self/objecto*.

Teoricamente defende-se que esta dificuldade de diferenciação se relaciona com a incapacidade de separação face ao objecto materno, advinda de uma relação com um objecto materno pré-edipiano *clonolizante* (Glasser, 1992), no sentido em que não deixa espaço para o objecto paterno, conduzindo a uma falha na aquisição da posição triangular (Mollon, 2006), irrompendo assim uma dificuldade de conhecimento do próprio *Self* uma vez que não existe a *terceira dimensão* que permita essa perspectiva.

Por outro lado, devido à falta de um “*pai suficientemente bom*”, com uma manifesta “*preocupação paternal primária*”, que possibilite o desenvolvimento de um *Supereu* bem integrado, que assegure a auto-confiança fora do seio familiar, ou como melhor expõe Amaral Dias (1991) – *a ausência da experiência de um*

pai fálico intacto, de um pai que possa sobreviver mesmo para além da mãe ... a ausência de empatia paternal (p. 58).

Consideramos que a pessoa com *vulnerabilidade narcísica* tem dificuldade em vivenciar o outro como separado pois necessita que na ligação ao outro sejam colmatadas falhas sentidas no desenvolvimento do *Self* do próprio. Desta forma, o outro é procurado como um complemento do que falta ao próprio para que este tenha uma representação de si diferente e aceitável.

O *par amoroso narcísico* deverá possibilitar o preenchimento de uma falha sentida ao nível do *Self*, contribuindo para a saturação do espaço mental de forma a que não seja experimentada a incompletude gerada pela ferida narcísica, seja ela de maior ou menor grau.

Assim, defendemos que a ligação ao outro pode aspirar uma melhoria da auto-estima e do auto-conceito, isto é, da visão que o próprio tem de si ou – em casos de maior *vulnerabilidade narcísica* – a necessidade de que na relação com o outro seja facultado um sentimento de existência e de continuidade como nos funcionamentos *borderline*, ou até mesmo o afastamento da relação, como nos funcionamentos mais psicóticos, de forma a manter intactas as frágeis fronteiras do *Self*, dado que a ligação ao outro poderá conduzir a estados confusionais e de perturbação da identidade. Pelo que, face à fragilidade de diferenciação do *Self*, tanto podem surgir comportamentos de *relação fusional* com o outro, como o afastamento da relação de forma a preservar a integridade e a possibilitar a negação dessa necessidade de relação de completação, ou como referia Kohut, da necessidade de *objectos do Self*. Assim, a não diferenciação é tanto mais profunda quanto maiores as lacunas sentidas no desenvolvimento do sentimento de estabilidade e coesão do *Self*.

2- Self Subjectivo

Outra dimensão a ter em conta quando se avalia a *vulnerabilidade narcísica* diz respeito ao *sentimento subjectivo do Self*, isto é, à ideia que se tem

sobre a competência de autonomia, a capacidade de despertar no outro sentimento válidos e que preencham o próprio.

Kohut (1971) referiu-se à importância da criança ser vista pelo objecto materno como um “*centro de iniciativa independente*”, de forma a facilitar a aquisição do sentimento de autonomia e competência. Por outro lado Broucek (1979) referiu que o sentimento de eficácia do *Self* se desenvolveria a partir do sentimento de capacidade para evocar no objecto materno respostas eficazes e concordantes com as necessidades, ou tal como referira Winnicott, a capacidade para evocar interesse e admiração, ou se quisermos ainda, de acordo com Bion (1991, 1959) a competência para despertar pensamentos.

Falhas precoces a este nível poderão nas relações adultas facilitar o desenvolvimento do sentimento de que não se recebe o suficiente, de que se dá mais do que o que recebe, ou que nunca será possível receber o que se necessita, pelo que o melhor será a retirada da relação.

Quando o sentimento subjectivo do *Self* apresenta perturbações, existe um sentimento de incapacidade ao nível da autonomia, de competência para conduzir a própria vida e para atingir os objectivos. Claro está que face a sentimentos de profunda incapacidade surgem mecanismos compensatórios, de *extrema dependência* face ao outro em que a plenitude é ilusoriamente encontrada quando se perde no outro (Jeanneau, 1991), agarrando-se aos objectos em paixões frenéticas ou, de outra forma, com *ilusões de auto-suficiência*, de *não necessidade do outro sob a forma de negação ou desmentido*, para compensar ilusoriamente, este sentimento de inaptidão. Muitas vezes o que acontece é que o *Self* necessitado do outro, fica enclausurado, impedido de se manifestar, sendo o lugar de emoções violentas e desorganizadoras, carentes de *alfabetização*, *pelo que nas palavras de Fabião (2007): “O Self mais imaturo e carente de cuidados... é como que sepultado vivo...(p. 143).*

Assim, desenvolve-se muitas vezes um *falso Self* que ora nega a indispensabilidade do outro, ora se sedimenta em relações mediadas pela idealização desajustada e efémera, pela crença de que no objecto exterior

reside a salvação e a hipótese da transformação pela suposição da reanimação da sua existência desvalorizada.

3. Self objectivo

Esta dimensão prende-se com o modo como a pessoa avalia a si própria, a sua auto-estima.

Defende-se que a *exploração narcísica* sofrida na infância por parte de pais – eles próprios com uma imagem empobrecida de si – necessitantes dos filhos enquanto espelhos valorizantes, reflexos do *objecto do Self*, filhos que têm de *parentalizar* os próprios pais, o que conduz a um esvaziamento da auto-estima e ao desenvolvimento de sentimentos de menor valia e inferioridade.

Deste modo considera-se que quando a imagem que o próprio tem de si é mais desvalorizada, uma das formas de colorir essa imagem positivamente será através da ligação a um outro que se aprecie como mais valorizado, em que fantasiosamente se considera digno de reconhecimento pela conquista de um outro merecedor de maior valia, ou por imaginar que, como que por osmose, passe a beneficiar dos atributos que tornam a imagem do outro mais vigorosa. Ainda que parasitária, esta forma de relação é muitas vezes mais objectal, na medida em que o próprio se coloca à mercê do desejo do outro de forma a receber em troca estima e apreciação.

Existe no entanto, de forma mais maligna, a tendência a valorizar a imagem do próprio denegrindo a imagem do outro. Trata-se de um narcisismo mais destrutivo, que visa a *narcisação do próprio* à custa da *desnarcisação do outro*, como se fosse possível a libertação dos sentimentos de menor valia pela transposição desses para o outro.

4. Exclusividade do Self

Vários autores referiram a necessidade que a pessoa com *vulnerabilidade narcísica* tem de se sentir como *uno* na relação. Isto porque como já foi referido

anteriormente, pela dificuldade em passar de uma *relação dual* para uma *posição triangular*, facilitadora do conhecimento da realidade.

Loewald (1951) referiu que na infância o pai teria um papel importante na facilitação da passagem ao conhecimento da realidade, possibilitando uma retracção e controle dos desejos infantis, dos desejos edipianos, conduzindo a um desenvolvimento do *Eu*, pela oportunidade de diferenciação e individuação.

Deste modo, o pai surgiria como *um outro não mãe*, permitindo a constatação de existência de um *terceiro relacional*, e conseqüente aceitação da existência de terceiros na relação, afastando a criança da relação simbiótica com o objecto materno.

Quando existe uma falha na aquisição desta posição triangular surge na idade adulta uma incapacidade de vivencia da rivalidade uma necessidade de exclusividade, pois a existência do outro remete para o sentimento de *vulnerabilidade narcísica* e de menor valia do *Self*, manifestando-se por sentimentos mais depressivos ou de desorganização em estados mais graves.

Esta necessidade de ser exclusivo na relação poderá conduzir a comportamentos mais masoquistas, de submissão aos desejos do outro, de forma a obter segurança e colmatando a sua fragilidade.

Gear, Hill & Liendo (1981) referem que a pessoa com vulnerabilidade narcísica encontra-se num situação de *mutilação do espaço psíquico*, sendo que apenas lhe é possível adoptar uma de duas posições: de domínio sobre o outro, ou de submissão.

Capítulo 3. Estudo do Relacionamento Amoroso

Neste capítulo apresentamos estudos que têm procurado caracterizar o relacionamento amoroso e o Amor adulto, fazendo referência às teorias que estão subjacentes, e acrescentamos uma proposta de conceptualização do relacionamento amoroso que tenha em consideração os padrões de relacionamento amoroso que se estabelecem de forma a colmatar a vulnerabilidade narcísica.

3.1 – Os estudos dos relacionamentos amorosos a partir das teorias da vinculação

No campo das relações amorosas do adulto, muitos dos primeiros trabalhos realizados para investigação nesta área eram *a-teóricos*, com tendência para descrever e focar na descrição de vários tipos de relacionamento amoroso. Hoje, é largamente aceite a ideia de que a investigação deverá centrar-se na necessidade de formular e testar teorias que expliquem como e porque é que determinadas formas de amor se desenvolvem (Feeney, Noller & Roberts, 2000).

Actualmente existem alguns estudos realizados no sentido da compreensão dos processos que levam as pessoas a ligarem-se em termos amorosos. Alguns estudos procuraram entender as diferenças entre amor e processos de ligação (Davis & Todd, 1982; Duck, 1983; Sternberg, 1987), também se tem aplicado teorias da emoção para compreensão do amor apaixonado. Os principais estudos têm como base uma teoria da emoção e vinculação como explicação para a ligação amorosa (Hazan & Shaver, 1987; Shaver, Hazan & Bradshaw, 1988, Bartholomew & Harowitz, 1991).

No entanto, em 1973, Lee (cit. por Hendrick & Hendrick, 1997), considerou que existiam essencialmente seis formas de amor – *Eros* - que traduzia o amor apaixonado que se caracterizava pela intensidade e profundo envolvimento; *Storge* – uma amor companheiro que implicava a cumplicidade, evitamento da

paixão e expectativas de um envolvimento a longo prazo; *Ludus* – um tipo de jogo amoroso inconsequente e com pouca envolvimento, temporário e com controle emocional; *Pragma* – resultante da combinação de *Storge* e *Ludus*, resultando num tipo de relacionamento amoroso que se caracteriza pela racionalidade, escolha pragmática e calculista; *Mania* – um amor possessivo e dependente caracterizado por uma labilidade emocional, resultante da combinação de *Eros* e *Ludus*, conduzindo a um amor onde o ciúme predomina e onde é grande a necessidade de confirmação de que se é amado; *Agape* – combinaria *Eros* e *Storge* resultando num amor altruísta caracterizado por um dar mais do que receber, um cuidar do outro sem que se espere reciprocidade. Hendrick, Hendrick & Dick (1998) desenvolveram uma escala -*The Love attitude scale* - cujos itens contemplam cada um destes tipos de amor, e que tem sido utilizada numa série de estudos, para compreender a diferença entre géneros, verificando que os homens tendem para um tipo de amor mais *lúdico* e as mulheres mais para um amor tipo *Storge* ou *Mania* (Hendrick & Hendrick, 1997), ou em estudos que relacionam os tipos de amor com a personalidade (Woll, 1989) em que *Eros* tem sido ligado a uma auto-estima sólida, enquanto *Ludus* tem sido associado a uma expressão da agressividade e também a uma tendência para envolvimento casuais. *Storge* tem sido associado a um certo idealismo acerca da sexualidade, tal como acontece na *Mania* revelando uma auto-estima baixa, por outro lado *Agape*, surge relacionado com capacidade de escuta e interesse pelo outro, sem interesse pela sexualidade casual.

Uma das teorias que tem sido mais aplicada neste campo das relações íntimas do adulto tem sido a *teoria etológica da vinculação* de Bowlby (1969, 1973, 1980). A formulação teórica resultante defende a importância da formação de vínculos entre a criança e o cuidador da infância, sugerindo que um vínculo continuado é essencial para o desenvolvimento social e emocional da criança.

Quer a perspectiva psicodinâmica quer a da vinculação consideram que a relação que se estabelece entre mãe e bebé, o modo como a criança sente que é correspondida nas suas necessidades, não só serve de modelo de como os outros significativos respondem em situações de necessidade, como também

constitui as bases da auto-estima, na medida em que a experiência de sentir o objecto disponível, responsivo e afectivamente aceitante conduz não só ao desenvolvimento de um vínculo seguro como também a criança se acha com valor devido, por ser sentir digna de tal afecto e disponibilidade (Cassidy, 1988).

Bowlby considerou que o ser humano, tal como outros primatas, estaria equipado com um *sistema comportamental de vinculação*, o qual seria responsável pela criação de uma ligação emocional a uma figura de vinculação, designada por Ainsworth (1972) de *céu seguro (safe haven)* em situações de desespero ou de *base segura (secure base)* em situações de exploração do meio envolvente, possibilitando à criança a vivência de uma *experiência emocional positiva de segurança* (Sroufe & Waters, 1977). A activação dos comportamentos de vinculação depende da avaliação que a criança faz de uma série de sinais do meio envolvente, resultando em sentimentos de segurança ou insegurança, sendo que, o objectivo principal é a aquisição deste sentimento de segurança, constituindo-se como um *regulador da experiência emocional*.

O autor sustentou a formação de *modelos internos ou modelos representacionais* segundo os quais as crianças desenvolveriam um conjunto de expectativas acerca de si próprias, dos outros e do mundo. Estes permitiriam, numa fase inicial, interpretar e prever o comportamento da figura de vinculação e, ao longo da vida, seriam utilizados como guias comportamentais, constituindo-se como uma base para interpretação de experiências relacionais (Canavarro, Dias & Lima, 2006).

Estes modelos, formados na relação com essa primeira figura de vinculação, seriam responsáveis pela formação de expectativas da relação com o outro, e pela formação de concepções sobre se o *Self* será ou não merecedor de cuidado e valorização. Estes seriam relativamente estáveis ao longo da vida, constituindo-se como protótipos de todas as relações entre o *Self* e os outros, embora, como refere Bretherton (1985) teriam a qualidade de dinâmicos (*“working” models*) tornando-se possível a sua reformulação a partir de experiências de vinculação significativas, capazes de infirmarem experiências

anteriores e/ou de possibilitarem percepções diferentes sobre as experiências passadas, abrindo caminho à possibilidade de mudança ao longo da vida.

A finalidade inicial da teoria da vinculação de Bowlby (1988) era a de explicar o desenvolvimento da personalidade e da psicopatologia num contexto de relações próximas, principalmente as relações pais-filhos. Apesar da teoria não ser uma teoria de satisfação relacional *per se*, as investigações no campo da vinculação têm conduzido ao estabelecimento de índices psicológicos de relações saudáveis e não saudáveis, incluindo as relações entre parceiros românticos.

Ainsworth *et al.* (1978) acrescentaram aspectos importantes à teoria da vinculação aquando do estudo das diferenças individuais nos estilos de vinculação, a partir das observações que fizeram com bebés em situação natural e em laboratório. Destarte, dos estudos realizados nesta área surgiu uma classificação dos indivíduos em Tipo A – Inseguros/evitante, Tipo B – Seguros/autónomos, que valorizam as relações de vinculação, e Tipo C – Inseguros /ambivalente, em concordância com a teoria de Bowlby, ao referir que estes padrões de vinculação estavam directamente relacionados com a resposta afectiva do cuidador da infância.

Quase todos os esquemas subsequentes derivaram deste, sendo que se constata que o sistema de classificação sobre a vinculação introduzido por Ainsworth *et al.* (1978) tem uma importância extrema na investigação (Moreira, 2006).

Hazan e Shaver (1987) ao proporem uma integração das conceptualizações acerca do amor (teorias sobre o amor ansioso, teorias sobre os estilos de amor e outras) com a teoria da vinculação foram pioneiros no estudo das relações heterossexuais enquanto processos de vinculação. Assim, partem de três pressupostos centrais – os estilos de vinculação que se estabelecem na infância são determinantes do estilo de vinculação no amor entre adultos, a continuidade no estilo da relação vai depender dos modelos mentais acerca das relações e do próprio e os estilos de vinculação da infância (Seguro, Ansioso/Ambivalente e Evitante) são os mesmos na relação de amor

nos adultos. Deste modo, consideraram a existência de fortes paralelismos entre a vinculação na infância e a vinculação no amor romântico.

Contudo, os autores defenderam a existência de duas diferenças essenciais e que dizem respeito ao facto dos padrões de ligação entre criança e cuidador terem assimetrias, contrariamente aos do amor romântico em que são esperadas simetrias, pois trata-se de uma troca, implicando uma reciprocidade dos padrões de cuidado (a menos que as falhas na infância tenham contribuído para uma estagnação no desenvolvimento e o indivíduo se coloque numa posição mais de captante!).

Por outro lado, estando a componente sexual presente no amor romântico, levou a que os autores considerassem que este deveria implicar uma integração de *vinculação*, *cuidado* e *sexualidade*, embora em sua opinião sendo o sistema de vinculação o que aparece primeiro, em termos desenvolvimentais, pode condicionar o desenvolvimento dos outros (Shaver *et al.*, 1988).

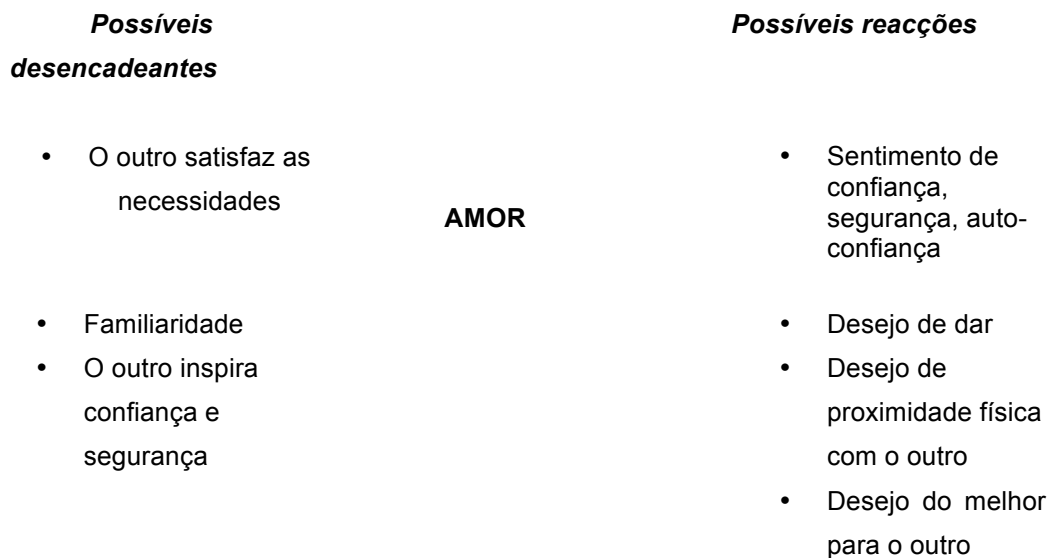


Figura 1. O amor como uma emoção: desencadeantes e reacções.

Fonte: Shaver e Hazan (1988).

A avaliação dos estilos de vinculação amoroso realizada por estes autores, era feita através da apresentação de três parágrafos para cada um dos estilos de vinculação propostos por Ainsworth *et al.* (1978), em que se descrevia a experiência que se esperaria que pessoas, com cada um dos estilos, relatassem nas suas experiências de relações românticas na idade adulta. Deste modo, era pedido aos participantes para se auto-classificarem, escolhendo o parágrafo que considerassem que melhor descrevia a sua experiência de relação amorosa.

A facilidade, simplicidade e rapidez de aplicação deste método bem como o facto de os resultados serem semelhantes aos que tinham sido obtidos com o procedimento de Ainsworth com os bebés, assim como uma série de correlações coerentes com a teoria, ajudaram a convencer muitos da validade desta medida, tendo sido responsáveis pelo grande número de estudos que a utilizaram nos anos seguintes (Moreira, 2006).

No entanto, uma série de aperfeiçoamentos foram posteriormente introduzidos nesta técnica, surgindo desenvolvimentos com diversas escalas multi-itens - em que os parágrafos originais eram divididos em frases ou em que se construíam novos itens - as quais proporcionavam resultados mais precisos e possibilitavam o uso da análise factorial para caracterizar a dimensionalidade no domínio das diferenças individuais na vinculação (Moreira,2006).

As investigações realizadas com base na tipologia de Hazan e Shaver concluem que o *estilo de vinculação Seguro* está relacionado com uma baixa tendência para o divórcio, com um compromisso nas relações conjugais e elevados níveis de satisfação com a relação, enquanto que os *estilos Inseguros (Ansiosos/Ambivalentes e Evitantes)* surgem como mais associados a insatisfações conjugais, maior solidão e com elevada tendência para somatizações .

Bartholomew & Horowitz (1991) desenvolveram três instrumentos de avaliação dos padrões de vinculação, a *Family Attachment Interview* que é uma entrevista semi-estruturada em que é pedida uma descrição de memórias da relação com os pais, em particular no que diz respeito a experiências de perda, rejeição e separação na infância, bem como a interpretação feita em relação ao

comportamento dos pais, e a explicação de como consideram que a relação com os pais modelaram a sua personalidade. Outro instrumento é a *Peer Attachment Interview* que é também uma entrevista semi-estruturada, em que se procura perceber as relações com os amigos e as experiências de relações amorosas através de descrições de experiências de rejeição e aceitação, experiências de troca de apoio, reacções face ao conflito e à separação e as expectativas face ao futuro relacional. O *Relationship Questionnaire* apresenta quatro parágrafos que representam os quatro padrões de vinculação, em que os sujeitos devem escolher o padrão que melhor os descreve em termos do funcionamento das suas relações íntimas, classificando numa escala de sete pontos, o grau que corresponde às suas relações de proximidade em geral (Bartholomew & Horowitz, 1991).

Na continuidade dos estudos de Hazan e Shaver, Bartholomew e Horowitz (1991) sugerem uma *tipologia de quatro grupos*, uma vez que defendem que os padrões de vinculação reflectiam um *modelo interno de representação do Self* e um *modelo de representação interna do cuidador*; isto é, o *Self* pode ser visto como merecedor, ou não, de cuidados, atenção e amor, bem como a figura de vinculação pode ser vista como disponível e cuidadora ou o contrário. A combinação destas duas dimensões resultou em quatro estilos de vinculação:

Seguro – com visão positiva do *Self* e do outro, em que o indivíduo se sente seguro na relação com o outro, gerindo bem a mútua dependência, e a não aceitação por parte de outros, o Preocupado – com uma visão negativa do *Self* mas positiva do outro (cf, ansioso-ambivalente) com um sentimento de rejeição, e com um sentimento de incapacidade para gerir a própria vida sem o outro, revelando um sentimento de que os outros não apreciam da mesma forma que o próprio valoriza os outros; o Evitante Desligado – com uma visão positiva de si e negativa do outro, excluindo a mútua dependência e com o desejo de não se sentir ligado a ninguém; o Evitante Amedrontado – com modelos negativos de si próprio e do outro, revelando um desconforto nas relações íntimas, desconfiança em relação ao outro e às suas competências de dedicação, temendo a rejeição (Bartholomew & Horowitz, 1991, p. 244).

		<u>Modelo do Self</u>	
		(dependência)	
		<i>Positivo</i>	<i>Negativo</i>
		baixo	alto
<u>Modelo do outro</u> (evitamento)	<i>Positivo</i> baixo	<p>Seguro</p> <p>Confortável com a intimidade e a autonomia</p>	<p>Preocupado</p> <p>Sempre dependente</p> <p><i>Preocupado (Main)</i></p> <p><i>Ambivalente (Hazan)</i></p>
	<i>Negativo</i> alto	<p>Desligado</p> <p>Negação do vínculo</p> <p>Contradependente</p> <p><i>Desligado (Main)</i></p>	<p>Receoso</p> <p>Receio do vínculo</p> <p>Evitante da sociabilidade</p> <p><i>Evitante (Hazan)</i></p>

Figura 2. Modelo de vinculação de quatro grupos.

Fonte: Bartholomew (1990).

De acordo com a perspectiva de Bartholomew (1990), os indivíduos com modelos positivos dos outros (*i.e.*; não evitantes), podiam ser classificados como *seguros* ou *preocupados*, tendo em conta o seu grau de dependência. Os indivíduos com modelos negativos acerca dos outros, poderiam ser *desligados* ou *receosos*, novamente em relação à necessidade de depender. Ou seja, quer os desligados quer os receosos tenderiam a evitar as relações íntimas, mas diferiam no que diz respeito à necessidade de aceitação por parte dos outros. Os evitantes desligados manteriam um sentimento de valorização pessoal à custa da intimidade.

Os evitantes receosos desejavam a intimidade mas como receavam a rejeição, evitam a ligação de forma a não estarem sujeitos a essa experiência (Bartholomew, 1990, Bartholomew & Horowitz, 1991; Feeney & Noller, 1990).

Feeney, Noller & Hanrahan (1994) chegaram à conclusão que os indivíduos *desligados* revelavam uma indispensabilidade de aprovação por parte dos outros e preocupação com as relações, concluindo-se que a necessidade de manterem o outro à distância se prendia com as ansiedades resultantes acerca das dúvidas sobre si próprios.

Em nossa opinião este é um aspecto importante e que se prende com a *vulnerabilidade narcísica* e com a *fragilidade das fronteiras do Self*. Deste modo, consideramos que estes estilos de vinculação deverão ser cuidadosamente analisados tendo em conta estratégias defensivas que visam a manutenção de uma estabilidade de um *Self* frágil e a possibilidade de estabelecimento de fronteiras que estão pouco delimitadas e que se podem sentir ameaçadas em face de uma ligação de maior intimidade.

Assim, nas relações fundadas no narcisismo, as necessidades do *Self* assumem a importância fundamental. O *Self* é mais frágil muitas vezes com fraca coesão, a auto-estima é mais difícil de equilibrar internamente, portanto existe um elevado grau de *vulnerabilidade narcísica*, a pessoa está mais sensível a toda a injúria emocional focando a atenção mais nas suas necessidades do que nas do parceiro, esperando sempre que o outro se comporte de forma a possibilitar um aumento da estima do próprio e a estabilidade e coesão do *Self*.

As pessoas com *vulnerabilidade narcísica*, utilizam estratégias defensivas que têm como finalidade compensar essa vulnerabilidade, não com estratégias de regulação interna, mas através de aproximações ao outro de modo indiferenciado ou através de distanciamentos defensivos.

Em todo o caso o que conta, nestes tipos de relacionamento amoroso formados a partir da *vulnerabilidade narcísica*, é que o outro é valorizado como uma parte do *Self*, devendo comportar-se de acordo com as suas estratégias defensivas. As estratégias defensivas devem proteger o *Self* das necessidades de ser amado, compreendido e reconhecido (Bach, 1987)

As pesquisas realizadas sobre os estilos de *relação amorosa preocupado* revelaram que este se caracterizava por elevados níveis de *idealização do*

parceiro e uma *preocupação obsessiva* face ao amor do outro (Hazan & Shaver, 1987; Feeney & Noller, 1990), bem como uma *angústia* face à hipótese de *separação* (Mikulincer *et al.*, 1990), uma maior *dependência emocional*, uma *necessidade maior de comprometimento* (Feeney & Noller, 1990), uma *dependência maior dos outros para manter a sua auto-estima* a um nível que permita funcionar (Bartholomew & Horowitz, 1991). Estes resultados parecem, em nossa opinião, prender-se mais com um estilo de relação que tem por base um funcionamento mais depressivo, tipicamente neurótico.

As investigações revelam também que, no *estilo evitante* há um evitamento da proximidade e intimidade, a regulação afectiva é realizada através da desvalorização da importância do vínculo, em que há uma fuga a domínios mais afectivos (Hazan & Shaver, 1987; Bartholomew & Horowitz, 1991). O afastamento permite a ilusão de uma certa segurança face ao criticismo e a hipótese de ser invadido por emoções que não sejam manejáveis internamente (Pistole, 1995), impedindo um contacto com tudo o que possa diminuir a imagem do *Self* (Akhtar & Thomson *cit.* Pistole, 1995). Deste modo, estes resultados parecem evidenciar a utilização de estratégias mas defensivas de evitamento da intimidade de forma a manter uma coesão do *Self*, ainda que ilusoriamente, em que o afastamento impede o confronto com as fragilidades sentidas ao nível da estabilidade e coesão da representação do *Self*.

Feeney (1995) ao estudar o controle emocional e o estilo de vinculação nos casais verificou que os casais em que o estilo de vinculação era inseguro havia uma maior frequência na manifestação de emoções negativas, comparativamente a casais em que pelo menos um revelava um padrão de vinculação seguro.

Outros estudos revelam que o estilo *preocupado* manifesta mais ansiedade e paixão que os *seguros* ou *evitantes* (Feeney & Noller, 1990; Levy & Davis, 1988) sendo também, geralmente mais obcecados com a relação (Hazan & Shaver, 1987) enquanto os evitantes revelam distância emocional (Bartholomew & Horowitz, 1991) e falta de interesse (Shaver & Brennan, 1992), os seguros

revelam maior envolvimento nas relações, confiança no parceiro e satisfação (Pistole, 1989).

Neste sentido, consideramos que os estilos de vinculação deverão ter em conta a fragilidade narcísica e a função que esta tem no estabelecimento de relações de forma a colmatar as fragilidades sentidas ao nível da representação do *Self*. Consideramos que o olhar sobre os estilos de vinculação sem ter em conta a *vulnerabilidade narcísica*, corresponde a uma falha que pode ocultar a ligação entre a vinculação a regulação da auto-estima e a protecção/coesão do *Self*. A vinculação prende-se com a necessidade de proximidade, cuidado e segurança de um outro que é experienciado como separado do *Self* (Silverman, 1991; Pistole, 1995), a questão coloca-se quando o outro é vivido como não respondente a estas necessidades e como tal não pode ser vivenciado como separado estando-se no caminho que favorece o desenvolvimento de falhas no *Self*, condicionando todo o desenvolvimento posterior.

Elson (1987) e Solomon (1989) haviam concluído que a *vulnerabilidade narcísica* afectava as relações amorosas na medida em que a pessoa necessita que os outros funcionem como *objectos do Self*. As relações que não derivam de *vulnerabilidades narcísicas* baseiam-se mais numa troca, em que a centração no *Self* está em equilíbrio com a capacidade de reconhecimento do outro como separado, havendo portanto a autonomia do *Self* (Solomon, 1989). Assim, o maior ou menor grau de fragilidade narcísica determinará a maior ou menor segurança na relação com o outro e a capacidade de tolerar os movimentos projectivos e de identificação projectiva tão próprios de uma relação de intimidade. Em nossa opinião, o grau de *vulnerabilidade narcísica* do indivíduo influi na sua orientação para o estabelecimento de relações mais ou menos parasitárias e de exploração mútua em detrimento de relações de comensalidade, de troca mútua e com sentimento de *bem-estar vincular*.

Defendemos que os estudos sobre relacionamento amoroso não se poderão cingir à ideia de repetição de padrões relacionais interiorizados, até porque, se tivermos em conta o processo de desenvolvimento do *Self*, pressupõem-se uma modificação nos padrões relacionais desde a infância, visto

que o aparelho mental é dotado de uma plasticidade e competência reflexiva que determinará modificações salutogêneas. Em nossa opinião a estagnação e repetição de padrões será da ordem da incompetência do *Self* para se desenvolver e remeterá para lacunas na sua estrutura de base. Logo, se os padrões relacionais interiorizados se repetem ao longo da história relacional do sujeito é porque há algo que se procura e que falhou, impelindo à repetição com a finalidade de um acabamento, em busca do que se sente que faltou e que determinou um encriptamento do *Self*, a sua paralisação. Destarte, defendemos a existência de tipos de relacionamento amoroso que se formam em ordem a possibilitar essa completação do *Self*, à procura de poderem retomar o desenvolvimento que ficou suspenso.

3.2 – Estudo de Tipos de Relacionamento Amoroso que visam o reparo da vulnerabilidade narcísica

“Não conheço nada mais complexo no mundo que amar.”

Carlos Amaral Dias, 2010

Reik (1944, cit. Barnes & Stenberg, 1997) considerou que o amor seria um substituto de outro desejo, e que resultaria de uma incapacidade do *Self* em se sentir completo e em atingir o *eu-ideal*, deste modo, o amor surgia da deficiência em que a pessoa seria compelida a amar de forma a obter na relação como outro, as qualidades que faltam ao próprio. Numa palavra, para o autor, o amor trata-se de um fenômeno singular resultante das falhas do próprio.

Embora, em nossa opinião o amor não se alicerce na deficiência, pretendemos defender a existência de tipos de relacionamento amoroso que decorrem das necessidades narcísicas, emergentes do sentimento de vulnerabilidade narcísica do *Self*, sendo postas em prática modalidades funcionais que têm como objectivo uma reparação do que ficou retido em termos de desenvolvimento do *Self*, visando uma coesão ou uma visão mais positiva, sendo perspectivada uma organização ou um aperfeiçoar do *Self*, que em

modalidades diferentes, é sentido como falhado. Assim, são relações que se estabelecem com o intuito de uma *pseudo-narcisização do Self*, com a finalidade de diminuir o sentimento de *vulnerabilidade narcísica*. Assim, nestes tipos relacionais, o outro está no lugar da função, desempenha uma função que falta ao próprio, não está lá no lugar de um outro diferenciado, sendo relações da ordem da completação.

Este *mecanismo de reparação narcísica* opera por duas vias – a da submissão, mais típico dos funcionamentos neuróticos ou do *Self grandioso*, mais típico dos funcionamentos *borderline* e psicótico.

Em resumo, o que se procura é a segurança do *Self*, e a sua completação, seja através da fusão com um outro idealizado seja pela fuga a essa necessidade chegando ao isolamento, consoante a falha no *Self* seja da ordem da falta de uma estrutura reguladora da auto-estima ou de uma estrutura organizadora do pensamento, a qual conduz também a uma fragilidade grave na auto-estima.

Logo, as relações que se estabelecem são mediadas por idealizações e desvalorizações, expectativas exageradas e baseadas em pressupostos subsequentes de falhas de desenvolvimento no *Self*, sem que haja percepção realística do *Eu* e do outro, o que compromete o desenvolvimento de cada elemento na relação e naturalmente, a própria relação.

Consideramos que os estudos do relacionamento amoroso deverão ter em consideração o estabelecimento destas modalidades relacionais fundadas na procura de completar o que falta ao *Self* para que possa prosseguir o seu desenvolvimento e, como tal, sustentamos que estas relações se estruturam em torno de três tipos de funcionamento que passamos a descrever.

3.2.1 - Relacionamento amoroso tipo *Submisso-Idealizador*

Rank (1941) enfatizara a função das relações amorosas enquanto reguladoras da auto-estima, em que ambos os elementos da relação se

alimentavam de modo parasitário dos aspectos bons um do outro. O autor considerava que a dependência excessiva do outro para a regulação da auto-estima poderia desencadear comportamentos de dependência, subserviência masoquista de forma a impedir a perda do objecto tão necessário ao engrandecimento do *Self*.

Neste sentido, os outros são utilizados como veículos para alcançar um colorido afectivo da representação do *Self*. As relações amorosas são estabelecidas de forma a possibilitar a ilusão de possuir uma auto-estima verdadeira, fortalecida.

Quando o indivíduo sentiu que foi amado parcialmente, apenas pelos aspectos que satisfaziam o objecto, só aprendeu a amar desse modo. Liga-se aos objectos de forma parcial. Estabelece relações bidimensionais (sem profundidade), baseadas em processos primários em que o que interessa são os aspectos exteriores e não a pessoa em si, em que o básico na relação pode ser pensado do seguinte modo: *"gosto não dele, mas do que ele me faz iludir que eu seja"*. O que encanta não é tanto o outro, mas o que ele possibilita ao próprio em termos do seu narcisismo, sendo que ainda assim, existe um certo investimento objectal. Já A. Reich (1953) havia referido estas ligações como ilusoriamente mágicas vividas como supostamente reparadoras de danos graves sentidos na auto-estima, aparentando um intenso amor mas não sendo mais do que restaurações narcísicas.

Mas, tendo sido amado não pelo que é, mas sim pelo que faz de bom aos olhos do objecto e, do que satisfaz as necessidades narcísicas desse objecto, a avaliação do *Eu* e o reforço da auto-estima não poderá realizar-se senão através de actos. Contudo, o acto não é utilizado como uma prova das capacidades do *Eu*, mas sim, como meio de se fazer aprovar pelos outros. Além do mais, os actos não são vividos como exprimindo a totalidade do *Eu*, mas como um meio de se fazer confirmar. É a repetição do trauma de infância, como nos refere Miller (1986): continua a ser admirado não pelo que é, mas sim pelo que possui e agrada aos outros.

Malpique (1993) considera que as escolhas amorosas que estas pessoas realizam constituem uma vingança para com o objecto primário que não foi capaz de dar um amor suficiente e provisor.

De acordo com Kernberg (1995 b) consideramos que, muitas vezes, quando nestes casos há uma ligação ao outro, a sua paixão se centra em torno da beleza física, do poder ou da riqueza, os quais conferem ao indivíduo o sentimento de posse de tais atributos. Muitas vezes, a idealização refere-se ao facto de imaginar que o outro vive uma vida de gozo, sem vergonha, sem inibição e sem culpa, tão desejada pelo indivíduo. Assim, é como se fantasiassem que o brilho do objecto ilumina e oferece a esperança, ainda que vã, a um *Eu* nas trevas. Trata-se de uma espécie de *maquilhagem psicológica*, em que o que se pretende é um disfarce das falhas, reais ou imaginadas, que se julga associadas ao seu *Self*. A idealização do outro prende-se com as necessidades de manutenção desse como alimento narcísico do próprio.

Person (2007) designa de *amor vaidoso* ou amor *auto-valorizante*, aquele em que o objectivo consiste num ganho, como dinheiro, poder, vantagem social, que possibilite o emergir da vaidade do *Eu*.

Zimerman (2004) designa de *fetiches substitutos*, estes aspectos que possibilitam que o indivíduo se esconda por detrás de uma aparência, criando uma vida ilusória, um *falso Self* que permite ir encobrendo a verdadeira essência.

Com efeito, encontramos homens/mulheres que se ligam ao objecto possuidor de beleza ou estatuto social, que julgam conferir ao próprio a potência, o poder de possuir tal objecto de valoração. Denotando-se uma clivagem entre interior e exterior, com supremacia do segundo face ao primeiro.

Estas relações são mediadas pela idealização infantil em que o outro, muitas vezes, é procurado como objecto poderoso a quem se possam ligar de modo siamês (é a fusão com o objecto grandioso e onipotente que Kohut considerara como fase essencial no desenvolvimento infantil). São as *personalidades tipo B* designadas por McDougall (as que realizam uma transferência idealizadora, na versão de Kohut), que se agarram com avidez a

pessoas significativas de forma a projectarem nessas o seu *Ideal*, de modo a preencherem um vazio.

Como sustenta Bleichmar (1985), o indivíduo, julga assim, poder ocupar o *trono narcísico* do objecto. É como se pensasse que, na ligação ao objecto, ele próprio pode brilhar e envaidecer-se com a sua grandiosidade (do objecto).

Nestas relações, o indivíduo aumenta as suas reservas narcísicas alimentando-se do narcisismo do objecto, quase como se fantasiasse que, por osmose, recebesse o valor que admira no outro, encontrando-se permanentemente numa posição narcísica. Relações que podem ser equacionadas do seguinte modo: $1+1=1$ ou, como refere Coimbra de Matos (2002), estas relações são ilustradas pela comum frase “*Eu, sou Eu e a minha mulher*”.

Confundem relação objectal com dependência; e quando o amor é confundido com dependência, o que se passa a procurar é a admiração do outro em vez do seu amor, sem perceberem que se tornam profundos adictos, insatisfeitos, de admiração. Sem alcançarem que esta é apenas uma gratificação substituta da necessidade de respeito, amor e compreensão; é a *vicariância narcísica* – “*não sou amado, mas sou admirado*”.

No entanto, em muitos casos, a dependência face ao objecto amoroso é conscientemente negada e ao mesmo tempo temida, pois remete para a dependência pré-edipiana, fazendo ressurgir conflitos em torno da fase oral. Na relação com o cuidador, o indivíduo vivenciou uma relação de dependência em que se sentiu esgotado na sua capacidade de satisfazer e lesado na sua necessidade de compreensão e afecto, desencadeando o sentimento depressivo de dar sempre mais do que recebe; é a *economia depressígena e depressiva* (Coimbra de Matos, 2002).

Nestas circunstâncias, apenas era permitido na infância a expressão de sentimentos consonantes com a disponibilidade do objecto, aprendendo o que não é permitido sentir, sob pena de perder o amor do objecto. Passa a desenhar-se um padrão que estabelece que os sentimentos inaceitáveis pelo *meio* e pelo próprio devem ser escondidos de forma a evitar a rejeição e a

vergonha. Quando estes sentimentos surgem e não são completamente evitados, eles terão de ser clivados e não podem ser integrados, o que conduz a um empobrecimento marcado da personalidade (Miller, 1986).

Abraham (*cit.* Rui Coelho, 2004) ao referir-se aos pacientes deprimidos, afirmara que estes se agarravam aos objectos como *sanguessugas*, como se a sua intenção fosse devorá-los. Também Green (1993) refere que quando a ferida narcísica se transforma numa chaga aberta é indispensável o *sequestro do objecto*, de modo a reconstruir a unidade perdida com o objecto por meio da criação de uma *complementaridade interna*.

Estas são relações que se sustentam pela amputação, tolhidas por um sentimento, muitas vezes mútuo, de insuficiência crónica, em que o outro é apenas um complemento do próprio, aquilo que lhe falta para ter uma visão mais colorida do seu *Eu*, embora permanecendo sempre uma estrela sem luz própria que necessita de objectos que gravitem à sua volta e lhe proporcionem gratificações que são da ordem da pré-genitalidade, dado que as exigências são de reconhecimento e admiração e não de envolvimento efectivo.

É a *dependência estéril do depressivo*, que não manifesta o desejo porque se coloca à mercê do outro para evitar a rejeição e impede-se de se colocar na relação enquanto ele próprio, muitas vezes controlando o outro de modo masoquista, não deseja mas submete-se ao desejo do outro, apenas recebe o que o outro quer dar e não exige o que sente que necessita pois receia a rejeição. Ávidas presas, que se deixam encarcerar em relações que ilusoriamente lhe trazem um benefício à estima mas que resultam num sentimento de darem mais do que recebem e como tal são insatisfatórias, diz-nos o fado lágrima da Amália: “*Se eu soubera que morrendo tu me havias de chorar, por uma lágrima tua que alegria me deixaria matar*”.

Como refere Coimbra de Matos (1979):

“... o indivíduo ... vive ... dos juros do capital investido – é uma espécie de amor próprio no sentido de o fazer render e aumentar, mas que resulta num logro pois que o capital investido numa relação não produtiva se desvaloriza”.

Por norma estes indivíduos envolvem-se em paixões de foro sádico-masoquista em que a atracção é sempre por um outro que se apresenta como incapaz de corresponder aos desejos do próprio, comprovando o sentimento de não ser merecedor de melhor (decorrente da sua fragilidade narcísica), muitas vezes protegendo-se assim dos temores da rivalidade edipiana.

Trata-se de um *masoquismo ilusoriamente compensatório*, que coloca o indivíduo numa situação de admissão de tudo o que de desagradável lhe possam fazer, criando a ilusão de que aguenta tudo o que de mal vem dos outros, e deste modo compensa-se narcisicamente, porque encobre a fragilidade, mas colocando-se numa posição submissa, de grande dificuldade em impor limites na relação, permitindo o desrespeito, deixando a descoberto a grave desvalorização e o sentimento de inferioridade.

Estas pessoas facilmente se iludem com a atractividade do distanciamento narcísico, que aparenta ser difícil de conquistar, de conseguir, ilusoriamente seguros de si, envoltos num mistério que simula ser interessante, mas que não é mais que uma defesa face ao sentimento de incompetência e menor valia, encapotando uma fragilidade do *Eu* e um empobrecimento da vida afectiva e relacional.

Kernberg (1995 a) menciona o facto de nestes casos existir a projecção na pessoa amada, não de um *Ideal do Eu* normal, mas sim de um *Self grandioso patológico*, que se encarrega deste modo, da estabilidade da própria grandiosidade do paciente.

Consideramos que este se constitui como um lado mortífero do amor que se fica a dever a um sentimento de ligação de dependência, na infância, a um objecto frio, indiferente, não sintonizante, em que muitas vezes o que se realiza é uma vingança contra esse objecto que lesou e utilizou o indivíduo como objecto de completude narcísica (Coimbra de Matos, 2002), numa fase do desenvolvimento em que era crucial o reforço narcisante e provisor de reservas.

De acordo com Kohut, nestas relações, o objecto amoroso não é mais do que um *objecto do Self* cuja função é de trazer ao próprio um ganho narcísico. Como refere Miller (1986), os outros estão ali para admirar e o próprio está de

corpo e alma envolvido em conseguir tal admiração, numa dependência torturante. É a tarefa de *reparação narcísica* a que se refere Bursten (1986), que, face à vulnerabilidade do narcisismo do indivíduo, se torna uma tarefa para toda a vida, tendo como objectivo principal fugir da vergonha, e ligando-se a objectos que desempenhem essa função restauradora.

Como refere Coimbra de Matos: “ *Na catexia narcísica do objecto, este só é reconhecido, apreciado, admirado e desejado, assim como aceite e respeitado, enquanto é sentido como idêntico e unido ao sujeito, sem vontade própria nem diferente* ” (1997: 23).

Contudo, nestes casos existe um certo investimento no objecto, o indivíduo está predominantemente numa posição depressiva, mas em que a culpa não foi elaborada, daí a sua condição mais depressiva, mas entretanto as ansiedades esquizo-paranóides foram suficientemente manejadas. Considera-se, no entanto, que o objecto não é clivado, ele possui uma continuidade afectiva, de acordo com Coimbra de Matos (2002); é o *objecto bifacial* (*idem*). Por isto, estes indivíduos têm o outro em conta, ainda que sempre à espera de receber algo, nunca sentido como o suficiente, porque não chega a ser colmatada a debilitação narcísica do *Self*, nunca chega a haver um verdadeiro restauro do *Self* falhado.

3.2.2 - Relacionamento amoroso tipo *Eufórico-Idealizante*

Quando a auto-estima está diminuída, a representação do *Self* é frágil e as angústias esquizo-paranóides não foram integradas, as relações que se estabelecem são, em certas situações, mediadas pela inveja e pela agressividade face ao objecto.

O outro é necessário para uma *pseudo-organização do Self*, o objecto amoroso desempenha uma função que é mais do que a de colorir o *Self*, é a de possibilitar a sua contenção. É como se o *Self* tomasse de empréstimo a mente do outro para se poder organizar. O objecto tem aqui uma função organizadora, ainda que de forma suplente, do *Self* que não se desenvolveu; estabelecendo-se

assim uma *pseudo-relação*, em que o outro apenas está no lugar da sua *funcionalidade*, ou seja, é como se o objecto estivesse lá para colmatar a falha deixada pela relação com o objecto primário, está lá para cumprir a função e não para uma relação de troca madura e de reciprocidade.

O'Shaughnessy (1981) refere o facto de nas situações em que as ansiedades infantis não foram modificadas e integradas, não sendo possível atingir a posição depressiva, surge a necessidade de criar um refúgio em relação aos objectos internos e externos, os quais são tidos como responsáveis no ressurgir de ansiedades desorganizadoras. Assim, irrompe uma organização defensiva ainda que precária (pois o *ego* é frágil), que muitas vezes desfalece e põe a descoberto uma série de angústias intoleráveis.

Este refúgio em relação aos objectos prende-se com a inveja sentida pelo que se julga estar em falta vendo os outros em sua posse. Segal (1975) referia que a inveja visa a que se seja tão bom como o objecto e que quando isso é vivenciado como impossível o objectivo é danificar o que no objecto provoca inveja, removendo a fonte de sentimentos invejosos. Miller (1986) referira que a inveja se devia ao facto de considerarem que os outros não tinham de fazer grandes esforços para obter admiração.

Procuram-se então objectos que possibilitem uma vivência, ainda que falsa, de libertação dos sentimentos de desvalorização através da projecção das partes más do *Self*, no outro, por meio de mecanismos de identificação projectiva. Como não aceitam a falha em si mesmos, projectam-na nos outros, fazendo um ataque ao narcisismo alheio. Segundo Coimbra de Matos (2002), este tipo de pessoas são os designados *perversos narcísicos* pois vivem do ataque ao narcisismo alheio, restringindo-se por vezes a um ataque à imagem sexuada do outro – *castração narcísica* (*op. cit.* p. 445).

Kernberg (1995 b) refere-se a homens que escolhem mulheres feias como forma de fazer sobressair a sua própria beleza e suscitar, assim, admiração. Tornam-se incapazes de apreciar o que o outro possui de único e diferente.

O objecto não pode nunca ser melhor que o *Ideal* do *Eu*, pois isso desencadearia inveja e consequentemente ataques sádicos à sua personalidade

de modo a que esse não possua nada de invejável. O objectivo é destruir o narcisismo do outro, porque esse aumenta o sentimento de inferioridade do próprio. Coimbra de Matos (2002) refere que se o objecto exhibe alguma qualidade superior, ao desejo de possuir atributos iguais aos do outro acrescenta-se o desejo de o destruir: é o *complexo de revolta* (2002, p. 133).

O indivíduo narcisicamente vulnerável tem receio que o objecto o atinja na sua ferida narcísica, desencadeando a humilhação, pelo que passa a ter uma atitude agressiva de modo a desencadear no outro esse sentimento. Os sentimentos de inferioridade conduzem ao emergir de agressões hostis, surge a vingança para com aquele cuja única falha foi a de ser (parecer) mais forte que o próprio.

Podemos dizer que esta agressividade, pela desvalorização do outro, permite tornar menos consciente o sentimento de vergonha do próprio, na medida em que ele passa a ser o objecto vexatório e discipiente.

O outro deve, em muitos casos, ser um objecto gémeo do indivíduo (Kohut, 1988 a), pois se o *Eu* não está fundido com o objecto, surge o reconhecimento das qualidades do outro e das inferioridades do próprio, surgindo a inveja, sendo necessário pôr em curso todas as defesas contra a separação. São relações pontuadas pela identificação narcísica ou projectiva – em que o outro é investido à imagem e semelhança do próprio. Como refere Coimbra de Matos (2002), o outro é um *alter ego em imagem especular*.

Assim, encontramos nestas relações um balouçar constante da visão do objecto, por um lado mau enquanto fonte de projecções, por outro ideal, com o qual o indivíduo se quer identificar. Numa constante alternância em que: *se gosto de mim, não gosto do outro, se gosto do outro não gosto de mim*. Isto, porque se o objecto é visto como mau, inferior, o próprio sente-se valorizado, surgindo sentimentos de inferioridade e humilhação quando o outro é vivenciado como objecto perfeito. Em outros casos, trata-se de um oscilar entre a idealização, na maioria dos casos do objecto que completa, e o denegrir do objecto que se mostra independente.

Estas relações podem ser designadas de transnarcísicas, dado que permitem a regulação da auto-estima, uma vez que, como *num sistema de vasos comunicantes* (Coimbra de Matos, 2002), o narcisismo circula de um para o outro. De uma forma mais simples poderíamos dizer que, como dois pratos desequilibrados de uma balança, o aumento do narcisismo de um corresponde a um abaixamento do nível do narcisismo do outro; o que é típico numa *relação narcísica fusional*. (Sistema de “cápsula” ou “guindaste”- par maníaco-depressivo). (Coimbra de Matos, conferências)

Como se de um *travestismo mental* se tratasse, nestas relações narcísicas, o sujeito apodera-se do que no outro é sentido como bom e simultaneamente invejável, fantasiando um controle onipotente do objecto, como refere Rosenfeld (*cit.* por Bleichmar, 1985):

“O sujeito trata de fundir-se com ele (objecto) para assim controlá-lo onipotentemente num duplo movimento: por um lado apoderar-se dos aspectos invejados do objecto e senti-los como próprios e, por outro, evacuar através da identificação projectiva, tudo o que causa desprazer” (1985, p. 43).

Esta ideia parece aproximar-se da tríade maníaca descrita por Melanie Klein: *omnipotência – controlo – desprezo*.

Deste modo, nas relações amorosas que estes indivíduos estabelecem, para que um esteja na ribalta é necessário que o outro permaneça nos bastidores. Trata-se de uma *dijunção exclusiva* – ou o *Eu* ou o *outro* (Bleichmar, 1985). O objecto não pode aparecer enquanto alguém que tenha outros objectivos que não sejam a complementação do sujeito através da sua conduta de admirador. Há como que uma recusa da subjectividade e *alteridade do outro* (Coimbra de Matos, 1982), o objecto não pode ter outros desejos que não sejam os mesmo que do indivíduo, há uma ausência ou precariedade da função discriminante *Self/objecto*.

São muitas vezes relações tirânicas, nas quais o objecto tem de brindar à admiração do sujeito, deixando que o seu pensamento e os seus desejos sejam controlados, de modo a ser criada uma ilusão de segurança na relação.

O desinteresse pelo outro, enquanto entidade separada, parece poder relacionar-se com a tríade descritiva do carácter abandonico referida por Bergeret (1974), quando da definição de carácter narcísico. Assim, a desvalorização do objecto, a negação do seu existir e do seu valor enquanto ser importante e autónomo, terá como objectivo provocar no objecto sentimentos de abandono que o indivíduo já sentira e que tem receio de vir a sentir por considerar que o outro o vai rejeitar pelo seu fraco valor. Deste modo, realiza-se uma espécie de *seguro contra a rejeição e o sentimento de abandono*: para evitar a sua desvalorização, despreza o objecto, como consequência da desvalorização que possui de si mesmo. Trata-se de uma desmentido da dependência e uma defesa face à humilhação.

Por outro lado, se o indivíduo não se valoriza, não se considera digno de amor, tenderá a provocar no outro esses sentimentos. É um modo implícito de ataque ao narcisismo do outro, como vingança em função de frustrações do passado. Estes indivíduos, possuidores de um profundo sentimento de vergonha devido à sua fragilidade narcísica, tendo sido, na sua infância, objecto de atitudes desnarcisantes por parte dos pais, pretendem transformar o passivo em activo (Freud, 1920) tendendo a responder agressivamente a qualquer situação que desencadeie esse sentimento, passando, como refere Kohut (1972) inflingir activamente nos outros aquelas feridas narcísicas que mais teme sofrer.

Realizam assim, activamente com o outro, aquilo que sentem que sofreram passivamente na relação com o objecto inicial.

Uma manifestação da agressividade nestas relações verifica-se pela tendência ao domínio sobre o objecto de forma a torná-lo submisso e próximo para conferir ao indivíduo um sentimento de segurança.

Muitas vezes estes indivíduos revelam uma heterossexualidade frágil, resultante de uma identidade mal edificada, o que desencadeia frequentemente o estabelecimento de relações sexuais sucessivas como comprovação da

virilidade ou feminilidade. Num *acting-out* permanente, que parece, acima de tudo, revelar falhas no processo de identificação.

Como refere J. Milheiro, estes indivíduos «... *Têm uma pseudo-sexualidade, fazendo dela um uso expansionista ou de retracção conforme a possibilidade íntima que os aspectos organizados da psicosexualidade e a caracterização das circunstâncias por onde circulam o permitam*». (1990:, p. 47).

O que acontece é que acabam por viver a sua sexualidade de forma exibicionista, em que, de modo maniforme, se envolvem em diferentes relações, as quais julgam contribuir para uma valoração viril/feminil, no entanto esta apenas é reveladora de uma ambivalência em relação ao sexo oposto traduzindo-se numa procura de gratificação sexual ao mesmo tempo que é posta em acção uma vingança sádica, não se envolvendo afectivamente com o objecto e desprezando-o na sua capacidade afectiva.

De acordo com Kernberg (1995 b), no caso das mulheres o exibicionismo e os mecanismos de sedução frios e controlados podem revelar uma identificação inconsciente a uma mãe fria, narcísica e rejeitante, pretendendo, acima de tudo, um domínio e exploração do parceiro, o que permite uma gratificação sexual e uma protecção contra a inveja. Estabelecem-se relações em que o envolvimento afectivo é menosprezado em favor de um envolvimento que sustente o sentimento de ser desejado, que dissimule o *Self* falhado, sendo para isso importante a sua *performance* sexual, a qual desenvolve um cariz mecanizado. Quase como se o prazer sexual resultasse somente da satisfação com a sua *performance*, conduzindo à existência de *orgasmos do Eu*. A satisfação é com o seu desempenho, e não advém da relação íntima, genital. São personagens animados pela incessante procura de relações sufocadas pela erotomania ou a histeria (*vicariância erótica* – “não sou amado, mas sou desejado”).

A necessidade de ser desejado e admirado leva a que alguns homens e mulheres se deixem envolver numa ilusão de que constituem objecto de desejo, não passando, nas suas relações, de meros objectos de exibição narcísica. Sendo que nesta modalidade relacional, o investimento no outro nem sequer é

sexual, porque o outro nem sequer é vivenciado como objecto de prazer, é apenas um intermediário para a exibição sexual do próprio.

A excitação que surge face a cada nova relação vai desaparecer com a proximidade ao objecto. O que excita é a curiosidade que antevê a fusão com o *Ideal* do *Eu*, e a transformação no *Eu Ideal*. Quando a curiosidade desaparece, desfalece o desejo. Surge nestes pacientes a ideia de que tudo se desvanece com o passar do tempo, de que tudo tem um término. Isto, porque sentiram, na relação mais precoce, uma perda do interesse do objecto. Assim, partindo dessa premissa, optam por não se envolver afectivamente, para não serem rejeitados; é a insuficiência narcísica, que desemboca na retracção. O indivíduo vai-se retirando cada vez mais do mundo das relações verdadeiras, passando, em muitos casos, a afastar-se, pois julga, deste modo, poder manter uma imagem idealizada face aos outros. A aproximação ao objecto é vista como a queda da posição fictícia de superioridade com que julgam iludir os outros.

O que se aspira é cada vez mais o desapego emocional; o objectivo é não depender de nada, não haver ligação a nada, cultivando-se a negação do sentimento.

O estabelecimento de relações sexuais com diferentes parceiros fortalece o sentimento de desapego e de ser desejado. Atitude maniforme que visa testemunhar a satisfação de viver. Situações em que há como que paixões compulsivas que procuram, ilusoriamente, eliminar a frustração com o *Self* e o ressentimento do passado, através de uma gratificação sexual conseguida com um novo objecto. Trata-se de um agir a sexualidade de modo a aumentar a auto-confiança, sem o menor interesse pelos sentimentos do outro. Neste agir, o indivíduo vai sempre repetir inconscientemente as experiências passadas, sendo a repetição realizada de forma compulsiva, permitindo, assim, preservar os aspectos da idealização.

Estes indivíduos apenas se interessam pela conquista do objecto, pelo que durante um curto período de tempo se mostram amantes solícitos e atentos. Efectivada a conquista, tornam-se indiferentes, pois criam enormes expectativas que caem por terra, pois a idealização é muito primária, (remetendo para

aspectos infantis) - refere-se a aspectos parciais, ou até mesmo em relação a partes do corpo do outro, algo invejável que o indivíduo julga poder apropriar-se ao possuir o objecto. Trata-se de um processo extractivo, em que o indivíduo julga que, ao ligar-se ao outro, lhe pode extrair algo que inveja.

Inicialmente, são relações fogosas, ofuscadas pelo brilho exterior que o objecto apresenta, mas que rapidamente caem na desilusão, porque não foi possível o conhecimento do conteúdo interno do outro, nem uma revelação do próprio, e porque a comparação com o *Ideal* do *Eu* resultou num falhanço, e o amor genuíno não constituiu uma realidade.

Não há nada mais humilhante que o sentimento de impotência que afirma que o *Eu* não é capaz de ser o que deveria ser, e quando o *Eu* se decepciona frente ao *Ideal* do *Eu*, que passa a ser o seu objecto, o *Eu Ideal* perde o seu frágil equilíbrio. Há então que partir para uma nova relação, reafirmar as capacidades de dotes de *D. Juan*, de modo a restabelecer a auto-estima perdida e a impedir a queda no vazio e na depressão. A perda do objecto é vivida com alguma culpa, a qual é necessário negar para não cair na depressão. Mas é esta fuga à depressão que impele à evolução maligna em que a parte da personalidade que está amputada só “... *pode existir e crescer em continentes-conteúdos vivos e em que o conhecimento e a verdade da realidade interna se possam ir afirmando*” (Fabião, 2007, p. 148).

Assim, quando uma relação se deteriora, facilmente se encontra outro/a parceiro/a, demonstrando uma incapacidade egóica para superar a debilitação narcísica, adoptando uma conduta de estabelecimento de muitos e nenhuns vínculos, amainando o sentimento de indispensabilidade do outro, da dor e da perda.

Coimbra de Matos (1984) sustenta que este agir reflecte a fraqueza do *Eu*, a impulsividade é resultado de um *Supereu* organizado de modo incipiente, resultado de um sofrimento pré-edipiano, em que o indivíduo experimentou a acção de um objecto predominantemente narcísico e sádico. Desta relação resulta um prejuízo grave na confiança básica, no atingir da constância objectal

e na passagem da indiferenciação para a separação-individuação, comprometendo a evolução benigna do *Self*.

Resta então a acção de forma a iludir que cada nova relação traga a promessa atraente de poder converter o sujeito num *Eu Ideal*. Desenvolve-se um desejo metonímico (Bleichmar, 1983), o qual se desloca incessantemente de um objecto para outro, revelando que o que se deseja não é a pessoa em si, mas um *Eu Ideal*, revelando a insuportabilidade a uma relação de envolvimento profundo, dado que não se sentem suficientemente integrados na sua *pele psicológica*, para arriscar numa relação de intimidade.

Desenvolve-se uma forma patológica do vínculo de amor que é designado por Zimerman (2004) de *vínculo tantalizante*, cujo objectivo é paralisar o outro através do exercício de um domínio e de uma sedução que possibilite ao próprio colocar-se num lugar do *Ideal do Eu*, deixando o objecto na expectativa do amor que é inalcançável, pois existe uma séria incapacidade do próprio para amar de verdade. O que acontece muitas vezes é que o objecto idealizado é um objecto que se deixa dominar e que seja incapaz de se afastar do sujeito, passando a denegri-lo e a vexar quando este faz qualquer tentativa de autonomização e de desligamento face ao indivíduo.

O indivíduo age, deste modo, em acordo com o seu objecto interno: succionador, insaciável e devorador, gerador de inseguranças e de incerteza do afecto.

Trata-se de uma situação em que em termos de desenvolvimento mental, o indivíduo ficou a meio caminho entre a *posição depressiva* e a *posição esquizo-paranóide*, numa *posição borderline* que Steiner (1993) designa de *refúgio psíquico*, que não é só típico de funcionamentos *borderline*, mas também pode surgir em funcionamentos psicóticos ou mais neuróticos em situações de *stress*. Nestes casos o envolvimento com o outro não pode ser muito íntimo pois poderá remeter para dores intoleráveis o que conduzirá a retiradas da relação para esse, refúgios internos protegidos por um forte sistema defensivo. O *Self* está, deste modo, escondido por detrás de um poderoso sistema defensivo que

possibilita a ilusão do alcance de um lugar seguro, dado que a fantasia é a de que o envolvimento conduz a uma dor ou ansiedade.

Estas relações encenam-se num vacilar entre o objecto que se submete e como tal está sob domínio e o objecto que se desenha desse domínio, esclarecendo a violência que surge nas relações em que o indivíduo se enraivece quando o objecto sai do controle e em face disso, gera angústias abandonicas.

A procura ininterrupta de um novo objecto vai adiando o risco de queda na *depressão anaclítica*, reveladora de uma falha grave de sintonia empática, por parte do cuidador da infância. Nestas relações ocorre uma defesa pela sexualização (*vicariância erótica*) possibilitando ao indivíduo livrar-se facilmente da desilusão das perdas; tudo o que causa injúria é facilmente extraditado para fora de si, colocado num outro.

Trata-se de um funcionamento baseado no *princípio do prazer*, em que há uma procura, por parte do *Eu*, de que todas as tensões sejam reduzidas ao mínimo. É o funcionamento primário que não permite o adiar da experiência de satisfação numa lógica primária de “*não adiar para amanhã o prazer que se pode obter hoje.*”, já que se vive apenas da acção e não do pensamento.

Os objectos devem responder prontamente de forma a construírem (ainda que ilusoriamente) uma espécie de *pele mental* (Amaral Dias, 2004), a impedirem o sentimento de separação, e a consciência do desejo do outro, o qual deve apenas permitir-se a existir enquanto continuidade do próprio (Symington, 2006), o que falta ao próprio para se sentir um todo. Para Amaral Dias (2010) nestes casos, os objectos são prolongamentos do *Self que se encarregam do sonho que o sujeito não pode sonhar* (*idem*, p.47).

De salientar que já Bach (1975) considerara a despersonalização e uma série de outras experiências estranhas, como resultantes de disjunções na experiência do *Self*, que tinham a ver com um *déficit* do desenvolvimento narcísico, que envolve a falta do sentimento de continuidade e significado do *Self*, sendo indispensável um outro que traga a hipótese de efectivação desta função.

Quando o objecto falha nestas funções, ou seja, quando o objecto não está a desempenhar a sua função essencial, crucial que é a *identificação projectiva complementar* (Amaral Dias, 2010), aumenta a *raiva narcísica* e a suposta solução é passar de imediato a uma nova relação sem se pensar no que levou ao fracasso da anterior, havendo uma repetição que impede o crescimento afectivo, mas que transitoriamente forma uma pseudo-estabilidade. Cria-se, assim, um ciclo repetitivo:



É o *círculo vicioso narcísico* descrito por Svrakic, (citado por Trechera, 1996) que engloba os seguintes passos: *Projecção do Eu grandioso em objectos externos ou identificação com objectos valiosos, projecção dos fracassos narcísicos, cansaço em relação à fonte de gratificação – o que leva à desvalorização e desprezo pelo objecto, conduzindo ao aborrecimento e sentimento de vazio, pelo que é imperativo a procura de um novo objecto.*

Estes falhanços na relação, este sentimento que surge de que o outro não exerce a sua função, é apenas uma repetição do que o indivíduo vivenciou na infância, o sentimento de que a mãe/pai não exerceram a sua *funcionalidade de contenção e transformação do Self*, porque não tiveram uma *maleabilidade funcional* do próprio *Self* de forma a tornar possível a contenção dos conteúdos projectados pelo bebé, não corresponderam à sua necessidade de amor, conduzindo à criação de um sistema defensivo liderado pelo sentimento de que o melhor é não necessitar do amor do outro, porque o resultado será o sofrimento. O melhor é não haver uma entrega, até mesmo porque dizem: “quem dá o que tem, a pedir vem!”, e a necessidade do outro é para o narcísico insuportável, abriria a ferida narcísica originada na infância, em que, quando dependente, se sentiu vítima de abuso do poder dos pais.

A inibição da expressão dos afectos e das emoções resulta do facto de o indivíduo considerar que ao expressá-los se torna mais vulnerável. Inibe-se a expressão dos desejos de forma a defender-se contra qualquer dano. Assim, faz

do outro, na relação, como sentiu que precocemente os pais lhe fizeram (transferência invertida de Pearl King). Utiliza-o como mero objecto de exibição narcísica. A relação forma-se sem intensidade, sem intimidade, uma vez que não há verdadeiro respeito. A comunicação é distorcida e a expressão de sentimentos verdadeiros fica impedida, entrando-se num circuito relacional em que se considera que o outro deverá ter a capacidade para adivinhar os sentimentos e necessidades do próprio, tal é a posição infantil de captação, e a idealização assente em necessidades infantis.

Nestas relações, o objecto tem, constantemente, de confirmar a sua admiração e desejo, pois o indivíduo não teve possibilidade de aprender, com o objecto inicial, a reconhecer o olhar de desejo e satisfação.

O que se passa é que, tal como refere Kernberg (1975,1995), estes indivíduos se amam tão precariamente como amam precariamente os outros; o outro apenas serve de intermediário para a auto-valorização, apenas veneram a imagem com a qual julgam iludir os outros.

Não se trata, nestas relações, de dar mas somente de tentar receber. O indivíduo apenas se apaixona pelo sentimento que o outro nutre por si, esperando do outro o que nunca oferecem. A escolha do objecto não é feita pelos atributos que possui, mas sim pelo facto de admirar o próprio, tal como Freud havia referido na sua obra de 1914, quando da referência à eleição narcísica da mulher *não necessitam amar, senão ser amadas* (Mancia, 1990).

É a manifestação do *narcisismo maníaco* (Manzano & Espasa, 2008), com séria dificuldade em amar verdadeiramente, procurando apenas no outro a manifestação do desejo e paralisando a relação, desenvolvendo-se muitas vezes condutas sexualmente excitantes mas que não implicam intimidade onde os pensamentos erotizados substituem os afectos, quase sempre implicados numa sucessão cíclica de relações dependentes das circunstâncias, revelando-se o que designamos ser uma *sexualidade operatória*, não se ligando verdadeiramente a ninguém, mas adoptando jogos de sedução com contornos infantis, que mantém o objecto na expectativa da satisfação do desejo, o que nunca acontece.

De acordo com Zimerman (2004) a sedução visa prender o objecto com a promessa encantatória de uma *completude paradisíaca*, que com o tempo se revelará ilusória e desembocará num ciclo de desilusões e renovadas ilusões, muitas vezes culminando na desvitalização do objecto.

Nestas relações, o que é partilhado são sentimentos falsos, que resultam da manifestação do *falso Self*, os verdadeiros ficaram bloqueados, não são passíveis de serem aceites, as necessidades genuínas mantêm-se à deriva do *Self*, há um distanciamento em relação aos próprios afectos e aos do outro.

Stolorow e Lachman (1983) já se haviam referido ao facto de certos comportamentos sexuais cujas experiências corporais intensas têm apenas como objectivo sustentar uma organização psicológica precária que tende à fragmentação. Precisam do outro sem falta, para fugir de si, pois com a ligação ao outro vem muitas vezes a esperança de uma nova identidade, a que possibilite lidar com uma realidade interna que é vivida como dolorosamente insuportável.

A procura constante do outro prende-se com a necessidade de consubstanciar o seu frágil *Self*, cujo sentimento muitas vezes é de estar débil ou destruído (Cooper & Maxwell, 2004). A impossibilidade de intimidade fica a dever-se à fragilidade do *Self*, o frágil *Self* ou procura a fusão de forma a sentir-se completo (e porque só se sentem íntimos quando se sentem iguais), ou evita a intimidade por confundir com dissolução do próprio no outro.

Neste último caso, desenvolvem-se procuras de afecto de forma agida, que como tal é impossível de encontrar, implicando-se assim numa incessante troca de relações sem intimidade nem profundidade, onde não é possível o desenvolver do conhecimento de si nem do outro, até porque está ausente a *conjunção constante*, no sentido de Bion (*cit.* Amaral Dias, 2010), dado que não existe um padrão emocional que possa caracterizar o sujeito, e conferir-lhe uma identidade única, com unicidade de actos e pensamentos, permitindo um reconhecimento de si próprio.

São relações muitas vezes com carácter parasitário em que o objectivo é sentir que se é objecto de desejo, em que há uma antecipação do sexual face ao

relacional, onde o contacto corporal jamais reflecte o envolvimento emocional e afectivo, criando-se relações com proximidades ilusórias constituindo-se como verdadeiros ataques à intimidade; ilusório é também o sentimento de ausência de dependência e o afastamento do temor de abandono que supõem que esta implica. Encontram-se assim, num *dilema claustro-agorafóbico* (Rey, 1991), em que necessitam do objecto para sentirem alguma estabilidade do *Self* mas por outro lado não conseguem estar em relações demasiado próximas pois a consciência da dependência compromete o sentimento de identidade, ameaçado por dissolução e fragmentação do *Self*. A proximidade relacional é também assustadora pois aumenta o receio de destruição do outro e do próprio. Na mesma linha, Steiner (1991) refere-se a este dilema *claustro-agorafóbico* como uma situação em que o paciente não suporta viver emocionalmente próximo dos objectos, pois isso acarreta uma ansiedade *claustrofóbica*, com ameaça de aprisionamento e exigências demasiadas sobre o *Eu* e por outro lado, o afastamento demasiado em relação aos objectos desencadeia angústias *esquizóides* de fragmentação.

Está em causa uma procura desenfreada de um *outro ideal*, envolto de particularidades construídas com base em sonhos estéreis, e por isso facilmente desidealizável e imediatamente desprezível. Trata-se de um objecto que tem duas faces com as quais o indivíduo joga alternadamente, ora é desvalorizado, ora ideal, convenientemente, de forma a regular a auto-estima e a organizar o *Self*, impedindo a queda na depressão e/ou na desorganização.

Se quisermos, numa outra linha de orientação, como defende Amaral Dias (2010), o *border* oscila entre a necessidade de ter ao dispor um objecto que organiza, e um objecto que tem de ser atacado devido ao temor que existe à fusão, neste sentido o autor defende que a dependência do *borderline* não é emocional mas sim a *dependência da actividade cogitativa do objecto* (*idem*, p.45). Os objectos são também aqui utilizados como prolongamentos do sujeito mas no sentido de desempenharem uma função de contenção, como parte do aparelho de pensar os pensamentos.

O *Supereu* destes indivíduos é externo, o que os torna dependentes da apreciação emitida pelos demais, num ver-se ao espelho através dos olhos dos outros, revelando-se furioso quando essa necessidade não é satisfeita. A fragilidade do *Supereu* está relacionada com a não-aceitação da diferença, do outro enquanto distinto do próprio no que respeita aos sentimentos, desejos e ambições.

No *narcisismo maníaco*, cujas defesas se organizam contra a *angústia de separação e abandono*, o outro inexistente enquanto objecto separado apenas desempenha um papel previamente encomendado: o de admirador, não é objecto de desejo, apenas de exibição, muitas vezes para confirmar o valor do próprio. Já em 1952, Heimann referia que a diferença entre uma relação infantil e uma relação objectal madura se prendia com o facto de a criança sempre considerar o objecto em referência a si própria, enquanto a relação madura implica uma visão do objecto com uma existência independente. Deste modo, o objecto só tem valor para a criança em função do papel que desempenha para si.

Nesta linha, arriscamos a considerar estas relações eminentemente infantis em que o objecto só tem valor pelo que representa para o *Self* do próprio.

Também a sexualidade, privada do desenvolvimento, é infantil, muitas vezes baseada em condutas exibicionistas em que o outro não é senão objecto de actividade masturbatória do próprio, uma vez que o prazer não resulta da relação. O envolvimento afectivo fica substituído por condutas robóticas e desafectadas, que impedem o crescimento mútuo. O culto do corpo surge para demonstração da própria virilidade ou feminilidade. O amor, esse, tão ansiado e nunca encontrado!

Assim o fazem porque assim sentiram que lhes fizeram, ficando penhorada toda a vivência de uma sexualidade baseada na troca de afecto e ternura, essa sim geradora de um sentimento de plenitude.

A sexualidade saudavelmente vivida implica uma troca de ternura e respeito mútuo, de conhecimento e reconhecimento, onde é possível surgir o

prazer de dar e receber, o apetite por satisfazer, onde existe a sede do desejo.

Como referiu Santo Agostinho: “*A medida do amor é amar sem medida!*”, mas quando ocorre o fracasso genital, surge a adopção de estratégias de compensação, pelo poder, dinheiro, um consumismo exagerado, a procura de um objecto do qual ficam à sombra ou colocando-o na sua sombra, de forma a que possa iludir uma visão mais valorada e coesa de si, como se pudessem estar “*sempre à mama*”, revelando uma dificuldade na autonomização e uma manutenção de uma dependência infantil, ainda que sempre negada pois têm grande dificuldade em aceitar a dependência face ao outro e em consciencializar o que o outro tem de bom para dar, pelo risco de experimentar sentir inveja.

A genitalidade é distante do controle obsessivo sobre o outro, onde se instala a ritualização da relação em que prima o exibicionismo do próprio, em que a relação se estabelece sem emoção ou criatividade, implicando uma estagnação asséptica, em que ninguém se toca verdadeiramente em intimidade, porque existe um receio de poder ser invadido pelas emoções e perder o controle, em que o afecto tem de ser colocado à distância sob pena de trazer sofrimento. São assim relações envoltas numa redoma asfíxiante que conduz a uma insuficiência de vida, porque não vivida em plenitude.

3.2.3 - Relacionamento amoroso tipo *Evitante-Desnarcisante*

Escreveu Fernando pessoa: *O amor maior é por isso morte..., ou ainda: o amor causa-me horror; é abandono...*

Quando as experiências de ligação a um outro implicam o reviver de sentimentos, recordações, fantasias e outros conteúdos experienciais que ameaçam o ressurgir de configurações vinculares avassaladoras, a recusa à relação afigura-se como uma estratégia de sobrevivência. De facto, para alguns, a vivência de intimidade está estreitamente ligada ao *fusional* e como tal é morte, é desaparecimento do próprio no outro, pelo que ilusoriamente se salvam pelo *refúgio narcísico*, criando uma falsa estabilidade com um efémero *Eu*

disfarçado de grandioso que se alia de forma maníaca ao poder, desprezo e ao controlo (tríade maníaca descrita por Klein), subestimando o outro como forma de se enaltecerem e encobrirem o sentimento profundo de menor valor, negando a dependência através do controlo do objecto para o submeterem ao seu poder, para o fragilizar, não reconhecendo que esta atitude apenas leva a um empobrecimento da vida emocional, uma deterioração do sentimento de identidade e ao incremento do ódio e da inveja que corrompem nocivamente toda a relação.

Trata-se da manifestação de um *narcisismo persecutório* (Manzano & Espasa, 2008) ou *maligno* de acordo com Kernberg (1975,1984), cujo objectivo é denegrir os aspectos idealizados do outro de forma a negar o sentimento de inveja profunda e encobrir a angústia paranóide, o qual é próprio dos funcionamentos mais psicóticos e que se caracteriza essencialmente pela negação intensa da necessidade de ligação ao objecto, um ataque a tudo o que signifique vínculo, sendo total ou parcialmente destruídas todas as funções cognitivas do *Eu* traduzindo-se numa simplificação da vida mental, num empobrecimento desastroso de toda a vida afectiva e emocional, desembocando num bloqueio afectivo que culmina num enfermo vazio interior.

Até porque nestes casos a dependência em relação ao outro extrema, porque o próprio é incapaz de produzir pensamentos, pela ausência ou debilidade da *função alfa*, necessita do outro para que exerça essa função.

Como refere Fabião (2007) é como se o *Self* destes indivíduos tivesse ficado sepultado, encerrado, impedido de se desenvolver e todo ele imerso em emoções que necessitavam de ser *alfabetizadas* e que não encontraram lugar para o ser, o problema é que muitas vezes a ligação ao objecto desperta o emergir de todas essas emoções conduzindo a estados confusionais e de desintegração do *Self*.

Surge a maciça actividade projectiva, pelo que o outro deixa de existir, e no lugar dele fica apenas a projecção (Amaral Dias, 2004). Devido à intensa actividade projectiva e de identificação projectiva, o vazio é cada vez mais profundo tendo que ser preenchido por actividades delirantes, condições

megalómanas que por sua vez vão afastando mais da realidade e, por isso, aumentando o vazio e delineando um *ciclo vicioso psicótico* (A. Perez Sánchez, 2003).

Nestes indivíduos surge um balançar entre o medo e a raiva, o receio de desaparecer no outro e a cólera em face do que o outro possui. Estas formas psicóticas encontram-se num dilema entre poder ver o outro enquanto separado o que desencadeia toda uma série de ódios insuportáveis e impossíveis de metabolizar, e por outro lado, a dificuldade em manter a ligação *fusional* com o objecto idealizado, pois isso implica um *terror de engolfamento*.

Glasser (1992) refere-se às retiradas narcísicas que têm como objectivo a segurança e auto-suficiência, mas que conduzem a sentimentos de abandono e desintegração, estados de isolamento, depressão e diminuição grave da auto-estima. Amaral Dias (2010) refere-se ao *desmentido* que estes sujeitos fazem da necessidade de dependência, traduzido na alienação.

Desenvolve-se, em certos casos, uma arrogância psicótica (que substitui o orgulho próprio), alicerçada numa ilusão de auto-suficiência, donde sobressai uma inveja destrutiva, a indiferença geral e a ausência de vida afectiva que acompanha o algemar das emoções. Nestes casos há uma destruição dos aspectos do outro que desencadeiam inveja, num ataque constante ao narcisismo alheio, por projecção das partes indesejadas do próprio *Self* no outro. O *Self* pouco coeso está fragmentado numa imagem grandiosa arcaica e numa outra incompleta e frágil, esta última negada e projectada sobre o outro. Poderíamos dizer que se forma um *Self* narcísico (que encobre o *Self* desnarcisado), de tal modo forte, atacante e arrogante face ao outro, abarcando a personalidade, tentando proteger a imagem grandiosa afastando-se do contacto com a realidade, a qual é tida como anti-narcísica dado que confronta o próprio com a necessidade do outro e com as fragilidades que desencadeiam uma vergonha arrebatadora e um sentimento de inexistência válida. A realidade interna e externa é odiada, a *parte psicótica da personalidade* em aliança com este *Self* narcísico destrói as funções que constituem resposta evolutiva ao princípio da realidade (Mesquita, 2008), forma-se então necessariamente uma

realidade virtual (Manzano & Espasa, 2008), caracterizada por todo um conjunto de confianças mais ou menos mágicas, vivendo com base no ataque a toda a relação que possa evidenciar-se como *suficientemente boa*.

Neste caso, de acordo com Fabião (2007), toda a sensorialidade é tida como perigosa já que induz sentimentos ligados à dependência, devendo ser por isso atacada e rejeitada, criando-se um sistema defensivo cada vez mais rigidificado e frio em relação às emoções que coloca o sujeito a meio caminho do ataque à própria vida.

PARTE II - Estudo de conceptualização e avaliação de tipos de relacionamento amoroso em função da vulnerabilidade narcísica

Esta parte do trabalho apresenta quatro capítulos. No capítulo quatro descrevemos os objectivos e as hipóteses de investigação. No capítulo cinco apresentamos a metodologia, a caracterização da amostra em estudo, os procedimentos realizados para a concretização da investigação que propusemos, com apresentação dos instrumentos utilizados, a construção do Inventário de Tipos de Relacionamento Amoroso (ITRA) e os procedimentos de tradução do SONI – *Selfobjects Need Inventory*, e ainda a aplicação experimental destes, bem como a descrição dos procedimentos de recolha e análise dos dados. No capítulo seis apresentamos e analisamos os resultados, bem como os procedimentos estatísticos efectuados para análise das propriedades psicométricas do ITRA, a consistência interna de cada escala relativa a cada tipo de relacionamento amoroso que propusemos, assim como as correlações com os outros instrumentos aplicados. No capítulo sete fazemos uma discussão dos resultados obtidos.

Capítulo 4. Objectivos e Hipóteses Teóricas de Investigação

“Penso que só há um caminho para a ciência ou para a filosofia: encontrar um problema ver a sua beleza e apaixonar-se por ele; casar e viver feliz com ele até que a morte nos separe – a não ser que encontrem outro problema ainda mais fascinante, ou, evidentemente, a não ser que tenhamos a solução. Mas, mesmo que obtenhamos uma solução, poderemos então descobrir, para nosso deleite, a existência de toda uma família de problemas-filhos, encantadores ainda que talvez difíceis, para cujo bem-estar poderemos trabalhar, com um sentido, até ao fim dos nossos dias”. (Popper & Lorenz, 1990. p.3).

Neste capítulo apresentamos os objectivos da investigação e as hipóteses que vão delinear o presente estudo.

4.1 - Objectivos da investigação

A procura de um objecto de amor é um dos aspectos importantes da vida podendo uma relação amorosa conduzir a grandes modificações no *Self*, contudo, esta tarefa não parece ser fácil nem linear, sendo regulada por uma série de factores, nomeadamente os que se prendem com a história vivenciada de cada um e o modo como a interacção relacional foi sendo integrada no sistema psíquico.

As relações significativas que se estabelecem ao longo da vida são essenciais para o desenvolvimento do *Self*, mas existem evidências de que quando falhas graves no seu desenvolvimento são sentidas precocemente, estas podem condicionar todo o desenvolvimento posterior, impedindo que o individuo consiga mudar o seu percurso e encontrar objectos que possam ser *usáveis* (não somente objectos da projecção) no sentido da evolução psíquica em que o indivíduo seja capaz de *usar* esses objectos enquanto *objectos transformacionais*, esses diferentes dos objectos da infância, evidenciando assim um crescimento psíquico que decorre da capacidade de separação e autonomização psicológica face a esses objectos de relação precoce.

No entanto, encontramos na investigação clínica situações de relacionamento amoroso em que o que é procurado é um objecto (ou objectos) que empregue funções que não foram possíveis de desenvolver com os objectos da infância.

Quando com os objectos da infância não foi possível o desenvolvimento de estruturas psíquicas que possibilitem uma regulação da auto-estima, ou até mesmo a formação de uma espécie de *pele psíquica* que defina o *Self* possibilitando a sua individualidade, facilitadores de uma autonomia de pensamento e crescimento emocional, toda a vida se procurará uma ligação a objectos que possam servir essas funções, implicando muitas vezes a decepção porque o objecto não realiza as funcionalidades que lhe são designadas. Isto, acrescente-se, quando o próprio *Self* não desenvolveu plasticidade suficiente para integrar outras experiências transformadoras e capazes de colmatar as

falhas anteriores. Assim, estas relações e padrões de interacção que se estabelecem precocemente irão determinar um conjunto de percepções sobre o *Self*, o objecto e as relações com esse, que serão determinantes na constituição das *representações acerca do Self* a saber – *representação de um Self coeso, desvalido, incompleto e indefinido*.

No decurso destas representações, surge a urgência de tratar dessas feridas internas, as lesões sofridas no *Self*, que justificam muitas vezes o desenrolar de relações envoltas na necessidade de acabamento do *Self* e não de partilha e de desenvolvimento mútuo, com *objectos semi-novos* (porque não aproveitados na sua essência), responsáveis por muitos dos desapontamentos amorosos e pela desistência de estabelecimento de novas relações ou então, uma procura incessante de relações ilusoriamente reparadoras das falhas do *Self*, na esperança de que o que não foi bom nas relações mais precoces, se transforme num ideal, onde idealizações mais ou menos arcaicas (consoante as fragilidades do *Self*) transportam a esperança a um *Self* nas trevas.

Assim, em face da *vulnerabilidade do Self*, da sua *vulnerabilidade narcísica*, consideramos que se estabelecem *tipos de relacionamento amoroso* cuja funcionalidade é apenas a de completação, embora rodeada pelo conflito, o que é primordial é a satisfação das falhas que ocorreram no desenvolvimento do *Self*, a tentativa de colorir e estabilizar a sua representação. A ligação é mediada pela funcionalidade do objecto e não pela necessidade de um outro complementar, em que a troca afectiva e o crescimento emocional é preterido em relação à função que o outro deve realizar.

Deste modo é importante conhecer estas modalidades de relacionamento amoroso que se estabelecem em ordem à criação de estruturas que o *Self* não desenvolveu. Considera-se que, nesta situação, o *Self* tenderá a estabelecer relações que possam constituir-se como aprovisionamentos, no sentido de possibilitar o colmatar de falhas, penhorando no entanto todo o desenvolvimento saudável da relação.

À medida que se tem avançado nas investigações sobre a vinculação maior compreensão se vai tendo sobre a importância da segurança e da

dependência face ao objecto, o que nos conduz à hipótese de que os problemas relacionados com a *dependência* são mais frequentes na vida emocional, sendo que a patologia *pré-edipiana* está mais presente e prende-se essencialmente com problemas precoces de dependência e confiança básica, o que interfere de uma forma prejudicial nos relacionamentos amorosos da vida adulta.

Por outro lado, assistimos a um crescendo de *mal-estar do desejo* denunciando uma grande dificuldade em integrar o desejo com o Amor, o que conduz à adopção de condutas sexualizadas desprovidas de afecto, numa preocupação exibicionista com o desempenho envolto numa anestesia afectiva, são estas relações plenas de entusiasmo estéril, fugaz, e sem contacto emocional íntimo. O que se deseja não é um outro, mas a própria imagem idealizada ou uma reparação do narcisismo falhado do próprio. Consideramos que este *mal estar do desejo* tem subjacente um forte *mal estar vincular*, que se repete ao longo da história relacional do indivíduo, e que vai minando de maneira nefasta toda a relação supostamente amorosa.

O que defendemos é que a falta de confiança no outro e na validade do próprio contamina de forma negativa as relações amorosas adultas, conduzindo ao estabelecimento de relações que não se constroem mediadas pela troca mas sim pela urgência do outro para reconstrução da validade e estabilidade própria. A dependência em relação ao outro não é uma dependência madura, própria do desenvolvimento, que implica a necessidade que temos uns dos outros para enriquecimento emocional e crescimento afectivo, mas trata-se de uma *dependência funcional*, operatória, uma dependência da função vital que o outro desempenha, e como tal é uma dependência mais assustadora, porque remete para necessidades infantis, para necessidades de desenvolvimento de estruturas não formadas na infância, acarretando por isso, fantasias mais avassaladoras.

Saliente-se que já Fairbairn (1946, cit. Greenberg & Mitchell, 2003) definia o pleno desenvolvimento da saúde emocional como o *estádio da dependência madura* cuja tónica passa a ser na troca em vez do receber, uma vez que o indivíduo passa a ser capaz de estabelecer relações cooperativas com os

objectos diferenciados. Mas, para o autor, esta passagem para a *dependência madura* envolverá uma renúncia a vínculos compulsivos com os objectos, que se alicerçam na fusão e identificação primária, seguindo-se o estabelecimento de relações baseadas na troca e na diferenciação.

No entanto, em face da vulnerabilidade narcísica do *Self*, a qual poderá ser maior ou menor, desenvolvem-se estratégias defensivas de forma a poder contornar a dependência (de cunho infantil), determinando o estabelecimento de relações que permitem pôr em evidência o *Self grandioso*, arcaico, patológico, expresso na exaltação do próprio, pela depreciação do outro e pela negação da dependência organizadora proporcionada pela ligação, ou então, através de mecanismos de submissão em que se ilude uma imagem mais valorizada do próprio, o qual se coloca numa subserviência idealizadora, em que o outro é tão somente um prolongamento do *Self* que possibilita uma imagem ao próprio que propicia uma funcionalidade mais válida.

Consideramos a existência de relacionamentos amorosos que se estabelecem de acordo com as necessidades de diferentes *objectos do Self* ou, por outro lado, pela negação defensiva dessas mesmas necessidades. Deste modo, esperamos encontrar diferentes tipos de relacionamento amoroso em ordem ao restabelecimento do *Self*, no que respeita às suas necessidades narcísicas e consideramos ainda que estes tipos de relacionamento da ordem da vulnerabilidade narcísica estão na base dos estilos de vinculação mais inseguros.

De acordo com Kohut (1988, a,b) o *Self* coeso desenvolve-se a partir de três eixos: *grandiosidade*, *idealização* e de *ligação ao alter-ego*. Da falha sentida na realização destes aspectos do *Self*, resultarão necessidades de objectos que desempenhem no *Self* funções que deveriam ser realizadas por estruturas psíquicas internas. Consideramos que ao longo da vida a ligação será em direcção aos objectos que possibilitem o colmatar de falhas sentidas ao longo desses eixos. Claro está, que quanto maior a coesão do *Self*, menor será a necessidade de *objectos do Self*.

Deste modo, consideramos que quando o que falta ao *Self* é uma estrutura capaz de regular adequadamente a auto-estima e proporcionar uma representação mais valorizada do próprio, surge a necessidade de *objectos do Self* que possam desempenhar essas funções, a procura será no sentido de restabelecer uma imagem mais idealizada do próprio, através da ligação a um outro mais valorizado e que possibilite, através de uma ligação transfusional, uma reparação da imagem do próprio. O investimento no outro é feito em ordem a proporcionar um sentimento de maior valor próprio, e uma satisfação que será sempre superficial e condicionada pela resposta do outro, sem consolidação interna, e como tal fugaz e que se deteriora na ausência do objecto o qual funciona como elemento protésico, que traz o que falta ao próprio mas em que não preenche a falha, ficando-se assim, sempre à mercê da imagem proporcionada por outro!

De acordo com Kohut (*idem*), nestes casos a necessidades de *objectos do Self* são de *idealização*, isto é, de estabelecimento de ligação com objectos admirados de forma a se sentir parte desse e a construir uma imagem mais valorada do próprio, que em nossa opinião será mais característico de relacionamentos tipo *submisso - idealizadores*, em que a idealidade do próprio está dependente da idealização do outro. Em outros casos, surge, também na linha da ideia de Kohut (*idem*) a procura de um objecto gémeo, em relação ao qual o indivíduo se sente ligado, um objecto que não sendo diferente não acentua a falta, e ao impedir a constatação da falha possibilita a ilusão de uma união em espelho, paradisíaca na medida em que é uma união pelo reflexo do próprio no outro.

Por outro lado, quando as falhas na estrutura do *Self* são mais profundas, e a urgência do outro é da ordem da organização e contenção de aspectos do *Self* que não foram passíveis de serem integrados no funcionamento, o outro surge como uma espécie de *invólucro contendor*, o que possibilita uma organização funcional, a dependência é maior, mas também é maior o receio dela e a sua negação defensiva. Desenvolvem-se condutas evitantes, que refreiam o medo e

estabelecem-se mecanismos reguladores da proximidade, que conduzem a modelo relacional caracterizado por: *nem com, nem sem o objecto*.

Estas são relações do tipo *eufórico - idealizantes* que se estabelecem sem profundidade ou intimidade mas que possibilitam um sentimento de pertença sem que seja despoletada a angústia confusional de dissolução no outro, permitindo uma *pseudo-funcionalidade* do *Self*, amparado por um outro que substitui uma estrutura fulcral não construída precocemente, e, como tal, este *Self* mantém-se de forma camaleónica à custa dos outros.

Nestes casos surge a negação das necessidades do *objecto do Self*, é de tal forma imperativa a necessidade do objecto que tem de ser negada, muitas vezes de modo *maniforme*, revelando a não necessidade de ninguém ou desvalorizando o outro e o envolvimento, através de condutas reveladoras de que não se está nem dentro nem fora da relação, mantendo a *distância emocional de segurança* que permite que o frágil *Self* não se sinta dissolvido e possibilitando a manutenção das suas frágeis fronteiras.

A necessidade de que o outro funcione como um continente determina algumas condutas que neguem essa mesma necessidade, muitas vezes através de um enaltecimento do próprio denegrindo o outro e desmentindo a dependência, em que a exaltação do *Self incompleto* se realiza muitas vezes à custa do menosprezo pelo outro ou então do estabelecimento de relações mediadas pela admiração do outro, de características exteriores e superficiais, compensatórias de fragilidades internas, mas que parecem poder conferir ao próprio um sentimento de existência distinta. Em todo o caso, este tipo de relacionamento é mais frio e mediado, não pela cumplicidade, mas sim pelo desprezo mútuo. Como já havia sido referido anteriormente, de acordo com Fabião (2007), quando a fragilidade do *Self* é grande desenvolvem-se estratégias compensatórias ou através da idealização e idolatração do próprio ou de um outro.

Em casos mais graves, de funcionamento mais psicótico, estabelecem-se relações tipo *evitantes - desnarcisantes* que se caracterizam essencialmente pelo desligamento, tal é a exaltação do *Self* grandioso compensatório que

encobre a vulnerabilidade - impeditiva de um funcionamento válido - que é fundamental o evitamento da necessidade do outro, porque esta gera um estado confusional pela ausência de uma *pele psíquica* que estabelece o sentimento de coesão e individualidade do *Self*. Nestes casos a ligação ao outro estabelece-se somente pela via do menosprezo, o *Self grandioso narcísico* goza de mestria da desvalorização (do próprio, disfarçada) do outro de forma a manter-se num trono narcisicamente edificado e assente em fragilidades ao nível da identidade primária, estabilidade e coesão, que na ligação ao outro se precipita num fosso de desorganização mental.

Em todos estes tipos de relacionamento amoroso, o que se almeja é a manutenção de uma imagem irrealista do próprio, às expensas do outro, que será tanto mais exigente consoante a fragilidade narcísica do *Self*.

Nestes tipos de relacionamento, fica prejudicada a descoberta do *Eu* e do outro na relação, são *pseudo-relacionamentos* porque não cumprem a sua função desenvolvimentista do *Self*. Uma relação é tanto mais válida quanto mais possibilita a descoberta do outro e do próprio na relação com esse outro, de modo que se revelem aspectos do *verdadeiro Self* e seja possível o crescimento e evolução desse.

4.1.1 - Objectivo geral

Compreender os tipos de relacionamento amoroso que se estabelecem como reparadores da vulnerabilidade narcísica do Self.

Compreender as necessidades de objectos do Self em cada tipo de relacionamento amoroso.

Compreender os estilos de vinculação à luz do conceito de vulnerabilidade narcísica.

4.1.2 - Hipóteses teóricas

A partir da exploração teórica realizada colocamos algumas hipóteses acerca da diferenciação de *tipos de relacionamentos amorosos que se formam com base na vulnerabilidade narcísica do Self.*

Assim:

1. *É possível distinguir três tipos de relacionamento amoroso:*

- A) submisso-idealizador*
- B) eufórico-idealizante*
- C) evitante-desnarcisante*

2. *Existe correspondência entre cada um dos três tipos de relacionamento amoroso e as Necessidades de Objectos do Self.*

- o relacionamento amoroso tipo submisso-idealizador deverá revelar maior necessidade de Objectos do Self que cumpram funções ao nível da idealização, e uma forte necessidade de objectos do Self valorizantes. Espera-se que apresente resultados mais elevados ao nível da necessidade de objectos do Self gémeos, e que os valores de evitamento das necessidades de objectos do Self sejam mais baixos comparativamente com os outros dois tipos de relacionamento amoroso.

- o relacionamento amoroso tipo eufórico-idealizante deverá apresentar valores mais elevados ao nível das necessidades de Objectos do Self que cumpram funções valorizantes; valores elevados ao nível das Necessidades de Objectos do Self idealizados e gémeos, mas também valores elevados ao nível do evitamento das necessidades de Objectos do Self.

- o relacionamento amoroso tipo evitante-desnarcisante deverá revelar uma maior tendência para o evitamento das necessidades de Objectos do Self, acusando uma menor necessidade de um objecto do Self gémeo e uma menor necessidade de objectos do Self idealizados e valorizantes.

3. *Existe correspondência, ainda, entre os três tipos de relacionamento amoroso e os estilos de vinculação inseguros.*

- o relacionamento amoroso tipo submisso-idealizador deverá apresentar valores mais baixos de desconfiança, evitamento e ambivalência, embora com valores mais elevados na dependência (QVA).

- o relacionamento amoroso tipo eufórico-idealizante apresentará valores mais elevados de desconfiança, dependência, ambivalência sendo mais elevados os de evitamento (QVA).

- o relacionamento amoroso tipo evitante-desnarcisante, apresentará valores de dependência e ambivalência mais baixos, mas elevados valores de evitamento e desconfiança (QVA).

Capítulo 5. Metodologia

5.1 - Amostra

Neste estudo participou uma amostra de 266 sujeitos da população em geral, cuja participação foi voluntária. Alguns sujeitos seleccionados em instituições de ensino superior como sejam o ISCTE e a Universidade de Évora, e outros trabalhadores em Hospitais, Centros de Saúde e Escolas. A selecção das instituições prende-se apenas com a conveniência da autora.

As idades dos sujeitos variam entre 18 e os 72 anos, com uma media de idades de 37 anos e DP= 10, 31, sendo que 189 (71.1%) eram sujeitos do sexo feminino e 77 (28.9%) do sexo masculino.

Cento e cinquenta e oito sujeitos (59.4%) possui uma licenciatura, 52 (19.5%) concluiu o secundário, 35 (13.2%) possui o grau de Mestre, 17 (6.4%) tem um bacharelato e 3 (1.1%) o ensino básico, apenas 1 (0.4%) possui doutoramento.

Quanto ao tipo de relacionamento 116 sujeitos (43.6%) são casados, 47 (17.7%) vivem em união de facto, 14 (5.3%) são divorciados, 65 sujeitos (24.4%) têm namoro e 24 sujeitos (9.0%) referem ter um outro tipo de relação, não específica. Os Resultados são apresentados na Tabela 1 (pág. 206).

Tabela 1: Características da Amostra: número e percentagem de sujeitos em cada nível das variáveis demográficas

Sexo	Masculino	77	28.9%
	Feminino	189	71.1%
Escolaridade	Ensino básico	3	1.1%
	Secundário	52	19.5%
	Bacharelato	17	6.4%
	Licenciatura	158	59.4%
	Mestrado	35	13.2%
	Doutoramento	1	0.4%
Tipo de relação	Casado	116	43.6%
	União de facto	47	17.7%
	Divorciado	14	5.3%
	Namoro	65	24.4%
	Outra	24	9.0%
Grau de satisfação na relação	Muito insatisfeito	12	4.5%
	Insatisfeito	25	9.4%
	Relativamente	45	16.9%
	Satisfeito	70	26.3%
	Muito satisfeito	114	42.9%

5.2 - Instrumentos

Este estudo tem como objectivo avaliar a existência de três tipos essenciais de relacionamento amoroso que se estabelecem tendo como foco fundamental o próprio que visa uma ligação ao outro de modo a ser possível um sentimento de completação do *Self* que se sente como frágil e incompleto. Neste sentido foram adoptados os seguintes procedimentos:

- 1- Construção de um instrumento que pretende verificar a existência de três tipos essenciais de funcionamento amoroso que visam a completação de falhas sentidas no *Self* – submisso - idealizador, eufórico - idealizante e evitante - desnarcisante;
- 2- Aplicação do SONI no sentido de se verificar se estes relacionamentos se estabelecem com base na procura do outro enquanto *objecto do Self*, como um prolongamento do próprio, ou o evitamento dessa necessidade;
- 3- Aplicação do QVA para analisar que tipos de vinculações estes relacionamentos amorosos traduzem e comentar em que medida os tipos de vinculação estarão relacionados com a fragilidade narcísica.

Foram aplicados o Inventário de Tipos de Relacionamento Amoroso (ITRA) por nós construído, a forma traduzida do Inventário de Necessidades de Objectos do *Self* (SONI) de Mário Mikulincer, Erez Banai e Phillip Shaver e o Questionário de Vinculação Amorosa (QVA), versão masculina e feminina, de Paula Mena Matos e Maria Emília Costa.

Faremos agora a apresentação do Questionário de Vinculação Amorosa (QVA), versão masculina e feminina, de Paula Mena Matos e Maria Emília

Costa, do Inventário de Necessidades de Objectos do *Self* (SONI) de Mário Mikulincer, Erez Banai e Phillip Shaver e do ITRA – Inventário de Tipos de Relacionamento Amoroso, que construímos.

5.2.1 - Questionário de Vinculação Amorosa (QVA) de Paula Mena Matos e Maria Emília Costa

A versão original deste questionário foi amavelmente cedido por uma das autoras⁸. A nossa escolha baseia-se no facto de considerarmos que este questionário correspondia mais às nossas necessidades de estudo dos estilos de vinculação, tendo sido construído para avaliar a relação amorosa do adolescente e do adulto numa perspectiva de vinculação, “*inspirada nas contribuições teóricas e conceptuais de Bowlby (1973, 1977) e de Ainsworth (1982; 1989; 1991; Ainsworth & Bowlby, 1991), e na proposta de avaliação da vinculação de Bartholomew (1990; Bartholomew & Horowitz, 1991)*” (Matos, Barbosa & Costa, 2001). Do nosso ponto de vista, este questionário ao ser formulado tendo em conta o modelo de Bartholomew (*idem*) revela-se mais completo porque acrescenta aos questionários de avaliação dos estilos de vinculação uma visão sobre o *Self* do próprio, o que para a nossa investigação é importante.

Na base de elaboração deste Questionário de Vinculação Amorosa está a formulação de dez dimensões para definir as componentes de vinculação no jovem e no adulto: (1) *procura de proximidade*, (2) *ansiedade de separação*, (3) *medo da perda*, (4) *confiança na figura de vinculação para providenciar apoio*, (5) *responsividade*, (6) *exclusividade da relação*, (7) *admiração*, (8) *base segura*, (9) *individualidade* e (10) *descentração de perspectiva* (Matos, Barbosa & Costa, 2001).

⁸ Professora Doutora Paula Mena Matos, a quem agradecemos a amabilidade e prontidão na resposta.

Estas dimensões organizam-se em dois grandes temas, a *vinculação* e a *exploração*. De acordo com as autoras a utilização do conceito de *exploração* prende-se com o facto de a organização da *vinculação* não ser acessível apenas a partir de comportamentos de *vinculação*, mas também de *exploração* (Ainsworth, 1989).

A elaboração dos itens foi formulada de acordo com o modelo bidimensional de Batholomew e colaboradores (Matos, Barbosa & Costa, 2001).

O instrumento foi aplicado a uma amostra de 365 participantes, de ambos os sexos (64,4% do sexo feminino e 35,6% do sexo masculino) e com idades compreendidas entre os 17 e os 22 anos, situando-se a média em 17,5 anos (desvio padrão de 0,81), após análise factorial, os resultados apontaram para a possibilidade de os *clusters* serem interpretados à luz do modelo de Bartholomew (*idem*), sugerindo uma estrutura factorial em torno de 4 dimensões, consistentes internamente e teoricamente interpretáveis de acordo com a teoria da vinculação.

O primeiro factor – *Desconfiança* – (N=12) é bipolar, contém itens cujas saturações variam entre 0,59 e 0,69, pretendem avaliar “*as percepções do sujeito relativamente à responsividade e à sensibilidade do companheiro para satisfazer as necessidades do sujeito, a medida em que este é percebido enquanto fonte de conforto e de apoio e se constitui como base segura de incentivo à exploração*”. Foi denominado “*confiança no companheiro enquanto figura de vinculação*” (Matos, Barbosa & Costa, 2001, p.103).

O segundo factor – *Dependência* – reúne igualmente 12 itens, cujas saturações oscilam entre 0,47 e 0,7, e avaliam a necessidade de proximidade física e emocional, a ansiedade de separação e o medo da perda (*idem*, p.103).

O terceiro factor – *Evitamento* – é constituído por 13 itens, cujas saturações variam entre 0,48 e 0,66, e dizem respeito ao papel secundário do companheiro amoroso no preenchimento de necessidades de vinculação, bem como a centração do sujeito na sua própria capacidade de resolução de problemas (*idem*, p.103).

O quarto factor – *Ambivalência* – congrega 9 itens com saturações entre 0,41 e 0,64, e que traduzem a insegurança do sujeito expressa, por um lado, numa forte irritabilidade perante situações imprevisíveis e, por outro lado, na dúvida relativamente ao papel que desempenha enquanto figura amorosa, bem como nas suas próprias emoções face ao companheiro (*idem*, p.103).

A avaliação da consistência interna da escala revelou valores elevados de coeficiente *alpha* (.90; .88; .87; .75) para as quatro dimensões.

A análise das correlações entre os vários factores revelou correlações significativas e positivas.

Os resultados da análise de *clusters* apontam, para a possibilidade dos quatro *clusters* encontrados serem susceptíveis de interpretação à luz do modelo de Bartholomew (*idem*).

Assim, o *cluster* 4 engloba o grupo de sujeitos menos ambivalente face aos outros em comparação com todos os grupos, e aquele que têm graus moderados de dependência, de evitamento e de desconfiança.

Este *cluster* parece evidenciar o protótipo de *vinculação Segura* e caracteriza 25,5% da amostra.

No *cluster* 2 os valores de dependência surgem como os mais elevados comparativamente aos outros grupos, sendo os de evitamento os mais baixos. Estão incluídos aqui igualmente os sujeitos que têm uma atitude de menor desconfiança, ou se quisermos, os que revelam maior confiança no outro enquanto parceiro, embora com maior ambivalência relativamente aos do *cluster* 4, o que poderá significar que, embora revelem grande proximidade, sentem insatisfação em relação ao apoio que recebem dos parceiros. Este parece caracterizar o padrão de *vinculação Preocupado* e caracteriza 39,7% da amostra.

O *cluster* 1 apresenta valores elevados quer em relação à dependência, desconfiança e evitamento, assemelhando-se à caracterização do padrão de *vinculação Evitante Amedrontado*, abrangendo 30,7% da amostra, manifestando concomitantemente um desejo e um receio de envolvimento em relações de intimidade.

O *cluster 3* inclui os indivíduos que apresentam valores mais elevados de desconfiança e evitamento e menores de dependência, desvalorizando as relações de intimidade ao mesmo tempo que têm um modelo negativo do parceiro, correspondendo à caracterização do padrão de *vinculação Evitante Desligado*, representando apenas 4,1% da amostra.

5.2.2 - Escala de *Necessidades de Objectos do Self* – SONI de Mário Mikulincer, Erez Banai e Phillip Shaver

5.2.2.1- O Instrumento Original

Decidimos pela aplicação desta escala pois trata-se da única que conseguimos baseada nas teorias psicanalíticas de Heinz Kohut (1971, 1977, 1984) e que se refere precisamente ao que queremos avaliar no que respeita à ligação ao objecto amoroso como forma de colmatar falhas sentidas ao nível do desenvolvimento do *Self*.

A escala de *necessidades de objectos do Self* de Mário Mikulincer, Erez Banai e Phillip Shaver (2005), foi construída, baseada nas ideias de Kohut (*idem*) que se referem às necessidades do *Self* de que os objectos desempenhem funções de *valorização, idealização e de alter-ego*, pois de acordo com o autor, o desenvolvimento do *Self* coeso está subordinado ao desenvolvimento dos três eixos - *grandiosidade, idealização e ligação ao alter-ego*, o autor considerava que dificuldades ao longo destas dimensões conduziam ao desenvolvimento de *desordens no Self*, isto é, falta de sentimento de coesão, ausência do sentimento de continuidade no tempo, ausência de auto-confiança, e vulnerabilidade ao nível da auto-estima, conduzindo a uma grande susceptibilidade à crítica, fantasias e poder e perfeição, com grande foco nas suas fragilidades e determinando o desenvolvimento de defesas de forma a evitar esses sentimentos desagradáveis acerca de si próprio muitas vezes tendendo a condutas exibicionistas de uma máscara majestosa.

Deste modo, partindo da teoria de Kohut, os autores construíram uma série de 118 itens que corresponderiam a cada uma das necessidades de *objectos do Self*, de modo que uns itens seriam indicadores de necessidades de provisão por parte dos *objectos do Self*, enquanto outros itens revelariam o evitamento/negação dessas mesmas necessidades.

Após construção desses itens, os autores recorreram a sete júris, psicólogos israelitas, conhecedores da teoria de Kohut, no sentido de se pronunciarem sobre a fidelidade dos mesmos no respeitante às necessidades de *objectos do Self*. Uma percentagem de 95 na concordância revelada pela validade inter - júris determinou um total de 43 itens.

Esta versão final da escala foi aplicada a 295 israelitas estudantes universitários, resultando num total de 38 itens, após análise factorial com rotação Varimax, sendo que 21 estão relacionados com a necessidade de provisão por parte de *objectos do Self* e 17 relacionados com o evitamento dessas necessidades. Esta análise indicou a existência de cinco factores com eigenvalues > 1, explicando 50% da variância. O primeiro factor inclui oito itens que são indicadores da necessidade de *objectos do Self gémeos* (“*need for twinship*”, Banai, Mikulincer & Shaver, 2005 p. 224), o segundo factor, composto por onze itens reveladores de um evitamento face à necessidade de *objectos do Self idealizados e gémeos*, sendo que os itens que compõem esta escala não distinguem estas duas orientações. Um terceiro factor, composto por seis itens indicam a *necessidade de objecto de Self idealizado* (“*hunger for idealization*”, *idem*). Um quarto factor é composto por sete itens construídos teoricamente para definirem uma necessidade de *objectos do Self* que funcionem como espelho (“*need for mirroring*”, *idem*). Finalmente um sexto factor que inclui seis itens que revelam uma tendência a evitar a necessidade de *objectos do Self* que funcionem como espelhos valorizantes.

Os resultados são compatíveis com a hipótese de distinção entre as necessidades e o evitamento de provisão por parte de *objectos do Self*, tal como são distintas as necessidades de *objectos do Self*, embora os resultados não

permitissem a distinção entre evitamento da necessidade de idealização e de objectos gémeos.

A validade teste-reteste com aplicação a uma amostra de 80 israelitas com intervalo de dois meses revelou um coeficiente *alpha* para cada uma das cinco escalas, entre .83 e .89 na primeira fase e .81 e .91, na segunda fase. Os resultados apontam para uma consistência interna elevada e estabilidade após dois meses para cada uma das cinco escalas.

O *t teste* revelou não existirem associações significativas entre os resultados obtidos pelos diferentes sexos. As *correlações de Pearson* não revelaram associações significativas entre a idade e as cinco escalas.

No sentido de avaliarem a validade da escala, os autores realizaram um estudo com aplicação da escala SONI a uma amostra de 75 indivíduos conjuntamente com a *escala de superioridade* de Robbins e Patton (1985), constituída por 10 itens e com *alpha* de Cronbach = .75, e de *instabilidade de objectivos* também com 10 itens e *alpha* = .74 e ainda a escala de Lee e Robbins (1995) de ausência de ligação (8 itens e *alpha* = .78), tendo-se verificado uma associação significativa entre as cinco escalas que compõem a SONI e os resultados de superioridade, instabilidade de objectivos e ausência de ligação $r_c = .44$, $F(15, 186) = 2.97$, $p < .01$.

Os resultados obtidos na *escala de superioridade* apresentam correlação significativa com a necessidade de objectos valorizantes, assim como com o evitamento da necessidade de objectos que exerçam a função de espelho. Os resultados da *escala de instabilidade nos objectivos* apresenta uma correlação significativa com a necessidade de idealização, enquanto os resultados da *escala de ausência de ligação* estão correlacionados de forma significativa com a necessidade de objectos gémeos, e evitamento da necessidade de objectos gémeos e de idealização.

Segundo os autores, estes resultados evidenciam a validade discriminativa da escala SONI. Falhas na provisão de valorização e reconhecimento, o que corresponde a resultados elevados na necessidade de objectos do *Self* valorizantes e no evitamento dessa necessidade, estão associados a problemas

no eixo da grandiosidade e como tal apresentam valores elevados na escala de superioridade, mas não estão relacionados com problemas no eixo da idealização ou da ligação.

O autores realizaram estudos com a SONI e a *Escala de Relações Íntimas* (Brennan *et al.*, 1998) que avalia dois tipos de vinculação, o ansioso e o evitante, com o *Questionário de Sensibilidade à Rejeição* (RSQ, Downey & Feldman, 1996) e ainda com a escala de *Receio de Intimidade* (FIS, Descutner & Thelen, 1991), com uma amostra de 96 estudantes israelitas, tendo verificado que as necessidades de *objectos do Self valorizantes*, a necessidade de *objecto do Self gémeo* e de *objecto do Self idealizado* apresentavam correlações significativas com o estilo de *vinculação ansioso* e elevados níveis de *sensibilidade à rejeição*, encontraram correlações significativas entre o *evitamento das necessidades de objectos do Self* com os padrões de *vinculação evitante*, verificando que quanto mais elevados os padrões de vinculação evitante, mais elevado o receio de intimidade e maior o evitamento face às necessidades de *objectos do Self*. Deste modo, a necessidade de *objectos do Self* foi associada significativamente a padrões de vinculação ansiosos e a preocupações sobre a rejeição, e o evitamento das necessidades de *objectos do Self* foi associado com os padrões de vinculação evitantes e ao receio de estabelecimento de relações de intimidade concluindo-se que o evitamento da proximidade e intimidade seria em ordem à protecção face à frustração que causa o sentimento de *necessidade dos objectos do Self*.

No sentido de verificar os pressupostos de Kohut sobre as necessidades de *objectos do Self* estarem relacionadas com componentes narcísicas da personalidade, os autores realizaram um estudo com a aplicação da SONI e NPI – *Inventário de Personalidade Narcísica* (Raskin & Hall, 1979), este composto por quatro factores: *Liderança/Autoridade*, *Auto-centração/Auto-admiração*, *Superioridade/Arrogância*, *Exploração/Direito*, a uma amostra de 110 estudantes universitários israelitas. Os resultados apontaram para uma associação entre as necessidades de *objectos do Self* e a personalidade narcísica. A necessidade de um *objecto do Self valorizante* e o *evitamento* da necessidade de um *objecto do*

Self gêmeo e idealizado foram fortemente associados às escalas do NPI de *Auto-centração/Auto-admiração, Superioridade/Arrogância, Exploração/Direito*.

Com o objectivo de verificar se as *necessidades de objectos do Self* estariam relacionados com a baixa auto-estima e com desajustes emocionais, os autores realizaram um outro estudo com 130 estudantes israelitas que responderam à SONI, ao *Inventário de Saúde Mental* (MHI, Veit & Ware, 1983) que permite aceder a valores de *ansiedade, bem-estar, depressão e hostilidade*, e à *Escala de auto-estima de Rosenberg* (1979). Os resultados revelaram uma associação positiva entre a *necessidade de objecto do Self gêmeo e valorizante* e uma auto-estima fragilizada, elevados níveis de depressão e ansiedade, o *evitamento das necessidades de objectos do Self gêmeo e idealizado* surge associado a elevados níveis de depressão, ansiedade e hostilidade. O *evitamento da necessidade de um objecto do Self valorizante* surge associado a elevados níveis de hostilidade.

Na tentativa de estudar a relação entre as necessidades de objectos do Self e a falta de coesão do Self bem como e a coerência das representações do Self, os autores realizaram um estudo com 82 estudantes israelitas que envolveu a aplicação da SONI e do *Questionário dos Selves* (Higgins *et al.*, 1985), em que os resultados apontam para uma associação positiva e significativa entre as *necessidades de objectos do Self* e o sentimento de ausência de coesão do Self, em que quanto maior a *necessidade de objecto do Self gêmeo e valorizante*, maiores as discrepâncias entre as várias facetas e domínios do Self.

Os autores consideram que os estudos suportam a teoria de Kohut acerca das *necessidades de objectos do Self* e mostram que a escala SONI apresenta boas qualidades psicométricas (Banai, Mikulincer & Shaver, 2005) , um primeiro aspecto refere-se à clareza proporcionada pela escala no que respeita à distinção entre necessidade e evitamento da necessidade e por outro lado, a análise factorial revelou uma aproximação dos itens às categorias propostas por Kohut – necessidade de idealização, espelhamento e gemelaridade.

5.2.2.2 – Procedimentos de tradução

A tradução e utilização da utilização do Inventário de Necessidades de Objectos do *Self* foram autorizadas pelo autor Professor Doutor Mario Mikulincer¹.

Procurou-se que na tradução o formato dos *itens* e das instruções de aplicação se mantivesse com a maior precisão, tal como sugerido por Spielberg & Sharma (1976) e Moreira (2009).

Procuramos que a tradução se processasse da forma mais directa possível, de forma a manter rigorosamente o significado do item original.

Após a tradução preliminar dos itens e das instruções, esta foi analisada por uma tradutora e Docente do Departamento de Línguas da Universidade de Évora², no sentido de se efectuarem as correcções necessárias. Apenas foram sugeridas alterações de pormenor.

De modo a evitar que, apesar de formalmente correcta, a tradução pudesse estar inadequada para o fim pretendido, foi pedido a dois psicanalistas⁷, conhecedores da obra de Heinz Kohut, para avaliarem a precisão e adequabilidade da tradução dos itens, de modo que quando considerassem incorrecta a tradução de um item, propusessem a correcção. No entanto, não foram sugeridas quaisquer modificações.

Foi pedida uma retroversão independente, tal como sugerem Van de Vijver & Hambleton (1996) e Moreira (2009), a uma Docente de tradução de Inglês, tendo-se encontrado discrepâncias mínimas em relação ao original, o que se fica a dever à facilidade de tradução dos itens, cuja redacção é simples.

Pedimos ainda a uma Docente de Língua Portuguesa que avaliasse a ortografia e construção frásica, não tendo sido sugerida qualquer alteração.

¹ Agradecemos ao Professor Doutor Mario Mikulincer.

² Professora Dra. Olga Gonçalves, professora do Departamento de Línguas e Literaturas da Universidade de Évora, a quem agradecemos.

⁷ Dra. Manuela Ferraz da Costa e Dr. António Coimbra de Matos, a quem agradecemos.

A tradução final foi enviada por *e-mail* a um dos autores da escala - Dr. Mário Mikulincer - o qual, curiosamente, referiu entender português e considerar a tradução como muito adequada.

5.2.2.3. Aplicação experimental da SONI

Foi realizada uma aplicação experimental da escala SONI e do ITRA , com 25 estudantes universitários do 3º ano do curso de Licenciatura em Psicologia, da Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora, procedimento que é aconselhado por Golden, Sawicki e Franzen (1984) e Moreira (2009).

A aplicação foi realizada num intervalo entre duas aulas ministradas pelo mesmo Professor³, tendo sido explicado que o objectivo não seria a quantificação das respostas mas que seria importante a colocação de dúvidas, caso surgissem, face à formulação dos *itens* e à sua compreensão, e que tecessem comentários acerca do inventário e da escala.

O objectivo desta aplicação prende-se com a possibilidade de existirem problemas na interpretação dos itens, daí a necessidade de perceber se os *itens* colocam dúvidas nos respondentes e se é sugerida alguma alteração no sentido de se tornarem mais inteligíveis, e por outro lado, para o investigador é uma forma de perceber a reacção aos instrumentos e o impacto da aplicação.

No que respeita à escala SONI, não foram sugeridas alterações nem surgiram dúvidas relativamente à redacção dos itens.

³ Professor Doutor Rui Campos, a quem agradecemos.

5.2.3 – O Inventário de Tipos de Relacionamento Amoroso (ITRA) - procedimentos de construção

Considerámos a aplicação de inventários para a realização deste estudo uma vez que a sua aplicação se revela mais simples e rápida do que a realização de entrevistas clínicas, sendo que a sua cotação é mais objectiva e não tão dependente do examinador, podendo abranger um maior número de sujeitos num período de tempo mais curto.

No entanto, sabemos que estamos a avaliar processos que muitas vezes não são conscientes em que as respostas dos sujeitos poderão não corresponder à realidade do seu comportamento, uma vez que as respostas estão dependentes da percepção que o sujeito tem de si, daquilo que pretendem que os outros pensem a seu respeito e finalmente provêm do que a pessoa é na sua essência, sendo que todos estes aspectos vão interferir no tipo de resposta que o sujeito vai dar.

Neste sentido, optámos pela construção do *Inventário de Tipos de Relacionamento Amoroso*, uma vez que não existe um instrumento que permita avaliar a existência de relacionamentos amorosos que se organizam em função da vulnerabilidade narcísica.

A construção desse inventário implicou um trabalho de redacção dos itens e a sua selecção após uma aplicação experimental a um grupo de estudantes universitários.

5.2.3.1 -- Escrita e Redacção dos itens

Após efectuarmos uma pesquisa, verificámos que os instrumentos existentes e mais utilizados nos estudos sobre relacionamento amoroso tinham por base teorias da vinculação, procuram estudar o tipo de vinculação que caracteriza o amor adulto ou por outro lado têm procurado avaliar o grau de satisfação nas relações (Feeney, Noller & Ward, 1997; Hendrick & Hendrick,

1997; Koski & Shaver, 1997), tomando em linha de conta aspectos das relações que consideramos mais restritos e que não nos permitiriam contemplar a teoria que propusemos sobre relacionamento amoroso e *vulnerabilidade narcísica* alicerçadas em conceptualizações psicanalíticas sobre o relacionamento amoroso, o amor e o narcisismo.

Deste modo, a fim de se operacionalizar os três tipos de relacionamento amoroso que visam o colmatar de fragilidades ao nível do narcisismo, efectuámos uma revisão bibliográfica sobre o *narcisismo* e partindo de uma definição de *vulnerabilidade narcísica* optámos pela elaboração de dimensões que, de acordo com os diversos autores que se debruçaram sobre esta temática, seriam as que mais a caracterizavam e que dizem respeito à necessidade do outro enquanto objecto que permite uma *ligação de acabamento*.

Optámos pela definição de quatro grandes dimensões:

1. *Diferenciação do Self*, uma vez que um grande número de autores considera este um aspecto importante no narcisismo, a maior ou menor diferenciação entre *Self* e objecto, a maior ou menor separação face ao objecto. Um aspecto que interfere, em nossa opinião, no relacionamento amoroso, sendo maior nos relacionamentos *evitante-desnarcisante* e *eufórico-idealizante*, mas que também existe em certo grau no tipo de funcionamento *submisso-idealizador*.

2. *Self Subjectivo* que se prende com a representação que o próprio tem acerca das suas capacidades de autonomia, competência para despertar sentimentos válidos no outro, e que é responsável pela maior ou menor dependência na relação com o outro. Claro está que esta dimensão está muito relacionada com a anterior na medida em que quanto menor a *diferenciação do Self*, maior o sentimento de necessidade do outro para estabelecimento das funções vitais do *Self*.

3. *Self Objectivo* que está relacionado com a auto-estima com o colorido afectivo da representação do *Self* e que será responsável

pela maior ou menor necessidade que o parceiro amoroso desempenhe funções que possibilitem uma visão mais positiva do próprio.

4. *Exclusividade do Self* que se refere à necessidade que a pessoa com maior ou menor grau de *vulnerabilidade narcísica* tem, que o outro tenha uma dedicação única e exclusiva, e que gira em torno do próprio de forma a lhe trazer a possibilidade de sentir-se com uma existência superiormente interessante.

Foi elaborado um conjunto de itens redigidos de forma a representarem os três tipos de relacionamentos amorosos – submisso-idealizador, eufórico-idealizante, evitante-desnarcisante, tendo em conta a necessidade do outro relativamente a cada uma das dimensões consideradas. Desta escrita resultaram 58 itens. Após redacção dos *itens*, estes foram submetidos a uma correcção frásica e ortográfica, por uma Docente de Língua Portuguesa⁴.

Procurou-se que cada *item* contivesse apenas uma única afirmação e o menor grau de ambiguidade possível, pelo que foram feitas várias leituras sobre os *itens*, em conjunto com psicólogos⁵, de forma a eliminar ao máximo as imprecisões e enviesamentos.

Um segundo passo, implicou a apresentação dos itens a três psicanalistas⁶ de forma a que pudessem verificar se os itens estariam de acordo com as teorias psicanalíticas sobre relacionamento amoroso e vulnerabilidade narcísica. Deste procedimento resultou um total de 53 itens, tendo-se eliminado alguns que pareciam não ser discriminativos e outros que se pareciam repetir. O Conjunto de 53 itens é apresentado na Tabela 2 (pág. 221-224).

⁴ Dra. Maria Manuel Polme, a quem agradecemos.

⁵ Dra. Isabel Ventura e Mestre Pedro Sequeira, a quem agradecemos.

⁶ Dra. Manuela Ferraz da Costa, Professor Doutor Rui Aragão, Dr. Seabra Diniz, a quem agradecemos.

	<p><i>Self objectivo</i></p> <p><i>Exclusividade do Self</i></p>	<p>24. Não gosto que o/a meu/minha companheiro tenha qualidades superiores às minhas.</p> <p>32. Para mim, numa relação, é mais importante ser admirado pelo/a companheiro/a do que admirá-lo/a.</p> <p>33. Para nos entendermos a/o minha/meu companheiro/a tem de se comportar como eu gosto.</p> <p>35. Quando estamos em grupo, tenho de sobressair mais do que o/a meu/minha companheiro/a.</p> <p>47. Sinto-me vaidoso/a com o meu desempenho sexual.</p> <p>6. Chamo sempre a atenção dos erros do/a meu/minha companheiro/a.</p> <p>19. Gosto de levar o/a meu/minha companheiro/a a satisfazer os meus desejos em primeiro lugar.</p> <p>20. Na minha relação amorosa gosto de sentir que domino.</p> <p>31. O/a meu/minha companheiro/a tem de estar disponível quando eu quero.</p>
<p>Evitante-desnarcisante</p>	<p><i>Diferenciação do Self</i></p>	<p>12. Sinto-me muito melhor sem ninguém</p> <p>17. Existem aspectos da minha vida muito mais importantes do que a minha relação amorosa.</p> <p>22. Na minha vida, as relações amorosas estão em último plano</p> <p>25. Não necessito de partilhar a minha vida com o/a meu/minha companheiro/a.</p> <p>36. Quando não estou envolvido/a amorosamente com alguém, sinto-me mais eu próprio.</p> <p>39. Quando tenho uma relação amorosa sinto-me mais confuso/a acerca das minhas ideias e valores.</p> <p>48. Sou eu quem termina as minhas relações amorosas.</p>

	<p><i>Self Subjectivo</i></p>	<p>4. <i>Penso sempre que as relações amorosas raramente são boas.</i> 5. <i>Até o/meu/minha companheiro/a tem inveja de mim.</i></p>
	<p><i>Self objectivo</i></p>	<p>28. <i>Nunca encontro um companheiro que esteja ao meu nível.</i> 38. <i>Quando o/a meu/minha companheiro/a começa a depender muito de mim, eu afasto-me.</i> 49. <i>Sou superior à/ao minha/meu companheira/o.</i></p>
	<p><i>Exclusividade do Self</i></p>	<p>8. <i>É difícil o/a meu/minha companheiro/a encontrar defeitos em mim.</i> 11. <i>É me indiferente quando a/o minha/meu companheira/o não está disponível.</i> 53. <i>Ter um relacionamento amoroso não altera nada na minha vida.</i></p>

Os 53 *itens* foram dispostos graficamente, optando-se por uma escala tipo Likert, unipolar, em que a resposta solicitada é em termos de *tipicidade do comportamento* (de pouco típico no meu comportamento a muito típico no meu comportamento), seguindo a sugestão de Moreira (2009) – definindo-se apenas os pontos extremos, sendo os sucessivos graus descritos apenas por números – no sentido em que se trata de uma dimensão que implica quantificação subjectiva. Apresenta-se como escala de cinco níveis, considerado o mais comum, «*pois parece corresponder ao número máximo que se é possível definir em termos verbais aproximadamente equidistantes e sem um número demasiado grande de palavras*» (Moreira, 2009, p.192).

5.2.3.2 – Aplicação experimental do ITRA

Como já foi referido anteriormente a aplicação experimental do ITRA foi realizada em simultâneo com a aplicação experimental da escala SONI, Durante a aplicação surgiram dúvidas apenas relativamente aos itens 8 e 28, em mais do que um sujeito, parecendo-nos viável proceder a uma alteração dos *itens* de modo a se tornarem mais compreensíveis. Assim, o *item 8 – É difícil o/a meu/minha companheiro/a encontrar defeitos em mim* passou a: *Acho difícil o/a meu/minha companheiro/a encontrar-me defeitos*. Na medida em que, de acordo com os sujeitos, a formulação inicial referia-se ao companheiro e não ao próprio.

Em relação ao *item 28 – Nunca encontro um companheiro que esteja ao meu nível* ficou redigido do seguinte modo: *Nos meus relacionamentos amorosos considero-me sempre superior, pessoal e profissionalmente, ao meu/minha companheiro/a*. Na medida em que os sujeitos consideraram difícil de entender a que *nível* se estava o *item* a referir.

Seguindo estes comentários, optamos também pela alteração da redacção do *item 5 – Até o/meu/minha companheiro/a tem inveja de mim*, para *Sei que até o/meu/minha companheiro/a tem inveja de mim*, na medida em que assim está mais enfatizado o comportamento do próprio, à semelhança do que havia sido referido em relação ao *item 8*.

Parece-nos poder considerar, após esta aplicação, que os resultados revelam que o instrumento não levanta dúvidas de maior que possam prejudicar a sua aplicabilidade. Um exemplar do ITRA encontra-se no Anexo A.

5.3 – Procedimentos de recolha e análise dos dados

Os 266 sujeitos que participaram na nossa investigação responderam individualmente aos inventários entregues num envelope da Universidade de Évora, sendo referido que após preenchimento deveriam ser devolvidos em

envelope fechado, garantindo-se o carácter anónimo e confidencial das respostas. Foi explicado aos sujeitos que estavam a participar num estudo de investigação sobre relacionamentos amorosos e narcisismo.

Optámos pela formação de um caderno englobando os três instrumentos sempre na mesma ordem, sendo que não consideramos nenhum critério de relevância para a ordem escolhida. Na primeira folha surge a explicação do objectivo do estudo, a garantia de anonimato e a recomendação da devolução em envelope fechado (Anexo B).

Tendo em conta os objectivos do trabalho, anteriormente referidos, efectuamos procedimentos estatísticos no sentido de avaliarmos as competências psicométricas do instrumento que construímos para suportar a nossa teoria, em seguida fizemos um estudo das correlações dos resultados do nosso instrumento - ITRA - com os resultados do SONI, no sentido de avaliarmos se os tipos de relacionamentos amorosos que propusemos apresentavam necessidades ao nível dos *objectos do Self*, isto é, se nestes tipos de relacionamentos o outro funciona mais como um prolongamento do próprio em função das necessidades e falhas do *Self*, e não como objecto separado e apreciado .

Efectuaram-se correlações entre o ITRA e o QVA, no sentido de verificarmos que estilo de vinculação caracteriza os tipos de relacionamento amoroso que postulámos, e também as correlações entre o QVA e SONI para percebermos se os estilos de vinculação reflectem necessidades ao nível dos *objectos do Self*.

Em relação ao QVA e SONI, apenas consideramos os valores do *alpha de Cronbach*, no sentido de verificar se era próximos dos estudos originais.

Salientamos o facto de o nosso principal objectivo, com este trabalho, não se tratar da construção de um instrumento de avaliação de tipos de relacionamento amoroso, conquanto houve necessidade da construção de um instrumento que permitisse suportar a nossa formulação teórica acerca da existência de tipos de relacionamento amoroso que visam dissimular a fragilidade narcísica, uma vez que na pesquisa efectuada não encontramos

nenhum instrumento que nos pudesse sugerir uma avaliação adequada destes tipos de relacionamento formulados.

Assim sendo, será avaliada a adequação psicométrica do ITRA no sentido em que a sua adequabilidade apoiará a nossa conceptualização e operacionalização dos funcionamentos amorosos que visam a reparação narcísica.

Capítulo 6 - Apresentação e Análise dos Resultados

Neste capítulo apresentamos os procedimentos estatísticos utilizados na análise das características psicométricas do ITRA, os resultados da análise factorial e da análise da consistência interna de cada uma das escala que avaliam cada tipo de relacionamento amoroso. São apresentados os resultados da estatística descritiva e os resultados das correlações do ITRA com os outros instrumentos utilizados - QVA e SONI.

6.1 - Estatística Descritiva, análise da distribuição de resultados, comparações entre sexos, tipo de relação e satisfação com a relação.

Analísamos as distribuições de resultados de cada uma das escalas. A distribuição de resultados revelou uma curva normal na escala submisso-idealizador, eufórico-idealizante e evitante-desnarcizante. Para a escala submisso-idealizador temos $D(264) = .46, p < .20$; para a escala eufórico-idealizante $D(264) = 0.07, p < .002$ e para a escala evitante-desnarcizante $D(264) = 0.09, p < .00$, indicando que as distribuições não se afastam significativamente da normalidade.

Analísamos se para cada uma das escalas que compõem o ITRA existiam diferenças significativas entre os sexos. Apenas se encontram diferenças significativas na escala eufórico-idealizante $F(1, 262) = 5,14, p < 0,01$, favorável ao sexo masculino

No que respeita à *satisfação com a relação*, verificamos que existe uma correlação significativa negativa com as escalas eufórico-idealizante ($r = -0.20, p < 0.01$) e evitante-desnarcizante ($r = -0.38, p < 0.01$).

No que se refere ao *tipo de relação* encontramos correlação significativa entre esta variável e a escala eufórico-idealizante $F(4, 258) = 4.86, p < 0.01$;

favorável aos que referem ter um outro tipo de relação, comparativamente aos casados e aos que vivem em união de facto.

Encontramos também correlação significativa entre o *tipo de relação* e a escala evitante-desnarcisante $F(4, 260) = 6,82, p < 0.01$; favorável aos que referem ter um outro tipo de relação comparativamente aos casados, em união de facto ou com namoro.

6.2 - Procedimentos estatísticos para estudar as características psicométricas do ITRA – Inventário de Tipos de Relacionamento Amoroso.

6.2.1 - Análise factorial

Foi realizada uma Análise Factorial Exploratória em Componentes Principais aos itens que compõem o Inventário de Tipos de Relacionamento Amoroso (ITRA), no sentido de examinar a validade de construto da nossa conceptualização sobre tipos de relacionamento amoroso que se estabelece em função da vulnerabilidade narcísica, para a amostra total de sujeitos.

O teste de Kaiser-Meyer-Olkin revelou um valor de 0.843, sugerindo uma adequabilidade da matriz de dados para a realização de análise factorial (Field, 2005).

Da *rotação varimax* dos itens resultaram 14 factores em que, para cada factor, consideramos os itens que revelavam saturação acima de 0.30, uma vez que segundo Moreira (2009) este deverá ser considerado o limite inferior mínimo. Verificamos que os itens que constituem cada factor contribuem essencialmente para a variância desse factor o que parece revelar o seu poder discriminativo. Todos os 53 itens apresentam saturações acima de 0.35. A saturação de cada item em cada factor encontra-se na tabela 3 (pág. 231 - 233).

Tabela 3: Saturação dos itens do ITRA em cada factor obtido através da análise em componentes principais após rotação varimax

	F1	F2	F3
Itens			
1	0.52		
3	0.62		
4	0.42		
11	0.52		
12	0.49		
17	0.63		
22	0.61		
23	0.60		
25	0,64		
26	0,50		
24		0.61	
28		0.65	
32		0.42	
33		0.46	
35		0.50	
38		0.54	
7			0.42
27			0.37
29			0.72
36			0.50
39			0.44
40			0.57
43			0.85
44			0.46
<i>valor próprio</i>	<i>9, 324</i>	<i>4,77</i>	<i>2,861</i>
<i>%variância total explicada</i>	<i>17, 592</i>	<i>9.016</i>	<i>5.398</i>

Tabela 3 (cont.): Saturação dos itens do ITRA em cada factor obtido através da análise em componentes principais após *rotação varimax*

	F4	F5	F6	F7	F8	F9	F10
Itens							
9	0.80						
18	0.71						
42	0.85						
6		0.56					
10		0.70					
19		0.46					
20		0.51					
31		0.46					
2			0.65				
46			0.68				
51			0.62				
14				0.48			
15				0.69			
16				0.68			
30					0.36		
41					0.65		
45					0.61		
50							
5						0.63	
52						0.68	
37							0.75
48							0.45
<i>valor próprio</i>	2,04	1,95	1,86	1,46	1,42	1,27	1,22
<i>%variância total explicada</i>	3.860	3.696	3.515	2.767	2.684	2.396	2.305

Tabela 3 (cont.): Saturação dos itens do ITRA em cada factor obtido através da análise em componentes principais após *rotação varimax*

	F11	F12	F13	F14
itens				
34	0.43			
47	0.69			
13		0.79		
8			0.77	
53			0.47	
21				0.62
<i>valor próprio</i>	1,18	1,12	1,06	1,02
<i>%variância total explicada</i>	2.238	2.126	2.015	1.933

O primeiro factor é bipolar (N=10) e explica 17,59% da variância total, variando as saturações entre 0.64 e - 0.15. Este factor é composto por itens que integram a dimensão *diferenciação do Self* dos Tipos de Relacionamento Amoroso *evitante - desnarcisante* e *eufórico - idealizante*.

O segundo factor, também bipolar (N=6), apresenta saturações entre 0.66 e - 0.22, explicando 9.0% da variância, sendo composto por itens que se enquadram na dimensão de Self objectivo dos Tipos de Relacionamento Amoroso *eufórico - idealizante* e *evitante - desnarcisante*.

O terceiro factor bipolar (N= 8), apresenta saturações com valores entre 0.72 e - 0.09, sendo responsável por 5.39% da variância total e constituindo-se por itens que compõem a dimensão de *diferenciação do Self* que se referem aos três Tipos de Relacionamento Amoroso que propusemos.

O quarto factor (N= 3) bipolar, revela saturações entre 0.80 e - 0.21, responsável por explicar 3.86% da variância, compõem-se por itens que têm a

ver com a dimensão *diferenciação do Self* no Tipo de Relacionamento Amoroso eufórico - idealizante.

O quinto factor (N=5), é bipolar, com saturações entre 0.70 e - 0.31, explica 3.69% da variância e engloba os itens que se referem à dimensão *exclusividade do Self* do Tipo de Relacionamento Amoroso eufórico - idealizante.

O sexto factor bipolar (N=3), com saturações entre 0.68 e - 0.37, explica 3.51% da variância e é composto por itens que se referem à dimensão *Self subjectivo* do Tipo de Relacionamento Amoroso sumbisso - idealizador.

O sétimo factor (N=3), bipolar, com saturações entre 0.69 e - 0.28, explica 2.76% da variância e é composto por itens que constituem a dimensão *diferenciação do Self* no Tipo de Relacionamento Amoroso submisso - idealizador.

O oitavo factor (N=4), bipolar, com saturações entre 0.65 e - 0.28, é responsável por 2.68% da variância e constitui-se com itens que enquadram a dimensão *Self objectivo* do Tipo de Relacionamento submisso - idealizador.

O nono factor (N=2) bipolar com saturações entre 0.68 e - 0.21, que explica 2.39% da variância, conjugando dois factores que não se relacionam em conjunto com nenhuma dimensão.

O décimo factor (N=2), é bipolar apresenta-se constituído por dois factores que se prendem com a *dimensão diferenciação do Self* nos Tipos de Relacionamento Amoroso eufórico - idealizante e evitante - desnarcisante. Os valores de saturação estão compreendidos entre 0.75 e - 0.24, explicando 2.30% da variância.

O décimo primeiro factor bipolar (N=2), com saturação entre 0.65 e - 0.37, explica 2.23% da variância, agrupando dois factores que não se conjugam em termos das dimensões estudadas.

O décimo segundo factor apenas engloba um item (N=1), com saturações entre 0.79 e - 0.29, explicando 2.12% da variância.

O décimo terceiro factor é bipolar (N=2), com saturações entre 0.77 e - 0.26, explica 2% da variância e engloba dois itens da dimensão *exclusividade do Self* do Tipo de Relacionamento Amoroso evitante - desnarcisante.

O décimo quarto factor (N=1) com saturações entre 0.62 e - 0.23 é bipolar e explica 1.93% da variância. Contem um item que se considera como pertencente á dimensão *exclusividade do Self* do Tipo de Relacionamento Amoroso submisso - idealizador.

Esta estrutura de catorze factores explica 61, 53% da variância.

O que verificamos é que os factores correspondem a diferentes dimensões propostas para cada tipo de relacionamento amoroso.

No entanto, a *análise paralela* que de acordo com Moreira (2009) - é um dos métodos que apresenta mais vantagens no que se refere à escolha do número de factores pelo rigor e objectividade - sugere-nos a escolha de seis factores.

Neste sentido, optámos por realizar a análise em seis componentes cujos resultados, após rotação varimax apresentam-se na tabela 4 (pág. 236 - 238).

Tabela 4: Saturação dos itens do ITRA em cada factor obtido através da análise em seis componentes após *rotação varimax*

	F1	F2	F3	F4	F5	F6
Itens						
2	0.51					
4	0.45					
7	0.58					
13	0.32					
27	0.48					
29	0.62					
36	0.44					
39	0.48					
40	0.64					
43	0.55					
44	0.48					
52	0.54					
1		0.47				
3		0.48				
5		0.35				
11		0.61				
12		0.44				
17		0.62				
<i>valor próprio</i>	9,324	4,77				
<i>%variância total explicada</i>	17,592	3,860				

Tabela 4 (cont.): Saturação dos itens do ITRA em cada factor obtido através da análise em seis componentes após *rotação varimax*

Itens	F2	F3	F4
22	0.60		
23	0.62		
25	0.62		
26	0.48		
8		0.47	
24		0.48	
28		0.65	
31		0.50	
32		0.51	
33		0.58	
35		0.58	
38		0.48	
45		0.40	
49		0.62	
14			0.58
15			0.44
16			0.53
30			0.38
34			0.41
41			0.64
46			0.39
50			0.67
51			0.50
<i>valor próprio</i>	4,77	2,861	2,04
<i>%variância total explicada</i>	3.860	5.398	3.860

Tabela 4:(cont.) Saturação dos itens do ITRA em cada factor obtido através da análise em seis componentes após *rotação varimax*

	F5	F6
Itens		
9	0.78	
18	0.74	
42	0.80	
47	0.34	
48	0.44	
6		0.53
10		0.58
19		0.41
20		0.48
21		0.47
37		0.29
<i>valor próprio</i>	1,95	1,86
<i>%variância total explicada</i>	2.396	2.305

Como podemos verificar, todos os itens apresentam correlações acima de 0.30, à excepção do item 37 “Quando não preciso do/a meu/minha companheiro/a para resolver problemas meus, sinto-me mais independente”, que apresenta um valor de correlação 0.29.

Os valores próprios de cada um dos seis factores são respectivamente 9, 32; 4,77; 2,86; 2,04; 1, 95; 1, 86.

O que verificamos é que os factores, novamente, parecem corresponder às dimensões de *Diferenciação do Self*, *Self subjectivo*, *Self objectivo* e *Exclusividade do Self* que propusemos para cada tipo de relacionamento

amoroso. Não obstante, estas não surgem claramente diferenciadas uma vez que todas pressupõem representar a *vulnerabilidade narcísica* estando na dependência umas das outras na medida em que o que os itens pretendem traduzir são graus de cada dimensão em cada tipo de relacionamento amoroso, consoante a maior ou menor *vulnerabilidade narcísica* do *Self*, dado que se supõe estarem presentes em cada tipo de relacionamento amoroso proposto.

Assim, o primeiro factor com doze itens (N=12) e saturações entre - 0.14 e 0.64 é bipolar e responsável por 17, 5% da variância, apresentando na generalidade da sua organização itens que se relacionam com a dimensão *Self subjectivo* do tipo de relacionamento amoroso submisso-idealizador. No entanto engloba alguns itens que tinha-mos considerado como pertencentes aos tipos de relacionamento eufórico-idealizante e um pertencente ao evitante-desnarcisante “penso sempre que as relações amorosas raramente são boas” que nos parece ser um item muito pouco discriminante. O itens que tínhamos considerado como característicos do tipo de funcionamento amoroso eufórico-idealizante são itens que se relacionam com a percepção do envolvimento amoroso enquanto desorganizador e responsável por um sentimento de dissolução das fronteiras do *Self*. Consideramos agora, que esta percepção não será muito objectiva, isto é, não se apresenta como fácil um sujeito ter esta consciência, pois implica uma competência reflexiva sobre o próprio funcionamento o que nem sempre acontece nestes tipos de funcionamento mais *borderline*.

O que se pode deduzir é que estes itens não se diferenciam claramente em termos de dimensões, na medida em que estas se encontram muito relacionadas, a menor *diferenciação do Self* implica uma maior dependência face ao objecto mas também uma maior defesa face a essa dependência, assim, é possível surgir um factor que agrupe estas duas dimensões.

O segundo factor, com dez itens (N=10) e com saturações compreendidas entre - 0.24 e 0.62, é também bipolar, explicando 3.86% da variância, apresenta-se constituído na sua maioria por itens que se referem à dimensão *diferenciação do Self* que considerámos como mais característicos do tipo de relacionamento amoroso eufórico-idealizante e evitante-desnarcisante e que se prendem

essencialmente com defesas face à dependência, com a necessidade de desvalorizar a relação de intimidade e a exibição de um sentimento de desapego emocional. A razão deste factor englobar itens que se referem a estes dois tipos de relacionamento amoroso que conceptualizámos, pensamos ficar a dever-se à semelhança nestes funcionamentos quanto às defesas que utilizam no sentido da negação da necessidade de um outro e a tendência comum à desvalorização da relação e a evidência de uma falsa autonomia que se prende com as dificuldades na ligação ao outro pela fragilidade das fronteiras do *Self* que muitas vezes acarretam um sentimento de perda do próprio *Self* no outro, a *pseudo-organização* do *Self* determina um afastamento da relação para evitar estados confusionais, tal é a necessidade da *função coagiativa* do objecto (Amaral Dias, 2010) que leva à formação de um sistema defensivo que negue essa mesma necessidade. Por outro lado a desvalorização da necessidade do outro prende-se muito com a raiva narcísica e com a inveja, a necessidade do outro traz ao próprio um sentimento de bondade do outro e de amabilidade (no sentido do que desperta amor) que é invejada e que se traduz em sentimentos de menor valia do próprio que são insuportáveis, o que não acontece no outro tipo de relacionamento amoroso submisso-idealizador.

O terceiro factor bipolar é composto por onze itens (N=11), com saturações entre - 0.36 e 0.65 é responsável por 2,86% do total de variância explicada, e apresenta na sua formação itens que constituem a dimensão *Self objectivo* e *Self subjectivo* dos tipos de relacionamento amoroso evitante-desnarcisante e eufórico-idealizante. Novamente surgem agrupados na mesma dimensão itens que se referem a estes dois tipos de funcionamento, distinguindo-se do outro tipo submisso-idealizador, isto parece ficar a dever-se às defesas utilizadas na medida em que face à desvalorização do *Self* nos dois primeiros tipos de relacionamento referidos há um recurso a defesas típicas de um narcisismo maníaco e a disfarces que permitam colmatar as fragilidades evidenciadas aludindo a uma imagem do próprio que parece ser mais positiva mas que apenas se alicerça num *falso Self*. No tipo de relacionamento amoroso submisso-idealizador, a necessidade do outro é mais aceite e reconhecida, a

dependência é mais consciente, a tendência é mais no sentido da desvalorização do próprio e enaltecimento do outro (idealidade perdida na idealização do outro, como refere Coimbra de Matos, 2002) face ao qual se colocam numa posição mais submissa e por vezes mais masoquista de forma a cativarem o afecto do objecto visando uma imagem mais positiva do *Self*.

O quarto factor, bipolar constituído por nove itens (N=9), com saturações compreendidas entre - 0.39 e 0.67, explica 2,04% da variância e exhibe itens que se referem à dimensão *diferenciação do Self* do tipo de relacionamento amoroso submisso-idealizador. Esta distinção em relação ao segundo factor, deve-se ao facto de estes itens não referirem defesas face à dependência e traduzirem defesas contra a separação, com o reconhecimento da necessidade do outro para uma imagem mais valorizada do próprio, mais típico dos funcionamentos neuróticos. Uma vez que neste tipo de relacionamento amoroso considerarmos que a necessidade do outro não tem a ver tanto com a organização do *Self* e com a sua estabilidade, defendemos que a diferenciação entre *Self* e objecto é mais nítida decorrendo a possibilidade de reconhecimento e aceitação da necessidade do outro. Esta necessidade prende-se mais com a imagem sexuada do próprio, com a necessidade de se sentir atraente e capaz de despertar desejo, há um investimento no outro e na relação ainda que com perfis da *vulnerabilidade narcísica* em que o que é procurado é a consolidação de uma imagem mais válida e um colorido afectivo da representação do *Self*, através da ligação ao outro, evidenciando uma frágil autonomia da representação do *Self* em termos da sua auto-estima. O outro é um complemento que falta ao próprio para a posse de um *Self* mais vigoroso, colocando-se o indivíduo numa posição de *dependência estéril* face ao objecto o qual admira e ao qual se subordina para a auto-admiração.

O quinto factor bipolar constituído por cinco itens (N=5), com saturações compreendidas entre - 0.22 e 0.80 refere itens que pertencem à dimensão *Self subjectivo* do tipo de relacionamento eufórico-idealizante, traduzindo uma inconstância nas relações, uma facilidade em adoptar condutas que ilusoriamente evidenciem o desapego emocional implicando uma visão mais

independente do próprio e possibilitando a aparência de que não são necessitantes de ninguém, reforçada pela erotomania. Trata-se aqui de uma dimensão que se relaciona com a vicariância erótica e com condutas típicas de uma sexualidade mais operatória que utiliza o outro como objecto de exibição narcísica, cujas condutas agidas são um reflexo de uma pseudo-sexualidade que impele a relações compulsivas cuja função se prende com a eliminação da frustração do próprio muitas vezes com condutas de desprezo pelo outro quando este já não pode ser o receptáculo de idealizações que são muito primárias e como tal, facilmente se esvaem e exigem a colocação num novo objecto, conduzindo a um desejo metonímico (Bleichmar, 1983), que passa de um objecto para outro com enorme facilidade, sem elaboração da perda. Por outro lado estes comportamentos evidenciam um comportamento de insaciedade, insatisfação, e um desejo succionador simbólico de uma avidez afectiva não aceite nem reconhecida pelo próprio. Aqui parece distinguir-se do outro tipo de relacionamento que sugerimos como evitante-desnacidante, pois neste último não existe esta procura do outro, o afastamento relacional postulamos ser maior, não são tão características as condutas agidas, a centração em si é tão patente que nem sequer há um recurso exibicionista da sexualidade.

O sexto factor, com seis itens (N=6) explica 1,86% da variância, é um factor bipolar que apresenta saturações entre - 0,18 e 0,58, revelando itens que se referem à dimensão *exclusividade do Self*. A atenção mais nas necessidades do próprio que nas do objecto é muito típica nestes três tipos de relacionamento amoroso que propusemos uma vez que têm por base a vulnerabilidade narcísica que acarreta uma auto-centração e uma procura de que tudo gire em torno do próprio para sustentar a vulnerabilidade da representação do *Self* e colocá-la a um nível que permita ao sujeito funcionar. No entanto, não diferenciou entre uma necessidade de exclusividade do *Self* em que há um investimento no outro para benefício do próprio e os outros tipos de funcionamentos em que a ligação ao outro é feita através de um *vinculo tentalizante* (Zimmerman, 2004) em que o objecto é aprisionado pela inferioridade ficando sempre à mingua do que o individuo promete mas nunca é capaz de dar, mantendo a presa na expectativa

e sempre em torno do próprio. Não obstante, seria complicado redigir itens que claramente transmitissem este tipo de funcionamento e mais difícil seria os respondentes terem consciência dessas suas condutas, pois estamos a referir-nos a aspectos muitas vezes inconscientes do funcionamento do próprio, impedidos de se tornarem conscientes.

Por outro lado, a dimensão *exclusividade do Self* prende-se com a *dijunção exclusiva* (Bleichmar, 1985) - ou o Eu ou o outro - sem suposição de conjunção, em que o *Eu* se encobre em face do aparecimento do outro porque aflora as inferioridades e inconsistências do próprio.

O que nos surge, atendendo à constituição dos factores é que eles parecem permitir distinguir entre dois tipos de funcionamento amoroso, um que está mais próximo de um narcisismo positivo, menos doentio, que é mais objectal e que implica uma dedicação ao outro e um outro que se prende com um narcisismo mais doentio, com uma maior necessidade de desvalorização do outro, um enaltecimento do próprio por duas vias distintas, uma mais maligna que implica o denegrir do outro e outra menos negativa que procura uma valorização do próprio através de uma valorização do outro. Ou seja, parece-nos poder defender que o mecanismo de reparação da falha sentida ao nível da *vulnerabilidade narcísica do Self* opera por duas vias, uma a do *Self grandioso* típico dos funcionamentos mais borderline ou psicótico e outra - a da *submissão* - típica dos funcionamentos mais neuróticos.

Assim, uma vez que os itens foram construídos para cada dimensão tendo por base a teorização sobre os três tipos de funcionamento amoroso, o que nos surge é que não existe uma distinção clara entre os dois tipos de funcionamento amoroso (eufórico-idealizante e evitante-desnarcisante) que se enquadram num narcisismo que consideramos mais maligno, mais depreciativo da relação de intimidade, que não tem em conta o outro, que tem maiores defesas face à separação devido a uma maior indiferenciação do *Self*, distinguindo-se estes de um narcisismo mais próximo da relação, menos extrativo, que investe mais no outro ainda que com a intenção de benefício na

representação do próprio *Self*, mais com predomínio da objectalidade sobre o narcisismo, ainda que de forma masoquista.

Deste modo, não é possível distinguir claramente as quatro dimensões definidas uma vez que elas são muito correlacionadas, não são opostas e apenas diferem em termos de grau no que respeita aos tipos de relacionamento amoroso que propusemos, são dimensões transversais aos distintos tipos de relacionamento que defendemos.

Nesta linha, e seguindo as ideias de Moreira (2009) que se refere ao facto de que quando um questionário é constituído por várias subescalas a análise da validade deverá ser realizada para cada uma delas individualmente e, uma vez que o *Inventário de Tipos de Relacionamento Amoroso* é composto por três escalas que representam os três tipos de relacionamento amoroso que propomos, optamos por analisar cada escala individualmente.

Assim, para uma amostra total de 266 indivíduos, utilizamos alguns procedimentos que permitem analisar a *eficiência dos itens* (Golden et al., 1984) previamente redigidos e seleccionados para utilização na aplicação experimental do instrumento. No sentido de avaliar a necessidade de eliminar alguns itens, procedemos ao estudo da *dificuldade dos itens* (Aiken, 1997; Kline, 1998; Field, 2005; Moreira, 2009), calculada a partir da *média e desvio padrão* de cada item das respectivas escalas que compõem o *ITRA*, de acordo com Nunnally & Bernstein (1994). Foi analisada também a *discriminabilidade dos itens* através da correlação corrigida de cada item com o total de cada escala, bem como as inter-correlações entre todos os itens (Field, 2005).

Consideramos também o *alfa* de Cronbach (Field, 2005, Moreira, 2009), para cada escala, no sentido de avaliar a consistência interna de cada uma delas.

6.2.2 - Análise da consistência interna

6.2.2.1 - Análise da consistência interna da Subescala submisso-idealizador

Esta escala apresenta-se inicialmente composta por 19 itens, distribuídos por 4 dimensões. A dimensão *Diferenciação do Self* contém 3 itens, a dimensão *Self subjectivo* contém 8 itens, a dimensão *Self objectivo* contém 4 itens e o mesmo acontece com a dimensão *Exclusividade do Self*.

A escala apresenta um valor de *alpha de Cronbach* de 0.79, o que de acordo com Field (2005) é um valor aceitável, até mesmo porque, e de acordo com Cortina (1993 cit. Field, 2005) o valor de *alpha* depende do número de itens da escala, sendo que, quanto maior o número de itens, maior tenderá a ser o seu valor.

No que respeita à dificuldade dos itens, o estudo foi realizado no sentido de se verificar se algum dos itens se mostrava demasiado “fácil” ou demasiado “difícil” para a amostra em estudo. Os itens que compõem esta escala apresentam valores mínimos de um e máximos de três, como se pode verificar na Tabela 5 (pág. 246).

De acordo com os valores apresentados na Tabela 5 podemos afirmar que o item 52 seria considerado demasiado difícil, e o item 34 considerado demasiado fácil, pelo que se poderia colocar a hipótese de eliminação destes itens.

Todavia, consideramos, de acordo com Nunnally (1978) que o estudo da correlação corrigida de cada um dos itens com o total da escala proporcionará uma análise da capacidade discriminativa dos itens mais válida. Kline (1998, 2000) e Field (2005) consideram que os itens a serem eliminados serão os que apresentam valores de correlação inferiores a 0,30, contudo, Moreira (2009, p.461) considera que há que ter em conta o aspecto “artístico” da análise

factorial, uma vez que é difícil estabelecer um critério definido e objectivo para a escolha dos itens.

Tabela 5: Médias e Desvios-Padrão dos 19 itens da escala submisso-idealizador

Item	M	DP
2	3,09	1,27
10	3,26	1,17
13	2,96	1,07
14	3,05	1,24
15	2,64	1,03
16	2,03	1,06
21	2,78	1,03
27	2,34	1,28
29	1,68	0,91
30	2,18	1,12
34	4,15	0,94
40	1,83	1,10
41	2,58	1,16
43	1,77	0,96
45	2,00	1,15
46	2,63	1,27
50	3,26	1,21
51	2,98	1,26
52	1,64	0,99

A observação da Tabela 6 (pág. 247) permite-nos constatar que 4 itens (15, 21, 43, 45) revelam valores de correlação corrigida com o total, inferiores a 0,30.

Note-se que apenas o item 43 havia sido anteriormente referido como podendo ser eliminado por poder ser “demasiado fácil”. De acordo com o critério de Kline (1998, 2000), estes itens deveriam ser eliminados.

Tabela 6: Correlação corrigida de cada um dos 19 itens da escala submisso-idealizador com o resultado total da escala

Item	Correlação item/Total
2	0,45
10	0,30
13	0,25
14	0,34
15	0,17
16	0,34
21	0,26
27	0,53
29	0,32
30	0,30
34	0,32
40	0,45
41	0,41
43	0,26
45	0,26
46	0,35
50	0,47
51	0,59
52	0,31

No entanto, consideramos que os itens 21 - “*Na minha relação, sou sempre eu que invisto mais*”, 43 - “*Sei que quando as minhas relações amorosas*

terminam é sempre por culpa minha” e 45 - “*Sinto-me mais importante quando o/a meu/minha companheiro/a tem uma boa posição social*” são muito importantes em termos do seu conteúdo e do que pretendem avaliar.

Apenas poderemos considerar a hipótese de eliminar o item 15 - “*Eu e o/a meu/minha companheiro/ somos iguais na maioria dos aspectos*” por nos parecer de facto menos discriminativo e porque se trata de um item que quando retirado aumenta o valor de *alpha de Cronbach*. Por outro lado, na análise da correlação inter-item, o item 15 revela correlações muito baixas com os outros itens da escala.

Os outros itens referidos, quando retirados reduzem o valor de *alpha*, pelo que decidimos manter, até mesmo porque eliminar estes itens implicaria uma redução da escala o que não se nos apresenta como muito benéfico.

De modo a analisarmos de forma mais fidedigna as nossas decisões quanto à eliminação do item 15, voltamos a calcular o *alpha de Cronbach*, o valor médio das intercorrelações entre todos os itens e ainda o cálculo das correlações corrigidas de cada item com o total. Estes resultados apresentam-se, de um modo geral mais elevados, embora não de uma forma muito significativa. No entanto, optámos por eliminar o item 15, por não se revelar muito discriminativo. Na Tabela 7 apresentamos o conjunto de itens que compõe a escala final submisso-idealizador.

Tabela 7: Itens que compõem a escala final submisso-idealizador

Tipo de relacionamento amoroso	itens
<i>Submisso-idealizador</i>	2, 10, 13, 14, 16, 21, 27, 29, 30, 34, 40, 41, 43, 45, 46, 50, 51, 52

6.2.2.2 - Análise da consistência interna da Subescala eufórico-idealizante

A presente escala é composta por 19 itens distribuídos por 4 dimensões. A dimensão *Diferenciação do Self* contém 6 itens, a dimensão *Self subjectivo* contém 4 itens, a dimensão *Self objectivo* contém 5 itens e a dimensão *Exclusividade do Self* também com 4 itens.

O valor de *alpha de Cronbach* é de 0.826, considerado um bom indicador de homogeneidade de escala revelador de consistência interna.

Os valores da média e desvio-padrão apresentados na tabela 8 (pág. 250) apontam para valores que se situam entre um e três. Em que o item 6 apresenta um valor médio mais elevado e o item 9 um valor mais baixo. Contudo, de igual modo ao caso anterior não vamos ter em conta apenas estes resultados para a tomada de decisão de eliminação dos mesmos.

A análise da correlação corrigida do item com o total da escala apresentada na tabela 9 (pág. 251), aponta para a existência de três itens com valores inferiores a 0,30: o item 6, o item 37, itens 44 e 47, pelo que estes, de acordo com o critério de Kline (*idem*), deveriam ser eliminados. No entanto, tendo em conta a questão da arbitrariedade deste critério, tomamos em linha de conta outros aspectos que nos parecem relevantes antes de proceder à eliminação de qualquer item. Assim, tendo em conta a análise do *alpha de Cronbach*, este apenas aumenta no caso da eliminação do item 6, e num valor não muito significativo, de acordo com Field (2005).

Consideramos a hipótese de eliminar o item 6 - “*Chamo sempre a atenção dos erros do/a meu/minha companheiro/a*”, na medida em que poderá não se constituir como um item discriminativo em relação aos itens da escala evitante-desnarcisante, por ambas se referirem a um narcisismo mais destrutivo reflectindo-se em comportamentos de humilhação do outro, até mesmo porque chamar a atenção dos erros pode não ser considerado uma atitude típica de um narcisismo negativo dado que a chamada de atenção poderá ser realizada num sentido construtivo.

No que respeita aos itens 37- “Quando não preciso do/a meu/minha companheiro/ para resolver problemas meus, sinto-me mais independente”, 44- “Sinto-me mais ansioso/a, quando o/a meu/minha parceiro/a quer estar muito próximo/a”, e 47- “Sinto-me vaidoso/a com o meu desempenho sexual”, consideramos que, na medida em que a eliminação destes não contribui para um aumento de *alpha*, e uma vez que a correlação inter-item não dá indicação de má correlação destes com os restantes itens, optamos por não proceder à sua eliminação, até mesmo porque consideramos que têm importância no construto que se pretende avaliar, e que a sua eliminação poderia implicar a perda de dimensões do mesmo.

Tabela 8: Médias e Desvios-Padrão dos 19 itens da escala eufórico-idealizante

Item	M	DP
1	2,52	1,27
3	2,58	1,24
6	3,21	1,20
7	2,30	1,14
9	1,47	0,90
18	1,64	1,10
19	2,45	1,20
20	2,41	1,15
23	1,66	0,94
24	1,55	0,91
26	1,80	1,09
31	2,30	1,13
32	2,18	1,07
33	2,18	1,13
35	1,53	0,85
37	2,57	1,32
42	1,70	1,11
44	1,85	1,03
47	2,71	1,17

Tabela 9: Correlação corrigida de cada um dos 19 itens da escala eufórico-idealizante com o resultado total da escala

Item	Correlação item/Total
1	0,34
3	0,38
6	0,22
7	0,42
9	0,50
18	0,42
19	0,44
20	0,52
23	0,39
24	0,41
26	0,56
31	0,45
32	0,53
33	0,50
35	0,46
37	0,29
42	0,39
44	0,28
47	0,26

Após a eliminação do item 6, voltámos a calcular de novo o *alpha de Cronbach* tendo este aumentado para 0,828; considerado um bom indicador de consistência interna. Por outro lado, alguns valores de correlação dos itens com

o total da escala também aumentaram, embora não em valores que se possam considerar como muito significativos.

Os itens que constituem a escala final eufórico-idealizante encontram-se na Tabela 10.

Tabela 10: Itens que compõem a escala final eufórico-idealizante

Tipo de relacionamento amoroso	itens
<i>Eufórico-idealizante</i>	1, 3, 7, 9, 18, 19, 20, 23, 24, 26, 31, 32, 33, 35, 37, 42, 44,47

6.2.2.3 - Análise da consistência interna da Subescala evitante-desnarcisante

Esta subescala é composta por 15 itens que se distribuem da seguinte forma: 7 itens para a dimensão *Diferenciação do Self*, 2 itens para a dimensão *Self Subjectivo*, 3 itens para a dimensão *Self Objectivo* e 3 itens para a dimensão *Exclusividade do Self*.

O valor de *alpha de Cronbach* é de 0.807, considerado um bom indicador de consistência interna, até porque o número de itens é reduzido.

Os resultados da média e desvio-padrão apresentados na Tabela 11 (pág. 253), apontam para valores que se situam entre um e três. Em que o item 28 e o item 49 apresentam um valor médio mais baixo e o item 48 um valor mais elevado, o que poderia sugerir a sua eliminação por se constituírem como itens demasiado difíceis ou fáceis, respectivamente.

Os resultados da correlação de cada um dos itens com o total da escala apresentados na Tabela 12 (pág.254), revelam a existência de três itens (8, 48, e 53) com valores de correlação corrigida inferiores a 0,30, sugerindo a sua eliminação, de acordo com o critério de Kleim (*idem*). No entanto, ao analisar os

valores de *alpha de Cronbach* após a eliminação de cada um desses itens, verificamos que apenas a eliminação do item 48 e do item 53 contribui para o aumento desse valor, e de modo considerado significativo. Assim, e uma vez que o item 48 -“*Sou eu quem termina as minhas relações amorosas*” poderá não se constituir como muito discriminativo em relação aos itens da escala eufórico-idealizador, e uma vez que na análise da correlação desse com os restantes itens da escala este se mostra pouco correlacionado, optamos pela sua eliminação. O mesmo se passa com o item 53 -“*Ter um relacionamento amoroso não altera nada na minha vida*” em que podemos considerar a sua eliminação pelas questões acima referidas, mas também porque, não nos parece muito significativo em termos de avaliação do construto em questão.

Tabela 11: Médias e Desvios-Padrão dos 15 itens da escala evitante-desnarcisante

Item	M	DP
4	1,80	1,05
5	1,31	0,67
8	2,12	0,97
11	2,12	1,07
12	1,68	0,91
17	2,69	1,18
22	1,84	0,94
25	1,70	0,99
28	1,46	0,77
36	2,18	1,25
38	1,98	1,17
39	1,62	1,00
48	2,48	1,20
49	1,42	0,76
53	2,27	1,14

Tabela 12: Correlação corrigida de cada um dos 15 itens da escala evitante-desnarcisante com o resultado total da escala

Item	Correlação item/Total
4	0,48
5	0,39
8	0,22
11	0,37
12	0,49
17	0,49
22	0,44
25	0,57
28	0,52
36	0,47
38	0,50
39	0,53
48	0,19
49	0,57
53	0,19

O cálculo do *alpha de Cronbach* após eliminação dos itens 48 e 53 revela um valor superior, de 0.824, o que parece ser um bom indicador da consistência interna da escala. Verificaram-se também algumas alterações positivas ao nível dos valores das médias de correlação dos itens com os totais da escala. Assim, a escala final fica constituída por 13 itens. Apresentados na tabela 13 (pág. 255).

Tabela 13: Itens que compõem a escala final evitante-desnarcisante

Tipo de relacionamento amoroso	itens
<i>Evitante-desnarcisante</i>	4, 5, 8, 11, 12, 17, 22, 25, 28, 36, 38, 39, 49

Tabela 14: Valores de *alpha de Cronbach* de cada escala

Escalas	nº de itens	<i>alpha de Cronbach</i>
<i>Submisso-idealizador</i>	18	0.794
<i>Eufórico-idealizante</i>	17	0.828
<i>Evitante-desnarcisante</i>	13	0.824

6.3 - Análise de correlações

6.3.1 - Análise das correlações entre as escalas do ITRA

Analísamos a correlação existente entre as três escalas, tendo-se verificado a existência de correlações significativas entre a escala submisso-idealizador e escala eufórico-idealizante ($r = 0.18$, $p < 0.01$), e uma correlação muito significativa entre esta e a escala evitante-desnarcisante ($r = 0.70$, $p <$

0.01), o que se fica em nossa opinião a dever ao facto de a escala eufórico-idealizante traduzir comportamentos que se inserem num tipo de funcionamento mais *borderline* e como tal engloba comportamentos típicos de funcionamentos mais neuróticos e mais psicóticos. Por outro lado, parece mais uma vez reforçar a diferença entre o relacionamento amoroso típico de um narcisismo menos destrutivo e que procura tapar os defeitos do *Self* colocando-se à sombra de um objecto idealizado, e um narcisismo mais destrutivo, maligno, que assenta numa postura de exaltação maníaca, denegrindo a imagem do outro. Os valores das correlações apresentam-se na Tabela 15.

Tabela 15: Correlação entre as escalas do ITRA.

	Submisso-idealizador	Evitante-desnarcisante
Eufórico-idealizante	0.18**	0.70**
Evitante-desnarcisante	0.008	

** correlação significativa para 0.01

6.3.2 - Análise da correlação entre QVA e ITRA

Analisámos as correlações entre QVA e ITRA no sentido de verificarmos a nossa hipótese de que os tipos de relacionamento que propusemos se enquadravam num tipo de vinculação mais inseguro.

Para o QVA apenas calculámos os valores de *alpha de Cronbach* sendo este de .17 para a dimensão Confiança (.90 no estudo original), 0.85 para a dimensão Dependência (.88 no estudo original), .79 na dimensão Evitamento (.87 no estudo original), .88 na dimensão Ambivalência (.75 no estudo original). Estes resultados são apresentados na Tabela 16 (pág. 257).

Tabela 16: Comparação dos valores de *Alpha de Cronbach* para as diferentes dimensões do QVA, obtidos no estudo original e no estudo actual

QVA	Confiança	Dependência	Ambivalência	Evitamento
<i>alpha de Cronbach</i> original	.90	.88	.75	.87
<i>alpha de Cronbach</i> no estudo actual	.16	.84	.88	.79

Os resultados obtidos no estudo da correlação entre as escalas do Inventário de Relacionamento Amoroso (ITRA) e o Questionário de Vinculação Amorosa (QVA), revelam correlações significativas entre os dois instrumentos.

No que respeita à escala *submisso-idealizador*, verifica-se, como apresentado na Tabela 17 (pág. 258), uma correlação significativa entre esta escala e a *dimensão confiança* do QVA ($r = 0,19, p < 0,01$), o mesmo acontecendo com a *dimensão evitamento*, com correlação negativa significativa ($r = - 0,17, p < 0,01$). A correlação entre a escala *submisso-idealizador* e a *dimensão dependência* do QVA apresenta-se como sendo a mais significativa ($r = 0,68, p < 0,01$), sendo também significativa o valor da correlação entre a escala *submisso-idealizador* e a *dimensão ambivalência* do QVA ($r = 0,19, p < 0,01$).

No que diz respeito à escala *eufórico-idealizante*, esta apresenta correlação significativa negativa com a subescala *confiança* do QVA ($r = - 0,19, p < 0,01$), uma correlação significativa negativa com a *subescala dependência* ($r = - 0,01, p < 0,01$), como apresentado na Tabela 17 (pág.258).

Os resultados apontam para uma correlação muito significativa entre a escala *eufórico-idealizante* e a *dimensão evitamento* do QVA ($r = 0,45, p < 0,01$), o mesmo acontecendo com a correlação entre a escala *eufórico-idealizante* e a *dimensão ambivalência* do QVA ($r = 0,48, p < 0,01$).

Tabela 17: Correlação entre as escalas do ITRA e as dimensões do QVA

	QVA confiança	QVA evitamento	QVA dependência	QVA ambivalência
Submisso idealizador	0,19 *	- 0,17*	0,68*	0,19*
Eufórico idealizante	- 0,19*	0,45*	- 0,01	0,48*
Evitante desnarcisante	- 0,17*	0,60*	- 0,19*	0,48*

* valores significativos para 0,01

Os resultados apresentados na Tabela 17 revelam as correlações efectuadas entre a escala evitante-desnarcisante e a *dimensão confiança* do QVA, sendo estas significativas negativas ($r = 0,17$, $p < 0,01$), o mesmo acontecendo com as correlações entre esta escala e a dimensão dependência do QVA ($r = - 0,19$, $p < 0,01$). Surgem como muito significativas as correlações entre a escala eufórico-idealizante e a *dimensão evitamento* do QVA ($r = 0,60$, $p < 0,01$) e com a dimensão ambivalência do QVA ($r = 0,48$, $p < 0,01$).

6.3.3 - Análise da correlação entre SONI e ITRA

No que respeita à aplicação da escala SONI, apenas calculámos os valores do alpha de Cronbach. Assim, foram encontrados valores de *alpha de Cronbach* de .80 na escala de *necessidade de objectos do Self gémeo* (.91, no estudo original), na escala de *evitamento da necessidade de objecto do Self gémeo e idealizado* de .83 (igual ao obtido pelos autores), na escala de *necessidade de objecto do Self idealizado* um valor de *alpha* de .70 (.83, no estudo original), na escala de *necessidade de um objecto do Self valorizante* um valor de *alpha* de .74 (.81 no estudo original), a *escala de evitamento da necessidade de um objecto do Self valorizante* apresenta um valor de *alpha* de .65 (um valor de .79 foi encontrado no estudo original) (Tabela 18, pág. 259).

Tabela 18: Comparação dos valores de *Alpha de Cronbach* para as diferentes escalas da SONI, obtidos no estudo original e no estudo actual

	Necessidade de objecto do <i>Self</i> gémeo	Evitamento da necessidade de objecto do <i>Self</i> gémeo e idealizado	Necessidade de objecto do <i>Self</i> idealizado	Necessidade de objecto do <i>Self</i> valorizante	Evitamento da necessidade de objecto valorizante
alpha de Cronbach original	.91	.83	.83	.81	.79
alpha de Cronbach actual	.80	.83	.70	.74	.65

Foram realizados estudos de correlação entre as escalas do ITRA-submisso-idealizador, eufórico-idealizante, evitante-desnarcisante, e as escalas que constituem a SONI : *Necessidade de objecto do Self gémeo (need for twinship)*, *Necessidade de Objecto do Self idealizado (need for idealization)*, *Necessidade de Objecto do Self valorizante (need for mirroring)*, *evitamento da necessidade de objecto do Self gémeo e idealizado*, e *evitamento da necessidade de um objecto do Self valorizante*, no sentido de verificarmos se os tipos de relacionamentos amorosos que descrevemos se revelam como funcionamentos narcísicos no sentido da necessidade do outro enquanto *objecto do Self*. Os resultados obtidos encontram-se na Tabela 19 (pág. 260).

Os resultados obtidos nos estudos de correlação entre a escala submisso-idealizador e a escala necessidade de *objecto do Self gémeo*, aponta para uma correlação muito significativa ($r = 0,23$, $p < 0,01$), o mesmo acontecendo com a correlação entre a escala submisso-idealizador e a escala de necessidade de um *objecto do Self idealizado* ($r = 0,30$, $p < 0,01$) e a escala de necessidade de *objecto do Self valorizante* ($r = 0,40$, $p < 0,01$). Existe uma

correlação negativa significativa entre a escala submisso-idealizador e a escala de *evitamento de necessidade* de um objecto do *Self* valorizante ($r = - 0,40$; $p < 0,01$).

As correlações entre a escala eufórico-idealizante e a escala necessidade de objecto do *Self* gémeo são muito significativas ($r = 0,24$, $p < 0,01$), o mesmo se passa na correlação com a escala necessidade de um objecto do *Self* idealizado ($r = 0,30$, $p < 0,01$) e a necessidade de um objecto do *Self* valorizante ($r = 0,30$, $p < 0,01$), ambas com correlações significativas. Obtiveram-se correlações significativas entre esta escala e a escala de evitamento de objecto do *Self* idealizado e gémeo ($r = 0,40$, $p < 0,01$), contudo, não existe correlação significativa entre a escala eufórico-idealizante e a escala de evitamento da necessidade de um objecto do *Self* valorizante ($r = 0,09$, $p < 0,01$).

As correlações da escala evitante-desnarcisante com a escala de necessidade de um objecto do *Self* idealizado revela-se significativa ($r = 0,21$, $p < 0,01$), o mesmo acontecendo com a correlação com a escala de evitamento da necessidade de um objecto do *Self* gémeo e idealizado ($r = 0,40$; $p < 0,01$), sendo também significativa a correlação com a escala de evitamento da necessidade de um objecto do *Self* valorizante ($r = 0,20$, $p < 0,01$).

Tabela 19: Correlação entre as escalas do ITRA e a escala SONI

	Necessidade de objecto do <i>Self</i> gémeo	Evitamento da necessidade de objecto do <i>Self</i> gémeo e idealizado	Necessidade de objecto do <i>Self</i> idealizado	Necessidade de objecto do <i>Self</i> valorizante	Evitamento da necessidade de objecto valorizante
Submisso idealizador	0,23 *	0,22*	0,30*	0,40*	- 0,40
Eufórico idealizante	0,24 *	0,40*	0,30*	0,30*	0,09
Evitante desnarcisante	0,07	0,40*	0,21*	0,10	0,20*

* os valores são significativos para $p = 0,01$

6.3.4 - Análise das correlações entre QVA e SONI

Uma vez que pretendemos analisar a possibilidade de os tipos de relacionamento amoroso que propusemos se enquadrarem dentro de um tipo de vinculação insegura e analisar os *padrões de vinculação* à luz das ideias psicanalíticas sobre *vulnerabilidade narcísica* optámos por fazer uma correlação dos resultados obtidos no QVA e os obtidos com o instrumento que avalia as *necessidades de objectos do Self* - SONI.

Os resultados encontram-se na tabela 20 (pág. 262).

Dos resultados obtidos verificamos a existência de correlações significativas entre os resultados da dimensão QVA dependência e as necessidades de *objectos do Self*. Assim, encontramos correlações muito significativas entre os resultados da dimensão *dependência* do QVA e as escalas de necessidades de *objectos do Self* - a saber - necessidade de *objecto do Self* gémeo ($r = 0.18, p < 0.01$); necessidade de *objecto do Self* idealizado ($r = 0.20, p < 0.01$); necessidade de *objecto do Self* valorizante ($r = 0.31, p < 0.01$), bem como uma correlação significativa entre a dimensão *dependência* do QVA e a escala de evitamento da necessidade do *objecto do Self* gémeo e idealizado ($r = 0.21, p < 0.01$).

Encontrámos também valores de correlação significativa entre a dimensão *ambivalência* do QVA e as necessidades de *objectos do Self*, em que existe uma correlação significativa entre os resultados obtidos nesta dimensão e os das escalas de *necessidade de objecto do Self* gémeo ($r = 0.20, p < 0.01$), *objecto do Self* idealizado ($r = 0.13, p < 0.05$) e *objecto do Self* valorizante ($r = 0.26, p < 0.01$) bem como uma correlação muito significativa com o *evitamento da necessidade de objecto do Self* gémeo e idealizado ($r = 0.31, p < 0.01$).

A dimensão *evitamento* no QVA apresenta correlações significativas com a escala de *evitamento da necessidade de um objecto do Self* gémeo e idealizado ($r = 0.29, p < 0.01$), e uma correlação significativa negativa com a escala de *evitamento da necessidade de objecto do Self* valorizante ($r = 0.23, p < 0.01$).

A dimensão *confiança* do QVA não apresenta correlações consideradas significativas com a escala de *necessidade de objectos do Self* (SONI).

Tabela 20: Correlação entre os resultados do QVA e SONI

	Necessidade de objecto do <i>Self</i> gémeo	Evitamento da necessidade de objecto do <i>Self</i> gémeo e idealizado	Necessidade de objecto do <i>Self</i> idealizado	Necessidade de objecto do <i>Self</i> valorizante	Evitamento da Necessidade de objecto do <i>Self</i> valorizante
QVA confiança	0,06	0,03	0,08	0,86	0,00
QVA dependência	0,18**	0,21**	0,20 **	0,31 **	- 0,01
QVA evitamento	0,10	0,29**	0,12	0,02	- 0,23**
QVA ambivalência	0,20**	0,31**	0,13*	0,26**	0,51

** os valores são significativos para p = 0,01

* os valores são significativos para p = 0,05

Capítulo 7. Discussão Geral

Neste capítulo discutiremos em primeiro lugar os aspectos psicométricos do instrumento que construímos - ITRA - *Inventário de Tipos de Relacionamento Amoroso* e em seguida a correlação dos resultados obtidos em cada tipo de funcionamento amoroso com a escala SONI - *Selfobjects Needs Inventory* e, posteriormente, os resultados da correlação entre os diferentes tipos de funcionamento amoroso e o QVA - *Questionário de Vinculação Amorosa*. Finalmente faremos uma discussão sobre a correlação dos resultados das correlações entre os três instrumentos.

7.1 - Discussão dos resultados relativamente às características psicométricas do ITRA - Inventário de Tipos de Relacionamento Amoroso

A análise da consistência interna realizada às escalas que constituem o *Inventário de Tipos de Relacionamento Amoroso* (ITRA), parece evidenciar uma boa consistência, os valores obtidos do *alpha de Cronbach* são considerados bons para o número de itens que cada uma das escalas apresenta.

A maioria dos valores das correlação entre ITRA e QVA (Questionário de Vinculação Amorosa) – é significativa para 0,01, o mesmo se passa para os valores de correlação entre as escalas do ITRA e a escala SONI (*Selfobjects Need Inventory*), o que parece ser indicador da validade da escala, a acrescer o facto de a curva de resultados apontar para uma distribuição normal, o que defende a afirmação que a escala avalia os três tipos de relacionamento amoroso que nos propusemos estudar.

As diferenças encontradas em relação aos sexos revelando uma diferença significativa na escala eufórico-idealizante em favor do sexo masculino, parece permitir defender a ideia de que as condutas mais agidas características deste tipo de relacionamento são mais típicas do sexo masculino, que se justifica também por uma agressividade mais manifesta, em comparação

com o sexo feminino que apresenta uma tendência a uma agressividade mais passiva.

No que respeita às diferenças encontradas relativamente à *satisfação com a relação*, verificamos que existe uma correlação significativa e negativa com as escalas eufórico-idealizante e evitante-desnarcisante, o que em termos da nossa conceptualização sobre estes três tipos de relacionamento amoroso faz sentido, na medida em que os resultados ao apontarem para menor satisfação com a relação no tipo de relacionamento eufórico-idealizante e evitante-desnarcisante, correspondentes a funcionamentos mais desajustados e com vazios internos mais graves, acentua-se uma maior insatisfação com o próprio e com os outros, por outro lado ao se tratar de relacionamentos em que existe uma negação da necessidade do outro e da impossibilidade de reconhecimento do outro enquanto objecto que se apresente como um complemento do próprio haverá uma tendência a considerar as relações como desagradáveis, resultando uma tendência ao estabelecimento de relações sucessivas, muitas vezes sem vínculos afectivos ou o evitamento dessas relações que afloram sentimentos desprazerosos em relação ao próprio, e ao próprio na relação com o outro.

No que respeita ao *tipo de relação*, os resultados apontam para uma correlação significativa entre esta variável e a escala eufórico-idealizante favorável ao grupo de indivíduos que refere ter um *outro tipo de relação*, que não aponta para compromisso, comparativamente aos casados e aos que vivem em união de facto. Estes resultados vão em conformidade com as nossas ideias de receio de intimidade que os indivíduos com tipo de relacionamento amoroso eufórico-idealizante apresentam, com as dificuldades em termos de separação acarretando receios avassaladores face à dependência determinando a tendência para se estabelecerem relações sem compromisso afectivo de modo a possibilitar uma ilusão de não serem necessitantes de um outro o que remete para *angústias claustro-agorafóbicas* mantendo-se assim sempre no limbo, nem completamente dentro nem completamente fora de uma pseudo-relação. Da mesma forma, e consolidando as nossos postulados teóricos, os indivíduos que

apresentam um tipo de funcionamento evitante-desnarcisante apontam para uma tendência a preferirem ter um outro tipo de relacionamento, sem uma união séria, em detrimento da preferência pelo casamento, namoro ou união de facto que são consideradas como relações que se firmam mais no tempo e que implicam um certo grau de envolvimento que este tipo de funcionamento não suporta pelas angústias de engolfamento e perda do sentimento de identidade que por vezes as relações de intimidade despertam no próprio.

Deste modo podemos, com estes resultados, reforçar a afirmação que o instrumento de avaliação de tipos de relacionamento amoroso que construímos permite uma distinção entre os três tipos de funcionamento amoroso e vai de encontro à teoria que está na base da sua construção.

7.2 - Discussão dos resultados obtidos na correlação entre o Inventário de Tipos de Relacionamento Amoroso (ITRA) e os resultados obtidos com o Inventário de Necessidades de Objectos do Self (SONI)

Como já foi referido anteriormente, Kohut (1971) defendeu que quando na infância falta a satisfação das necessidades de admiração, de idealização das figuras parentais e de um sentimento de ligação a essas (“gemelaridade”) o *Self* fica impossibilitado de se desenvolver, ficando comprometido o sentimento de estabilidade temporal e de coesão bem como a manutenção da auto-estima, dando-se motivo à possibilidade de desenvolvimento de um narcisismo patológico. Consequentemente, segundo o autor, manter-se-à uma grande necessidade de *objectos do Self*, ou o evitamento defensivo das experiências com os *objectos do Self*, ou a negação da necessidade desses *objectos*.

Um dos nossos objectivos com este estudo é o entendimento do modo como estas necessidades de *objectos do Self* se organizam de forma a originar

tipos de relacionamento amoroso, conduzindo ao estabelecimento de padrões relacionais compensatórios.

Atendendo ao nosso estudo e aos resultados obtidos na correlação entre as escalas do *Inventário de Tipos de relacionamento Amoroso (ITRA)* e a *Escala de Necessidade de Objectos do Self (SONI)*, apuramos que de facto os diferentes tipos de relacionamento amoroso que considerámos - *submisso-idealizador, eufórico-idealizante e evitante-desnarcisante* - apresentam valores significativos ao nível das necessidades de *objectos do Self*, apontando para a ideia de existência de falhas no respeitante ao desenvolvimento de determinadas estruturas do *Self* que se procuram esbater mediante a ligação a um objecto amoroso, implicando a escolha de um parceiro no sentido da reparação das falhas narcísicas do *Self*, em que a relação só pode perdurar enquanto permite a fantasia de reparação dessas falhas sentidas, ou então pelo evitamento da relação de forma a negar as necessidades e as faltas conhecidas bem como a urgência do outro. Assim, defendemos que nestes funcionamentos o foco está nas necessidades do próprio, em detrimento das do outro.

Os resultados de correlação obtidos revelam valores significativos denunciadores da necessidade de ligação ao *objecto do Self gémeo* no tipo de relacionamento amoroso *submisso-idealizador* ($r = 0,23, p < 0.01$), o que, em nossa opinião, esta procura de uma ligação com o objecto idêntico, a urgência de se sentir unido e fazendo parte de um outro, surge para aludir ao sentimento de completude narcísica. Nesta linha, defendemos que o que se assiste na relação tipo *submisso-idealizador*, é um modo relacional para realização do desejo narcísico de compensação da falha sentida ao nível da auto-estima e da visão mais positiva do próprio enquanto objecto sexual, erótico, numa necessidade de colmatar o “*défice falo-narcísico*” (Coimbra de Matos, 2009), almejando-se uma exibição do próprio enquanto objecto de desejo, faceta mais histórica mas com contornos *borderline*, já que o *Self* se manifesta em imperfeição procurando uma plástica reparadora na relação com o outro.

Em todos estes tipos de relacionamento amoroso que visam a *compleição narcísea* (Coimbra de Matos, 2009), o outro não é vivido como um objecto total,

mas como *objecto parcial*, no sentido Kleiniano, o que se gosta no outro é apenas uma das suas partes, aquela que serve o próprio, e como tal são relações de exploração, parasitárias em maior ou menor grau, em que o que se aspira não é uma partilha, uma troca e consistência afectiva, mas uma exibição e remedeio narcísico, é feito um esforço para que na relação com o outro se consertem as falhas do *Self*, o outro está no lugar de uma funcionalidade que deveria ser integrante do *Self*. Como refere Coimbra de Matos (2009) nestes casos trata-se de uma *visão tubular do outro* e, acrescentamos, do próprio, na medida em que as visões são reduzidas, estreitadas, em função do sentimento de lacuna do *Self* do próprio, muitas vezes projectados no outro, e uma visão estreitada das qualidades do outro que podem servir de completação ao *Self* próprio.

Esta necessidade de um *objecto do Self gémeo* nestes casos da relação submisso-idealizador terá a ver com a necessidade da *exclusividade do Self*, a incapacidade de conceber a existência de um terceiro, porque a separação que remonta à fase triangular remete para vivências de perda de exclusividade que se relacionam com fragilidades ou incompetências do próprio para manter o objecto centrado nele desenbocando numa angústia narcísica.

No relacionamento amoroso tipo *submisso-idealizador*, os resultados revelam também um valor significativo da necessidade de ligação a um *objecto do Self idealizado* ($r = 0,30, p < 0.01$), aquele que se admira e do qual o individuo julga fazer parte e que no fundo está relacionado com a necessidade anterior de estar ligado ao objecto que é admirado pelas qualidades que o próprio julga que lhe faltam para ter uma imagem mais reconhecida e valorizada de si.

O que se passa é que a ligação ao outro faz-se baseada no sentimento de que o outro possui as qualidades de que o próprio está desprovido, criando-se uma ilusão de segurança, que repele o sentimento de solidão ou de rejeição, mas tal é a escravização do *Self* que se mantém na sombra desse objecto idealizado, apenas seguindo o caminho da auto-desvalorização, debilitando-se cada vez mais porque abdica de si e fica impedido de se desenvolver, apenas se sustenta com a ideia de que está ligado a um objecto com qualidades superiores

às suas. Em muitos casos, a escolha destes objectos idealizados afigura-se como uma solução protectora e segura, mas rapidamente conduz à desilusão pelo facto desta idealização ser irreal e baseada em aspectos mais arcaicos que remontam muitas vezes à fase triangular.

Encontramos também valores significativos na correlação entre o tipo de relacionamento amoroso *submisso-idealizador* e as *necessidades de objecto do Self valorizante* ($r = 0.40$, $p < 0.01$), indicando a necessidade de se sentir apreciado e valorizado, apoiando-se no outro para a reconstrução da sua auto-estima fragilizada, correspondendo ao que referimos anteriormente como sendo uma necessidade de se ver através do olhar dos outros porque não foi possível construir uma imagem segura e valorizada do próprio, ficando assim na dependência infantil da apreciação vinda do exterior, sempre à procura de uma co-validação do seu *Self*, dependendo da actividade confirmatória do outro para a interiorização do valor próprio, mas em vez dessa interiorização se firmar e se constituir como uma competência do próprio *Self* o que se cimeta cada vez mais é essa sujeição da imagem do próprio face ao emitido pelo exterior. Como expusemos anteriormente, na origem, esta reflexão era dependente do reflexo emitido pelo cuidador, se não foi reafirmante de uma visão positiva do indivíduo, não se criou a estrutura interna e a função passa a estar sempre no exterior. O objecto está lá no lugar da sua função de objecto espelhante um reflexo positivo e válido do indivíduo dependente. No entanto, na procura do outro como objecto valorizante, o reflexo é estático e não conduz ao desenvolvimento.

O evitamento do *objecto do Self gémeo e idealizado* que encontramos nos resultados, neste tipo de relacionamento *submisso-idealizador*, com um valor de correlação significativa ($r = 0,22$, $p < 0.01$) poderá ser justificado por condutas de retraimento, também, evidentes em funcionamentos mais depressivos em que pelo facto de antecipar a rejeição o indivíduo se retrai narcisicamente, retira-se, evitando o desapontamento e a constatação da sua menor valia. Trata-se de um comportamento de resignação ao sentimento de ser menos digno de amor, uma conformação típica de funcionamentos mais depressivos. Por outro lado, o sentimento de receber menos do que dá

(*economia depressiva*, Coimbra de Matos, 2002) e a tendência à passividade e à submissão leva-o muitas vezes ao evitamento pelo facto de não conseguirem contrariar a sua tendência masoquista, antecipando a sua incapacidade de se impor e de exigir na relação o afecto a que tem direito, retiram-se e asilam-se narcisicamente, mantendo-se numa posição de reconforto narcisante em que o próprio não se sente ameaçado pelo sentimento de menor valia. Muitas vezes assistimos nestes funcionamentos mais depressivos uma tendência ao isolamento que se prende com o sentimento que as relações são esgotantes e que lesam o próprio porque quase se esvai na sua dedicação e necessita retirar-se como que para repor as suas reservas narcísicas, como se neste voltar-se para si, pudesse encontrar um reforço da auto-estima e do valor que pretende auferir. É uma forma de mal-estar do desejo, o desejo do próprio passa a ser o do outro, numa forma de identificação adesiva, que esgota o *Self* na sua essência.

No relacionamento amoroso tipo *eufórico-idealizante*, que considerámos como mais característico de funcionamentos em que predomina uma fragilidade do *Self* ao nível da sua representação, coesão e estabilidade, a indispensabilidade do outro é mais saliente e como tal desponta a tentativa de aprisionamento do objecto através de estratégias mais nocivas e que conduzem ao enfraquecimento da objectalidade.

Assim, neste tipo de funcionamento amoroso há necessidade de um *objecto do Self gémeo* revelado por um valor de correlação significativo ($r = 0.24$, $p < 0.01$), indicador da inevitabilidade de estar ligado a um outro porque não se formou a *pele psíquica*, uma identidade própria, que será ilusoriamente proporcionada nesta relação a qual, em nossa opinião, é muitas vezes mediada pela desvalorização infligida no outro, em grande parte resultado da projecção das inferioridades do próprio, conduzindo a que o objecto à medida que desfalece narcisicamente fique sem força para se afastar do indivíduo desnarcisante, mantendo-se na sua senda e à sua mercê estabelecendo-se uma dependência mútua criando um círculo narcísico o qual é difícil quebrar, ficando

o par acorrentado pela inferioridade, espécie de *ligação siamesa* - apegados pelo que falta a ambos.

A fragilidade ao nível da imagem do próprio, a inviabilidade de possuir uma auto-imagem gratificante determina, muitas vezes, a impossibilidade de se ligar a um outro que possua qualidades que o próprio se julga desprovido, pois isso implicaria um confronto com as suas inferioridades, e, conseqüentemente, uma queda depressiva, trata-se de um espelhamento mútuo que como Pearson (1991) referiu, contribui para o aumento da regulação da auto-estima. Assim, a união ao *objecto gémeo* cria uma fantasia de *reinado perfeito*, onde a diferença ao não existir, não remete para a fragilidade, permite que a auto-estima se mantenha a um nível que possibilite o funcionar, ainda que com pouco vigor determinando estados mais depressivos e noutros casos falseada e envolta em disfarces maniformes.

Por outro lado, há que referir que nestas situações a intimidade fica confundida com a fusão, muitos casais só se sentem íntimos quando se sentem iguais um ao outro, como refere Colman (2005) existe um sentimento de abandono que é aflorado pela diferenciação, o que é separado pode estar desligado, pelo que a fusão, a ligação ao objecto igual, constitui-se como uma defesa em face da angústia abandonónica, a separação é tida como precursor do abandono e a fusão a defesa contra essa realidade.

Assim, consideramos que embora em ambos os tipos de relacionamento - *submisso-idelizador* e *eufórico idealizante* - a necessidade de *objectos do Self gémeo* se apresente com valores de correlação idênticos e significativos, a função que desempenha o objecto na vida mental do individuo é diferente, não se trata somente de haver essa necessidade mas da função dela no mundo psíquico, que embora seja sempre de completação do *Self*, difere no que respeita somente a aludir a uma imagem mais valorizada do próprio ou a aludir a uma estabilidade e coesão do *Self*. Nestes casos consideramos que o objecto é tido como virtualmente fazendo parte do *Self* mas num sentido de uma *identificação adesiva*, em que prevalece a imitação ao outro de forma a favorecer um sentimento de identidade, na medida em que tudo se passa como

se estivessem na presença de um objecto sem mente própria, que passa a ser parte do *Self* do próprio, porque o objecto separado se pode tornar muito persecutório e traduz uma hipótese de abandono.

A necessidade de ligação a um *objecto do Self idealizado* também se apresenta como significativa ($r = 0.30$, $p < 0.01$), no tipo de relacionamento eufórico-idealizante, pois quando as lacunas do *Self* são grandes a ligação a um objecto que permita uma ilusão de completude e confira um certo sentimento de segurança torna-se imperativo para que o *Self* possa funcionar. Assim, a ligação a um objecto considerado como gozando de características que faltam ao próprio conferirá uma ilusão de completude e segurança ao *Self*.

Como já havia sido anteriormente referido aquando da exploração sobre as ideias de autores kleinianos acerca do amor, a culpa inconsciente típica dos funcionamentos depressivos e dos núcleos depressivos nos funcionamentos *borderline*, reforça a tendência à idealização e conseqüentemente as posições de submissão em face do objecto idealizado. Esta culpa, ora assumida pelo próprio, ora projectada e deslocada para um outro de forma a culpabilizá-lo por não ser um objecto amante, revela a insatisfação que vem de cedo em face do amor do objecto primário ou edipiano, entrando-se num sistema de encontros e reencontros com objectos sempre tidos como insatisfatórios, receptáculos de culpas inconscientes e de insatisfações originárias, conduzindo a ciclos de repetições de relacionamentos incapazes de gerar amor, porque cada nova relação apenas se estabelece como uma *re-edição* do passado, sem escolha de objectos novos na sua essência, na esperança de reparação, do que não foi mas deveria ter sido.

Em todo o caso, a necessidade de ligação a objectos idealizados terá uma função diferente nos relacionamentos *tipo submisso-idealizador* e *eufórico-idealizante* uma vez que no primeiro caso, o objecto terá uma função que será da ordem da completação de um *Self* que se sente mais diminuído e depreciado, tendo o objecto a função de possibilitar uma regulação da auto-estima ao tornar possível ao indivíduo uma visão com colorido mais positivo de si. Nestes casos, a idealização é menos exigente, dado que permite uma continuidade entre os

aspectos bons e maus do objecto, o sujeito é mais tolerante e empático com o objecto pois possui uma competência de reparação conseguida na *posição depressiva*, contudo esta idealização conduz sempre a uma insatisfação porque é assombrada por conflitos.

No segundo caso, a função do objecto será mais da ordem da facilitação da definição da identidade, da possibilidade do indivíduo formar uma visão de si mais coesa e com uma estabilidade temporal a qual está comprometida na ausência de ligação ao outro, dado que nestas situações as fronteiras do *Self* são menos definidas, pelo que a idealização do outro será assente em conteúdos mais arcaicos, mais exigentes, menos realistas e com menor flexibilidade na aceitação dos aspectos menos bons o que é típico da *posição esquizo-paranóide*, o que conduz a rupturas precipitadas das relações, e uma fuga a pensar os aspectos do outro que podem atingir aspectos menos admissíveis do próprio. Os mecanismos de identificação projectiva são aqui mais activos, é urgente colocar no objecto o que não é aceite no próprio *Self*, pelo que a ausência do outro pode ser também mais avassaladora porque implica a confrontação com o vazio interno e com a falta de amor.

Encontrámos, também, no tipo de funcionamento amoroso eufórico-idealizante a necessidade de um *objecto do Self valorizante* ($r = 0.30, p < 0.01$) - que segundo Kohut traduz a precisão de ser admirado e valorizado pelo outro - e que em nossa opinião, neste tipo de funcionamento amoroso as relações acusam muitas vezes coloridos perversos em que mantêm o objecto capturado pela inferioridade, retirando daí a valorização. Nestes relacionamentos, as próprias fragilidades e a vulnerabilidade com a qual o próprio não consegue lidar são projectadas no outro ocorrendo um espelhamento pelo que é necessário passar ao ataque, desenvolve-se um ódio que não pode ser contido porque não existe um contexto de amor, e porque o afecto odioso prevalece face ao amoroso, porque se ficou a meio caminho da posição depressiva e como tal os afectos contrários não puderam ser integrados .

Assim, por meio de mecanismos projectivos, acusa-se no outro aquilo que não se aceita no próprio, num constante movimento de debilitação narcísica, que

de forma maligna, possibilita um reforço do narcisismo mediado pela fragilização do objecto e enaltecimento do próprio. Esta necessidade de ser valorizado passa muitas vezes pelo denegrir da imagem do outro para auto-fortalecimento narcísico do indivíduo depreciante.

Mas a acusação do outro enquanto objecto incapaz de satisfazer, impossibilita que o *mau objecto interno* se possa transformar num *bom objecto*, mantendo-se a clivagem ficando impedida a passagem à *posição depressiva*, posição reparadora e que tem em conta a sensibilidade do objecto. A possibilidade de ver o outro como um *bom objecto* levaria ao confronto com as limitações do próprio e à constatação das suas inferioridades intoleráveis e conseqüentemente à assunção da culpa pelo ataque ao bom objecto.

Mas quando os aspectos inaceitáveis são colocados fora, o *Self* fica cada vez mais debilitado, a dependência face ao objecto aumenta e encripta o desenvolvimento. O outro é o lugar onde são colocados aspectos não pensáveis, mas à espera de serem contidos, porque sem continente próprio têm de ser evacuados num outro, num objecto-continente, na expectativa que funcione como tal.

Assim se estabelecem *impasses relacionais*, na medida em que ao tentar afastar a dependência face ao outro mediante ataques narcísicos que afirmariam a independência - porque não se depende de um objecto sem valor - mais dependente se fica pelo aumento da fragilização do *Self* resultante dos movimentos projectivos, que esgotam e esvaem o *Self*, porque não são devolvidos, transformados, pois, não encontram na maioria das vezes objectos que funcionem como contentores e transformadores. O sucesso de uma relação assenta em grande parte no sentimento de autonomia do próprio num sentimento de identidade pessoal com a manutenção de uma capacidade para depender (Sandler, 1993), o que não acontece nestes tipos de funcionamento.

O que se passa é que quanto mais debilitado está o *Self*, maior a premência do outro para realizar uma função remediadora, pelo que maior o recurso a defesas de forma a evitar as necessidades de ligação ao *objecto*. Assim, encontramos neste tipo de relacionamento amoroso resultados

significativo no que respeita ao *evitamento das necessidades de ligação ao objecto do Self gémeo e idealizado* ($r = 0.40, p < 0.01$), necessidades que induzem a sentimentos de dependência em relação ao outro, pelo que esta tende a ser negada porque se constitui como uma ameaça de dissolução das débeis fronteiras do *Self*, remetendo à inveja e aos sentimentos de menor valia que têm de ser colocados à distância do *Self*. O que está em causa é a impossibilidade de formação de um *envelope narcísico* (Solan, 1999), espécie de película protectora do *Self*, que torna possível o desejo pelo outro, sem que haja ameaça à segurança do próprio.

O *evitamento das necessidades de Objectos do Self gémeo e idealizado* que encontramos com resultados mais significativos nas relações amorosas tipo *eufórico-idealizante* e *evitante-desnarcisante* ($r = 0,40, p < 0.01$; em ambos) confirmam a nossa hipótese acerca das tendências defensivas destes tipos de relacionamento que são muitas vezes salientados na manifestação de uma *pseudo-grandiosidade* que proporciona uma ilusão de independência com alicerces fragilmente edificados, possibilitando em todo o caso, uma exibição narcísica da não necessidade do outro, *pseudo-independência* que afasta da relação íntima e de partilha que conduz ao crescimento.

O evitar do reconhecimento dessas necessidades, pela negação da urgência do outro e pelo narcisismo mais negativo que afasta a ligação ao outro de modo maníaco e através da demonstração de comportamentos da ordem da depreciação e da negação do valor desse, ao mesmo tempo que ao denegrirem o outro surge a hipervalorização do próprio, testemunham a intervenção de um *Supereu* patológico, exigente e castrador, que impele à identificação projectiva, e são estes aspectos parciais do *Supereu* projectado que impedem a elaboração mental e prejudicam a evolução para a posição *depressiva*. Em muitas situações de relacionamento amoroso, estes movimentos projectivos cujos elementos não são contidos vão deteriorando de tal modo a relação, agudizando o fosso emocional entre os elementos e desenvolvendo o que Fisher (1994) designou de *relações tipo claustros*, com estagnação do desenvolvimento e encriptamento da emocionalidade.

A *pseudo-ligação* ao outro é realizada muitas vezes por interações eróticas, de satisfação sexual, desprovida de qualquer afecto amoroso, em que o outro possibilita a exaltação, mas de uma sexualidade imatura e até mesmo perversa. Saliente-se, no entanto, que o evitamento da necessidade de um *objecto do Self gémeo* e idealizado é também mais significativo nas relações eufórico-idealizantes, pelas razões referidas anteriormente.

Encontrámos, ainda, em todos os tipos de relacionamento amoroso uma necessidade de *objectos do Self valorizantes* (*submisso-idealizador* $r = 0,40$; *eufórico-idealizante* $r = 0.30$ e *evitante-desnarcisante* $r = 0.21$), que de acordo com os autores da escala SONI se prende com a necessidade de ser admirado e com a necessidade de se sentir superior aos outros sendo reveladoras de fragilidades e falhas na coesão do *Self*. No entanto, estas necessidades serão de graus diferentes e como tal, as condutas adoptadas diferem na sua manifestação sendo que, defendemos que nos tipos de relacionamento *eufórico-idealizante* e *evitante-desnarcisante*, serão mais da ordem do *narcisismo negativo* através de condutas arrogantes e de depreciação do objecto e enaltecimento bizarro do próprio.

Defendemos que estas necessidades remontam a falhas sentidas em fases mais precoces do desenvolvimento em que era crucial para o desenvolvimento do *Self* a apreciação e manutenção do afecto por parte de um objecto e o estabelecimento de uma relação de contenção e com continuidade afectiva de forma a possibilitar um sentimento de coesão e estabilidade do *Self*, e em que o desenvolvimento do *Self* não foi ainda suficiente para que haja uma provisão das falhas.

Deste modo, para o tipo de relacionamento *submisso-idealizador* a necessidade de um *objecto do Self valorizante* prender-se-à com o desejo de ser reconhecido e valorizado ao nível da imagem sexual, tendo mais em conta o relacionamento com o objecto, sem que os comportamentos de ligação ao outros sejam tão extractivos e invejosos como acontece nos funcionamentos amorosos tipo eufórico-idealizante. Em casos de funcionamento mais desorganizado, como é o caso dos *funcionamentos borderline* com contornos

mais *psicóticos* ou mesmo nos *funcionamentos psicóticos*, que caracterizarão os relacionamentos tipo eufórico-idealizante e evitante-desnarcisante, em que o sentimento de coesão e integridade do *Self* estão mais ameaçados, o sentimento de coesão e estabilidade e de superioridade advém da ausência de ligação, de modo a evitar estados confusionais, e o afastamento de angústias persecutórias. Para Amaral Dias (2010) esta alienação tem a função de desmentir a dependência, a qual em nossa opinião desperta a inveja face ao sentimento de bondade do objecto que desencadeará, também, as culpas persecutórias.

Esta necessidade de *objectos do Self*, embora seja transversal aos diferentes tipos de relacionamento amoroso que propusemos, distingue-se pelo grau e pela tendência ao evitamento dessa mesma necessidade, a qual é mais significativa no caso do relacionamento tipo *evitante-desnarcisante* pela ameaça à fragilidade das fronteiras do *Self* e a ameaça de dissolução do *Self* no outro, determinando um maior evitamento, sendo mais significativo também o evitamento da necessidade de um *objecto do Self* que cumpra funções valorizantes ($r = 0.20, p < 0.01$) na medida em que está patente o receio da dependência e do emergir da necessidade do outro, e a dificuldade no reconhecimento das competências do outro, na medida em que a consciência dessas desperta a inveja e a ameaça de desintegração. Assim, à custa do desmentido da necessidade do outro é possível a formação de um *Self Ideal* defensivo, livre de afectos inaceitáveis, criado à custa das lesões do *Self* do próprio.

Por outro lado, nestes casos, a necessidade de ligação a um *objecto do Self idealizado* surge para permitir o sentimento de coesão e de estabilidade do *Self*, por ser um objecto ao qual se atribui qualidades superiores, com o qual se estabelece uma identificação adesiva, que confere significado ao *Self* instável aludindo um sentimento de segurança no próprio e na ligação com o outro.

Estes resultados reforçam a ideia de que a ligação ao objecto deverá ser analisada em função do que representa na vida mental, pois a sua função

poderá ser diferente, a questão reside no que é que cada um procura na ligação ao outro, e portanto o que é que cada um procura no relacionamento amoroso.

Deste modo, podemos afirmar que os resultados confirmam as nossas hipóteses de que os tipos de relacionamento amoroso que propusemos com base na vulnerabilidade narcísica revelam necessidades de objectos que cumpram funções que faltam ao *Self*. Consideramos, no entanto, que a escala SONI não nos permite diferenciar claramente um tipo de relacionamento eufórico-idealizante de um submisso-idealizador, pois em ambos existem as mesmas necessidades de *objectos do Self*, que em nossa opinião se fica a dever ao facto de na escala SONI apenas podermos avaliar essa necessidade e não a função interna que esse *objecto do Self* desempenha, pois difere consoante os funcionamentos mais neuróticos ou mais psicóticos, ou se quisermos, de acordo com Gear, Hill & Liendo (1981) como desenvolvemos na parte teórica, trata-se de uma distinção entre os funcionamentos mais sádicos ou mais masoquistas. De facto, a escala permite uma distinção mais clara entre as necessidades de *objectos do Self* nos funcionamentos mais *psicóticos* de evitamento e os mais *neuróticos* e *borderline*. Assim, os resultados obtidos possibilitam-nos a confirmação de que os tipos de relacionamento que propusemos se afiguram como funcionamentos narcísicos, com fragilidades ao nível do *Self*, procurando os outros como continuidades do *Self*.

7.3 - Discussão dos resultados obtidos nas correlações entre ITRA (Inventário de Tipos de Relacionamento Amoroso) e QVA (Questionário de Vinculação Amorosa)

Sustentamos, de acordo com Pistole (1995), que olhar para a vinculação nos adultos sem ter em conta os aspectos da *vulnerabilidade narcísica*, poderá ocultar o modo como os padrões de vinculação podem estar relacionados com a manutenção da auto-estima e a protecção do *Self*. Na visão da autora, os

padrões inseguros de vinculação serão caracterizados por graus de *vulnerabilidade narcísica* mais elevada.

Assim, resolvemos perceber se existe correspondência entre estilos/padrões de vinculação e os tipos de relacionamento amoroso que propusemos enquanto tipos de relacionamento que se organizam com vista à reparação da *vulnerabilidade narcísica*.

Deste modo, no respeitante aos resultados das correlações entre o *Questionário de Vinculação Amorosa (QVA)* e o *Inventário de Tipos de Relacionamento Amoroso (ITRA)* verificamos que a dimensão ***confiança/desconfiança*** que diz respeito à responsividade e sensibilidade do companheiro para corresponder às necessidades de vinculação do sujeito, apresenta-se com correlação significativa relativamente à escala *submisso-idealizador* (0,19), indicando uma certa capacidade para confiar na habilitação vinculativa do parceiro, indiciando uma maior segurança na figura de vinculação, uma maior competência para o estabelecimento de relações objectais, de troca afectiva, contrariamente ao que acontece com os dois outros tipos de relacionamento amoroso (eufórico-idealizante e evitante-desnarcisante), em que a correlação aparece com significação negativa (-0,19 e -0,17, respectivamente), apontando para a *desconfiança* face à figura de vinculação, para uma dificuldade em estabelecer relações com maior intimidade, acusando grandes dificuldades ao nível da vinculação e da capacidade para estabelecer relacionamentos amorosos, ao mesmo tempo que apresenta correlações significativas com a *dimensão evitamento*, revelando um afastamento da necessidade de formar vínculos, por dificuldade em confiar no objecto e porque remete para a dependência negativa e para a antecipação da rejeição e da insatisfação vivenciada na relação de dependência precoce com as figuras de vinculação da infância, o que envolve a angústia antecipatória que reenvia para experiências menos benéficas, interiorizadas, à sombra das quais ficam as novas experiências relacionais. A impossibilidade de se ter internalizado a imagem de um *objecto interno predominantemente bom* parece, em muitos

casos, impedir a abertura a relações também elas vividas como predominantemente boas.

Por outro lado, este *evitamento* estará também na base da fragilidade das fronteiras do *Self*, que levam a que se desenvolva um afastamento face ao objecto de vinculação por receio de dissolução da identidade frágil, uma perda de limites e do sentimento de si, é o *dilema claustro-agorafóbico* mediando a distância face ao objecto, nem muito íntimo nem ausente, de forma a possibilitar uma ilusão de coesão do *Self*.

A tendência ao **evitamento** revela-se como negativa no caso do relacionamento amoroso tipo *submisso-idealizador* (- 0.17) pois, neste caso, o evitamento a existir está relacionado com os comportamentos de retracção e inibição característicos das personalidades depressivas e que se prende com uma certa desistência no investimento por considerar que não é digno de apreciação, pelo que se afasta, desinveste por não se considerar com valor para despertar o interesse do objecto, optando por uma retirada narcísica pela retracção que impede que a ferida inflame quando o sujeito se confronta com a rejeição ou com o sentimento de receber menos do que o que sente que necessita, até porque a rejeição remete para uma culpabilidade que o sujeito teme vivenciar. Ou, como verificamos no caso do evitamento da necessidade de *objectos do Self gémeo*, que se prenderia com a dificuldade neste tipo de funcionamento, em se afirmar, exigir os seus direitos, em oposição à tendência habitual de se manter numa posição passiva, infantil, de quem espera que o outro antecipe as suas necessidades, confirmando assim a não responsividade do outro, a falta de sintonia afectiva e o sentimento de extenuação pela ausência de troca afectiva recíproca. Pelo que, deste modo, o evitamento surge como uma defesa contra o sentimento de desvalorização, reforçado pelo sentimento de ter menos direito que os outros.

Neste tipo de relacionamento *submisso-idealizador*, a correlação com a dimensão de **dependência** do QVA é muito significativa (0.68), na medida em que há uma grande necessidade de ligação ao outro, porque como já verificamos, a confiança é maior, e há uma necessidade de fusão com o outro

idealizado de forma a regular a auto-estima, sendo grande o receio da perda e elevada a ansiedade de separação pois o objecto é investido como uma parte do sujeito pelo que a sua ausência remete para o sentimento de incompletude, falta o objecto protésico, o que completa o sujeito e lhe possibilita uma visão mais positiva do *Self* diminuído e desvalido. Por outro lado, a dependência é grande porque ela permite um afastamento das angústias de rejeição típicas destes padrões de relacionamento. As dependências possibilitam em muitos casos uma ilusão de pertença e de ter um significado na vida emocional do outro que se torna reconfortante e que alivia as angústias de menor valia que despoletam os sentimentos de rejeição. No entanto, como já referimos anteriormente, trata-se de uma dependência estéril, sem manifestação dos desejos próprios deixando-se ficar numa posição submissa de modo a sentir que agrada ao objecto.

Se tivermos em conta o modelo de Bartholomew e Horowitz (1991), no qual as autoras do Questionário de Vinculação Amorosa (QVA) se basearam, encontramos grandes correspondências entre o funcionamento amoroso tipo *submisso-idealizador* e o tipo de vinculação descrito como *preocupado\inquieto* (preoccupied) (no modelo de Hazan & Shaver, 1987; corresponde ao estilo de vinculação designado de *ambivalente* e no modelo de Main *et al.*, 1985, corresponde ao estilo *preocupado*) expresso por uma visão mais negativa de si e mais positiva do outro, com tendência à culpabilização e idealização, com grande dificuldade em lidar com as separações (Mikulincer *et al.*, 1990).

Bartholomew e Horowitz (1991) referem-se a este padrão de vinculação *preocupado* como revelando uma dependência grande face ao parceiro no sentido da manutenção de uma visão mais positiva de si. Estas ideias reforçam as nossas de que no tipo de funcionamento amoroso tipo *submisso-idealizador* existe uma fragilidade da auto-imagem do próprio enquanto objecto amoroso e capaz de despertar o afecto do outro, o que é muito típico no tipo de funcionamentos mais depressivos, pela sua auto-imagem ser desfavorecida, pelo facto de se sentirem como não estando à altura do outro, pela negatividade no que respeita aos seus atributos atractivos, pela sua auto-imagem sexual ser

muito desvalorizada. Deste modo, a visão mais agradável e fortalecida do próprio advém da ligação ao outro visto como mais digno de valorização.

A dimensão, **ambivalência**, surge como mais significativa nos tipos de funcionamento *eufórico-idealizante* (0,48) e *evitante-desnarcisante* (0,48) em que as dúvidas surgem como mais prementes no que diz respeito ao desempenho do próprio enquanto objecto amoroso e na capacidade de se ligar afectivamente ao objecto, uma vez que nestes funcionamentos onde a fragilidade do *Self* é maior, sendo as fronteiras delineadoras do *Self* menos estáveis, as inseguranças são mais agudizadas e mais desorganizadoras pelo que o sujeito tem menos conhecimento sobre o seu modo de funcionamento, sobre o seu *Self* e o modo como se comporta na ligação ao outro, a ambivalência surge como mais elevada devido a estas dúvidas que afectam o estabelecimento de relacionamentos mais estáveis e seguros.

No tipo de relacionamento *submisso-idealizador* a dimensão ambivalência apresenta uma correlação significativa (0.19), embora muito inferior aos resultados da correlação desta dimensão nos outros dois tipos de relacionamento. Consideramos que estes valores se ficam a dever à insegurança que o próprio tem acerca das suas competências atractivas, das interrogações acerca da capacidade de despertar afectos e desejo no objecto, deixando-se invadir por sentimentos de incerteza quanto ao seu valor para o outro.

Defendemos que a competência que deverá surgir, ao longo do desenvolvimento, no sentido da gestão interna do sentimento de ambivalência inerente a qualquer relacionamento amoroso, constitui-se como um resultado da resolução da fase edipiana e é tida como um pré-requisito para o estabelecimento de relações saudáveis. Nestes tipos de relacionamentos amorosos que descrevemos, em que defendemos que existe uma fragilidade ao nível do narcisismo, os resultados elevados na correlação com a escala de ambivalência sugerem-nos a defesa de que a fase edipiana terá acarretado conflitos quer da ordem da desvalorização quer da ordem do abandono ou ambas. Como já referimos anteriormente ao longo do desenvolvimento da teoria,

a gestão das ansiedades edipianas remetem para a capacidade de integração do sentimento de não ser o único, de que o mundo não gira em seu redor e conseguir entender os ganhos de ter o seu lugar entre outros, o que traduz o amadurecimento e que conduzirá a benefícios para relacionamento amoroso.

Nos tipos de funcionamento - *eufórico-idealizante* e *evitante-desnarcisante* - e que parecem corresponder a padrões de vinculação designados de *evitantes* em que existem modelos negativos do outro, com tendência ao evitamento de relações íntimas, com elevados valores de desconfiança face à figura de vinculação e uma negação grande da dependência, revela-se a impossibilidade de se possuir um *objecto usável* - aquele que é mais do que um objecto de projecção e face ao qual se tem preocupação - o que é delineado pelo desconhecimento do próprio e consequentemente, do outro. Neste sentido, a *vulnerabilidade narcísica* é manejada através do distanciamento afectivo ou íntimo, sendo maior nos casos de funcionamento psicótico e com outros contornos nos funcionamentos *borderline*. Nestes últimos, a ligação ao outro deve servir uma função, apenas se baseia nas idealizações primitivas, sem compreensão dos mundos internos do par relacional, conduzindo ao estabelecimento de relações com união pelo *falso-Self*, conduzindo ao que Fisher (2005) designou de *casal falso Self*.

Nestes casos, existe uma tendência para externalizar as partes do *Self* que não são manejáveis, através de movimentos projectivos, sendo que através dessa projecção é possível o *Self* adquirir um ilusório e temporário sentimento de controle e segurança (Fonagy, Gergely, Jurist & Target, 2002). Elizabeth Spillius (1994) designou estes movimentos de *evocatory projective identification*.

Mas, como refere Holmes (2001) alguns indivíduos com padrões de vinculação inseguros têm um tal *deficit* ao nível do *Self* que têm necessidade de se ligar a um outro para saberem quem são. Embora, nestes funcionamentos amorosos a *dependência* surja com uma correlação negativa (- 0,01 e - 0,19), mas significativa parece-nos poder evidenciar uma negação que o sujeito faz da necessidade do outro através da utilização de estratégias defensivas que têm

como função a manutenção de uma certa coesão do *Self* e da sua estabilidade temporal através do sentimento da *pseudo*-independência face ao outro.

A *vulnerabilidade narcísica* é governada pelo distanciamento face ao objecto, permitindo que haja uma ilusão de afastamento emocional que protege do ser tocado internamente por emoções não manejáveis e avassaladoras, como refere Pistole (1995) o distanciar de um envolvimento emocional e próximo com o parceiro assegura a manutenção de uma fachada protectora, garantindo que a auto-estima não sofre injúrias e que as emoções ingovernáveis não brotam pois há a fantasia de que o *Self* seria sucumbido e desfaleceria em face da intensidade dos sentimentos.

O que se passa é que se os conflitos e falhas originárias na infância entre autonomia e dependência, entre exploração e segurança, amor e ódio prosseguem sem se resolver, o relacionamento amoroso surge como um terreno profícuo para o ressurgir desses conflitos. É então que os relacionamentos amorosos se constituem mais para reparações e resoluções de aspectos do passado que por compromissos de desenvolvimento mútuo.

Já Bartolomew & Harowitz (1991) referira que nestes funcionamentos *evitantes* a regulação do afecto era realizada através da desvalorização da importância da vinculação e através da idealização do *Self* ou de um outro (Hazan & Shaver, 1987).

O que acontece nestes casos é que o outro não está lá enquanto objecto, ele apenas ocupa o lugar da sua funcionalidade, no lugar da continuidade do próprio, portanto nunca é um outro real, ficando comprometida toda a possibilidade de tomar para si a experiência do outro sem perda do próprio ser.

Deste modo esta *dependência* face ao objecto é negada, porque como referimos anteriormente, trata-se de uma flutuação entre a necessidade do objecto que organiza e o objecto que tem de ser atacado porque existe o receio de uma dependência fusional, porque nunca foi possível ao sujeito a integração do amor com o ódio e conseqüentemente ficou impossibilitada a transformação dos objectos parciais em totais. Deste modo, reforçando as palavras de Amaral Dias (2010) a dependência nestes funcionamentos não é emocional mas sim a

da *actividade cogitativa* do outro. O outro está no lugar de uma *pele psíquica* organizadora e contentora dos aspectos não contidos do sujeito, o problema é que nem sempre é fácil encontrar o objecto que possa desempenhar essas funções e que possa possibilitar um reinício do desenvolvimento que havia estagnado. O que se passa nestes casos é que as relações são mediadas por mútuas projecções, sem que cada elemento possa funcionar como *continente* do outro, não havendo hipótese de desenvolver o *taking back*, no sentido da retoma dos aspectos projectados, agora passíveis de serem integrados na estrutura psíquica

Desta forma, a dependência é muitas vezes mascarada com atitudes altivas de desvalorização do objecto amoroso, revelando desprezo mas o qual tem como objectivo o aprisionamento do outro através da depreciação sugando o seu narcisismo de tal forma que esse, se vai desvalorizando, desfalecendo narcisicamente tendo cada vez menos força para abandonar o indivíduo, mantendo-se assim uma dependência negada, à conta da depleção narcísica do objecto. O indivíduo dominador e desnarcisante encobre a sua falha narcísica e a sua necessidade de dependência mantendo o outro na sua submissão, a “presa” sem reforço narcísico mantêm-se sob o seu domínio e satisfaz necessidades de vinculação desse, ao mesmo tempo que o alimenta narcisicamente pela prestação de vassalagem e admiração. O outro é fundamental como receptáculo das projecções do indivíduo, mas como não se tratam de relações maduras, essas projecções não são digeríveis e não podem ser devolvidas de forma manejável, porque o par amoroso não se constitui enquanto tal, e não tem essa capacidade de *mútuo taking in*, de forma a que o que é projectado possa ser novamente integrado de modo a poder favorecer a integração desses elementos no todo mental, sem que se caia num vazio interno pela intensa actividade projectiva, que muitas vezes só pode ser colmatado com a actividade delirante.

Claro está, que em todos os relacionamentos amorosos existe dependência, embora a dependência madura seja mais em função do que o outro pode complementar no desenvolvimento do próprio, a dependência a que

nos referimos nestes três tipos de relacionamento amoroso é mais em relação a estruturas que faltam no desenvolvimento psico-afectivo, algo que não se formou em termos de estrutura psíquica e que se prende com a auto-estima, com a delimitação e definição de fronteiras do *Self* e com o sentimento de coesão e de estabilidade do funcionamento mental. Assim, depende-se do outro naquilo que ele proporciona em termos de completação do próprio. Trata-se de dependências doentias, não desenvolvutivas e que tendem a aprisionar e a não possibilitar o desenvolver dessas mesmas estruturas em falta. Consideramos que uma relação amorosa salutogénea permite que o que ficou por desenvolver na relação com os objectos de desenvolvimento numa fase mais precoce da vida, possa agora retomar o seu desenvolvimento, é a “retoma do desenvolvimento suspenso” nas palavras de Coimbra de Matos, 2009, possível com a troca afectiva e com a revelação do *Self* genuíno e aberto à mudança e reconstrução permanente, geradora de amor e crescimento mental.

Não significa que nas relações amorosas maduras não existam actividades projectivas, o que se passa nesses casos, é que os elementos projectados no outro podem, pela própria competência de *taking in* serem transformados e devolvidos de forma a contribuírem para o desenvolver da relação e não para a sua destruição, é a capacidade de *taking in* do par amoroso que favorece o desenrolar saudável da relação, deste modo os receios e conflitos internos deixam de ser agidos e tornam possível uma transformação interna de cada elemento e uma modificação do mundo partilhado.

A correlação entre o ITRA – Inventário de Tipos de Relacionamento Amoroso e o QVA – Questionário de Vinculação Amorosa, parece permitir a distinção entre dois tipos de funcionamento em termos de relacionamento amoroso, um que podemos classificar como mais típico dos funcionamentos neuróticos e outro mais típico dos funcionamentos psicóticos, uma vez que os valores obtidos na correlação entre o funcionamento amoroso tipo *eufórico-idealizante e evitante-desnarcisante* e o QVA são semelhantes e distintos da correlação entre o QVA e o tipo de relacionamento amoroso *submisso-idealizador*.

Não obstante, consideramos que estes resultados que encontramos apontam para a ideia de que os tipos de funcionamento amoroso que propusemos (*submisso-idealizador*, *eufórico-idealizante* e *evitante-desnarcisante*) se enquadram mais em padrões de vinculação inseguro. De salientar que no modelo de Bartolomew e Horowitz (1991) apenas consideramos o padrão seguro e dois tipos inseguros: evitantes e preocupado, podendo estabelecer-se uma correlação entre o submisso-idealizador e o padrão de vinculação *preocupado* e os tipos *eufórico-idealizante* e *evitante-desnarcisante* com os padrões de vinculação *evitantes*.

De facto, as distinções feitas na literatura entre os padrões de vinculação *evitante*, *ambivalente* e *incoerente* parecem descrever o que em termos de funcionamento mental se enquadra nas descrições de *esquizóide*, *histérico* e *borderline* (Holmes, 2002), corroborando os nossos resultados.

O que nos surge acrescentar é que defendemos a ideia de que os padrões de vinculação inseguros estão relacionados com fragilidades ao nível do *Self* que determinam escolhas do objecto amoroso na expectativa de colmatar essas falhas. Talvez possamos afirmar que a diferença entre padrões de vinculação seguros e inseguros se relaciona com o predomínio da posição objectal nos padrões seguros enquanto nos inseguros se encontra o predomínio da posição narcísica, mas também, nalguns funcionamentos mais depressivos, um predomínio exagerado da objectalidade o qual conduz a uma posição de submissão subserviente face ao outro, o que também está no domínio da patologia e leva ao que Coimbra de Matos (2011) designa de *hemorragia narcísica* (pág. 199), ao esgotamento da estima por si próprio em função da idealização do objecto narcísico. Portanto, há assim duas formas de compensação da vulnerabilidade narcísica, uma mais típica de um narcisismo benigno (típica dos histéricos) de exaltação maníaca e sedução, e uma mais comumente praticada pelo narcisismo maligno, a da desvalorização do outro, utilizando a possessividade e o denegrir do narcisismo do objecto. Embora, e de acordo com Coimbra de Matos (*idem*), estes dois mecanismos de defesa face à *vulnerabilidade narcísica* possam ser utilizados em simultâneo.

O que se passa é que estes padrões de vinculação constituem-se como *re-edições* de relações interiorizadas que remontam a experiências da infância a partir das quais não foi possível um desenvolvimento das estruturas basilares do *Self*. A questão é que muitas vezes encontramos indivíduos que ao andarem à procura do que falta, repetem consecutivamente o que tiveram, numa continuidade patologizante que implica uma sucessão de relações frustrantes onde não é possível o desenvolvimento do *Self* nem o encontro com o verdadeiro amor. Esta repetição ora alude à relação com o objecto primário ou com o objecto edipiano. É nesta repetição que se revela a estagnação do desenvolvimento do *Self*, a sua fragilidade e incapacidade para ser autónomo e possibilitar a procura de relações que seja desenvolvutivas, novas e criadoras, seguindo o pensamento de Coimbra de Matos (*idem*), há mudança de objecto mas não de objectivo.

Conclusões

Em conformidade com o que havíamos suposto, nas modalidades de relacionamento amoroso que definimos (*submisso-idealizador, eufórico-idealizante e evitante-desnarcisante*) o outro, o objecto amoroso, é procurado como *Objecto do Self* e não como *objecto total*, porque a escolha é cimentada nas necessidades do *Self*, em falhas básicas do seu desenvolvimento e como tal, correspondem a padrões de *vinculação do tipo inseguro*, que não se constituem como verdadeiros relacionamentos amorosos, mas como disfarces, como modalidades relacionais mais em função do próprio do que da relação.

No entanto, verificamos que o nosso estudo com a escala SONI (*Selfobject Needs Inventory*) embora denunciasse, como era esperado, que os tipos de relacionamento amoroso que propusemos necessitavam de objectos que cumprissem funções que seriam inerentes ao *Self*, não possibilitou uma distinção clara entre os tipos de funcionamento amoroso submisso-idealizador e eufórico-idealizante o que nos parece ter relação precisamente com o grau de coesão do *Self*. Defendemos que as necessidades de *objectos do Self* serão tanto maiores consoante o grau de gravidade das falhas no desenvolvimento do *Self*, sendo que a maior necessidade ou a maior tendência a evitar essa necessidade de objectos que desempenhem funções que deveriam ser realizadas pelas estruturas do *Self* se prende com funcionamentos menos saudáveis e com dificuldades ao nível da manutenção de sentimentos realistas e salutogéneos acerca do próprio valor, do envolvimento com os outros e ao nível da idealização.

Deste modo, parece-nos que a escala SONI não permite avaliar o grau de coesão do *Self*, em nossa opinião, não é possível através desta escala confirmar a nossa teoria de que no funcionamento amoroso tipo submisso-idealizador a necessidade de um *objecto do Self* valorizante se prende com as necessidades de *validação falo-narcísica*, enquanto nos outros funcionamentos se prende com aspectos mais abrangentes do sentimento de identidade do *Self* e de formação

de uma *pele psíquica*. Este aspecto prende-se com a noção de coesão do *Self* na medida em que é nossa convicção, que a percepção de um *Self* não coeso poderá ter tanto a ver com a fragilidade ao nível da imagem sexuada ou abranger toda a funcionalidade do *Self*.

Sugere-nos que, talvez a aplicação de um instrumento de avaliação da personalidade pudesse reforçar a ideia de que estes tipos de funcionamento amoroso que propusemos se enquadram em dois grupos distintos os neuróticos e os psicóticos, ou revelar funcionamentos mais depressivos, *borderline* e psicóticos.

Consideramos que deverão ser realizados aperfeiçoamentos ao ITRA – Inventário de Tipos de Relacionamento Amoroso, no sentido de criar um instrumento que faculte uma clara distinção entre os três tipos de funcionamento amoroso que postulámos. A elevada correlação que encontrámos entre as duas escalas sugerem que os itens não permitem distinguir muito claramente o tipo de funcionamento amoroso eufórico-idealizante do evitante-desnarcisante, o que em nossa opinião se fica a dever ao facto de ambos os funcionamentos se enquadrarem num tipo de narcisismo que se prende com a utilização de defesas mais rigidificadas que vão no sentido do ataque ao narcisismo alheio de forma a iludir uma visão mais coesa e válida do sentimento do *Self*, combinando-se ambos num narcisismo maligno e destrutivo.

Surge-nos também a reflexão sobre a dificuldade em caracterizar claramente um funcionamento amoroso mais típico do funcionamento *borderline* uma vez que este engloba comportamentos que se poderão caracterizar como mais neuróticos e outros comportamentos mais característicos da linha de funcionamento psicótica. É um tipo de funcionamento que em nossa opinião se situa num limbo, que poderá pender, dependendo da gravidade da desorganização, mais para a neurose ou mais para a psicose. Daqui resulta que alguns dos itens surjam correlacionados com ambas as escalas. Acresce ainda que em termos de uma análise mais profunda, um comportamento ainda que idêntico tem representações diferentes para cada indivíduo, a função que esse comportamento desempenha na vida mental é que caracteriza melhor o

funcionamento mental. Assim, interrogamo-nos sobre se por exemplo o *item 39* - “Quando tenho uma relação amorosa sinto-me mais confuso/a acerca das minhas ideias e valores” poderá ser interpretado pelo sujeito de duas (ou mais) maneiras em que por exemplo um sujeito mais neurótico poderá pensar que quando se envolve com alguém tende a desvalorizar as suas ideias e valores em função das do outro, e um sujeito mais *borderline* poderá ler no sentido da fragilidade da sua identidade e do surgir de estados mais confusionais devido à permeabilidade da sua *pele psíquica*.

Pensamos que num estudo posterior será importante a utilização de uma prova de estudo dos mecanismos de defesa que permita auxiliar na caracterização destes funcionamentos amorosos que descrevemos.

Não obstante, o estudo efectuado permite-nos confirmar que nos funcionamentos amorosos que apontámos, o que está subjacente é a procura de uma ligação a um *semi-objecto* porque parcial, admirado ou admirador, que possa trazer a ilusão de completar o *Self* frustrado, um objecto que cumpre uma funcionalidade que na relação com o objecto precoce não foi possível firmar, traçando-se assim relações que se edificam com funções de parentalidade e não de desenvolvimento de relação de casal sexual e de trocas maduras. Com frequência se prende com a dificuldade de ambos os elementos do casal se colocarem num papel de homens e mulheres por oposição ao de crianças em formação.

O problema é que nestas situações, o parceiro que parecia compatível por estar em posse de atributos que escasseiam no *Self* do próprio, revela-se o mais incompatível, precisamente pelo emergir permanente dessas inseguranças pelo facto de se estabelecer uma relação em que ambos - cujo *Self* reclama afirmação - se acusam mutuamente e incidem particularmente no cerne da ferida narcísica. São sempre objectos frustrantes, que desiludem e fazem um ataque ao bem-estar narcísico. São aquelas relações referidas por Robins (1982) em que um é o *possuidor*, porque munido de supostos atributos que faltam ao outro e - o *possuído*, aquele que se coloca na posição submissa de admirador, muitas vezes sem desejo, sendo o envolvimento da ordem da pré-

genitalidade, em que a relação é mantida pela dependência estéril de ambos, mas supostamente com ganho mútuo, o que é admirado ganha na sua necessidade de ter um *objecto do Self espelhante*, que denuncie a admiração tão ansiada e o outro, ganha no seu narcisismo por se sentir ligado a um objecto valorizado, como se simbolicamente ocorresse uma transfusão narcísica, em que o valor atribuído a um é passado ao outro, é a tentativa de recuperar a idealidade do próprio através da idealização do outro, segundo os ensinamentos de Coimbra de Matos.

O que se passa é que quando as ligações se estabelecem por idealizações parciais do próprio e do objecto, elas ficam fechadas ao desenvolvimento do todo, cerram-se em ciclos de compensação narcísica que cristalizam a relação em que por vezes se penhora todo um desenvolvimento afectivo-emocional, e um crescimento do *Self*, sem que se esteja preparado para a evolução de um e de outro na relação. As relações ficam como que sufocadas e não é possível a plasticidade adaptativa e transformadora, porque o que se visa é o alimento do vazio deixado pelo desenvolvimento do *Self* que não se processou.

Muitas vezes estas relações mantêm-se no tempo, são duradouras no sentido em que o par não se consegue desprender, e a acusação mútua transforma-se num alimento narcísico, mas a relação em si está submersa numa névoa depressiva, anulando a vida do par, em que não se cresce nem se aproveita a vida, aprisionados pela depressividade e pela debilitação narcísica que impede que se soltem e procurem uma vida relacional mais saudável e verdadeiramente amorosa.

Estas são relações em que, tipicamente, para que um se distinga é necessário que o outro permaneça na opacidade, em que se desenvolvem acordos de restabelecimento da imagem danificada e desvalida que cada um tem de si, numa dependência consumidora impeditiva da criatividade e da liberdade do *Self*, em que um dos elementos do casal se coloca numa posição mais passiva e submissa e o outro, mais activo, aquele que suga a admiração muitas vezes utilizando estratégias depreciativas da conduta do outro, em que

de modo tãntalisante o aprisiona cada vez mais ao objecto digno de admiração. São estes circuitos fechados que cancelam todo o desenvolvimento, que conduzem a relações estagnadas e enredadas num *cerco narcisante*, protésicas e sem possibilidade de enriquecimento, comprometendo todo o desenvolvimento do *Self*, porque não são transformadoras, apenas funcionam como um curativo rápido para um *Self* ferido. Trata-se de relações que se mantêm no tempo num continuo “lamber de feridas” antigas, sem que haja um sarar definitivo e uma reparação que permita o retomar do desenvolvimento que ficou retido.

O nosso estudo com a aplicação do QVA (Questionário de Vinculação Amorosa) permite o enquadrar dos tipos de funcionamentos amorosos propostos nos *padrões de vinculação inseguros*, que por um lado reforça a nossa teoria de que o tipo de relacionamento submisso-idealizador se aproxima do tipo de vinculação descrito como *preocupado*, mais próximo da descrição dos funcionamentos depressivos, com tendência à culpabilidade, uma orientação para a idealização excessiva, e a procura de um outro para uma visão mais positiva do próprio, no sentido das ideias de Coimbra de Matos - procurando a idealidade própria mediante a idealização do objecto. Por outro lado enquadra os tipos de relacionamento eufórico-idealizante e evitante-desnarcisante, nos padrões de vinculação evitantes, com visões negativas do objecto e uma tendência a evitar os relacionamentos mais íntimos, ainda que distinga os últimos como apresentando uma maior tendência para o evitamento, dado que a correlação com a escala evitamento revela um valor de correlação significativa mais elevado.

Destarte, consideramos que é possível trazer uma contribuição para o entendimento mais profundo dos padrões inseguros de vinculação, relacionando-os com a *vulnerabilidade narcísica* e com a escolha amorosa enquanto processo de completação do *Self* percebido como frágil e incompleto.

Deste modo, o nosso objectivo é poder dar um contributo para a compreensão dos funcionamentos amorosos menos saudáveis e que estarão na base de rompimentos afectivos e na base de descompensações emocionais,

que se prendem com o modo como se estabelece a ligação ao objecto e a função que ele desempenha no mundo mental e que não têm a ver com uma relação madura. Estes funcionamentos justificarão muitos dos cortes relacionais que são hoje tão frequentes.

A relação madura implica, nas palavras de Coimbra de Matos (2009) a comunhão de projectos e de sonhos conjuntos que se possam concretizar, uma relação que seja de *“complementaridade desejante e aberta à inovação – o sistema amoroso é um sistema aberto, ao contrário do sadomasoquista que é fechado.”* (p.171). Trata-se de um sistema aberto pois há uma necessidade de renovação permanente dos afectos e uma constante afinação da partilha dos afectos amorosos, já que ambos (pressupõe-se) estão em constante desenvolvimento. Haverá, então, uma satisfação pela complementaridade da diferença, gosta-se do outro pelo que complementa o próprio na sua diferença, sem que a diferença seja sentida como ameaçadora para o *Self*, o que não se passa nestas modalidades relacionais que apresentámos.

A relação saudável é a relação de conjugação, de aceitação mútua e serena que define o par distinto mas complementar. Esta é uma relação de constância, em que a partilha amorosa se renova a cada interacção e que por isso perdura com vivacidade e não desfalece com o tempo, porque não há rotina interna, pois os dois elementos da relação estão em interacção e desenvolvimento contínuo em dança sintonizada com ritmos criativos e promissores do crescimento do *Self*, ou melhor, da possibilidade de nessa relação o *Self* se poder manifestar o mais verdadeiramente possível.

O relacionamento amoroso, tal como o relacionamento pais-filhos, terapeuta-paciente deverá ser um relacionamento essencialmente lúdico, no sentido de um encontro criativo de desenvolvimento de ambos os elementos. Os pais devem desenvolver-se na relação com os seus filhos, os terapeutas na relação com os seus pacientes, de forma a que se estabeleçam relações securizantes e não manipuladoras, afectivas e não instrumentais, sem visões binoculares que restrinjam a expansão do *Self*.

Nestas relações de cariz narcísico a valorização do outro é sempre parcial e na medida em que serve a valorização do próprio indivíduo, nem sequer é uma valorização muito consciente das características do outro mas assente num conjunto de ilusões sobre as qualidades e competências que o próprio julga faltarem em si. O outro é como que um objecto ilusoriamente construído sobre o qual se deposita a expectativa de amparo da necessidade, mantendo-se estas relações em “*banho narcísico*” que funcionam como que bálsamos para o *Self*, acalentando a falha, mas sem resolução efectiva.

Por oposição, numa relação de amor verdadeiro, os parceiros enriquecem-se mutuamente com bem-estar narcísico, há um prazer recíproco na valorização e reconhecimento das competências amáveis do objecto, num ajuste de funcionamentos e remodelações internas baseadas na compreensão do funcionamento do próprio e do outro. Acima de tudo, considera-se que numa relação madura há a vivência do outro enquanto *objecto amável*, no sentido de ser capaz de despertar amor, o que não acontece nas relações que visam o reparo narcísico, porque a ideia do outro enquanto objecto digno de amor, remete para a inveja, para a auto-desvalorização e para a realidade insuportável da constatação de que o próprio não é o único, o desejável, o mais digno de ser amado! Até porque se o objecto for desvalorizado no sentido de não conseguir despertar afecto e desejo, facilita a ilusão de que ficará mais agarrado ao indivíduo, possibilitando uma confiança ilusória.

Se não há desenvolvimento do par amoroso, não se trata de relação, poder-se-á chamar de acordo, contrato, algo que se cinja a uma função, mas não de desenvolvimento amoroso. O amor de casal tem implicada uma capacidade de autonomia conciliada com uma competência para se deixar depender.

Em muitos casos o que se passa é a procura de relações em simultâneo, ou a transição imperativa de um objecto para outro de forma a minimizar o sentimento de perda e de dependência face ao objecto, aludindo assim à independência e autonomia, maniacamente alicerçada numa *pseudo-sexualidade* encobrindo a vulnerabilidade narcísica.

Em suma, desde as relações mais precoces que se formam percepções e representações sobre o *Self*, sobre o objecto e sobre as interacções relacionais, originando um sentimento de *Self* coeso, de um *Self* incompleto ou um *Self* diminuído. O problema surge quando ao longo da vida se repetem estas percepções, impedindo que se estabeleçam visões mais saudáveis e verdadeiras acerca do próprio e das suas competências para gerar amor no objecto, encriptando-se toda a vida relacional e emocional do sujeito. Nos casos em que há uma representação diminuída do *Self*, o obstáculo à mudança reside numa culpabilidade em contrariar e em abandonar os objectos internalizados e em conquistar uma visão mais autónoma e positiva do *Self* que permita o estabelecimento de relações mais salutareas regeneradoras do *Self* e geradoras de saúde, de bem-estar emocional e vincular. Nos casos em que ocorre a formação de um *Self* incompleto, a dificuldade reside em abandonar as figuras interiorizadas na medida em que isso acarreta um sentimento de vazio e de perda da identidade, o que restringe a evolução do *Self* e aprisiona todo o desenvolvimento.

Bibliografia

- Abraham, K. (1908). The Psycho-sexual differences between hysteria and dementia praecox. In *Selected Papers*. London: Hogarth Press, 1973, p.64.
- Ainsworth, M. (1972). Attachment and dependency: a comparison. In Gewirtz, J. L. (Ed.), *Attachment and dependency* (pp. 97-137). Washington, D.C.: Winston.
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Ainsworth, M., Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, 46, 333 - 341.
- Abelin, E. (1975). Some Further Observations and Comments on the Earliest Role of the Father. *International Journal of Psycho-Analysis* 56: 293 - 302.
- Amaral Dias, C. (1991). Depressão e estado-limite na adolescência. In Bergeret, J. & Reid, W. (1991). *Narcisismo e Estados-Limite*. (pp. 53 - 73). Lisboa: Escher.
- Amaral Dias, C.(2000). *Freud para além de Freud*. Lisboa: Fim de Século.
- Amaral Dias, C. (2004). *Costurando as linhas da patologia borderland (estados-limite)*. Lisboa: Climepsi Ed.
- Amaral Dias, C. (2010). *Teoria das Transformações*. Coimbra: Almedina Ed.

- Andreoli, A. (1989). Le Moi e son objet narcissique. *Rev. Franç. Psychoanal.*, 1, 150 -195.
- Andreas-Salomé, L. (1921) The dual orientation of narcissism *Psychoanal. Q.* 1962:31 1-30.
- Anzieu, D. (1974). Le Moi-Peau. *Novelle Revue Française*, 9: 195-208.
- Alexander F. (1938). Remarks about the relation of inferiority feelings to guilt feelings. *Int. J. Psychoanal.*, 19, 41-49.
- Atwood, G.; Stolorow, R. (2004). Faces in a Cloud: Intersubjectivity in Personality Theory. USA: Jason Aronson.
- Balfour, A. (2006). The couple, their marriage, and Oedipus: or, problems come in twos or threes. In Grier, F. (Ed), *Oedipus And The Couple*. Tavistock Clinic Series. (pp. 9-31) London: Karnac.
- Balint, E. (2005). Uncounscious communications between husband and wife. In Ruszczynski, S. (Ed.) *Psychotherapy With Couples Theory and Practice at the Tavistock Institue of Marital Studies*. (pp. 30-44). London: Karnac.
- Balint, M. (1937). Early developmental stages of the Ego primary object loss. In *Primary Love and Psycho-Analytic Technique*. New York: Liveright.
- Balint, M. (1947). On genital love. In *Primary Love and Psycho-Analytic Technique*. New York: Liveright.
- Balint, M. (1960). Primary narcissism and primary love. *Psychoanalytic Quart.*, 29: 6 – 43.
- Banai, E. Mikulincer, M. Shaver, P. (2005). "Selfobject" Needs in Kohut's Self Psychology: Links With Attachment, Self-Cohesion, Affect Regulation, and Adjustment. *Psychoanalytic Psychology* 22: (2) 224-260.

- Baranger, W.; Campo, D & cols. (1980). *Aportaciones al concepto de objeto en psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu Ed.
- Baranger, W. (1991). Narcissism in Freud. In. Sandler e, E. Person & P. Fonagy (eds). *Freud's on Narcissism: An Introduction* (pp. 108-130). London: Yale University Press.
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: an attachment perspective. *Journal of Social and Personal Relationships*, 7, 147-178.
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61, 226-244.
- Bach, S. (1975). Narcissism, continuity and the uncanny. *Internat. J. Psycho-Anal.* , 56: 77-86.
- Basch, M. F. (1987). The Interpersonal and the Intrapsychic:-Conflict or Harmony?. *Contemp. Psychoanal.* 23:367-381.
- Begoin, J. (1973). Ideal du Moi et clinique. Narcissisme, Ideal e idealisation. *Rev. Franç. Psychoanal*, 41, 1121-1126.
- Benjamim, J. (1995). *Like Subjects, Love Objects*. Yale: Yale Univ. Press.
- Bergeret, J. (1974). *La Personnalité normale et pathologique*. Paris: Dunod.
- Bergmann, M. S. (1980). On the Intrapsychic Function of Falling in Love. *Psychoanalytic Quarterly* 49: 56-77.
- Bergmann, M. S. (1982). Platonic Love, Transference Love, and Love in Real Life. *JAPA* 30: 87-111.
- Bergmann, M. S. (1987). *The Anatomy of Loving. The Story of Man's Quest to know what Love Is*. New York: Fawcett Columbine.
- Bergmann, M. S. (1995). On Love and Its Enemies. *Psychoanalytic Review* 82: 1-19.

- Bick, E. (1967, 1991). A experiência da pele em relações de objecto arcaicas, in *Melanie Klein Hoje. Desenvolvimentos da teoria e da técnica. Vol I: Artigos predominantemente teóricos.* (pp. 194-200). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Bing, J.; McLaughlin, F. & Marburg, R. (1959). The Metapsychology of Narcissism. *Psychoanalytic Study of the Child*, 14: 9-28.
- Bion, W. R. (1956). Development of schizophrenic thought. *Int. J. Psycho-Anal.* 37, 344-346.
- Bion, W. R. (1991,1959). Ataques ao elo de ligação. In E. Spillius, *Melanie Klein Hoje vol I, (pp. 95-109).* Rio de Janeiro: Imago Eds.
- Bion, W. R. (1962). A Theory of Thinking. *Int. J. Psycho-Anal*, 43, 306-310.
- Bleichmar (1983). *Depressão: um estudo Psicanalítico.* Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bleichmar (1985). O Narcisismo. Estudo sobre a enunciação e a gramática inconsciente.* Porto Alegre: ArtMed.
- Bollas, C. (1978). The transformational object. *Int. J. Psycho-Anal.* 60: 97-107.
- Bollas, C. (1992). *Forças do destino: psicanálise e idioma humano.* Rio de Janeiro: Imago Ed.
- Bollas, C. (1997). *La Sombra del Objecto.* Buenos Aires: Amorrortu Ed.
- Burness, E. Moore, M.D. (1975). Toward a Clarification of the concept of Narcissism. *Psychoanalytic Study of the Child*, 30: 243-276.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss. Vol. 1: Attachment.* London: Hogarth Press.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss. Vol. 2: Separation, anxiety and anger.* London: Hogarth Press.
- Bowlby, J. (1979). *The making and breaking of affectional bonds.* London: Routledge.

- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss*. Vol. 3: *Loss, sadness and depression*. London: Hogarth Press.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base: Clinical applications of attachment theory*. New York: Basic Books.
- Bursten, B (1986). Some narcissistic personality types. In Morrison, P. (Ed.). *Essential papers on narcissism*. (pp. 377- 403). New York Univ. Press, NY and London.
- Britton, R. (1998). Subjectivity, objectivity and triangular space. In : *Belief and Imagination: Explorations in Psychoanalysis* (pp.41-58). London: Routledge.
- Britton, R. (2007). The missing link: parental sexuality in the Oedipus complex. In Britton, R.; Feldman, M.; O'Shaughnessy, E. *The Oedipus Complex Today*. Clinical implications. (pp. 83-103) Karnac: London.
- Bretherton, I. (1985). Attachment theory: Retrospect and prospect. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), *Growing points of attachment theory and research. Mono- graphs of the Society for Research in Child Development* (pp. 3-35). n. 1-2, serial n. 209.
- Broucek, F. (1979). Efficacy in Infancy: A Review of Some Experimental Studies and their Possible Implications for Clinical Theory. *International Journal of Psycho-Analysis* 60: 311-316.
- Broucek, F. (1982). Shame and its Relationship to Early Narcissistic Developments. *International Journal of Psycho-Analysis* 63: 369 - 378.
- Call, J. (1980). Some Prelinguistic Aspects of Language Development
JAPA 28: 259-289.

- Canavarro, C.; Dias, P. & Lima, V. (2006). A Avaliação da Vinculação no Adulto: Uma revisão crítica a propósito da aplicação da Adult Attachment Scale-R (AAS-R) na população portuguesa. ISSN 0874-2049. Vol. XX, 1: 154-186.
- Cassidy, J. (1988). Child-mother attachment and the Self in six-years old. *Child Development*, 59, 121-134.
- Cleavelly, C. (2005). Relationships: interaction, defences, and transformation. In Ruszczynski, S. (Ed.) *Psychotherapy With Couples. Theory and Practice at the Tavistock Institute of Marital Studies* (55-70). London: Karnac.
- Chausseguet-Smirgel, J. (1992). *O Ideal do Ego*. Porto Alegre: Artmed.
- Chiland, C. (1982). A New Look at Fathers. *Psychoanalytic Study of the Child* 37: 367-379
- Coderch, J. (2001). *La relación paciente-terapeuta. El campo del psicoanálisis y la psicoterapia psicoanalítica*. Barcelona: Paidós.
- Coderch, J. (2006). *Pluralidad y Diálogo en Psicoanálisis*. Barcelona: Herder Ed.
- Coelho, R. (2004). *Depressão*. Perspectiva psicodinâmica. Lisboa: Lidel Ed.
- Coimbra de Matos, A. (1984). Da Depressão à Psicanálise. *Saúde Mental*, ed. esp, p.45-46.
- Coimbra de Matos, A. (1997). Narcisismo e Depressão. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 13, p.19-25.
- Coimbra de Matos, A. (2001). *A Depressão*. Lisboa: Climepsi Editora.
- Coimbra de Matos, A. (2002). *O Desespero*. Lisboa: Climepsi Editora.
- Coimbra de Matos, A. (2002). *Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica*. Lisboa: Climepsi Editora.

- Coimbra de Matos, A. (2009). O jogo do Amor na Psicanálise e na vida. *Rev. Portuguesa de Psicanálise*, 29 (2): 169-177.
- Coimbra de Matos (2011). *Relação de Qualidade. Penso em ti*. Lisboa: Climepsi Editora.
- Colman, W. (2005). Marriage as a psychological container. In S. Ruzszinski (Ed). *Psychotherapy with Couples: theory and Practice at the Tavistock Institute of Marital Studies* (pp. 70 - 96). London: Karnac Books.
- Cortesão, E.L. (1990). Narcisismo e Relações de Objecto. Os trabalhos de Kohut e a investigação das relações de objecto. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 8: 31-42.
- Cooper, A. (1986). Narcissism. In Morrison, P. (ed.). *Essential papers on narcissism*. (pp: 113-143). New York Univ. Press, NY and London.
- Cooper, A.; Maxwell, N. (2004). *Narcissistic Wounds: Clinical Perspectives*. London: Whurr.
- Corman, L. (1977). *Narcisismo y frustracion de amor*. Barcelona: Herder Ed.
- Davis, K.; Todd, M. (1982). Friendship and love relationships. In K. Davis & T. Mitchell (Eds.), *Advances in descriptive psychology* (Vol. 2, pp. 79-122). Greenwich: JAI Press.
- Dare, C.; Holder, A. (1981). Developmental aspects of the interaction between narcissism, self-esteem and object relations. *Int. J. Psycho-Anal.* 62,323.
- Dearnley, B. (1990). Changing Marriage. In Clulow. C. *Marriage: Desillusion and Hope* (pp. 43-55). London: Karnanc Books.
- Dessuant, P. (1992). *O Narcisismo*. Rio de Janeiro. Imago Ed.
- Deutsch, H. (1942). Some forms of emotional disturbance and their relationship to schizophrenia. *Psychoanal. Quart.* , 11: 301-321.

- Duck, S. (1983). *Friends for life*. New York: St. Martin's Press.
- Duruz, N. (1981 a). The Psychoanalytic Concept of Narcissism, Part I: Some Neglected Aspects in Freud's Work. *Psychoanalysis and Contemporary Thought* 4: (1) 3-34.
- Duruz, N. (1981). (1981 b). The Psychoanalytic Concept of Narcissism, Part II: Toward a Structural Definition. *Psychoanalysis and Contemporary Thought* 4: (1) 35-67.
- Eagle, M. (1999). Why Don't People Change? A Psychoanalytic Perspective. *Journal of Psychotherapy Integration*, 9, 3-33.
- Eduardo Val, M. D. (1982). Self-Esteem Regulation and Narcissism. *Annual of Psychoanalysis*, 10: 221 – 232.
- Elson, M. (1987). *The Kohut Seminars*. New York: Norton.
- Emde, R. N. (1988). Development Terminable and Interminable - I. Innate and Motivational Factors from Infancy. *International Journal of Psychoanalysis* 69: 23-42.
- Etchegoyen, H. (1991). "On Narcissism: An Introduction": Text and Context. In J. Sandler e, E. Person & P. Fonagy (eds). *Freud's on Narcissism: An Introduction* (pp. 54-74). London: Yale University Press.
- Fabião, C. (2007). *Narcisismo: defesas primitivas e separação*. Lisboa: Climepsi Ed.
- Fairbairn, W. R. (1952). *Psychoanalytic studies of the personality*. London: Tavistock.
- Feeney, J. (1995). Adult Attachment and emotional control. *Personal Relationships*, 2: 143 - 159.
- Feeney, J. A., & Noller, P. (1990). Attachment style as a predictor of adult romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 281-291.

- Feeney, J. A., & Noller, P. (1991). Attachment style and verbal descriptions of romantic partners. *Journal of Social and Personal Relationships*, 8, 187-215.
- Feeney, J., Noller, P., & Hanrahan, M. (1994). Assessing adult attachment. In M. B. Sperling & W. H. Berman (Eds.), *Attachment in adults: Clinical and developmental perspectives* (pp.128-152). New York: Guilford Press.
- Feeney, J.; Noller, P. & Ward, C. (1997). Marital Satisfaction and Spousal Interaction. In Stenberg, R & Hojjat, M. *Satisfaction in close relationships*. (pp. 160-190). NY: The Guilford Press.
- Feeney, J., Noller, P. Roberts, N. (2000). Attachment and Close Relationships. In Hendrik & Hendrik (Ed.), *Close Relationships: A Sourcebook*. (Pp.185 – 201). New York: Sage.
- Ferenczi, S. (1933). Confusion of tongues between adults and the child . In *Final Contributions to the Problems and Methods of Psycho-Analysis*. London: Hogarth Press.
- Fernando, J. (1998). The Etiology of Narcissistic Personality Disorder. *Psychoanalytic Study of the Child* 53: 141-158.
- Ferro, A. (2005). *Factores de Doença, Factores de cura. Gênese do sofrimento e da cura psicanalítica*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Field, A. (2005). *Discovering Statistics Using SPSS and sex, drug's and rock 'n' roll*. London: Sage.
- Fisher, J. (2005). The impenetrable other: ambivalence and the oedipal conflict in work with couples. In Ruzsaczynski, (Ed.). *Psychotherapy With Couples Theory and Practice at the Tavistock Institue of Marital Studies* (pp.142-166). London: Karnac.

- Fisher, J. (2005). *The Uninvited Guest. Emerging from Narcissism towards Marriage*. Tavistock Institute of Marital Studies. London: Karnac.
- Flores, T. (2005) *O Narcisismo no Feminino*. Lisboa: Climepsi Ed.
- Fonagy, P., Steele, M.; Moran, G.; Steele, H.; Higgitt, A. (1991).
Measuring the Ghost in the Nursery: A Summary of the
Main Findings of the Anna Freud Centre - *University
College* 115-131.
- Fonagy, P., (2000). Attachment and Borderline Personality Disorder.
JAPA 48: (4) 1129-1146.
- Fonagy, P., Target, M. (2002). Early Intervention and the Development of
Self-Regulation. *Psychoanalytic Inquiry*, 22 (3): 307-335.
- Fonagy, P., Target, M. (2004). Relationships to Bad Objects: Repetition or Current
Self-Disorganization? Commentary on Paper by Jody Messler Davies.
Psychoanalytic Dialogues 14: (6) 733-741.
- Fonagy, P.; Gergely, G.; Jurist, E. & Target, M. (2004). *Affect Regulation,
Mentalization, and the development of the Self*. New York: Other
Press.
- Freud, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Edição
standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. VII, 121-
134.
- Freud, S. (1911). Leonardo Da Vinci e uma lembrança da sua infância. Edição
Standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. XI, 73-143.
- Freud, S. (1911). O caso de Schreber. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. XII,
23-87.
- Freud, S. (1913). Totem e Tabu. Edição Standard brasileira. Rio de Janeiro:
Imago Editora, vol. XIII, , 13-194.

- Freud, S. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. Edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. XIV, 83-119.
- Freud, S. (1915). Os instintos e as suas vicissitudes. Edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. XIV, 117-144.
- Freud, S. (1917). Luto e Melancolia. Edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. XIV, 245-265.
- Freud, S. (1920). Além do Princípio do Prazer. Edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. XVIII, 17-75.
- Freud, S. (1923). O ego e o Id. Edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. XIX, 27-83.
- Gadini, E. (1969). On imitation. *Int. J. Psycho-Anal.* 50, 475-484.
- Galatzer-Levy, R. M., Cohler, B. J. (1993). *The essential Other*. New York: Basic Books.
- Garza-Guerrero, C. (2000). Idealization and Mourning in Love Relationships: Normal and Pathological Spectra. *Psychoanalytic Quarterly* 69: 121-150.
- Gear, M.; Hill, M. & Liendo, E. (1981). *Working Trough Narcissism, Treating its Sado-masochistic Structure*. New York: Jason Aronson.
- Gediman, H. (1975), Reflections on romanticism, narcissism, and creativity, J. *Amer. Psychoanal. Assn.*, 23: 407-423.
- Glasser, M. (1992). Problems in the Psychoanalysis of Certain Narcissistic Disorders. *International Journal of Psycho-Analysis* 73: 493-503.
- Golden, C., Sawicki, R., & Franzen, M. (1984). Test construction. In G. Goldstein & M. Hersen (Eds.), *Handbook of psychological assessment* (pp. 19-37). New York: Pergamon Press.
- Golse, B. (2001). *Insistir Existir. Do ser à pessoa*. Lisboa: Climepsi Editora.

- Golse, B. (2007). *O ser bebé*. Lisboa: Climepsi Editora.
- Gonçalves, M. J. (2004). A Propósito da Maternidade. Da ambivalência à empatia. *Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria*. 18: 33 - 44.
- Green, A. (1980). A mãe morta. In Green, A. *Narcisismo de vida narcisismo de morte*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Green, A. (1986). *On Private Madness*. London: Hogarth Press.
- Green, A. (1993). *Narcisismo de vida, narcisismo de muerte*. Buenos Aires: Amorrortu, Ed.
- Green, A. (2002). A Dual Conception of Narcissism: Positive and Negative Organizations. *Psychoanalytic Quarterly*, 71(4): 631-649.
- Greenberg, J.; Mitchell, S. (2003). *Relações de objecto na teoria psicanalítica*. Lisboa: Climepsi Ed.
- Grinberg, L. (1991). Letter to Sigmund Freud. in J. Sandler e, E. Person & P. Fonagy (eds). *Freud's on Narcissism: An Introduction* (pp. 95-107). London: Yale University Press.
- Grinberg, L. (2000). *Culpa e Depressão*. Lisboa: Climepsi Ed.
- Grumberger, B. (1965). Étude sur le narcissisme. *Rev. Franç. Psychoanal.*, vol, 29, nº5-6.
- Grumberger, B. (1971). *Le narcissism. Essais de psychanalyse*. Paris: Payot
- Guillem, P.; Orozco, E.; Loren, J. (1991). Introdução. *Rev. franç. Psychanal.* 1: 39-99.
- Gunderson, J.G. (1984). *Borderline Personality Disorder*. Washington DC: American Psychiatric Press.
- Handelsman, I. (1965). The Effects of Early Object Relationships on Sexual development. *Psychoanal. Study Child*, 20: 367-383.
- Hartmann, H. (1950). Comments on the psychoanalytic theory of the ego. *Psychoanal. Study Child*, 5, 74-96.

- Hazan, C.; Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511-524.
- Hendrick, C.; Hendrick, S. (1997). Love and Satisfaction. In In Stenberg, R & Hojjat, M. *Satisfaction in close relationships*. (pp. 56-78). NY: The Guilford Press.
- Hendrick, C.; Hendrick, S. & Dick, A. (1998). The Love Attitudes Scale: Short Form. *Journal of Social and Personal Relationships* 15 (2), pp. 147-159.
- Hitschmann, E. (1952). Freud's Conception of Love. *International Journal of Psycho-Analysis* 33: 421-428.
- Holmes, J. (2006). *The Search of the Secure Base. Attachment Theory and Psychotherapy*. London: Routledge.
- Horney, K. (1939). *New ways in psychoanalysis*. New York: Norton.
- Houzel, D. (1996). The Family Envelope And What Happens When It Is Torn. *Int. J. Psycho-Anal.* 77: 901-912.
- Joffe, W.; Sandler, J. (1967). Sobre os distúrbios do narcisismo. In Sandler, J. e col.(1990). *Da segurança ao superego* (pp: 216-227). Porto Alegre: ArtMed.
- Jacobson, E. (1964). *The Self and the Object World*. New York: International Universities Press.
- Jeanneau, A. (1991). Os riscos de uma época ou o narcisismo do exterior. In Bergeret, J. & Reid, W. (1991). *Narcisismo e Estados-Limite*. (pp. 31- 43). Lisboa: Escher.
- Kernberg, O. (1974). Mature Love: Prerequisites and Characteristics. *JAPA* 22: 743-768.
- Kernberg, O. (1975). *Borderline Conditions and Pathological Narcissism*. New York: Jason Aronson.

- Kernberg, O. F. (1980). Love, the Couple, and the Group: A Psychoanalytic Frame. *Psychoanalytic Quarterly* 49: 78-108.
- Kernberg, O. F. (1995, 1984). *Transtornos Graves de Personalidade: estratégias psicoterapêuticas*. Porto Alegre: ArtMed.
- Kernberg, O. F. (1986). Further Contributions to the treatment of Narcissistic Personalities. In Morrison, P. (Ed.). *Essential papers on narcissism*. (pp: 245-293). New York Univ. Press, NY and London.
- Kernberg, O. F. (1991 a). Aggression and Love in the Relationship of the Couple. *JAPA* 39: 45-70.
- Kernberg, O. F. (1991 b). A Contemporary reading of "On Narcissism". In J. Sandler e, E. Person & P. Fonagy (eds). *Freud's on Narcissism: An Introduction* (pp. 131-148). London: Yale University Press.
- Kernberg, O. (1994). *Transtornos graves de personalidade. Estratégias psicoterapêuticas*. Porto Alegre: ArtMed.
- Kernberg, O. (1995 a). *Agressão nos transtornos de personalidade e nas perversões*. Porto Alegre: ArtMed.
- Kernberg, O. (1995 b). *Psicopatologia das relações amorosas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Kernberg, O. (2004)
- Klein, M. (1946). Notes on some schizoid mechanisms *Int. J. Psychoanal.* 27: 99 -110.
- Klein, M. (1952). Origins of transference. *Int. Journal of Psychoanal.* 33, 433 - 438.
- Klein, M. (1957). *Envy and Gratitude*. New York: Basic Books.
- Klein, M. (1978). Algumas conclusões teóricas sobre a vida emocional do bebê. In *Os progressos da psicanálise* (pp: 216-256). Rio de Janeiro: Zahar Ed.

- Kohut. H. (1966). Forms and transformations of narcissism. *JAPA*. 14: 243-272.
- Kohut. H. (1971). *Analysis of the Self*. New York: International Universities Press.
- Kohut. H. (1972). Thoughts on narcissism and narcissistic rage. *Psychoanalytic study of the child*, XXVII, 360-399.
- Kohut. H. (1988 a, 1977). *A Restauração do Self*. Rio de Janeiro: Imago Ed.
- Kohut. H. (1988 b). *Psicologia do Self e a cultura humana. Reflexões sobre uma nova abordagem psicanalítica*. Porto Alegre: ArteMed.
- Koski, L.; Shaver, P. (1997). Attachment and Relationship Satisfaction across the Lifespan. In Stenberg, R & Hojjat, M. *Satisfaction in close relationships*. (pp. 26 - 55). NY: The Guilford Press.
- Lacan, J. (1977, 1949). The Mirror Stage. In *Ecrits. A Selection*. London: Tavistock.
- Lacan, J. (1977, 1957). On a question preliminary to any possible treatment of psychosis. In *Ecrits. A Selection*. London: Tavistock.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. (1971), *Vocabulário de Psicanálise*. Lisboa: Moraes Editora.
- Lebovici, S. (1983). *Le nourrisson, la mère et le psychanaliste: les interactions précoces*. Paris: Le Centurion.
- Levy, M., Davis, K. (1988). Love styles and attachment styles compared: Their relations to each other and to various relationship characteristics. *Journal of Social and Personal Relationships*, 5: 439 - 471.
- Lewin, S. (1971). The Psychoanalysis of shame. *International Journal of Psychoanal.* 52, 355 - 361.
- Livingston, J. (1996). Love And Illusion. *Psychoanalytic Quarterly* 65: 548 - 560.
- Loewald, H. (1951). Ego and Reality. *Int. J. Psychoanal.* 32: 10 - 18.

- Loewald, H. (1971). On motivation and instinct theory. *Psychoanalytic Study of the Child*. 26: 91-128.
- Lyons, A. (2005). Husbands and wives: the mysterious choice. In S. Ruzszinski (Ed.), *Psychotherapy with Couples: theory and Practice at the Tavistock Institute of Marital Studies* (pp. 44-54). London: Karnac Books.
- Mahler, M. (1967). On Human Symbiosis and the Vicissitudes of Individuation. *JAPA* 15: 740-763.
- Mahler, M. & Fuhrer, M. (1968). *On Human Symbiosis and the Vicissitudes of Individuation*. New York: Int. Univ. Press.
- Malpique, C. (1993). Sexualidade e narcisismo ou a capacidade de amar. *Rev. Portuguesa de Psicanálise*, 12: 25-33.
- Mancia, M. (1990). *No olhar de Narciso*. Lisboa: Escher Ed.
- Manzano, J.; Espaza, F. P. & Zilkha, N. (1999). The Narcissistic Scenarios of Parenthood. *International Journal of Psycho-Analysis* 80: (3) 465-476.
- Manzano, J.; Espaza, F. P. (2008). *La dimension narcisista de la personalidad*. Barcelona: Herder Ed.
- Mesquita, I. (2008). Na senda do narcisismo: do amor do objecto ao objecto de amor, pensando Heinz Kohut. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 28 (1): 73-102.
- Meltzer, D. (1975). Identificação adesiva. *Jornal de Psicanálise*, v.38, p.40-52.
- McDougall, J. (1983). *Em Defesa de Uma Certa Anormalidade*. Porto Alegre: Artes Gráficas.
- Michels, R. (2000). The case history. *JAPA*, 48 (2), 355-420.
- Mitchell, S. (2002). *Can Love Last? The fate of romance over time*. London: Norton & Company.

- Mikulincer, M., Florian, V., & Tolmacz, R. (1990). Attachment styles and fear of personal death: A case study of affect regulation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 273-280.
- Milheiro, J. (1990). Maria Narcisa ou a erotização do narcisismo. *Rev. Portuguesa de Psicanálise*, 8: 43-52.
- Miller, A. (1986). Depression and grandiosity as related forms of narcissistic disturbances. In Morrison, P. (ed.). *Essential papers on narcissism* (pp: 323-347). New York Univ. Press, NY and London.
- Mitchell, S. (1988). *Relational Concepts in Psychoanalysis*. Cambridge, M.A: Havard Univrsity Press.
- Mitchell, S. (2000). *Relationality. From Attachment to Intersubjectivity*. London: Psychology Press.
- Mitchell, S. (2002). *Can love last? The fate of romance over time*. New York: Norton.
- Modell, A. (1986). A narcissistic defence against affects and the illusion of self-sufficiency. In Morrison, P. (ed.). *Essential papers on narcissism* (pp: 292-307). New York Univ. Press, NY and London.
- Mollon, P. (2005). The non-mirroring mother and the missing paternal dimension in a case of narcissistic disturbance. *Psychoanalytic Psychotherapy* 1: 35 -4 7.
- Mollon, P. (2006). *The Fragile Self. The Struture of Narcissistic Disturbance*. London: Whurr Ed.
- Moore, B. (1975). Toward a Clarification of the Concept of Narcissism. *Psychoanalytic Study of the Child*, 30: 243-276.

- Moreira, J. (2006). Será o estilo de vinculação específico para cada relação? Um estudo utilizando a teoria da generalizabilidade. *Psicologia*. [online]. 2006, vol.20, 1 :127-154.
- Moreira, J. (2009). *Questionários: Teoria e Prática*. Coimbra: Almedina.
- Morgan, D. (1995). Destroying the knowledge of the need for love: narcissism and perversions. In Cooper, J. & Maxwell, N. (Eds). *Narcissistic wounds. Clinical Perspectives.* (pp.137-114) . London: Whurr.
- Morgan, M. (2006). On being able to be a couple: the importance of a “creative couple” in psychic life. In Grier, F. (Ed), *Oedipus And The Couple*. (pp. 9-31) Tavistock Clinic Series. London: Karnac.
- Morrison, A. (1986) Shame, Ideal self and Narcissism. In *Essential papers on narcissism (pp:348- 371)* . In Morrison, P. (ed.). New York Univ. Press, NY and London.
- Morrison, A. (1996). *La cultura de la verguenza. Anatomia de un sentimiento ambíguo*. Barcelona: Paidós Ed.
- Nunnally, J. (1978). *Psychometric Theory*. New York: McGraw-Hill.
- Nunnally, J., Bernstein, I. (1994). *Psychometric Theory*. New York: McGraw-Hill.
- Ogden, T. (1985). On Potential Space. *International Journal of Psycho-Analysis* 66: 129 - 141.
- Ogden, T. (2004). Review Essay: The Fate of Romance Over Time. *Psychoanalytic Dialogues* 14: (3) 373 - 379.
- Ornstein, P. (1974). On Narcissism: Beyond the introduction. Highlights of Heinz Kohut’s contributions to the psychoanalytic treatment of narcissistic personality disorders. *Annual of Psychoanal.* 2: 127 - 49.
- Ornstein, P. (1991). From Narcissism to Ego Psychology to Self Psychology. In J. Sandler , E. Person & P. Fonagy (eds). *Freud’s on Narcissism: An Introduction* (pp. 149 - 174). London: Yale University Press.

- O'Shaughnessy, E. (1981). A Clinical Study of a Defensive Organization. *International Journal of Psycho-Analysis* 62: 359-369.
- Pache, F. (1965). Colloque sur le narcissism. Antinarcissism. *Rev. Franç. Psychoanal*, 29, 503 - 518.
- Parkin, A. (1985): Narcissism; Its Structures, Systems and Affects. *Int. Journal of Psychoanal*, 66: 143 - 156.
- Person, E. S. (1991). Romantic Love: At The Intersection Of The Psyche And The Cultural Unconscious. *JAPA* 39: 383-411.
- Person, E. S. (2007). *Dreams of Love and Fateful Encounters. The Power of Romantic Passion*. London: American Psychiatric Publishing.
- Pine, F. (1985). *Developmental Theory and Clinical Process*. New Haven: Yale University Press.
- Pine, F. (1992). Developmental Perspectives. *Contemporary Psychoanalysis* 28: 261 - 277.
- Pistole, M. C. (1989). Attachment in adult romantic relationships: Style of conflict resolution and relationship satisfaction. *Journal of Social and Personal Relationships*, 6: 505 - 510.
- Pistole, M. C. (1995). Adult Attachment Style and Narcissistic Vulnerability. *Psychoanalytic Psychology* 12: 115 – 126.
- Pozzi, M. (2004). Early problems in mother-child separation as a basis for narcissistic disturbance. In Cooper, J. & Maxwell, N. (Eds) *Narcissistic Wounds clinical perspectives*. (pp.31-39). London: Whurr.
- Pulver, S. (1970,1986). Narcissism: The term and the concept. In Morrison, P. (Ed.). *Essential papers on narcissism (pp: 91-111)*. New York Univ. Press, NY and London.

- Racamier, P. (1986). Entre agonie psychique, déni psychotique et perversion narcissique. *Rev. Franç. Psychanal.*, 5, 1290 -1309.
- Rank, O. (1941). *Beyond Psychology*. New York: Dover.
- Raphael-Leff, J. (2004). Narcissistic displacement in childbearing. In Cooper, J. & Maxwell, N. (eds). *Narcissistic Wounds clinical perspectives*. (pp. 77-93). London: Whurr.
- Reich, A. (1953). Narcissistic object choice in woman. *JAPA* 1: 22-44.
- Reich, A. (1986, 1960). Pathologic Forms of self-esteem regulation. In Morrison, P. (ed.). *Essential papers on narcissism* (pp: 44-59). New York Univ. Press, NY and London.
- Rey, J. (1991). Fenómenos esquizóides no paciente fronteiroço. In Spillius , E. *Melanie Klein Hoje* (pp. 208-234). Rio de Janeiro: Imago Eds.
- Riviére, J. (1936). A contribution to the analysis of the negative therapeutic reaction. *International Journal of Psycho-Analysis* 17: 304-320.
- Robbins, M. (1982). Narcissistic Personality as a symbiotic character disorder. *International Journal of Psycho-Analysis* 63: 457-473
- Rosbrow-Reich, S. (1988). Identity and Growth: A Psychoanalytic Study of Divorce. *Psychoanalytic Review* 75: 419 - 441
- Rosenfeld, H. (1963). Le Surmoi et L'Idéal du Moi. *Rev. Franç. Psychoanal.*, XXVII. 541- 553.
- Rosenfeld, H. (1964). "On the psychoapatology of narcissism". *Int. Journal of Psychoanal*, 45, 332-337
- Rosenfeld, H. (1965). *Psychotic States*. Londres: Hogarth Press.
- Rosenfeld, H. (1987). *Impasse e Interpretação*. Rio de Janeiro: Imago.
- Rosenfeld, H. (1991, 1971). Uma Abordagem Clínica Para a Teoria Psicanalítica das Pulsões de Vida e de Morte: Uma Investigação dos Aspectos

- Negativos do Narcisismo. In Spillius E. (ed.). *Melanie Klein Hoje*. (pp. 243 - 259). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Rosolato, G. (1975). L' Axe narcissique des dépressions. *Novelle Revue de Psychanalyse*, 11: 5 – 20.
- Rosolato, G. (1976). Le narcissisme. *Novelle Revue de Psychanalyse*, 13: 7 - 36.
- Ross, N. (1970). The primacy of genitality in the light of ego psychology. *JAPA*18: 267 - 284.
- Rothstein, A. (1979). An Exploration of the Diagnostic Term "Narcissistic Personality Disorder". *JAPA* 27: 893 - 912.
- Rothstein, A. (1984). Fear of Humiliation. *JAPA*, 32: 99-116.
- Ruszczynski, S. (2004). Between narcissistic and more mature object relating: narcissism and the couple. In: In Cooper, J. & Maxwell, N. *Narcissistic Wounds clinical perspectives*. (pp. 64-76). London: Whurr.
- Ruszczynski, S. (2005). Thinking about and working with couples. In Ruszczynski, (Ed.) *Psychotherapy With Couples Theory and Practice at the Tavistock Institute of Marital Studies*. (pp. 197-218). London: Karnac.
- Ruszczynski, S. (2006). Reflective space in the intimate couple relationship: the "marital triangle". In Grier, F. (Ed), *Oedipus And The Couple*. (pp. 31-49). Tavistock Clinic Series. London: Karnac.
- Sánchez, A. P. (2003). Comunicacion con la parte psicótica de la personalidad: obstáculos y vias de acceso. *Temas de Psicoanálisis*. *Sociedad Espanola de Psicoanálisis*. *Grupo de Andalucía*. Vol VIII-IX (2003-04).

- Sander, L. (1985). Toward a logic of organization in psychobiological development. In Klar, H & Siever, L. (eds), *Biologic Response Styles*, pp. 20-36. Washington DC: APA.
- Sander, F. M. (1993). *Marital Tensions. Clinical studies towards a psychological theory of interaction*. London: Karnac Books.
- Sandler, J.; Person, E.; Fonagy, P. (1991). Freud's "On Narcissism: An Introduction". London: International Psychoanalytical Association.
- Schneider, G. (1993). Notas sobre o narcisismo. *Rev. Bras. Psicanálise*, Vol. XXVII, nº3.
- Segal, H. (1972). A Delusional System as a Defence Against the Re-Emergence of a Catastrophic Situation. *International Journal of Psycho-Analysis* 53: 393 - 401.
- Segal, H. (1983). Some clinical implications of Melanie Klein's work: Emergence from narcissism. *International Journal of Psycho-Analysis* 64: 269-276
- Segal, H.; Bell, D. (1991). The Theory of Narcissism in the Work of Freud and Klein in J. Sandler e, E. Person & P. Fonagy (eds). *Freud's on Narcissism: An Introduction* (pp. 149-174). London: Yale University Press.
- Seiden, H. (1989). The narcissistic counterpart. *Psychoanalytic Review*, 76, nº1, 67-81.
- Shaver, P.; Brennan, K. (1992). Attachment styles and de "big five" prsonality traits: Their connections with each other and with romantic relationships outcomes. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 18: 536 - 545.
- Shaver, P.; Hazan, C. & Bradshaw, D. (1988). Love as attachment: the integration of three behavioural systems. In R. Sternberg & M. Barnes (eds.), *The Psychology of love* (pp. 68-99). New Haven, CT: Yale Univ. Press.

- Siegel, A. (2005). *Heinz Kohut e a Psicologia do Self*. Brasil: Casa do Psicólogo.
- Silverman, D. K. (1991). Attachment Patterns and Freudian Theory .
Psychoanal. Psychol. 8: 169 -193.
- Smirgel, J. S. (1976). Some Thoughts on the Ego Ideal a Contribution to the Study of the Illness of Ideality. *Psychoanalytic Quarterly* 45: 345 - 373
- Smirgel, J. S. (1992). *O Ideal do Ego*. Porto Alegre: ArtMed.
- Symington, N. (2006). *Narcissism: A New Theory*. London: Karnac.
- Socarides, D.; Stolorow, R. (1984). Affects and Selfobjects. *Annual of Psychoanalysis*, 12:105 - 119.
- Sohn, L. (1985). Narcissistic organization, projective identification and the formation of the identificate, *Int. Journal of Psycho – Anal.* 66: 201 – 213.
- Solan, R. (1999). The Interaction between Self and Others: A Different Perspective on Narcissism. *Psychoanalytic Study of the Child* 54: 193 - 215.
- Solnit, A. J. (1982). Developmental Perspectives on Self and Object Constancy. *Psychoanalytic Study of the Child* 37: 201 – 218.
- Solomon, M. F. (1989). *Narcissism and intimacy*. New York: Norton.
- Spillius, E. B. (1994). Developments in Kleinian thought: Overview and personal view. *Psychoanalytic Inquiry*, 14, 324 - 364.
- Spitz, R. (1946). Hospitalism: an inquiry into the génesis of psychiatric conditions in early childhood. *Psychoanalytic Study of the Child*, 1: 53 – 73.
- Sroufe, L. Waters, E. (1977). Attachment of an organizational construct. *Child Development*, 48: 1184 - 1199.
- Steiner, J. (1991). O interjogo entre Organizações Patológicas e as Posições Esquizo-paranóide e Depressiva. In *Melanie Klein Hoje*.

- Desenvolvimentos da teoria e da técnica.* Vol I: *Artigos predominantemente teóricos.* (pp. 329-348). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Steiner, J. (1993). *Psychic Retreats: Pathological Organizations in Psychotic, Neurotic and Borderline Patients.* London: Routledge.
- Stern, D. (1988). Affect in the Context of the Infant's Lived Experience: Some Considerations. *International Journal of Psychoanalysis*, 69:233-238.
- Stern, D (1992). *O mundo interpessoal do bebê. Uma visão a partir da psicanálise e da psicologia do desenvolvimento.* Porto Alegre: ArtMed.
- Sternberg, J.(1987). Linking v.s. loving: A comparative evaluation of theories. *Psychological Bulletin*, 102: 331-334.
- Sternberg, J. (1997). Construct validation of a triangular love scale. *European Journal of Social Psychology*, Vol. 27, 313-335.
- Stolorow, R. (1975 a). The Narcissistic Function of Masochism (and sadism). *Int. J. Psychoanal.* LVI, pp. 441 - 448.
- Stolorow, R., Harrison, M. (1975 b). The Contribution of Narcissistic Vulnerability to Frustration-Aggression: A Theory and Partial Research Model. *Psychoanalysis and Contemporary Science* 4: (1) 145-158
- Stolorow, R., Lachmann, F. (1983). *Psicanálise das paradas de desenvolvimento. Teoria e tratamento.* Rio de Janeiro: Imago Ed.
- Stolorow, D., Atwood, G. & Orange, D. (2002). *Worlds of Experience. Interweaving philosophical and clinical dimensions in psychoanalysis.* NY: Basic Books.
- Stolorow, D., Atwood, G. (2004). *Contextos del Ser. Las bases intersubjetivas de la vida psíquica.* Barcelona: Herder.

- Silverman, D. K. (1991). Attachment Patterns and Freudian Theory .
Psychoanal. Psychol. 8: 169 - 193.
- Symington, N. (1993). *Narcissism. A New Theory*. London: Karnac.
- Teicholz, J. (1978). A Selective Review of the Psychoanalytic Literature on
Theoretical Conceptualizations of Narcissism. *JAPA*, 26: 831 -
861.
- Trechera, J. (1996). *Que és el narcisismo?* Bilbao: Desclée de Brower Ed.
- Trevarthen, C. (1993). The Self born in intersubjectivity: An infant
communicating. In U. Neisser (Ed.), *The Perceived Self* (pp. 121-173).
New York: Cambridge University Press.
- Tyson, P., Tyson, R. (1985). Narcissism et development du surmoi.
Psychiatrie de l'enfant. XXVIII, 2, 301 - 323.
- Van de Vijver, F.; Hambleton, R. (1996). Translating tests: some practical
guidelines. *European Psychologist*, 1: 89-99.
- Viederman, M. (1988), The nature of passionate love. In Person, E. and
Gaylin, W. (Eds.). *Passionate Attachments: Thinking About
Love*. (pp. 1-14). Free Press, New York.
- Waals, V. (1949). Le Narcissisme. *Rev. Franç. Psychoanal*, nº 4, 501 -
526.
- Waddell, M. (2003). *Vida interior. Psicanálise e desenvolvimento da
realidade*. Lisboa: Assírio e Alvim Editora.
- Winnicott., D.W. (1949). Hate in the counter-transference. *International Journal
of Psycho-Analysis*, 30 (2): 69-74.
- Winnicott., D.W. (1956). Primary Maternal Preoccupation. In *Da Pediatria à
Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago
- Winnicott., D. W. (1960). Theory of the parent-infant relationship. *International
Journal of Psychoanal.* 41, 585 - 595.

- Winnicott, D. W. (1963). The development of the capacity to concern. In Masud Khan (Ed.) (2003). *The Maturation process and the facilitating environment: studies in the theory of emotional development*. (pp. 73-82). London: Karnac.
- Winnicott, D. W. (1969). The Use of an Object. *International Journal of Psycho-Analysis* 50: 711 – 716.
- Winnicott., D.W. (1975). *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago Ed.
- Wishman, M. (1997). Satisfaction in Close Relationships: Challenges for the 21st Century. In Stenberg, R & Hojjat, M. *Satisfaction in close relationships*. (pp. 385 - 410). NY: The Guilford Press.
- Wilkinson, S.; Gabbard, G. (1995). On Romantic Space. *Psychoanalytic Psychology* 12: (2) 201 - 219.
- Woll, S. (1989). Personality and relationship correlates of loving styles. *Journal of Research in Personality*, 23: 480 – 505.
- Wright, K. (1996). Looking after the *Self*. In Richards, V. (Ed.). *The Person Who Is Me. Contemporary Perspectives on the True and False Self* (pp.65-84). London: Karnac.
- Zimerman, D. (1999). *Fundamentos psicanalíticos: Teoria, técnica e clínica, uma abordagem didática*. Porto Alegre: Artmed.
- Zimerman, D. (2004). *Manual de técnica psicanalítica. Uma re-visão*. Porto Alegre: Artmed Ed.

Agradecimentos

Quero expressar do melhor modo possível o meu sincero agradecimento às seguintes pessoas:

À minha mãe, por todo o apoio que, à sua maneira, foi dando e possibilitando a minha dedicação a este trabalho,

Ao Doutor António Coimbra de Matos, por ser como é, por me ter auxiliado no meu desenvolvimento, e por desde sempre ter incentivado este trabalho,

Ao Professor Doutor Rui Coelho, pela sua gentileza, pelo apoio e incentivo, e pelos preciosos conhecimentos que sempre me transmitiu,

À Professora Doutora Constança Biscaia, pelo seu rigor científico, pela sua competência e amabilidade,

À minha amiga e colega Isabel Ventura, por todo o seu apoio, disponibilidade e suporte nas horas delicadas e por todo o incentivo e pelo seu rigor científico,

Ao Rui Campos, pela sua amizade, sinceridade e pela sua competência científica que muito me auxiliou na elaboração deste trabalho,

Ao Paulo Cardoso, pela sua disponibilidade, amizade e empenho que tanto me auxiliou numa fase difícil deste trabalho,

À minha amiga Mané Polme, pela sua dedicação e amizade sincera, pela disponibilidade para corrigir as minhas falhas ortográficas, e pelo seu apoio constante,

Ao Afonso por desencadear em mim um sentimento de Amor, pelo que representa na minha vida emocional e pela dedicação demonstrada,

Ao Zé Pedro Sequeira, pela sua amizade, pelas conversas entusiasmantes sobre os relacionamentos amorosos,

Aos meus pacientes que me têm estimulado o pensar e o desenvolvimento do meu interesse pelo amor e pelas relações amorosas,

Aos que, sendo difícil nomear todos, me auxiliaram a conseguir a amostra para o estudo.